

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**

**MARIA LUIZA MELLO DE CARVALHO**

**CUIDADO, SOCIEDADE E GÊNERO:**

**um estudo sobre pais cuidadores**

**VOLUME 1**

**Rio de Janeiro**

**2007**

Maria Luiza Mello de Carvalho

CUIDADO, SOCIEDADE E GÊNERO:

um estudo sobre pais cuidadores

2 volumes

Tese de Doutorado apresentada ao Programa EICOS de Pós-graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social. Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social

Orientadora: Maria Cecília de Mello e Souza

Rio de Janeiro

2007

Carvalho, Maria Luiza Mello de.

Cuidado, Sociedade e Gênero: um estudo com pais cuidadores/  
Maria Luiza Mello de Carvalho. – 2007.

378 p.

Tese (Doutorado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa EICOS – Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social

Orientadora: Maria Cecília de Mello e Souza.

1. Paternidade. 2. Masculinidade. 3. Cuidado.  
4. Gênero. - Teses. I. Mello e Souza, Maria Cecília de (Orient.) II.  
Universidade Federal do Rio de Janeiro. Programa EICOS –  
Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia  
Social. III. Título.

Maria Luiza Mello de Carvalho

CUIDADO, SOCIEDADE E GÊNERO:  
Um estudo com pais cuidadores

Orientadora: Maria Cecília de Mello e Souza

Tese de Doutorado apresentada ao Programa EICOS de Pós-graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social.

Aprovada por:

---

Prof. Dra. Maria Cecília de Mello e Souza- UFRJ

---

Prof. Dra. Karen Mary Giffin – FIOCRUZ

---

Prof. Dr. Gary Thomas Barker –Instituto Promundo

---

Prof.Dra. Simone Ouvinha Peres - UFRJ

---

Prof. Dra. Leila Sanchez de Almeida - UFRJ

Rio de Janeiro  
2007

*Dedico este trabalho  
ao meu pai Ernani, à minha mãe Nair,  
ao meu filho Bernardo,  
e aos muitos homens  
que cuidam amorosamente de seus filhos.*

São muitos os agradecimentos e não há espaço para citar tanta gente amiga que vem me apoiando ao longo desta jornada acadêmica.

Agradeço aos pais entrevistados pelo carinho e emoção com que me receberam;

A Maria Cecília de Mello e Souza, orientadora desta tese,  
pelo estímulo à discussão sobre o cuidado e à sua dedicação  
à minha formação como pesquisadora;

A professora Rosa Pedro e à equipe do EICOS, pela compreensão  
com minhas dificuldades de saúde surgidas ao longo deste trabalho;

À direção, aos colegas e pacientes da Maternidade-Escola da UFRJ  
pela compreensão pela ausência necessária à dedicação a este trabalho;

Ao meu irmão Paulo Roberto Mello de Carvalho,  
querido amigo e mestre;

Às irmãs de doutorado: Kátia Edmundo, Marly Chagas e Fátima Masson  
pelo compartilhar dos sonhos e conhecimentos;

Às minhas amorosas irmãs Kátia Moreno e Terezinha Moreno;

Aos muitos amigos, verdadeiros anjos da guarda que sempre me apoiaram  
com amor, trabalho e reflexões. Citarei alguns, que colaboraram mais diretamente neste  
processo. Com certeza, falho em não citar muitas pessoas queridas, e  
espero que todos que moram no meu coração possam ser contagiados  
com a alegria que sinto pela conclusão desta etapa.

Agradeço especialmente a:

Lígia Daflon, Irene Loewenstein, Myrian Lima, Marcus Renato de Carvalho,  
Viviane Castello Branco, Flávio Guilhon, Dario Cordova, Gary Barker,  
Cláudia Leal, Rosane Souza, Luciana Lago, Humbertho de Oliveira,  
Regina Simões Barbosa, Idália Ribeiro, Eulici Guimarães, Dionne Peluso, Nisha Novaes,  
grupo de massagem espiritual  
e as amigas do Grupo de Leitura “Mulheres que Correm com os Lobos”;

Às professoras Karen Giffin e Maria Inácia D’Ávila  
pelos esclarecimentos, críticas e apoio no exame de qualificação;

Às forças do bem que vêm me inspirando;

À Vida, pelos desafios biológicos, intelectuais e amorosos que surgiram ao longo  
deste trabalho e provocaram mudanças profundas na minha forma  
de cuidar de mim mesma e de ser mulher.

“Amor, trabalho e sabedoria  
são as fontes da nossa vida.  
Deviam também governá-la”.

Wilhelm Reich

## RESUMO

CARVALHO, Maria Luiza Mello de. *Cuidado, Sociedade e Gênero: um estudo sobre pais cuidadores*. Tese (Doutorado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social). EICOS, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

Os homens no nosso e em outros países, identificados com o trabalho remunerado, vivem desafios para o exercício do cuidado, com conseqüentes vulnerabilidades nas suas relações com as crianças, as mulheres, a sociedade e com eles mesmos. Apesar das tarefas de cuidado dos filhos serem desvalorizadas socialmente e identificadas como femininas, os homens vêm sendo pressionados a assumi-las, em virtude do empobrecimento e das transformações familiares. Com o objetivo de conhecer como os homens vivenciam, se motivam e se organizam para cuidarem de seus filhos, foi realizado um estudo exploratório com entrevistas profundas, com 16 pais de diferentes classes sócio-econômicas, que cuidam diariamente de seus filhos desde a infância até a adolescência, sem a presença das mães, no Rio de Janeiro, em 2006. Estes homens, apesar das representações tradicionais de gênero e de suas diferentes vivências de cuidado na infância, de diferentes classes sociais, com diferentes graus de instrução e sem experiência prévia, mostraram-se aptos a assumirem os cuidados com seus filhos. Crises familiares e ausência do cuidado materno estimularam o cuidado por seus filhos. Os resultados refutam o argumento sobre as diferenças de gênero quanto ao raciocínio moral de cuidado e à auto-imagem conectada, que seriam mais presentes entre mulheres, segundo alguns estudos. O estudo mostrou que homens e mulheres podem ser conectados e cuidadores, e que o cuidado emergiu como potencialidade humana, que se manifesta e se desenvolve de acordo com as circunstâncias. Os pais revelaram diferentes estilos pessoais no cuidado, sem caracterizar um jeito masculino de cuidar. Relataram sentir prazer no cuidado com os filhos, na aprendizagem das tarefas ditas femininas, e vivenciaram aumento da auto-estima. As suas condições econômicas e de apoio familiar influenciaram



suas soluções diante do conflito entre cuidar dos filhos e o mercado de trabalho, com sobrecarga para os pais mais pobres, ou sem apoio da família ou de empregados. Os resultados indicam que a capacidade de cuidar de uma pessoa, pode ser estimulada de forma independente do sexo do cuidador principal e da qualidade do cuidado recebido na infância. O cuidado diário dos filhos sem as mães, para ser exercido por homens, não necessita de uma identificação com a perspectiva de equidade de gênero e de divisão igualitária do trabalho doméstico. Os pais mostraram estilos diferentes ao conduzir a educação de seus filhos, não caracterizando uma forma masculina de cuidar. Os resultados desta pesquisa indicam: a necessidade de re-avaliação dos conceitos psicológicos que limitam os pais às funções disciplinadoras na construção da personalidade; a inserção dos temas sobre paternidade nos currículos universitários; saúde, educação, justiça e de proteção da criança para o trabalho com os pais; a divulgação da experiência dos pais; a discussão social da guarda monoparental; a promoção de políticas públicas e a capacitação dos profissionais dos setores do trabalho, da educação, da saúde, da justiça e de proteção da criança, que facilitem o cuidado paterno. Concluindo, esta pesquisa apóia a evidência de que cuidar não é uma tarefa baseada no gênero.

Palavras-chave: CUIDADO, HOMENS, PAI, PATERNIDADE, GÊNERO, MASCULINIDADE, CRISE, SEPARAÇÃO CONJUGAL, FAMÍLIA MONOPARENTAL

## ABSTRACT

CARVALHO, Maria Luiza Mello de. *Cuidado, Sociedade e Gênero: um estudo sobre pais cuidadores*. Tese (Doutorado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social). EICOS, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

Men in Brazil are identified with paid work and thus face challenges in taking care of themselves and others, which compromises their relationships with children, women, society and with themselves. Caring is devaluated and identified as a feminine task. Nonetheless, family impoverishment and changes have pressured men to take care of their children. This dissertation is an exploratory study based on semi-structured, in depth interviews, with 16 fathers of different socio-economic classes who care for their children since infancy, as single parents in Rio de Janeiro, Brazil in 2006. The purpose of the study was to investigate men's motivations and experiences with childcare. Men with traditional views of gender roles, no prior childcare training, from different socio-economic classes, educational levels and various experiences of childcare as they grew up, were able to provide childcare to their children. Family crises and the absence maternal childcare triggered men to become the sole childcare providers. Care emerged as a human potential requires certain circumstances emerge and develop. Fathers revealed different personal styles in childcare rather than a particular masculine style of caring. Fathers take pleasure in childcare and in learning what they regard as traditional "feminine tasks". Childcare increased their self-esteem. Their economic conditions and family support shaped the strategies they used when confronting the conflict between childcare and work. Poor parents and those who lacked family support faced the strongest hardships. Current difficulties for men to engage in childcare are related to male domination of women at home and to the depreciation of childcare. Research results point to the need to: re-evaluate psychological concepts that limit the father's role as disciplinarians

in the construction of the child's personality; include fatherhood in the university curriculum; the training of health, education, justice and child protection professionals to work with fathers; disseminate men's experience as parents; debate shared custody of children and childcare so that men and women can develop their potential as childcare providers and different styles of caring for their children; promote public policies related to work, education, health, and justice, which support childcare by mothers and fathers. In conclusion, this research supports the evidence presented in former studies that taking care of others is not a gender based skill.

KEY-WORDS: CARE, CHILDCARE, CHILDREARING, MEN, FATHER, FATHERHOOD, MASCULINITY, CRISIS, CONJUGAL SEPARATION, , MONOPARENTAL FAMILY, GENDER.

## SUMÁRIO

### VOLUME 1

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>5</b>
<b>2. COMPREENDENDO O CUIDADO</b>	<b>15</b>
2.1 Partindo da etimologia	16
2.2 Cuidado como potencial humano	19
2.3 Benefícios do cuidado para o cuidador	24
<b>3. DESENVOLVIMENTO DO CUIDADO</b>	<b>28</b>
3.1 Interações biológicas e psicológicas no cuidado	28
3.2 Construção social do cuidado	33
3.3 Orientação moral do cuidado entre cariocas	39
<b>4. DESAFIOS SOCIAIS E POSSIBILIDADES PARA O CUIDADO</b>	<b>42</b>
4.1 Desafios para a prática do cuidado para homens e mulheres	43
4.1.1 Desigualdades sociais afetando o cuidado	43
4.1.2 Relação com o trabalho dificultando o cuidado	47
4.1.3 Trabalho de cuidado desvalorizado	50
4.1.4 Individualismo e endurecimento emocional ao sofrimento alheio	56
4.2 Possibilidades para a ética do cuidado	58
<b>5. O CUIDADO PELOS HOMENS</b>	<b>64</b>
5.1 Desafios para os homens no exercício do cuidado	65
5.1.1 Dominação e vulnerabilidade	65
5.1.2 Desafios aos cuidados com a saúde	69
5.1.3 Herança patriarcal	74
5.1.4 Paternidade atual: entre o provedor, a autoridade distante e o cuidado	78
5.1.5 Pouca visibilidade de homens cuidando	85
5.1.6 Desafios à guarda paterna	89

<b>5.2 Estudos psicológicos sobre gênero e raciocínio moral de cuidado</b>	<b>95</b>
5.2.1 Teorias sobre diferenças de gênero na constituição psíquica	96
5.2.2 Estudos sobre orientação moral de gênero	100
5.2.3 Diferentes fatores influenciando o raciocínio de cuidado	104
5.2.4 Críticas à noção de diferenças psíquicas de gênero	114
5.2.5 Homens conectados e cuidadores de outro jeito	118
5.2.6 Críticas às justificativas psicológicas para homens não cuidadores	122
<b>6. PESQUISA COM PAIS CUIDADORES</b>	<b>130</b>
<b>6.1 A pesquisa realizada</b>	<b>130</b>
<b>6.2 A construção da pesquisa</b>	<b>135</b>
<b>6.3 Cuidado na metodologia de pesquisa</b>	<b>136</b>
<b>6.4 Perfis dos pais, filhos e mães</b>	<b>143</b>

**VOLUME 2 (referente ao texto impresso)**

<b>7. A EXPERIÊNCIA DE PAIS CUIDADORES DIÁRIOS SEM AS MÃES</b>	<b>151</b>
<b>7.1 Crises facilitadoras do cuidado paterno diário sem as mães</b>	<b>152</b>
7.1.1 Viuvez	153
7.1.2 Mães decidiram não cuidar dos filhos	155
7.1.3 Reivindicação da guarda paterna	156
7.1.4 Pedido dos filhos, mães descuidadas e reivindicação paterna	159
7.1.5 Reivindicação paterna por viagem da mãe	164
7.1.6 Acordo amigável	165
7.1.7 Crises facilitando cuidado paterno	167
<b>7.2 Vínculo pai-filho facilitando cuidado sem as mães</b>	<b>171</b>
7.2.1 Vínculos formados no convívio	172
7.2.2 Vínculo mantido após as separações conjugais	175
7.2.3 Vínculo apesar da rejeição inicial da gravidez	177
7.2.4 Vínculo e cuidado com filhos não-biológicos	179

7.2.5 Vínculo e cuidado variando com a situação	181
7.2.6 Amor e responsabilidade	182
<b>7.3 Enfrentamento de preconceitos de gênero</b>	<b>187</b>
7.3.1 Acomodação e resistência de gênero dos pais	187
7.3.2 Resistências das mães	199
7.3.3 Preconceitos de gênero no meio social	200
7.3.4 Preconceitos no Conselho Tutelar e na Justiça	207
<b>7.4 Homens cuidadores em diferentes situações</b>	<b>220</b>
7.4.1 Experiência anterior com cuidado	221
7.4.2 Homens conectados e cuidadores provocados por crises	223
7.4.3 Homens querendo cuidar	228
<b>7.5 Diferentes modelos orientando o cuidado</b>	<b>231</b>
7.5.1 Espontaneidade pessoal	231
7.5.2 Cuidado recebido dos seus pais e mães	232
7.5.3 Seus pais e mães no mercado de trabalho	237
7.5.4 Deus como modelo	242
<b>7.6 O trabalho de cuidado</b>	<b>244</b>
7.6.1 Desempenho de múltiplas tarefas	244
7.6.2 Diferentes estilos de cuidar	248
7.6.3 Acolhimento e referência amorosa	250
7.6.4 Atenção permanente e simbiose	252
<b>7.7 Desafios no cuidado sozinho</b>	<b>258</b>
7.7.1 Filho como prioridade	258
7.7.2 Divididos entre o trabalho e a casa	260
7.7.3 Apoio familiar e de empregados	263
7.7.4 Dificuldades para relacionamento social e amoroso	268
7.7.5 Isolamento da experiência	272



## 1. INTRODUÇÃO

A falta de cuidado dos homens com eles mesmos e com as pessoas que os rodeiam, provoca alta vulnerabilidade masculina a acidentes, doenças, violência e prejuízos nas suas relações com crianças, mulheres e outros homens (KEJZER, 1997; GUERRIERO et al, 2002; BARKER, 2003; LAURENTI, 2005; SCHRAIBER et al, 2005; SOUZA, 2005; VIEIRA, 2004). Voltados para o trabalho fora de casa, acentuado pelo processo de industrialização (GIFFIN, 1998), eles experimentam poucas oportunidades para o cuidado de si mesmos e de suas famílias. Sua pouca atenção ao cuidado está relacionada ao seu esforço para se adaptarem ao modelo de masculinidade hegemônica que prescreve que sejam fortes e ocultem suas fragilidades e necessidades (CONNELL, 1995 a, 1995 b, 1998; NOLASCO, 1993, 1995, 1997). E assim, se mantém afastados dos cuidados com sua própria saúde (KEIJZER, 1997; VIEIRA, 2004). Além disso, as próprias instituições de saúde não costumam estimular os homens nos cuidados com seus filhos e companheiras (CARVALHO, 2001,2003; SCHRAIBER et al, 2005; SOUZA, 2005). O Direito de Família, outra área onde a paternidade não costuma ser valorizada, se baseia principalmente na guarda monoparental materna, e costuma promover um retrocesso na relação entre pais e filhos, já que eles passam ao contato quinzenal (BRITO, 1999,2005).<sup>1 2</sup>

Nos lares, os homens costumam se comportar de forma a serem cuidados pelas suas companheiras, numa continuidade do cuidado que receberam de suas mães, sem se envolverem no cuidado da família (PORTELLA et al, 2003). Contudo, em diferentes países no mundo, a crescente necessidade econômica da mulher e do homem providenciarem o

---

<sup>1</sup> Na data da apresentação desta tese, ainda não havia sido aprovado o projeto de Guarda Compartilhada que estava em tramitação no Congresso Nacional.

<sup>2</sup> Ao longo do texto, será utilizado o termo “pais” com referência aos homens. Quando se tratar de pai e mãe, será utilizado o termo “genitores”, para evitar confusão de compreensão.



sustento familiar, cria uma transição de gênero em que há espaço para a entrada dos homens na educação dos filhos (GIFFIN, 1994,1998; STEINBERG et al, 2000; UNBEHAUM, 2000; NOLASCO, 1993,1995,1997; QUADROS,1996; EHRENSAFT, 1987; BARKER et al, 2003<sup>a</sup>, a, b; OLIVEIRA, et al, 1999; NOLASCO, 1993; MONTGOMERRY, 1992; SILVEIRA, 1998; GOLDSCHIEDER, 2000; GADOTTI, 1998). Mas mesmo aqueles que se aproximam dos cuidados com os filhos, não dividem igualmente estas tarefas (QUADROS, 1996; UNBEHAUM, 2000; MCMAHON, 1999; AQUINO, MENEZES, 1998; MARTINS, 2007), fenômeno que expressa a desvalorização do trabalho doméstico comparado ao trabalho remunerado fora de casa (HOTCHSCHILD, 2005).

Entidades nacionais e internacionais em decorrência da prevenção de HIV/AIDS e das questões de saúde reprodutiva das mulheres, têm começado voltar para a atenção aos homens, buscando envolvê-los em atividades cuidadoras de si mesmo e da família. A necessidade de ações que incluam os homens em tarefas cuidadoras é um desafio para as políticas públicas que desconhecem as suas demandas e costumam excluí-los dos programas de ação (MARCONDES, 1999; SIQUEIRA, 2001; CARVALHO, 2001, 2003; GIFFIN, CAVALCANTI, 1999; ARILHA, 1998, 1999 a, b, 2000; VILLA, 1998, 1999; BARKER et al, 2003 a, b; GUERRIERO et al, 2002). Em Psicologia e outras disciplinas das ciências humanas e da saúde, muito se tem estudado sobre a maternidade, e pouca compreensão há sobre a participação dos pais no desenvolvimento das crianças, dentro das diferentes configurações familiares presentes no mundo atual.

Para o desenvolvimento de ações que envolvam os homens no cuidar, é necessário o conhecimento sobre as peculiaridades das experiências masculinas no cuidado, e sobre como essas experiências afetam e são afetadas pela construção social da masculinidade. Com o objetivo de contribuir para o conhecimento sobre a relação dos homens com o cuidado com os filhos, foi desenvolvido um estudo exploratório com 16 pais de três classes sociais e

diferentes graus de instrução, que cuidavam diariamente de seus filhos sem a presença das mães, na região metropolitana do Rio de Janeiro, em 2006. Foram entrevistados pais viúvos, solteiros e separados que cuidam diariamente de filhos desde a infância, até no máximo a adolescência, caracterizando um período da vida dos filhos em que há mais demanda de cuidado. Este grupo de pais foi escolhido para o conhecimento da experiência de homens com o cuidado sem a presença das mães, já que em geral, elas assumem a maior parte das tarefas cuidadoras.

Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas em profundidade, cujos objetivos gerais foram: conhecer como os homens se motivam, vivenciam e se organizam para cuidarem de seus filhos sem a presença das mães; identificar as experiências nas histórias pessoais dos pais que tenham possibilitado o cuidado com os filhos; compreender como lidam com o cuidado com os filhos dentro da sua vivência de masculinidade; e compreender a relação entre cuidar dos filhos com outras experiências de cuidar na vida em geral. Os objetivos específicos do estudo foram conhecer suas rotinas de cuidado com seus filhos e como se vêem nas diferentes ações envolvidas; compreender suas relações com a sociedade a partir da experiência de cuidar sozinho; identificar as repercussões da experiência de cuidado nas suas condições materiais de vida; conhecer os contextos que influenciaram sua experiência de paternidade; identificar redes de apoio para o cuidado; entender como os pais percebem as conseqüências para os filhos por serem cuidados só por pais; compreender a relação destes homens com o cuidado consigo mesmos. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Maternidade-Escola da UFRJ, com o número 07/2007 e registro no CAAE 0004.0.361.000-07.

O estudo revelou que apesar de suas representações e papéis tradicionais de gênero e das diferentes vivências na infância, pais de diferentes classes sociais, podem cuidar dos filhos sem a presença das mães, motivados por amor e responsabilidade por filhos vivendo em

situações de crise, em que houve ausência ou falha materna com relação ao cuidado. As crises vividas pelos filhos foram mais determinantes para o cuidado do que o gênero. Os resultados do trabalho de campo refutam portanto, o argumento sobre as diferenças de gênero determinarem o cuidado, evidenciando que ele é permeado por outros fenômenos além do gênero. As crises permitiram o enfrentamento dos preconceitos de gênero ao cuidado exercido por homens, sem a presença das mães. Esta tese propõe o entendimento do cuidado como potencialidade humana presente em ambos os sexos, mas que depende das circunstâncias para se manifestar e desenvolver.

Este estudo foi desenvolvido com base em três principais eixos de compreensão: a discussão sobre o cuidado como potencial humano que precisa de condições para se manifestar e desenvolver, a compreensão sobre as possibilidades e dificuldades sociais para a manifestação do cuidado e a construção social da masculinidade e da paternidade e suas implicações com o cuidado. Com o propósito de uma atenção profunda a esta questão humana, buscou-se uma perspectiva interdisciplinar que possa atender aos diversos aspectos envolvidos no cuidar na existência humana (DA MATTA, 1993; MORIN, 1995). A reflexão teórica buscou compor um escopo de informações que poderão embasar a discussão da experiência dos pais entrevistados no trabalho de campo, e a análise das dificuldades sociais enfrentadas por homens e mulheres para o exercício do cuidado.

No capítulo 2 deste trabalho, será apresentada uma reflexão sobre o sentido do cuidado para a vida humana. É considerada a origem etimológica do termo que o desvincula do gênero, já que ele é entendido como função de dedicação, raciocínio e zelo por algo ou alguém que se tem afeto. São apresentadas posturas filosóficas que entendem que o cuidado é potencialidade inerente ao ser humano, independente do sexo, mas que precisa de condições para se manifestar e desenvolver (HEIDEGGER, 2004; BOFF, 1999). Quando não se dá atenção ao cuidado, as crises são as oportunidades para a reconexão com este potencial

humano (BOFF, 1999; 2002). Quando o cuidado é desenvolvido, traz benefícios para o cuidador, mesmo (BOFF, 1999; CREMA, 1995). Tais discussões visam oferecer subsídios para a compreensão do emergir do cuidado entre os pais entrevistados e do aumento do amor por eles mesmos, que experimentaram.

No capítulo 3, será analisado o desenvolvimento da potencialidade cuidadora. O cuidado tem suas bases biológicas (PRESTON, DE WALL, 2002) mas a sensibilidade e atenção ao sofrimento das pessoas, são fenômenos construídos socialmente, e dependem das estruturas e valores presentes numa sociedade (MELLO E SOUZA, 1993, 1998; LAGE, MANTOVANI, 2006 ; SILVA et al, 2002). Os estímulos sociais podem construir pessoas voltadas ou não para os outros (MARKUS, KITAYAMA, 1991; CROSS, MADSON, 1997). As formas de organização do trabalho de um povo podem estimular portanto, a formação de homens e mulheres cuidadores (MEAD, 1969; HEWLETT, 1991, 2005, 2007). Em função da cultura e organização sócio-histórica, entre cariocas, percebe-se uma atenção maior às pessoas do meio familiar e grupo de amigos do que a desconhecidos (MELLO E SOUZA, 1993). O cuidado entendido como potencialidade, precisa portanto de condições para se manifestar.

No capítulo 4, serão discutidos os desafios sociais para homens e mulheres cuidarem de si e de suas famílias, que acentuam o descompromisso dos homens com a divisão igualitária do trabalho doméstico. É apresentada a perspectiva de que o entendimento das questões relativas aos homens, precisa considerar as pressões vividas por eles e pelas mulheres em nossa sociedade, marcada pela mercantilização da vida humana (GIFFIN, 2005; BOFF, MURARO, BOFF, 2002). Vivemos no sistema capitalista, em que a vida pessoal e familiar dos trabalhadores não é considerada nas rotinas das empresas (OLIVEIRA, 2003). A falta de atenção ao cuidado entre os homens está relacionada ao privilégio do individualismo, da racionalidade e da dominação sobre o outro e sobre a natureza. No presente avanço do

neoliberalismo, trabalhadores mais pobres, cada vez menos têm garantias sociais para o cuidado de si mesmos e de seus filhos (BOFF, 1999). Homens e mulheres pobres cada vez mais deixam suas famílias para cuidarem do bem-estar de crianças e adultos ricos, com enormes prejuízos para si mesmos e para os seus filhos (HOTSCHILD, 2005).

Ao longo do capítulo 5, será desenvolvida a discussão sobre os desafios específicos dos homens para o cuidado. Na primeira seção desse capítulo, serão apresentados alguns desafios que os homens enfrentam para o exercício do cuidado na vida prática. O modelo de masculinidade hegemônica produz a expectativa de homens fortes que não precisam de cuidado gerando vulnerabilidades masculinas grandes (KEIJZER, 1997). Este é um processo de construção de gênero dinâmico, em que ocorre acomodação e resistência aos padrões sociais (ANYON, 1990). Os homens têm sido os principais instrumentos de dominação nas indústrias e nas guerras (CONNEL, 1998), e reproduzem a dominação sofrida em suas relações familiares. Aproveitando os privilégios da dominação masculina, mantém com as mulheres o mesmo padrão de desvalorização da vida a que são submetidos. Em consequência, o cuidado com os filhos e com a casa, é tarefa que sobrecarrega mulheres com claros prejuízos à sua saúde (AQUINO, MENEZES, 1998). É analisada a passagem do modelo de paternidade tradicional distante e autoritária para a paternidade participativa e cuidadora. Discute-se ainda a pouca visibilidade de práticas cuidadoras entre os homens e as dificuldades dos homens para o cuidado dos filhos, principalmente sem as mães, já que o modelo dominante de guarda após a separação é a guarda materna, numa fragilização da paternidade (BRITO, 2005).

Na segunda seção deste capítulo será apresentada a discussão de gênero sobre raciocínio de cuidado. Baseia-se na noção de construção psíquica diferenciada entre homens e mulheres, com base no modelo de maternagem exclusiva. Para se diferenciarem das mães, os meninos

construiriam suas identidades afastados do cuidado, e se identificariam como desconectados ou separados das pessoas. Por outro lado, as meninas se construiriam mais voltadas para as relações e para o cuidado, identificadas com as suas mães (CHODOROW, 1990). Nessa perspectiva, os homens desenvolveriam um raciocínio moral voltado para a justiça e as mulheres para o cuidado (GILLIGAN, 1982, 1988; GILLIGAN, WIGGINS, 1988; GILLIGAN, ATTANUCCI, 1988; LYONS, 1988; SKOE, GOODEN, 1993). No entanto, como há controvérsias nas pesquisas, quanto às relações entre gênero, sentimento de conexão e raciocínio moral de cuidado, serão analisados estudos e críticas que consideram que o raciocínio moral e os sentimentos de conexão com o outro, variam de acordo com diversos fatores independentes do gênero (JAFFEE, HYDE, 2000; RYAN, 2004; PRATT et al, 1988; WALKER, 1987). A moralidade envolve muitos outros fenômenos além do psíquico, incluindo as condições políticas e culturais de um povo (MELLO E SOUZA, 1993, 1998). Pressões de tempo, o tipo de relação com o outro, a circunstância e da natureza da relação humana envolvida, são fatores que influenciam numa pessoa se sentir conectada ou separada dos outros, independente do gênero (BJÖRKLUND, 2002; RYAN et al, 2004). Há muito mais variação de identificação psíquica de homens e mulheres que o modelo de polaridades entre conexão/separação, cuidado/justiça, já que podem ser produzidos vários tipos de personalidade masculina e feminina dentro de uma mesma comunidade (CONNELL, 1995). Serão discutidas as visões sobre homens conectados de maneira diferente das mulheres. Finalmente serão considerados os prejuízos de conceitos psicológicos estigmatizadores de homens e mulheres, que podem perpetuar a divisão sexual tradicional do trabalho (GERSON, 2002; MCMACHON, 1999).

No capítulo 6, será apresentada a metodologia do trabalho de campo realizado com pais cuidadores diários sem as mães. Serão relatados os processos de construção do estudo e de como o cuidado surgiu na relação entre pesquisadora e entrevistados.

No capítulo 7, os resultados principais do estudo serão analisados considerando o cuidado como potencial humano que precisa de condições para se manifestar e desenvolver, a compreensão sobre as possibilidades e dificuldades sociais para a manifestação do cuidado entre as pessoas e o processo de acomodação e resistência dos homens na construção social da masculinidade e da paternidade com suas implicações no cuidado. Esta discussão parte da análise das crises que facilitaram o cuidado paterno sem as mães na vida diária, seguida da compreensão de que o vínculo existente anteriormente entre os entrevistados e seus filhos, facilitou o cuidado. Serão analisados os preconceitos de gênero enfrentados pelos pais, diante da necessidade de resolução das crises vividas pelos filhos. Entre estes preconceitos, serão apresentadas as resistências dos próprios pais, das mães, do meio social em geral, como escola, comércio e trabalho, e principalmente nos setores de Conselho Tutelar e no Direito Familiar. Será analisado o fato dos pais cuidarem sem experiência de cuidado anterior. Discutir-se-á o fato de alguns destes pais se mostrarem conectados, cuidadores e desejosos de práticas cuidadoras, e suas dificuldades para realizá-las. Foram percebidos diferentes modelos de cuidado vivido na infância destes pais, não caracterizando uma tipologia de pai cuidador quanto a este aspecto. O trabalho de cuidado desenvolvido pelos pais será analisado, seguido dos desafios e dos benefícios vividos nesta prática.

Finalmente, as conclusões deste estudo serão apresentadas no capítulo 8, indicando que o cuidado é potencialidade inerente às pessoas independente do sexo, mas que depende de condições para se manifestar. A ausência das mães facilitou a expressão e desenvolvimento de habilidades de cuidado entre estes homens, que relataram prazer no trabalho de cuidado e benefícios para o aumento do amor por si mesmos. Os resultados indicam que a capacidade de cuidar de uma pessoa pode ser estimulada de forma independente do sexo do cuidador principal e da qualidade do cuidado recebido na infância. O cuidado diário dos filhos sem as mães, para ser exercido por homens, não necessita de uma identificação com a perspectiva de

equidade de gênero e de divisão igualitária do trabalho doméstico. As condições econômicas e familiares influenciaram suas soluções para o dilema entre cuidado e mercado de trabalho, provocando sobrecarga de trabalho e empobrecimento de alguns destes pais. No entanto, foi percebido que os pais têm estilos diferentes de conduzir suas relações com seus filhos, não caracterizando uma forma masculina de cuidar. Os resultados refutam portanto, o argumento sobre as diferenças de gênero que caracterizam os homens como menos capazes de cuidar que as mulheres. As atuais dificuldades para inserção dos homens no cuidado, mostram-se portanto, relacionadas à perpetuação da representação do cuidado como tarefa feminina, a dominação dos homens sobre as mulheres no trabalho doméstico e à desvalorização do trabalho de cuidado com a família, vividos por homens e mulheres no sistema capitalista.

Ainda no capítulo 8, serão apresentadas algumas propostas considerando estas conclusões. O desempenho dos pais no acolhimento amoroso e na organização dos limites na educação dos filhos, sugere a reflexão sobre conceitos psicológicos que os limitam às funções disciplinadoras na construção da psique infantil. Há necessidade de construção de políticas públicas, currículos universitários e capacitação dos profissionais que valorizem o cuidado paterno, de forma a facilitar a experiência de homens cuidadores de seus filhos. São indicadas a divulgação da experiência de pais cuidadores e a discussão social da inserção do cuidado no mundo masculino. Sugere-se que temas relativos ao cuidado com os filhos sejam inseridos nos programas educacionais e que o processo educativo se pautem numa integração entre raciocínio e afetividade, promovendo uma sociedade com maior atenção ao bem-estar das pessoas. As discussões de gênero precisam desvincular o cuidado como capacidade feminina, e discutir os impedimentos sociais para que homens e mulheres cuidem de si, da sua família, da comunidade e da natureza. É de fundamental importância a construção de políticas trabalhistas e econômicas que respeitem o cuidado com a vida em geral, para que



homens e mulheres possam conciliar o trabalho remunerado com o cuidado deles mesmos e de suas famílias.

Este estudo dá continuidade ao aprofundamento do tema da paternidade, iniciado pela autora, com a dissertação de mestrado “A Participação do Pai no Nascimento em Maternidade Pública: motivações dos casais e desafios institucionais”, apresentada ao EICOS (Programa de Pós-graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, do Instituto de Psicologia, da UFRJ), em 2001 (CARVALHO, 2001, 2003). Corporifica o interesse da autora com a construção do conhecimento científico sobre a paternidade nos dias atuais. Foi realizado por uma pesquisadora mulher, psicoterapeuta, espiritualista, mãe, separada, comprometida com a discussão da paternidade nos serviços de atenção às famílias. Estes são aspectos pessoais que influenciaram a condução da pesquisa, principalmente no que se refere à empatia da pesquisadora com o cuidado diário sem a presença de outro genitor, situação por ela vivenciada, que atravessou a compreensão do tema e dos depoimentos dos entrevistados..

Iniciaremos a seguir, no próximo capítulo, a reflexão teórica a partir da compreensão do sentido do cuidado para a vida humana.

## 2. COMPREENDENDO O CUIDADO

Nesta tese, o cuidado é entendido como potencialidade humana inerente às pessoas (HEIDEGGER, 2004; BOFF, 1999), que independe do sexo e precisa de condições para se manifestar, tais como as crises vividas pelos filhos, que facilitaram que pais assumissem o cuidado paterno sem as mães. O trabalho de campo mostrou que o cuidado pôde ser exercido por esses homens, independente das representações e práticas de gênero, da classe social e das diferentes experiências de cuidado desses homens.

Para o entendimento das experiências destes pais, foi buscada uma ampla leitura sobre o cuidado para que pudesse ser entendido para além do seu comprometimento de gênero. Parto das raízes etimológicas da palavra cuidado que tanto revelam seu sentido relacionado ao raciocínio, como também seu uso com o sentido de benefício de algo ou alguém por quem se tem amizade ou amor. Serão colocadas considerações filosóficas que entendem o cuidado como potencialidade inerente à espécie humana, que se manifesta de acordo com as condições de vida. Quando não se dá atenção ao cuidado, as crises ocorrem como oportunidades para a reconexão da pessoa e mesmo da coletividade, com este potencial humano. Finalmente, serão apresentadas algumas colocações sobre os benefícios do cuidado para o cuidador, tanto quando ele se volta para si mesmo, como quando para outra pessoa, fenômeno ocorrido entre os pais desta pesquisa, que tiveram aumentado o amor por si mesmos, a partir da sua prática cuidadora.

## 2.1 Partindo da etimologia

Na nossa língua, o substantivo “cuidado” pode significar atenção, precaução, cautela, desvelo, zelo, ou responsabilidade com alguém ou alguma coisa (Ferreira, 1999).<sup>3</sup> Já o termo “cuidado” usado como um adjetivo, significa que algo foi pensado, imaginado, meditado, previsto ou calculado. Ambos os sentidos se relacionam com atividade mental. Segundo o dicionário, cuidado vem do termo latino *cogitatu* que significa pensado, pensamento e reflexão. O verbo “cuidar” corresponde ao latim *cogitare*, que usado como verbo transitivo direto denota imaginar, pensar, meditar, cogitar, julgar e supor.<sup>4</sup> Já como verbo transitivo indireto, “cuidar” tem o sentido que mais usamos, ou seja, “cuidar de” significando zelar por algo ou por alguém (Ferreira, 1999). Ter cuidado implica portanto em estar atento, usar a atenção sobre algo ou alguém, que pode ser a própria pessoa. Neste estudo, usarei os termos “cuidado” e “cuidar” no sentido de ocupar-se com atenção, zelo e responsabilidade com alguém, consigo mesmo, com a sociedade ou o meio ambiente (BOFF, 1999).

O caráter intelectual expresso na etimologia, merece destaque já que se contrapõe ao entendimento comum, de que o cuidado seja atividade afetiva e que constitua uma capacidade

---

<sup>3</sup> Cuidado [Do lat. *cogitatu*, 'pensado'; 'pensamento', 'reflexão'.] S.m. 1. Atenção: *Seus trabalhos são feitos com muito cuidado*; 2. Precaução, cautela: *Cuidado para não cair*; 3. Diligência, desvelo, zelo: *Sempre teve cuidado com seus livros*; 4. Encargo, responsabilidade, conta: *Deixei a encomenda dos livros sob seus cuidados*; 5. Inquietação de espírito: *O filho é todo seu cuidado*. 6. Pessoa ou coisa que é objeto de desvelos: *O filho mais velho é o cuidado da casa*. Adj. 7. Pensado, imaginado, meditado. 8. Previsto, calculado, suposto. Interj. Atenção, cuidado, cautela (Ferreira, 1999, p. ) mais conhecido como Aurélio).

<sup>4</sup> Cuidar [Do lat. *cogitare*.] V. t. d. 1. Imaginar, pensar, meditar; cogitar, excogitar: *Cuidou maduramente o plano*. 2. Julgar, supor: *“Cuidei que ele dormia, e estava desperto”*. V. t. i. 3. Julgar, supor: *“Eu cuidava-o rico, e é bem pobre”*. 4. Aplicar a atenção, o pensamento, a imaginação; atentar, pensar, refletir: *“Cuidou muito no assunto antes da decisão”*. 5. Ter cuidado, tratar: *“Cuida da saúde”*. *“A velha tapuia Rosa já não podia cuidar da lavoura que lhe deixou o marido”*. (Inglês de Souza, Contos Amazônicos, p. 3); 6. Fazer os preparativos, tratar: *“Cuidar do almoço”*. *“elas lavam, cozinham, passam roupa. Cuidam das crianças da casa.* (Ana Elisa Gregori. Os Barões da Candeia, p.5).V. transobj. 7. Julgar, supor: *“Eu cuidava-o rico, e é bem pobre”*.V. p. 8. Ter-se por; julgar-se, considerar-se: *“Cuida-se muito inteligente, mas é apenas esperto*. 9. Prevenir-se, acautelar-se. 10. Ter cuidado consigo mesmo, com a sua saúde, a sua aparência ou apresentação: *“A própria D. Marfisa ... já andaria à procura dos dois, espigada na sua cinta, já andaria de salto alto, os cabelos anilados. Era mulher que se cuidava”*. (Ferreira, 1999)

inerente às mulheres. Este entendimento se baseia na divisão sexual do trabalho, mas de acordo com o próprio dicionário, cuidado vem de *cogitatu*, traduzido como raciocínio, atributo de ambos os sexos. O ditado popular já aponta: “mãe é quem cuida”, e expressa o sentido de que cuidador é quem tem responsabilidade pela criança e não quem gestou e pariu. Não depende portanto de fenômenos biológicos da vida das mulheres.

Cuidado é produto de trabalho mental que envolve planejamento e execução de ações voltadas para o benefício de alguém ou de algo. Ser cuidadoso é portanto trabalhar com atenção sobre as necessidades de uma pessoa, um objeto ou um elemento da natureza. Até mesmo quando voltado para a própria pessoa, é fruto de atenção e reflexão sobre as próprias necessidades para que ocorra o planejamento de ações em benefício próprio.

Certos dicionários etimológicos apresentam cuidado como originado no termo latino *cura* (BOFF, 1999). Na linguagem jurídica por exemplo, as expressões latinas *cum cura* e *sine cura* significam “com cuidado” e “sem cuidado”.<sup>5</sup> *Cura*, que na sua forma mais antiga era *coera*, costumava ser usado em contexto de relações de amor e de amizade, expressando “uma atitude de cuidado, desvelo, preocupação e inquietação pela pessoa amada ou por um objeto de estimação” (BOFF, 1999, p. 91). De fato, cuidamos de pessoas ou coisas pelas quais nutrimos afeto:

O cuidado somente surge quando a existência de alguém tem importância para mim. Passo então a dedicar-me a ele; disponho-me a participar de seu destino, de suas buscas, de seus sofrimentos e de seus sucessos, enfim, de sua vida (BOFF, 1999, p. 91).

Razão e afeto atuam de maneira integrada no cuidado já que o interesse afetivo direciona o pensamento. O cuidado é por excelência, uma atividade que permite a integração permanente entre raciocínio e emoção. Cabe lembrar que a cisão entre razão e emoção é típica do pensamento ocidental, não sendo encontrada em outras culturas orientais.

---

<sup>5</sup> DireitoNet – Dicionário\_latin. Encontrado em: [http://www.direitonet.com.br/dicionario\\_latin/x/31/00/310/](http://www.direitonet.com.br/dicionario_latin/x/31/00/310/). Acessado em: 07 maio 2007.

Este entendimento de cuidado como cura também está presente na edição em português de “Ser e Tempo” de Heidegger (2004), embora este autor use o termo alemão *sorge* para traduzi-lo. Em português, *sorge* significa preocupação e zelo.<sup>6</sup> Os tradutores de Heidegger utilizaram o termo latino *cura* para traduzir *sorge* quando o autor se remetia à constituição ontológica humana, se apoiando no fato de Heidegger ter se referido ao mito latino de *Cura*, registrado por Higino. Os mesmos tradutores utilizaram a palavra “cuidado” quando o autor se referia às relações humanas concretas (HEIDEGGER, 2004, p. 313). No entanto, Leonardo Boff e José Ricardo Ayres, traduziram tanto o termo latino *cura* como o termo alemão *sorge*, ambos como “cuidado” (BOFF, 1999; AYRES, 2003).

Esta tradução de cuidado como cura estimula o entendimento de que o próprio processo de cuidado seja processo de cura. Ambos fenômenos podem ser integrantes do mesmo processo de atenção ao alívio dos sofrimentos pessoais ou alheios. O próprio cuidar conteria a cura dos problemas humanos. E este processo seria intrínseco à vida humana, conforme será apresentado na próxima seção. Esta reflexão será útil para o entendimento do benefício que o cuidado prestado aos filhos, proporcionou aos próprios pais desta pesquisa, numa possível expressão da cura de si mesmo.

Cuidado pode ser entendido portanto, a partir das duas origens etimológicas: *cogitare* e *cura*. Seria uma atividade do pensamento humano de atenção a algo ou alguém por quem se tem interesse, amizade ou amor, unindo razão e emoção. Esta atividade humana é entendida por alguns filósofos, como fundamental à existência de homens e mulheres, como veremos na próxima seção.

---

<sup>6</sup> No dicionário alemão – português encontraremos: *sorge* significando cuidado, inquietude, preocupação, zelo.. Disponível em: <http://dictionaries.travlang.com/GermanPortuguese/dict.cgi?query=sorge&max=50> . Acesso em 05 maio 2007.

## **2.2 Cuidado como potencial humano**

Nesta seção, analisaremos o sentido do cuidado para a existência humana, com a intenção de explorar diferentes perspectivas sobre o tema. Estes conhecimentos auxiliarão na discussão do fato do cuidado poder ter surgido entre homens sem experiência anterior de cuidar de filhos e de outras pessoas, e com diferentes experiências de cuidado recebido em suas vidas. O entendimento sobre o valor profundo do cuidado para a existência humana que será apresentado nesta seção, sugere que estes pais entraram em contato com esta potencialidade inerente a cada ser humano.

Para Heidegger (2004), a existência humana está intrinsecamente vinculada a *sorge*, que como já foi colocado, pode ser traduzido como cuidado ou cura. Cuidado ou cura seria a constituição fundamental do ser humano, criador e criatura de si mesmo. O cuidado com a vida é concebido por este autor, no seu sentido ontológico, originário, já que o ser se “desentranha como cura” (HEIDEGGER, 2004, p. 245). Cuidado (cura) se acha, do ponto de vista existencial, a priori, antes de toda atitude e situação, dando sentido ao ser.<sup>7</sup> Na cura ou cuidado, estão originados a vontade, a tendência, o desejo e a propensão. Cuidado (cura) cria, constrói e reconstrói permanentemente o ser e a história (HEIDEGGER, 2004).

Nesta perspectiva, cuidar (curar) as angústias é um projeto e uma atitude permanentes, já que o próprio projeto do ser constitui um desempenho do cuidado/cura. Todos os comportamentos são dotados de cuidado/cura na sua origem e *a priori*. Cuidado estará sempre presente na vida humana. Falar de cura de si mesmo seria uma tautologia, pois a cura está intrinsecamente voltada para o próprio ser, pois em sua essência, o ser é cura. Mas o

---

<sup>7</sup> Utilizo cuidado e cura neste trecho, num exercício de aproximação dos dois sentidos presentes na edição da obra de Heidegger pela Editora Vozes, e procurando enfatizar a idéia de que o próprio processo de cuidado é cura.

cuidado ou cura não indica uma atitude isolada do eu consigo mesmo, pois dele se originam as preocupações e ocupações com os outros (HEIDEGGER, 2004).

Cuidado em Heidegger, seria portanto, um “constructo filosófico e uma atitude prática” (AYRES, 2003, p.74). Para ilustrar sua compreensão, Heidegger cita a fábula latina apresentada por Higino, que trata da criação do ser humano por Cura.<sup>8</sup> Apresentarei esta fábula utilizando a tradução de cura como cuidado, por este termo estar mais afeto à discussão aqui desenvolvida:

Certo dia, ao atravessar um rio, Cuidado viu um pedaço de barro. Logo teve uma idéia inspirada. Tomou um pouco do barro e começou a dar-lhe forma. Enquanto contemplava o que havia feito apareceu Júpiter.

Cuidado pediu-lhe que soprasse espírito nele. O que Júpiter fez de bom grado.

Quando, porém, Cuidado quis dar um nome à criatura que havia moldado, Júpiter o proibiu. Exigiu que fosse imposto o seu nome.

Enquanto Júpiter e o Cuidado discutiam, surgiu, de repente a Terra. Quis também ela conferir o seu nome à criatura, pois fora feita de barro, material do corpo da Terra. Originou-se então uma discussão generalizada.

De comum acordo pediram a Saturno que funcionasse como árbitro. Este tomou a seguinte decisão que pareceu justa:

“Você, Júpiter, deu-lhe o espírito; receberá, pois, de volta este espírito por ocasião da morte dessa criatura.

Você, Terra, deu-lhe o corpo: receberá, portanto, também de volta o seu corpo quando essa criatura morrer.

Mas como você, Cuidado, foi quem, por primeiro, moldou a criatura, ficará sob seus cuidados enquanto ela viver.

E uma vez que entre vocês há acalorada discussão acerca do nome, decido eu: esta criatura será chamada *Homem*, isto é, feita de *húmus*, que significa terra fértil. (BOFF, 1999, p. 46, grifos do autor)

Os mitos, por falarem a partir da linguagem da sensibilidade e da emoção, têm a capacidade de revelar sentidos da vida que a razão não teria acesso. Esta fábula mostra que a vida humana depende de Cuidado (Cura) que não o abandona ao longo de toda a existência. Cuidado seria a chama mantenedora da vida, já que a qualidade do viver depende de permanente cuidado. Onde não há cuidado, a vida se destrói.

---

<sup>8</sup> Esta fábula é relatada por Higino, que nasceu em Alexandria em 43 a.C. Quando sua cidade foi dominada pelos romanos, tornou-se escravo em Roma. Por seu brilhantismo, quando liberto, Higino foi nomeado responsável pela biblioteca central do império romano e publicou muitas obras. Entre elas, a coletânea de fábulas e mitos latinos e gregos, onde se encontra a fábula sobre Cuidado. Morreu em 17 d.C.

Esta fábula se assemelha ao mito de Adão forjado pelo barro e pelo sopro divino. Segundo o teólogo brasileiro Leonardo Boff, esses mitos referem-se ao arquétipo universal de dois aspectos humanos: o espiritual ou divino representado por Júpiter e o material, representado pela Terra, a matéria fértil.<sup>9 10 11</sup> Ambos interagem numa dialética fundamental à existência humana. O céu representado por Júpiter se referiria ao elemento organizador enquanto a Terra, o elemento acolhedor, ambos princípios da vida. Segundo Boff, o espírito se humaniza e o corpo se vivifica quando moldados pelo cuidado, nessa interação fundamental à vida humana. Caso contrário, o espírito se perde nas abstrações e o corpo se confunde com a matéria informe. “O ser humano precisa voltar-se sobre si mesmo e redescobrir sua essência que se encontra no cuidado” (BOFF, 1999, p. 191). E é no encontro entre organização e acolhimento, ou seja, entre a função intelectual e a amorosidade que ele se processa.

O médico e sanitarista José Ricardo Ayres discute a interação presente entre os elementos desta fábula, baseado na compreensão sobre o ser humano estar em constante relação, sendo “ser-no-mundo” segundo Heidegger. Saturno, deus da festividade da colheita, representa na mitologia, a utopia de que viveremos em bem-estar pleno, mas pode estar associado também ao tempo e à construção histórica aos quais todos estamos submetidos.<sup>12</sup> Assim como tudo começa com o movimento de Cuidado no rio, nossas identidades se constroem no processo de nos colocarmos em movimento no mundo. A interação entre os personagens indicaria portanto, a compreensão de que só existimos nas interações, e delas somos frutos. E assim se constrói a própria identidade, a existência do outro e surge o desejo,

---

<sup>9</sup> Adam quer dizer filho da Terra (Boff, 2000).

<sup>10</sup> Arquétipo dentro da psicologia de Jung, significa uma forma autônoma de pensamento e de organização cognitiva do mundo, segundo PIERI, Paolo Francesco (Org.) *Dicionário Junguiano*. Petrópolis, São Paulo: Editora Vozes e Paulus, 2002, p. 326.

<sup>11</sup> “Ju” vem de *dew* que significa luz e *piter* significa pai, portanto Júpiter é o pai da luz, deus da criação..

<sup>12</sup> Saturno, deus da colheita dos romanos foi sincretizado com Crono dos gregos. Em função da similaridade com Chrono, deus do tempo, ele também acabou também representando o tempo. O tempo e o trabalho da colheita.



como no encontro entre os deuses da fábula. O tempo representado por Saturno indicaria a temporalidade que se manifesta na co-existência de todos os fenômenos que interagem na fábula. Ayres comenta que o barro simboliza que estamos sujeitos à plasticidade, e podemos nos transformar constantemente, sendo a vida um cuidar permanente do projeto de viver sempre em atualização (AYRES, 2001, 2003).

Leonardo Boff tem dedicado grande parte da sua obra literária à construção de um novo paradigma: a “ética do cuidado”, já que esta seria a atitude mais reveladora do ser humano. A essência humana não se localizaria na inteligência, na liberdade ou na individualidade, mas basicamente no cuidado (BOFF, 1999, 2003 a, 2003 b, 2004). O cuidado seria o suporte real da criatividade, da liberdade e da inteligência. Como os gregos, Boff entende que o cuidado é “companheiro permanente do ser humano” (HORÁCIO<sup>13</sup>, apud BOFF, 1999), numa perspectiva de que o ser humano nunca deixará de amar e de se desvelar por alguém. Se não receber cuidado do nascimento até a morte, o ser humano morre e se não cuidar de tudo que empreender, destrói a si mesmo e a tudo em volta. Pelo fato de ser essencial, o cuidado não pode ser descartado e se vinga sempre quando não cuidamos em qualquer nível (BOFF, 1999).

A teoria do desenvolvimento psicossocial apresentado por Erik Erikson (1996) propõe que o cuidado tem papel de destaque como tarefa na fase adulta humana. O desenvolvimento psicossocial de uma pessoa saudável se processaria em interação social ao longo de toda a vida, passando pela infância, adolescência, idade adulta e envelhecimento físico. Cada fase é responsável pelo desenvolvimento de diferentes capacidades e o cuidado seria uma das áreas que deve ser ativada na fase adulta. Chamado também por Erikson de generatividade, compreenderia o interesse por construir e guiar a próxima geração. Um ser completo seria aquele que se compromete profundamente com o cuidado de outros. Esta generatividade ou

---

<sup>13</sup> Horácio, filósofo que viveu entre 65-8 a .C.

cuidado, manifesto principalmente na criação dos próprios filhos, também pode se expressar em outras atividades sociais voltadas para a melhoria do mundo, com o objetivo de propiciar o bem-estar das futuras gerações. E nesse processo, o cuidado nos amadurece psicologicamente e amadurecemos para cuidar. Seria um comportamento profundamente ligado à manutenção da vida humana e da natureza, expressão do potencial cuidador, que beneficia o próprio cuidador.

Como vimos na etimologia, os termos cuidado e cura, estão intimamente relacionados. Sugere que o esforço de cuidado conteria o processo de curar. Saúde, mais que um estado, seria uma atitude de reconhecer as fraquezas e “acolher a vida na sua força e na sua finitude”, englobando saúde, doença, morte e assimilando criativamente tudo que pode nos ocorrer na vida: crises, sucessos e fracassos (BOFF, 1999, p. 145). Como na maioria do tempo estamos alienados da consciência profunda que nos estimula ao cuidado, as crises acionam esse potencial cuidador da vida. Crises portanto, são benéficas e promotoras do cuidado, pois exigem um esforço de mudança (AYRES, 2001).<sup>14</sup>

Crises permitem um processo de transformação para um estado mais aprimorado de viver. Segundo a teoria de Erik Erikson (1996), cada fase do desenvolvimento psicossocial de uma pessoa, é atravessada por uma crise pessoal e psicossocial, com possibilidades positivas e negativas de resolução. Para o desenvolvimento pessoal, é essencial que as possibilidades positivas sejam preponderantes na solução dos novos problemas enfrentados (ERIKSON, 1996). As crises são benéficas no desenvolvimento do raciocínio moral de

---

<sup>14</sup> É interessante nos voltarmos para os sentidos da palavra crise em nossa língua. No dicionário, pode ter os significados de “manifestação violenta e repentina de ruptura de equilíbrio”, ou “acidente repentino que sobrevém numa pessoa em estado aparente de boa saúde ou agravamento súbito de um estado crônico”. Caracteriza-se ainda por um “estado de dúvidas e incertezas”, constituindo “fase difícil, grave, na evolução das coisas, dos fatos, das idéias”, e onde há “tensão e conflito” (FERREIRA, sem data). O termo se origina do sânscrito *kri* ou *kir* que significa “desembaraçar (*scatter, scattering*), purificar (*pouring out*) ou limpar” (MCDONNEL, 1958 apud BOFF, 2002, p. 23). Crisol e acrisolar vêm dessa mesma raiz etimológica e se relacionam ao processo de purificação de um elemento químico. Crisol é o cadinho onde ocorrem os processos químicos. Crisol pode significar figurativamente: “aquilo em que se apuram os sentimentos” ou “aquilo que serve para evidenciar as boas qualidades do indivíduo”. E acrisolar significa “aperfeiçoar, purificar, sublimar, submeter-se a provas” (FERREIRA, s.d.).

cuidado, já que este progrediria em fases, que podem ser provocadas por crises pessoais (GILLIGAN, 1982, 1988). É nas crises que retomamos o cuidado antes esquecido conosco e com os que nos cercam. “Depois de qualquer crise, seja corporal, psíquica, moral, seja interior e religiosa, o ser humano sai purificado, libertando forças para uma vida mais vigorosa e cheia de renovado sentido” (BOFF, 2002, p. 24). Todo processo de purificação ou melhoria implica ruptura e descontinuidade com um estado anterior e por isso é doloroso. Mas facilita a escolha de uma trilha nova a ser seguida. “A crise é prenhe de vitalidade criadora (...) em que a pessoa se questiona radicalmente a si mesma seu destino, o mundo cultural que a cerca” (BOFF, 2002, p. 24). O entendimento da crise provocando o cuidado contribui para a compreensão das crises que promoveram as decisões dos entrevistados deste estudo, assumirem o cuidado dos filhos sem as mães. Essas crises permitiram uma rara oportunidade na vida destes homens, já que em geral o cuidado é das mulheres.

Vimos portanto a capacidade cuidadora como inerente à vida humana e como uma potencialidade que faz parte da espontaneidade e da vitalidade, que pode ser desenvolvida ou emergir nas crises. Continuaremos a discutir os benefícios do ato de cuidar para o cuidador, como base para a discussão sobre o aumento da auto-estima surgido entre os pais cuidadores, um dos resultados principais da pesquisa de campo.

### ***2.3 Benefícios do cuidado para o cuidador***

Na compreensão de Heidegger (2004), o cuidado inerente à vida humana não se manifestaria apenas para si, mas também na atenção ao outro. Boff (1999) entende que no cuidado, a centralidade da vida vai para o sentimento, para a lógica do coração. O cuidado recuperaria o que foi perdido na racionalidade científica e no avanço da tecnologia: o respeito à subjetividade e à interconexão existente entre todos os seres do planeta. O cuidado implica em buscar intimidade com o objeto de cuidado, acolhendo-o e respeitando-o, permitindo que

se entre em sintonia com o outro, seja humano ou natureza. O cuidado com o outro pode portanto, libertar a pessoa das exigências sociais de racionalidade, objetividade e produtividade (BOFF, 1999). Facilita a atenção aos afetos, pouco valorizada socialmente e, menos ainda entre os homens, mais identificados com a produção no modo de vida capitalista. Nesse processo, é possível um encontro com a profundidade de si mesmo e do outro, expandindo a capacidade pessoal de amar e ser amado. Cuidar de alguém pode portanto, beneficiar o próprio cuidador, a partir do contato com o próprio amor que se manifesta na atenção ao outro. Além disso, o encontro de cuidado permite receber o amor que se faz presente na relação entre quem cuida e a pessoa cuidada. Segundo Roberto Crema (1995), psicólogo e antropólogo brasileiro, servir ao outro implica no rompimento da dualidade entre eu e o outro, criando um encontro benéfico para ambos. Baseado em sua experiência clínica, ele comenta que quando um cliente o procura com grandes sofrimentos, ele se pergunta o que esta pessoa está fazendo pelo bem de alguém. Entende que “a meta fundamental para quem busca a saúde é fazer-se ‘agente de cura’ de outras pessoas”. O egoísmo seria “um dos fatores mais patogênicos e desencadeador de um inexorável processo de estagnação, empobrecimento pessoal e decadência psicofísica” (1995, p. 115). Exercitar o amor seria uma terapia essencial para qualquer ser humano: “velar pelo outro autenticamente, não visando retribuição, implica auto-transcendência: quando me esqueço e, pelo outro, me esvazio de mim mesmo, abre-se um espaço intensamente vital por onde atuam as forças curativas da natureza” (CREMA, 1995, p. 114). Crema brinca com as palavras, dizendo que o serviço é “o viço do ser”, já que a vocação do ser é servir (CREMA, 1995, p. 118). Esse cuidado sem necessidade de retribuição seria a essência do amor.

“A cura pode ocorrer sempre que uma ou mais pessoas abrirem o coração e o espírito para os dons que já possuem” (CARLSON, SCHIELD, 1992<sup>15</sup> apud CREMA, 1995, p. 116). É claro que esta potencialidade se expressa em diferentes níveis, em função do desejo e facilidade de contato do cuidador com seus sentimentos mais profundos. Esta seria a mesma busca do cuidado inerente à existência humana, presente na fábula de Higino, na obra de Heidegger (2004), Boff (1999) e Ayres (2001, 2003).

Boff (1999) chega a dizer que somente as experiências que envolvem emoções e sentimentos profundos, provocando o cuidado em nós, deixam marcas indeléveis e permanecem definitivamente. Uma dessas marcas se faz através da educação dos filhos. É claro que muitas experiências negativas deixam marcas profundas, mas é inegável que os vínculos amorosos construídos em relações de cuidado são inesquecíveis.

Na vida adulta, o cuidado constitui uma importante fase para o desenvolvimento psicossocial maduro de uma pessoa. Se a pessoa não avançar neste sentido, vive a centralização em si próprio e a estagnação nos seus compromissos sociais (ERIKSON, 1996). As crianças e a própria atividade de cuidar trazem benefícios para os pais e mães pois criam possibilidades novas de socialização (HAWKINS et al, 1982).

No entanto, muitas vezes, o cuidar é experimentado como obrigação sem prazer, implicando em inúmeras atividades cansativas, vividas com frieza entre cuidador e pessoa cuidada.

Valorizar o cuidado sem levar em conta os contextos econômicos, políticos e históricos pode estimular uma ética de auto-sacrifício e que impede de distinguir o cuidado legítimo do ilegítimo. [...] Uma ética do cuidado que não considere as condições sociais, pode manter a opressão sobre as mulheres. [...] é preciso manter em mente que cuidado não é o único valor: liberdade também é importante (APPLEBAUM, 1998, on line, tradução livre).

---

<sup>15</sup> Obra citada por Roberto Crema: CARLSON, Richard; SHIELD, Benjamin, (orgs.). *Curar, Curar-se*. São Paulo: Cultrix, 1992.

A sobrecarga de trabalho impede o tempo para cuidar de si. O cuidado pode portanto, dialeticamente, ser aprisionador e provocar prejuízo para a saúde, como ocorre entre muitas mulheres ou profissionais de saúde e educação, que sobrecarregados, gostariam de desempenhar outras atividades que não o cuidado.

Compreendemos até aqui, o cuidado como uma potencialidade em cada um de nós, fundamental para a qualidade de nossas vidas e que traz benefícios não só para quem é cuidado, mas também para o próprio cuidador. Estas reflexões serão importantes para o entendimento do benefício do cuidado para os próprios pais que contam ter aumentado o amor por si mesmos a partir de cuidarem dos filhos sozinhos. Entendemos portanto, que os sentidos da palavra cuidado revelam que ele está vinculado ao raciocínio, mas voltado para pessoas por quem se tem amizade ou amor. Entre seus significados, existe a possibilidade de ser entendido como cura. Cuidado é uma potencialidade humana, que se manifesta de acordo com as condições de vida. Quando não se dá atenção ao cuidado, as crises surgem como oportunidades para a reconexão com este potencial humano. O cuidado pode propiciar benefícios para o cuidador, tanto quando ele se volta para si mesmo, ou para outra pessoa. Passaremos agora a discutir os processos que estimulam o desenvolvimento do cuidado.

Nesta pesquisa, os pais entrevistados mostraram se beneficiar do cuidado com seus filhos, fenômeno que pode ser entendido como fruto do contato de cada um a fonte interna de cuidado, potencial inerente à vida humana.

### 3. DESENVOLVIMENTO DO CUIDADO

Neste capítulo, consideraremos o processo de desenvolvimento de sensibilidades e habilidades para o cuidado, a partir de diferentes abordagens. Parto da discussão sobre a interação entre a base biológica do comportamento de empatia e o desenvolvimento psicológico do cuidado. Discutiremos como as culturas influenciam a construção de pessoas cuidadoras, que facilitam ou dificultam a prática de homens e mulheres cuidadores. Desta maneira, poderemos entender como os diferentes grupos sociais podem criar ou mesmo impedir condições para a manifestação da potencialidade humana de cuidar, como costuma ocorrer entre os homens em nossa sociedade, em geral, afastados do trabalho de cuidado.

#### ***3.1 Interações biológicas e psicológicas no cuidado***

Haveria uma base biológica para o comportamento de empatia do sofrimento alheio, principal motivador para comportamentos de cuidado (PRESTON, DE WAAL, 2002). Alegria, tristeza, frustração e dor são comumente percebidos por chimpanzés, independente do sexo, que muitas vezes confortam o outro animal, até mesmo colocando em perigo suas vidas para salvar outros. Há o caso de um chimpanzé macho adulto que morreu tentando salvar um filhote que caíra sobre uma cerca elétrica. Em outra situação, um gorila salvou um menino de três anos, num zoológico nos EUA (PRESTON, DE WAAL, 2002). Haveria portanto, uma habilidade inata para ressonância emocional presente em várias espécies animais (PRESTON, DE WAAL, 2002).

Há diferentes níveis de empatia considerando indivíduos, idades e espécies. Entre animais com maior tempo de desenvolvimento pré-natal e peri-natal como os humanos, a córtex pré-frontal é muito expandida, aumentando a capacidade biológica de memória, planejamento e inibição de comportamentos. E assim podemos predizer, comparar resultados possíveis de um comportamento e decidir um apropriado curso de ação. Nossas faculdades cognitivas ampliadas, somadas às instruções, explicações, disciplina e reforço social podem aumentar nossos comportamentos de empatia e de ajuda (PRESTON, DE WAAL, 2002).

O estudo sobre sensibilidade materna entre mulheres brasileiras de diferentes classes sociais durante a atividade de banharem seus bebês de até um ano de idade, contribui para o entendimento da construção social da seletividade de sentimentos que afetam o cuidado com os filhos. A sensibilidade dessas mães aos choros e outros comportamentos de seus filhos variou de acordo com diferentes fatores de suas vidas. Mães de classe social menos favorecida apresentaram menores frequências de comportamento sensível ao choro dos filhos, do que mães de classe média. Estas últimas possuíam mais escolaridade, mais idade e tinham com quem dividir os cuidados infantis, o que provavelmente facilitava sua disponibilidade para a atenção ao sofrimento dos filhos e cuidado (SILVA et al, 2002). Este estudo mostrou portanto, que a sensibilidade das mães varia de acordo com condições econômicas, culturais e intelectuais.

Cabe lembrar que a origem etimológica do termo cuidado, que vem de *cogitatu*, vinculado com funções racionais. Uma evidência das funções intelectuais presentes no cuidado é o fato de que mães têm melhor desempenho em testes cognitivos, além de um aumento de capacidades sensoriais e de uma maior tolerância ao estresse, quando estão desempenhando o cuidado de seus filhos. Ao se tornar mãe, a mulher se vê obrigada a acrescentar uma série de funções a todas atividades que já desenvolvia, e todas elas devem ser desempenhadas quase ao mesmo tempo. O que torna a mulher mais eficiente nessa época é a



capacidade de identificar o que é fundamental e descartar tudo que for irrelevante. Este foco no que é importante repercute nas demandas profissionais, e a mulher busca utilizar o tempo de forma mais produtiva, aumentando portanto, suas capacidades intelectuais (LAGE, MANTOVANI, 2006). Não podemos negar que o corpo da mulher é preparado durante a gestação e aleitamento para o cuidado com seu bebê. Uma série de transformações corporais predispõe a mulher para a dedicação ao filho que nasce. No entanto, uma série de fenômenos psicológicos e sociais pode fazer com que uma mulher não apresente disponibilidade para o cuidado de seu filho. Em muitas situações, as mulheres não conseguem amamentar em virtude de sofrimento emocional, falta de desejo em alimentar o filho com seu próprio leite (CARVALHO, 1997), ou por pressões culturais que desvalorizam o aleitamento materno e privilegiam o leite artificial.<sup>16</sup> Embora o aleitamento tenha sua base biológica, ele depende de uma escolha materna. Por outro lado, mulheres que não pariram, podem amamentar caso se dediquem à estimulação de seus seios pela sucção dos seus bebês (CARVALHO, TAMEZ, 2005).

É importante lembrar que a biologia privilegia o corpo das mulheres apenas para o cuidado nos primeiros meses de vida do bebê. A partir do desmame, não há necessidade de nenhum equipamento biológico diferenciado entre os sexos para os cuidados com os filhos. E uma mulher pode até decidir não criar seus filhos, como ocorreu entre as mães dos filhos de alguns pais entrevistados. Cuidado dos filhos é portanto, fenômeno bio-psico-social.

A motivação para o cuidado pode até mesmo promover alterações hormonais entre homens. Pais canadenses mostraram aumento de prolactina<sup>17</sup> e diminuição de testosterona<sup>18</sup> em torno do período do nascimento dos seus filhos. O amor e a intenção de suprir as

---

<sup>16</sup> O hormônio ocitocina que é necessário à ejeção do leite materno só é fabricado em condições de conforto emocional e relaxamento físico da mãe.

<sup>17</sup> A prolactina é hormônio presente entre diversas espécies de animais quando cuidam de sua prole;

<sup>18</sup> Testosterona é o chamado hormônio masculino, pois está presente mais em homens do que em mulheres, sendo responsável pela agressividade.

necessidades dos filhos, pode ter contribuído para essa produção hormonal (WYNNE-EDWARDS, REBURN, 2000). É claro que suas taxas não se comparam com as taxas maiores de suas mulheres amamentando, mas este estudo evidencia que o interesse em cuidar pode ter repercussões biológicas.

A empatia necessária ao cuidado, portanto, apesar das bases biológicas necessita de desenvolvimento social. Este pensamento se aproxima das considerações filosóficas de Heidegger (2004) e de Boff (1999) a respeito da necessidade de condições para o desenvolvimento do cuidado inerente à vida humana. Uma dessas condições se encontra na dinâmica psíquica profunda que se constrói na relação da pessoa com aqueles que a cuidam na infância, como veremos a seguir.

Para Sagan (1988), Eros, uma representação idealizada da mãe que cria e ama, seria fonte para a generalização do amor para outras pessoas e situações. Ele é o amor básico, pré-ediípico, gerador da consciência que se desenvolve ao longo da infância e constitui o instrumento utilizado pela psique nos conflitos entre amor e agressão. Esse amor recebido funda a consciência que desejará amar como foi amado, num processo de identificação com quem nutre a criança de amor. E desta maneira ocorre a reciprocidade para amar o cuidador. A experiência de ser confortado quando criança, originaria futuras identificações com quem sofre, mas no caso da criança sofrer violência, pode ocorrer identificação com o agressor e surgirem impulsos agressivos que projetem o sofrimento vivido para fora de si mesmo (SAGAN, 1988). A pessoa constrói uma família simbólica, como uma ampliação da projeção da sua família para o meio social. No entanto, esse processo passa pelo questionamento vivido na adolescência sobre o modelo dos pais e de outros de seu mundo social, que depende da capacidade de cada um selecionar quais aspectos idealizados dos outros serão escolhidos para sua consciência (SAGAN, 1988). Pesquisas mostram por exemplo, que apesar de alguns homens que terem sido educados com castigos físicos,

mostram um profundo desejo de seguirem outros modelos de educação e serem pais amorosos que não batam nos seus filhos (BARKER, ACOSTA, 2003; MARTINS, 2006; OLIVEIRA et al, 1999; QUADROS, 1997; UNBEHAUM, 2000).

No processo de identificação com cuidadores, os meninos teriam prejuízos na sua aprendizagem do cuidado, já que em geral, os pais não se envolvem com as tarefas domésticas. O estudo psicanalítico de Chodorow (1990) sobre os prejuízos da maternagem exclusiva na vida de homens e mulheres, indica que a divisão entre o mundo feminino do cuidado e proximidade e o mundo masculino da individuação, ambição e destruição estaria relacionada ao afastamento paterno dos cuidados familiares. O encorajamento dos homens para o envolvimento com o cuidar, através de uma paternidade afetiva poderia, contribuir para uma mudança dos padrões de dominação masculina, já que pessoas bem cuidadas e estimuladas para a identificação com o cuidado, procuram estabelecer relações mais respeitadas e cuidadoras com os outros. O envolvimento dos pais com o cuidado dos seus filhos permite a intimidade afetiva das crianças com homens cuidadores e traz benefícios à constituição psíquica de meninos e meninas, e facilitaria a construção de modelos sociais de homens e mulheres cuidadores (CHODOROW, 1990; SAGAN, 1989).

É preciso considerar contudo que o posicionamento de Chodorow sobre diferenças nas constituições psíquicas de homens e mulheres justificando a ausência dos homens no cuidado, incorre no perigo de justificar psicologicamente os maus-tratos e a exploração do trabalho doméstico das mulheres (MC MAHON, 1999; GERSON, 2002). Como acabamos de ver na teoria de Sagan, a preservação da vida teria por base Eros, o amor que a criança recebe mesmo antes de suas identificações de gênero. Voltaremos a esta discussão no capítulo 5 quando discutiremos mais especificamente a relação dos homens com o cuidado. Vejamos a seguir, algumas reflexões sobre como a sociedade afeta o desenvolvimento de identidades das pessoas e seu envolvimento com atitudes cuidadoras.

### **3.2 Construção social do cuidado**

A orientação moral de cuidado e os vínculos afetivos estão relacionados ao processo de generalização moral que se constrói de acordo com a organização social. As conexões emocionais entre crianças e seus cuidadores é, portanto, construída socialmente, já que apego e cuidado não são definidos da mesma maneira nas diferentes culturas. O isolamento e a integração das pessoas em seu meio social, estão relacionados aos propósitos da educação que a família oferece, que por sua vez, ocorrem em função da organização social. Nas sociedades onde as relações sociais são baseadas na autonomia, a educação familiar busca a auto-suficiência das pessoas e tende a valorizar o mapeamento da obrigação e responsabilidade moral em torno das esferas públicas. Noutros contextos, os limites e obrigações morais têm uma configuração diferente e se apóiam em dependência e reciprocidade (MELLO E SOUZA, 1993).

A comparação entre a formação familiar entre brasileiros e americanos exemplifica a construção social das conexões afetivas. Numa família nuclear americana, se espera que uma pessoa de 18 anos saia de casa para estudar fora, com apoio nos grupos de ajuda existentes na sociedade. Neste contexto, a família de origem não é tão importante na identidade adulta, já que a educação propõe que as pessoas sejam autônomas, fenômeno mais raro entre brasileiros (MELLO E SOUZA, 1993; DA MATTA, 1985).

A preocupação com o outro se mostra mais presente em povos onde as pessoas se desenvolvem se sentindo conectadas ou dependentes do seu grupo. Em algumas sociedades, há acentuação de maior sentimento de independência ou de separação, enquanto que em outras, o sentimento de se sentir ligado aos outros é maior. Nesse processo, a partir das expectativas sociais e experiências pessoais se cria a auto-imagem, relacionada à percepção pessoal de si mesmo em relação aos outros. Nas pessoas com auto-imagem independente, a

representação dos outros é separada do eu, enquanto que nas pessoas interdependentes, os outros são considerados parte do seu próprio eu. Indivíduos com auto-imagem interdependente seriam mais sensíveis às emoções dos outros que os indivíduos de auto-imagem independente (CROSS, MADSON, 1997). Pessoas altruístas teriam auto-imagem interdependente, numa visão de si mesmos como parte da humanidade e sentimento de conexão forte com os outros. Esta identidade e sentimentos os levam a ajudarem os outros, se destacando em seu meio social como heróis ou mártires (EISENBERG, 1997).

O código moral que pauta as identidades pessoais tem muitas vezes, maior influência na decisão do cuidado do que um arbítrio pessoal. Em grandes segmentos da cultura americana e da Europa Ocidental, em que há uma percepção social mais individualista e dualista, a definição do eu é baseada na habilidade e atributos de uma pessoa e no valor do indivíduo se distinguir dos outros. (CROSS E MADSON, 1997; MARKUS E KITAYAMA, 1991). Já nas sociedades da Ásia oriental, o eu do indivíduo é construído de forma muito mais interdependente ou relacional que o de um membro de uma sociedade individualista como os EUA. A visão de mundo ali presente, onde tudo está em permanente interação estimula o pensamento coletivista e neste ambiente, a definição do eu é baseada nas relações de uma pessoa, no pertencimento ao um grupo e na busca de harmonia com os outros, traços que definem a auto-imagem interdependente. Neste contexto, a atenção às necessidades dos outros é freqüentemente obrigatória, já que as pessoas teriam como prioritário estar afinadas com seu grupo, numa perspectiva de que a relação entre elas é fundamental. Este tipo de auto-imagem pode ser observado também em sociedades africanas, latino-americanas e do sul da Europa, como os hispânicos. Em algumas culturas africanas, por exemplo, a identidade é definida pela permanência da pessoa na família ou pela hierarquia do clã (MARKUS, KITAYAMA, 1991; CROSS, MADSON, 1997). A construção social cria condições para o desenvolvimento do potencial humano cuidador.

Os estudos antropológicos de Margareth Mead (1969) confirmam a relação entre a organização social e os comportamentos de homens e mulheres, desmistificando a naturalização entre sexo e temperamento. O cuidado com os filhos é tarefa diretamente relacionada à forma de sobrevivência de um povo, afetando a divisão igualitária do trabalho de pais e mães. A comparação entre os povos Arapesh e Mundugumur, ambos residentes na Nova Guiné, exemplifica com clareza, a relação entre condições de vida e formação de pais, mães e pessoas cuidadoras ou agressivas.

O povo Arapesh vivia em terras sem fertilidade, montanhosas de difícil acesso, que não constituíam foco de disputa, o que facilitava a manutenção de relações pacíficas com outros povos e mesmo entre as pessoas de sua própria tribo. Homens e mulheres Arapesh eram treinados para serem cooperativos, dóceis e voltados para as necessidades alheias, com uma personalidade que Mead chamou de “maternal” quanto ao cuidado com os filhos, pois ambos dividiam o cuidado com bebês. Já o povo Mundugumur que vivia em terra fértil na planície, disputada pelas tribos regionais, precisava preparar seus homens para serem guerreiros. A agressividade e a hostilidade eram presentes entre os próprios integrantes desta tribo e nas relações com os outros povos da região. O cuidado com a família era atribuição das mulheres pois os homens se ocupavam do treinamento para serem guerreiros e enviados para a guerra (MEAD, 1969).

Entre os Arapesh, a expressão que se referia a dar à luz era atribuída ao pai e à mãe, e tanto a gravidez quanto os cuidados com o bebê eram eventos que envolviam os dois. O bebê tornava-se tão intimamente unido à vida do pai quanto à da mãe. Os homens Arapesh tinham tanto prazer, tanta habilidade e eram tão pouco severos com a criança quanto as mulheres. Neste ambiente de permanente segurança afetiva, com o conforto do contato com os corpos e vozes de pai e mãe, cresciam as crianças, confiantes já que sempre haveria alguém com quem contar. Já que viviam em meio aos perigos do caminhar num meio pedregoso, sempre havia

alguém disponível para cuidar delas caso seus pais não estivessem, como se houvessem muitos pais e mães. Todas as relações Arapesh eram impregnadas de confiança mútua e não havia ninguém que eles não chamassem de irmão ou primo, aprendendo a confiar, a amar e a depender de todos que encontravam. Enfim, encarando o mundo como lugar seguro.

O terreno hostil onde viviam, além de criar a necessidade de cuidado permanente com crianças pequenas, contribuía para que não precisassem se capacitar como guerreiros para defender o local de moradia. Os sujeitos agressivos eram encarados como desviantes e toda a educação das pessoas era voltada para o cuidado com o outro, até mesmo com as pessoas agressivas. Não havia sentimento de que para ser corajoso e másculo, tinha que matar. Matar na guerra e fora dela tinha o mesmo significado, não havendo insígnias para os bravos (MEAD, 1969).. O desafio da vida arapesh nas terras pedregosas se sintoniza com a reflexão já desenvolvida sobre o fato dos desafios da vida facilitarem o surgimento do cuidado.

Outro povo que estimula a nossa reflexão sobre a relação entre sociedade e cuidado, são os pigmeus Aka que vivem numa floresta tropical no Congo. Homens e mulheres Aka dividem igualmente o cuidado com os filhos e o alto nível de cuidado paterno está conectado à principal atividade de subsistência desse povo. Caçam pequenos animais com rede, de forma altamente cooperativa entre homens e mulheres, durante todo o ano. Suas vidas são igualmente envolvidas entre caça e cuidado com os filhos, que os acompanham até mesmo quando caçam antílopes perigosos (HEWLETT, 1991, 2005, 2007). O cuidado com as crianças e o trabalho de subsistência são partilhados nos mesmos espaços físicos de vida do povo Aka, não havendo conflito entre essas duas atividades vitais para a sobrevivência.

As mulheres Aka são as cuidadoras primárias, mas há uma flexibilidade nas tarefas entre homens e mulheres, que ocorre sem perda de status e sem estigma de tarefas masculinas ou femininas. Enquanto as mulheres caçam, os homens cuidam das crianças, e enquanto os homens cozinham, as mulheres podem armar um acampamento para a caça. As mulheres

podem ser até melhores que os homens como caçadoras e tanto homens como mulheres vão caçar com seus bebês. Apesar dessa divisão igualitária dos trabalhos e compartilhamento das decisões, permanecem diferenças de gênero pois só os homens ocupam os cargos altos de líder, caçador de elefante e chefe dos curadores (HEWLETT, 1991, 2005, 2007).

Essa tribo dá muita importância à intimidade física: um bebê de 3 meses está constantemente em contato físico com qualquer um dos seus pais ou com outra pessoa. É comum que um grupo de homens seja encontrado bebendo o vinho local com as crianças nos braços, ou até mesmo com elas sugando seus mamilos. Diz Hewlett:

Uma lição que os Aka têm para nós, e isto para todos nós, mães e pais, é sobre quão preciosas as crianças são e como somos sortudos de tê-las em nossas vidas. Nós costumamos achar os filhos mais uma carga do que uma bênção, o que os Aka nunca fazem. Crianças são energia, a força da vida da comunidade” (HEWLETT, 2005).

Sintonizados com a alegria do convívio com as crianças, os pais respondem com prazer às iniciativas dos bebês, podendo atravessar a noite cantando para ele dormir. Embora um pai Aka não amamente seu filho, seu mamilo tranquiliza a criança até que ela seja alimentada. Enquanto os carregam, os abraçam e os beijam. Baseados na pesquisa antropológica realizada por Hewlett, ativistas britânicos dos temas da paternidade consideraram que os Aka são os pais que mais tempo ficam com seus filhos no colo ou a um braço de distância. Hewlett constatou que eles passam 47% do seu tempo com seus filhos (HEWLETT, 1991, 2005, 2007; GUTMANN, 1999). A forma de organização do trabalho, pode portanto, facilitar a atenção às crianças e o desenvolvimento de sentimentos de conexão e de habilidades cuidadoras entre homens e mulheres.

No México, encontramos outro exemplo de comunidades em que os homens se dedicam ao cuidado dos seus filhos: o pai no meio rural do México desempenha um papel mais significativo com os filhos homens em comparação com os proletários urbanos daquele país. Para eles, ser um pai ativo e presente de maneira duradoura, é um elemento crucial para o



significado e para as práticas que caracterizam ser homem (GUTMANN, 1999). Na região de Sierra Nahua de México, até pouco tempo, a maioria das crianças dormiam com seu pai e não com sua mãe, do desmame até a puberdade (TAGGART, 1992, apud GUTMANN, 1999).

No nosso país, encontramos alguns relatos de pais indígenas envolvidos com o nascimento de seus filhos. Entre os índios da tribo Fulni-ô, de Pernambuco, o pai participa do momento do parto, e os meninos de sua tribo são educados para saber o que fazer para cuidar da mulher no trabalho de parto.<sup>19</sup> Entre os tupinambás, os homens participavam nos partos complicados, pois era o marido que comprimia o ventre da esposa para apressar o nascimento. Além disso, as crianças de sexo masculino tinham o cordão umbilical cortado pelo pai. (RAMINELLI, 1999)

Sabemos ainda, que no Brasil rural, antes da urbanização e da industrialização, pais e mães passavam o dia com seus filhos, onde toda a família saía e voltava unida no caminho entre a casa e o roçado, criando muitas situações em que os homens participavam da educação e cuidado de seus filhos (SANTOS, 1982). Também neste ambiente, as crianças eram vistas como seres muito valiosos para garantia da sobrevivência futura da família. Trabalhar e cuidar não eram portanto, atividades excludentes como vivemos em nossa sociedade hoje em dia.

A experiência dos povos em que pais e mães cuidam igualmente dos seus filhos, sugere que se pais cuidarem, reproduzirão meninos cuidadores e futuros pais cuidadores, apresentada por Chodorow (1990) e Sagan (1988). Mas os modos de vida desses povos são profundamente diferentes do que se vive hoje. Os Arapesh estavam mergulhados numa sociedade em que a preservação dependia do cuidado mútuo, num *modus vivendi* pacífico onde disputa e violência não tinha lugar e os homens não eram guerreiros. Entre os Aka, não havia conflito entre o trabalho pela sobrevivência e o cuidado com os filhos, já que toda a

---

<sup>19</sup> Entrevista coletiva a que eu assisti, dada pelo índio Thini-á, no saguão do Centro Cultural Banco do Brasil, como parte das atividades de comemoração do aniversário de 500 anos do nosso país, em abril do ano 2000.

família se integrava na tarefa de caçar. O trabalho de cuidado e o trabalho de subsistência conviviam harmonicamente, permitindo ajuda mútua nessas tarefas, aos homens e mulheres. Na sociedade capitalista, no entanto, pais e mães vivem a competição do mercado de trabalho, a divisão entre trabalho remunerado e trabalho doméstico, com sobrecarga, características da sobrevivência dentro do modo de produção capitalista no nosso país, com cada vez menos tempo e atenção ao cuidado das crianças e de si mesmos.

### ***3.3 Orientação moral do cuidado entre cariocas***

A pesquisa etnográfica desenvolvida com 80 entrevistas semi-estruturadas em profundidade, com homens e mulheres, primordialmente da zona sul do Rio de Janeiro, de 3 classes socioeconômicas, mostrou haver entre cariocas, elasticidade em princípios éticos que permite que a interpretação moral ocorra de acordo com a situação e com a pessoa envolvida. Este estudo contou também com observação participante de discursos e interações sociais do cotidiano, coleta e análise de jornais, revistas charges, piadas e outros elementos da cultura popular. Os resultados mostraram que haveria mais atenção e cuidado a pessoas a que os entrevistados estariam ligados familiarmente ou por relações de amizade, tanto entre homens, quanto entre mulheres. A atenção e o cuidado se fragilizariam no caso das pessoas sem este tipo de vínculo pessoal. Este fenômeno estaria relacionado ao fato das pessoas se sentirem responsáveis pelas relações pessoais, pautando seus julgamentos em noções morais particulares e não abstratas e gerais. A lealdade aos amigos e parentes teria mais força do que leis e normas sociais (MELLO E SOUZA, 1993, 1998). A lealdade às relações pessoais, presente nas respostas de cariocas no estudo citado, pode ser entendida como produto da estrutura social brasileira que delimita quem será beneficiado nos compromissos morais de uma pessoa. O amigo ou o parente, ou seja, alguém que se conhece e se tem ligação afetiva,

seria receptor de sentimentos morais. Quem estiver fora das relações pessoais é o outro genérico e abstrato, por quem não se desenvolvem relações de cuidado e respeito.

Esta discussão está afeta à representação social do público e do privado no contexto brasileiro. Em virtude da estrutura social onde apenas a elite tem direitos, com uma grande população herdeira das desigualdades de longo período de escravização, o mundo público é vivido como ameaçador e o mundo privado, associado ao pessoal, é priorizado. No mundo público, haveria a impessoalidade ameaçadora, diante da falta de garantia de direitos, a menos que se construam relações de base pessoal. Desta forma, os valores de personalidade pautariam tanto as relações do mundo da rua, como no mundo da casa (DAMATTA, 1985). A atenção às pessoas estaria mais voltada para a particularidade das relações, do que para a universalidade e para a generalização de valores. A atenção às pessoas do mundo público se pautaria num tipo de vinculação de lealdade, similar ao padrão das relações familiares e de amizade, numa tentativa de transformação do mundo impessoal em relações personalizadas, o chamado “jeitinho brasileiro” (MELLO E SOUZA, 1993, 1998; DAMATTA, 1985).

No nosso país, a socialização das crianças e dos jovens corre no sentido de valorização das relações familiares, ao longo de toda a vida. Estas constituem as bases afetivas para decisões e processos da vida adulta e desta maneira, desenvolve-se uma atenção maior às pessoas da própria família e relações próximas, do que onde haja mais impessoalidade. Uma compreensão para o fortalecimento das relações familiares é o fato de haver menos direitos garantidos no ambiente público. A família inspiraria a segurança não encontrada na sociedade (MELLO E SOUZA, 1993, 1998; DAMATTA, 1985). O estudo sobre auto-imagem interdependente das pessoas no nosso país, também mostrou ser incompatível ter uma vida privada ou tomar decisões sem consultar os familiares e amigos. Este fenômeno é similar ao que ocorre entre hispânicos, e uma explicação possível é que o padrão cultural

destes países está a meio caminho entre a orientação individualista e coletivista (GOUVEIA et al, 2002), como produto das transformações do mundo pós-industrializado e globalizado.

Podemos perceber na experiência dos entrevistados nesta pesquisa, a influência da orientação moral para o cuidado voltada para a família, facilitando sua experiênciacuidadora, como discutiremos mais adiante. A atenção à família parece ter permeado as soluções encontradas pelos entrevistados, na solução das crises que promoveram o cuidado paterno sem as mães.

Neste capítulo, vimos como o cuidado é reconhecido como uma atividade tanto intelectual quanto amorosa, onde se integram funções biológicas, psicológicas, que se desenvolvem no contexto social. O cuidado com o outro pode trazer benefícios para o cuidador, possibilitando a reciprocidade do amor. Crises na vida social e na vida individual costumam facilitar a emergência de cuidado que antes não estava sendo considerado. Compreendemos ainda, como as atitudes de cuidado podem ser estimuladas pela cultura e organização social. Cuidado é aqui entendido como uma potencialidade inerente e fundamental à vida humana, mas que precisa de condições pessoais e sociais para ser expresso e desenvolvido.

Ao contrário das culturas tribais aqui apresentadas, em nossa sociedade existem desafios que refletem ideologias que desconsideram a afetividade e estimulam a competitividade, o desrespeito e o descuido com a vida humana de crianças ou de adultos. Veremos a seguir, como este ambiente cria desafios para o exercício do cuidado.

## **4. DESAFIOS SOCIAIS E POSSIBILIDADES PARA O CUIDADO**

O cuidado, entendido como uma potencialidade da vida humana, precisa de condições para se manifestar e desenvolver. Os estudos culturais aqui apresentados mostraram que a inserção dos homens no cuidado é expressão da forma como uma sociedade organiza o trabalho de cuidado com a vida.

Apesar das transformações que vêm permitindo aos homens uma maior expressão da sua afetividade, com contato mais próximo com os filhos, no nosso e em diferentes países ocidentais, os homens se mantêm apegados aos seus privilégios da dominação masculina e não dividem igualmente o cuidado com os filhos (MCMAHON, 1999; QUADROS, 1996; UNBEHAUM, 2000; MARTINS, 2007; KEJNER, 1997). Alguns autores afirmam que enquanto não houver modificação das políticas sociais não haverá mudança nos padrões de comportamento dos homens, já que as questões de gênero se entrelaçam com outras dominações presentes na vida social (BARBOSA, 2005; GIFFIN, 1994, 2005; CASTRO, 2000; MCMAHON, 1999; OLIVEIRA, 2003, 2004, 2005).

Este capítulo busca entender portanto, interferências sociais que geram desafios para homens e mulheres cuidarem de si e de suas famílias em nosso país, e que acentuam o descompromisso dos homens com a divisão igualitária do trabalho doméstico. O afastamento dos homens do cuidado está relacionado às diferentes formas de desconsideração com o cuidado com a vida. No modelo social onde desigualdade, exploração, individualismo, alienação de si mesmo e racionalidade dominam, o cuidado consigo mesmo e com o outro é

desvalorizado (BOFF, 1999; MURARO, BOFF, 2002). Estes são fenômenos que afetam principalmente os homens, mais identificados com o trabalho remunerado e práticas de dominação social. E neste contexto, o trabalho de cuidado com os filhos é desvalorizado e os homens reproduzem com as mulheres o padrão de dominação que desvaloriza o trabalho doméstico e o cuidado com a vida. No presente estudo, os pais enfrentaram estes grandes desafios para assumirem o cuidado de seus filhos.

Após a discussão dos desafios, serão apresentadas algumas possibilidades para a valorização do cuidado na organização do trabalho, e nos processos científicos e educacionais. Iniciarei esta discussão a partir dos desafios atuais para o cuidado.

#### **4.1 *Desafios para a prática do cuidado para homens e mulheres***

Muitos são os fenômenos que fazem com que nos descuidemos dos sofrimentos próprios e alheios, revelando a desvalorização social do cuidado no modo de vida capitalista. Começaremos a discussão a partir das desigualdades sociais.

##### **4.1.1 Desigualdades sociais afetando o cuidado**

Para discutirmos as relações de homens e mulheres com o cuidado precisamos considerar o panorama social em que homens e mulheres estão inseridos:

... qualquer tentativa de estudar as relações de gênero precisa avançar além da descrição da evolução de “diferenças culturais”(entre mulheres, ou entre mulheres e homens) e da constatação abstrata da construção social das relações de gênero, para as investigar como elementos da política econômica atual, implicadas numa dinâmica global de dominação de nações e classes sociais e de mercantilização da vida. (GIFFIN, 2005, p. 56)

Vivemos numa sociedade capitalista e hierárquica em que o enriquecimento de poucos é mais valorizado que o cuidado com a vida de muitos. Um dos maiores desafios lançados à política orientada para a ética e para o cuidado “é indubitavelmente o dos milhões e milhões de pobres, oprimidos e excluídos de nossas sociedades” (BOFF, 1999, p. 140). No nosso país, nas últimas décadas, houve enorme êxodo rural e crescimento das cidades, aumentando a pobreza e as desigualdades sociais. Vêm sendo diminuídas as garantias de provisão de serviços de saúde e educação pelo Estado, dois campos de responsabilidade pública com a vida dos brasileiros. Estes setores cada vez mais privatizados, deixam grande contingente de crianças e adultos carentes de cuidado. E este não é um fenômeno apenas no nosso país. “Há um descuido e um descaso manifestos pelo destino dos pobres e marginalizados da humanidade, flagelados pela fome crônica, mal sobrevivendo da tribulação de mil doenças, outrora erradicadas e atualmente retornando com redobrada virulência” (BOFF, 1999, p. 18).

As desigualdades sociais se manifestam com força na relação de homens e mulheres com relação ao cuidado, já que pobres têm muito menos acesso ao cuidado de si que os mais ricos. Mulheres com situação econômica melhor avançaram no sentido da liberdade feminista, através da exploração do trabalho de outras mulheres (CASTRO, 2000; GIFFIN, 2002; BESSE, 1999). Estas últimas, não têm tempo nem dinheiro para cuidar de si e da família, trabalhando sempre no cuidado dos filhos da classe mais abastada. E assim se gera a circulação de crianças, em que outras pessoas da família ou da rede de amigos, cuidam dos filhos das famílias pobres, porque seus pais e mães estão impedidos pelo trabalho fora de casa (FONSECA, 2001). Cria-se uma cadeia globalizada de trabalho de cuidado, já que em países ricos, é comum o emprego de mulheres de países pobres para o cuidado dos filhos da classe média ou alta. Estas, por sua vez, empregam mulheres migrantes mais pobres que elas, para o cuidado de seus próprios filhos. Estas migrantes deixaram seus filhos em seus países, e suas filhas mais velhas, ou parentes, cuidam de seus irmãos (HOCHSCHILD, 2005).

A mão de obra de cuidado, tem um enorme custo emocional, social e econômico para as famílias pobres. Nos EUA, uma pesquisa qualitativa realizada com babás mostrou que elas sofrem culpa, tristeza e saudade de seus filhos. A única forma que encontram para sobreviver à angústia, é dedicar à criança da família rica, o amor que dedicariam à sua prole. As crianças filhas dessas cuidadoras, sofrem mais ainda. Estima-se que 30% das crianças Filipinas, cerca de 8 milhões, vivem em casas onde pelo menos um genitor viajou para outro país. Uma pesquisa conduzida pelo Centro de Migração Scalabrini de Manila nas Filipinas, com mais de 700 crianças em 1996, concluiu que os filhos de trabalhadores que migraram para outros países ficam mais doentes, expressam mais raiva, confusão e apatia, e têm resultados piores na escola. Nesta população também ocorre crescimento de delinquência e suicídio infantil. Como essas crianças, há outras na África, Índia, Sri Lanka, América Latina e na antiga União Soviética e o amor, a dedicação e o cuidado de suas mães estão direcionados para crianças de outros países (HOCHSCHILD, 2005).

Segundo a Organização Internacional do Trabalho, metade das mulheres do mundo entre 15 e 64 anos, está em trabalhos remunerados fora de casa, o que significa que muitas crianças não recebem a atenção nem das mães nem dos pais trabalhadores. O artigo 9 da Declaração dos Direitos da Criança prevê que uma criança deve crescer no ambiente familiar, numa atmosfera de alegria, amor e compreensão e que não deve ser separada de seus pais contra sua vontade (BRITO, 2007). No entanto, cuidado não é para todas as crianças: “A criança do Primeiro Mundo recebe mais amor, e a criança do Terceiro Mundo menos. Neste sentido, o amor parece escasso e limitado, como um mineral extraído da terra” (HOCHSCHILD, 2005, p.5, tradução livre,)

O cuidado é uma mercadoria, e ao se ver o produto, o amor da babá pela criança de classe rica, não se considera a cena humana que o produziu. O trabalho de cuidadores não é forçado como era no tempo da escravidão, mas ocorre pela pressão do capitalismo. É visto



como escolha pessoal dos trabalhadores, e seus problemas são entendidos como individuais (HOCHSCHILD, 2005). No nosso país também, as crianças mais pobres também sofrem prejuízos para sua formação, em virtude do afastamento de seus genitores.

Capitalismo e equidade não se combinam (GIFFIN, 2002; CASTRO, 2000). Apenas em países ricos, existem leis trabalhistas que oferecem condições para homens tirarem longas licenças do trabalho de forma que eles dividam com as mulheres o cuidado dos seus bebês. Neles, o sistema político e a forma de organização do capitalismo garantem a qualidade de vida dos trabalhadores (SEWARD, 2006). Já no nosso país, muitos trabalhadores sem proteções sociais não conseguem nem tirar a licença-paternidade de apenas 5 dias (MARTINS, 2007). O direito de participarem do nascimento dos seus filhos como acompanhantes escolhidos pelas gestantes, apesar de garantido por lei nacional, ainda esbarra nos privilégios de classe. Homens de classe social pobre são rejeitados por profissionais em maternidades por serem vistos como violentos, enquanto estes mesmos profissionais aceitam a participação de pais nos serviços particulares. Maternidades públicas adiam o cumprimento da lei do acompanhante e dificultam que pais pobres acompanhem a gestante e seu filho (CARVALHO, 2001, 2003).

Apesar da dominação na relação com as mulheres, os homens pobres são os principais instrumentos de manutenção das indústrias e das guerras, num sistema social que não valoriza o cuidado com suas vidas e de suas famílias (CONNEL, 1998). As dificuldades para inserção dos homens no cuidado portanto, não estão relacionadas apenas à perpetuação da dominação dos homens sobre as mulheres, mas também à desvalorização do cuidado com a vida, que os homens reproduzem nas suas relações familiares, com a sociedade e com eles mesmos.

O desafio da inclusão dos homens nas tarefas de cuidado, não se refere apenas às relações entre mulheres e homens, mas depende de uma ressignificação do valor da vida

humana numa sociedade comprometida com a exploração da maioria em benefício do enriquecimento de poucos. A equidade de gênero depende de novas composições sociais já que acumulação e equidade se excluem como valores (GIFFIN, 1994).

#### **4.1.2 Relação com o trabalho dificultando o cuidado**

As relações com o trabalho constituem fator fundamental para a construção de uma ética do cuidado em nossa sociedade, já que absorve grande parte da vida humana, e constrói as identidades. No entendimento de Boff (1999) há dois modos de construção da autoconsciência e da identidade: o modo de ser trabalho e o modo-de-ser-cuidado. No modo-de-ser-cuidado, ocorre uma intimidade com o que é objeto de interesse, entrando em sintonia com ele. Há acolhimento e respeito. Já no modo-de-ser-trabalho, o homem procura conhecer as leis e ritmos da natureza para nela intervir e tornar a vida mais cômoda. Desenvolve assim, o poder sobre as coisas para dominá-las e colocá-las a serviço dos interesses pessoais e coletivos. Nessa perspectiva, esses dois modos-de-ser integrados constituem as duas faces da experiência humana: uma voltada para a materialidade e outra para a espiritualidade. Existiria um equívoco “em opor uma dimensão à outra e não vê-las como modos-de-ser do único e mesmo ser humano” (BOFF, 1999, p. 97).

No entanto, vivemos uma ditadura do modo-de-ser-trabalho onde o trabalho é uma atividade voltada para a produção do capital e com a exacerbação deste modo-de-ser, a objetividade e o distanciamento afetivo se expandiram. Desenvolveu-se desta forma, uma negação da realidade subjetiva e da interconexão existente entre todos os seres e coisas sobre o planeta. A perspectiva de separação entre os seres alimenta portanto o descuido com a natureza e as pessoas (BOFF, 1999).

Esses dois modos-de-ser expressam a cisão vivida entre os seres humanos e o produto de suas ações, como se não fosse possível trabalhar com cuidado de si mesmo e do outro. Essa é a realidade da maioria das pessoas que vivem cindidas, já que trabalham em tarefas em que seus sentimentos, desejos e necessidades não são considerados. No trabalho assalariado, “as pessoas vivem escravizadas pelas estruturas do trabalho produtivo, racionalizado, objetivado e despersonalizado, submetidas à lógica da máquina” (BOFF, 1999, p. 97).

“A ruptura entre trabalho e cuidado se dá mais gravemente no mundo atual em que o trabalho é trabalho assalariado e não atividade de plasmação da natureza” (BOFF, 1999, p. 97). A desconsideração com a vida humana reduz homens e mulheres a peças, na grande estrutura que reproduz o lucro para poucos. O trabalho é apenas um meio de conseguir dinheiro para sua sobrevivência e de sua família. As colocações de Marx (1983), voltadas para o trabalho operário e assalariado no início do século XX, são úteis para a compreensão da experiência dos trabalhadores de diferentes setores, ainda nos nossos dias:

(...) é um trabalho *exterior* ao trabalhador, ou seja, não pertence à sua essência, que portanto ele não se afirma, mas se nega em seu trabalho, que não se sente bem, mas infeliz, que não desenvolve energia mental e física livre, mas mortifica a sua physis e arruína a sua mente. Daí que o trabalhador só se sinta junto a si fora do trabalho e fora de si no trabalho. Sente-se em casa quando não trabalha e quando trabalha não se sente em casa. O seu trabalho não é portanto voluntário, mas compulsório, *trabalho forçado*. Por conseguinte, não é a satisfação de uma necessidade, mas somente um *meio* para satisfazer necessidades fora dele. (MARX, 1983, p.153, grifos do autor)

Com o crescimento do consumismo, cada vez mais tem que se trabalhar para possuir bens, e desta forma, pais e mães, cada vez menos têm tempo para o cuidado com os filhos, uma contingência da vida atual:

Homens e mulheres começam a perceber que estão comprando, como único possível, um estilo de vida que não compensa: consumir suas energias, consumir sua vida, suas relações afetivas para garantir um consumo de coisas, de símbolos que, no fundo, nem sabemos se de fato queremos (OLIVEIRA, 2003).

O desprazer constantemente observado no trabalho leva à desvalorização de si mesmo. Nas condições capitalistas, o trabalho deteriora as possibilidades de conexão do trabalhador consigo mesmo, já que a grande massa de trabalhadores cria coisas com as quais não se identifica. A falta de cuidado com a subjetividade do trabalhador se propaga na falta de cuidado em outros campos da vida social, e a frieza da ideologia do lucro se reproduz nas relações entre as pessoas. Rompe-se a possibilidade de conexão entre as pessoas, impedindo a manifestação da potencialidade cuidadora inerente à existência humana.

Pessoas infelizes, “submetidas à lógica da máquina” (BOFF, 1999, p. 97) reproduzem sua auto-desvalorização na relação com as outras pessoas. “O que vale para a relação do homem com o seu trabalho, com o produto do seu trabalho e consigo mesmo, isto vale para a relação do homem com o outro homem, bem como com o trabalho e objeto de trabalho do outro homem” (MARX, 1983, p. 158).

Mesmo entre profissionais cuidadores, como na área de saúde, o cuidado é feito muitas vezes, sem que o profissional esteja consciente de si mesmo e da relação de subjetividade presente no seu trabalho (AYRES, 2001, 2003). Temos que reconhecer que muitas vezes, estes profissionais correm de um emprego para outro e não têm o tempo necessário para cuidar e olhar para si mesmo. Outros trabalhadores em serviços que envolvem atenção ao cliente de maneira simpática e cuidadora, como entre aeromoças ou recepcionistas em setores empresariais, vivem um grande desgaste pelo trabalho emocional de administração dos próprios sentimentos para sorrir e se colocar disponível. Atenção e cuidado que não correspondem aos verdadeiros sentimentos implicam em grande dano emocional para essas trabalhadoras (HOCHSCHILD, 2001).

Nos horários de trabalho, as empresas não consideram a vida privada e os trabalhadores não têm tempo para o cuidado de si e da sua família. O envolvimento igualitário de homens no trabalho doméstico não é portanto, apenas uma questão de gênero que deve ser resolvida

entre homens e mulheres. Carece de estabelecimento de políticas sociais que dêem visibilidade para “a vida privada, sublinhando sua importância e o tempo que ela requer”, para que homens e mulheres, possam construir uma nova articulação entre vida privada e mundo do trabalho (OLIVEIRA, 2003) A relação dos trabalhadores com o trabalho, é portanto, fator fundamental para a possibilidade do cuidado exercido por homens e mulheres. Discutiremos a seguir, a desvalorização do trabalho de cuidar, relacionada à divisão sexual do trabalho.

### 4.1.3 Trabalho de cuidado desvalorizado

O fenômeno fundamental que permeia a desvalorização do cuidado é a representação social de gênero que prescreve que este seja um trabalho feminino, não remunerado ou mal remunerado.

A perspectiva feminista compreende os trabalhos domésticos dentro do conceito de “trabalho”, eliminando a dissociação entre trabalho e não trabalho, que diferenciava as tarefas remuneradas daquelas do cuidado com a família:

O trabalho doméstico e as particularidades do trabalho assalariado das mulheres não são mais "exceções" em relação a um modelo que se supõe geral, mas tal problemática pressupõe uma tentativa de reconstruir um *modelo geral* do qual essas mesmas especificidades seriam elementos constitutivos (KERGOAT, 1989).

O trabalho desta maneira, passou a ser considerado não limitado ao trabalho assalariado e profissional, mas incluindo o trabalho doméstico, compreendendo o que se entende por divisão sexual do trabalho. Neste modelo, se nega a ideologia dominante que desvaloriza o trabalho doméstico e das mulheres. Considerar a atividade de cuidar da família como um trabalho é considerá-lo como um trabalho que está sendo realizado, afastado das relações mercantis. Desta maneira, se recupera a idéia de cooperação de todos para a produção da vida, entendendo tanto o trabalho reprodutivo quanto o produtivo (KERGOAT, 1989).

O sistema capitalista não reconhece o trabalho doméstico nem a capacitação especial que as mulheres desenvolvem para essas tarefas, e desta maneira, as habilidades das mulheres para o cuidado com a casa não são valorizadas, tampouco a capacitação para essas tarefas. Esta desvalorização tem conseqüências na inserção das mulheres no mercado de trabalho, onde em geral, os trabalhos que exigem suas habilidades desenvolvidas no seu treinamento desde a infância para as tarefas domésticas, são mais mal pagos (KERGOAT, 1989). E assim, os trabalhos desenvolvidos por mulheres, e entre eles, principalmente os de cuidado, são mal remunerados, como na educação e na saúde.

Apesar de não considerado pelo capitalismo, o trabalho doméstico tem grande contribuição na sua reprodução, pois as mães socializam as crianças para a reprodução da divisão social do trabalho (BARRET, 1980 apud MCMAHON, 1999). Pode-se considerar que as mulheres são dominadas pelo próprio exercício desse trabalho, assim como trabalhadores são dominados no próprio exercício do trabalho assalariado mal pago e não valorizado (DELPHY, LEONARD apud MCMACHON, 1999). O trabalho doméstico também é alienado, naturalizado e coisificado, exterior aos indivíduos que dele participam (BARBOSA, 2001).

A desvalorização do trabalho doméstico das mulheres é entendida por Engels (s.d.) como um fenômeno que remonta às origens do capitalismo. A passagem do direito materno para o paterno na história da Europa, foi marcada pelo interesse de acumulação de bens, e reduziu a mulher e os filhos à subordinação aos homens. “O trabalho da mulher perdia agora sua importância perante o trabalho produtivo do homem.” (ENGELS, s.d., p. 173). Na família patriarcal, o trabalho doméstico passou a ser um serviço privado, com a mulher subordinada ao homem que dá o sustento e assume a posição de dominador, reproduzindo na relação conjugal, a divisão de classes. É interessante lembrar que a palavra família vem de *famulus* que quer dizer escravo doméstico, e família seria o conjunto de escravos pertencentes

a um mesmo homem com poder sobre todos os membros da família, na Roma antiga. Neste panorama de dominação masculina, se desenvolveram séculos de reprodução da família no mundo ocidental (ENGELS, s.d.).

Com o desenvolvimento da industrialização e da urbanização no mundo ocidental e no nosso país, se acirrou a desvalorização do trabalho doméstico, já que o trabalho assalariado afastou os homens de casa e as mulheres ficaram confinadas ao lar (KERGOAT, 1989; GIFFIN, 1998). Em grande parte do século passado, no nosso país, as mulheres ficaram presas às funções de esposa e mãe, responsáveis pela família e formação dos indivíduos para o fortalecimento da nação (BESSE, 1999). O cuidado como tarefa das mulheres foi reforçado pela própria medicina que para socialização de uma força de trabalho saudável, disciplinada e despolitizada. Tudo que se relacionava às mulheres, suas queixas e preocupações eram entendidas como problemas das mulheres, e portanto, de menor valor do que as ocupações dos homens (COSTA, 1979; ROCHA-COUTINHO, 1994; BESSE, 1999).

Nos dias atuais, as necessidades econômicas provocaram a entrada maciça das mulheres no mercado de trabalho nos dias atuais, aumentando os afazeres das mulheres, criando o conflito entre o trabalho e o cuidado com os filhos (GIFFIN, 1994, 1998, 2002). O trabalho assalariado das mulheres, muitas vezes entendido como um avanço feminista, não significou uma independência nem estabilidade financeira. Cuidar dos filhos continuou sendo uma atividade da vida privada e desvalorizada, e agora mais ainda, pois significa um impedimento para o crescimento pessoal no mercado de trabalho (GERSON, 2002).

As donas de casa de classe média no nosso país, antes valorizadas pelo seu status de rainhas do lar (ROCHA-COUTINHO, 1994), passaram a buscar independência financeira e o valor da maternidade começou a competir com o valor do trabalho remunerado (ROCHA-COUTINHO, 1998, 2003). O trabalho da mãe de classe média passou a ser realizado maciçamente por outras mulheres que poderiam receber menos por esta tarefa, para que as

profissionais de classe média ganhassem mais em outras tarefas. Assim, as mulheres reproduzem a lógica da mercantilização, no próprio cuidado, já que ele é menos valorizado comercialmente do que outros trabalhos remunerados (HOCHSCHILD, 2005). O trabalho de cuidado com os filhos, apesar de sua importância e especificidade, é claramente desvalorizado:

O valor baixo do trabalho de cuidado não resulta da ausência de uma necessidade ou da simplicidade ou facilidade para ser feito. Particularmente, sua desvalorização resulta de uma política cultural de desigualdade. Pode ser comparado com a desvalorização das colheitas de alimentos básicos para produtos comparados a produtos manufaturados no mercado internacional. Embora claramente mais necessários à vida, as colheitas de trigo e arroz alcançam preços baixos e descendentes, enquanto os produtos manufaturados são cada vez mais valorizados. Exatamente como o mercado mantém o Terceiro Mundo inferior na comunidade das nações, assim o valor baixo de mercado do cuidado mantém o status das mulheres que o fazem e em última forma, o status de todas as mulheres. (HOCHSCHILD, 2005, p. 9)

O entendimento do cuidado como um trabalho, embora possa soar estranho diante de todo o envolvimento afetivo que envolve, não desqualifica o conteúdo amoroso desta tarefa:

Falar de algo como trabalho é realmente tomá-lo a sério, como uma atividade humana necessária (preciosa), que para uns é valorosa o suficiente para ser vista como valiosa para ser explorada. [...] Eu não posso pensar de uma maneira melhor de respeitar o amor do que ver que ele é capaz de ser explorado (MCMAHON, 1999).

Mas não é só o status das mulheres, é o status do cuidado com a vida que está em jogo. O excesso de mão-de-obra permite que o capitalismo não cuide da qualidade de vida dos trabalhadores.

Vejamos agora, como homens e mulheres entre o mercado de trabalho e o cuidado com a família no mundo globalizado, que discutiremos a seguir.

#### **4.1.4 Conflitos atuais entre trabalho de cuidado e o trabalho remunerado**

A necessidade das mulheres trabalharem intensificou a desvalorização do trabalho doméstico de tempo integral. Com o empobrecimento, foi diminuindo a opção de uma



mulher que desejasse se limitar aos compromissos ao cuidado doméstico. Por outro lado, os homens ficaram livres de sustentar mulheres e crianças, mas se vêem pressionados a se envolverem com o cuidado. Pais e mães vivem divididos entre família e trabalho e entre as estratégias para serem independentes financeiramente e terem compromisso com a família.

Na corrente de desvalorização do cuidado, se comportam os homens com suas companheiras. Para um homem cuidar da casa e dos filhos, ele deve enfrentar o desafio da desvalorização social do cuidado. Ainda identificados como provedores, os homens não querem se identificar com este trabalho tão desvalorizado socialmente. A pesquisa com homens desempregados no nordeste do país, mostra que mesmo aqueles que estão em casa, desempregados, não se ocupam do trabalho doméstico, mantendo as mulheres sobrecarregadas (NASCIMENTO, 2006). Desta maneira, mantém sua dominação sobre as mulheres, fazendo-as desempenhar o trabalho pesado da casa (MCMAHON, 1999).

Com os salários baixos, pais e mães ficam mais tempo fora de casa e vivem dilemas que envolvem escolhas difíceis, entre alternativas igualmente desejadas que entram em conflito com contextos sociais que dificultam e até impedem sua liberdade de escolha. Mulheres entrevistadas no Rio de Janeiro entendem a autonomia feminina como condição para a felicidade no casamento e assim vivem divididas e multiplicadas entre serem profissionais e mães (ROCHA-COUTINHO, 2002). As barreiras para igualdade de gênero e integração família-trabalho criam uma nova divisão de gênero entre mulheres que buscam independência pessoal e homens que se preocupam com a perda dos privilégios tradicionais. Nos arranjos familiares atuais, nos meios urbanos, a família é construída em torno de compartilhar o dinheiro, mas sem tempo para o cuidado (GERSON, 2002).

O estudo com trabalhadores americanos de classe média, de ambos os sexos, revelou que apesar de se dizer que “a família vem primeiro”, poucos trabalhadores questionam as longas horas de trabalho, mesmo em empresas onde há flexibilidade e licença-paternidade ou

outras formas de apoio às famílias. Foi observada uma inversão nos sentimentos em relação ao trabalho e à casa, para homens e mulheres. As mulheres, principalmente, se sentiam mais realizadas na empresa, pela percepção de que essa jornada não é uma obrigação, como a jornada doméstica. Já os homens ficavam mais à vontade em casa do que no trabalho, pois em casa não são cobrados a trabalhar como na empresa. Neste quadro, principalmente as mulheres desenvolvem um uma terceira jornada: o trabalho das emoções para lidar com a dupla jornada, somado ao custo emocional da negação do problema quanto dos problemas conjugais a ele referidos.. Há ainda o trabalho emocional para reparar o dano causado pelas pressões do tempo, pois as crianças resistem a esse ritmo de vida familiar. Fazem birra quando querem dormir e têm que acordar cedo para cumprir o horário da mãe. Resistem a comer rapidamente e querem brincar fora da hora que a mãe dispõe. O dilema também irrita e angustia a mãe que faz seu filho viver o seu mesmo ritmo corrido (BONELLI, 2004; HOCHSCHILD, 2001). Nesse quadro, o trabalho fora de casa parece ser mais estimulante e dar um sentido de pertencimento, do que a casa, que se tornou um lugar estressante, no qual há trabalho demais para ser feito em muito pouco tempo (HOCHSCHILD, 2001; BONELLI, 2004). Embora o estudo tenha sido feito entre americanos, fala de uma realidade bem próxima à das mulheres dos nossos centros urbanos.

As estratégias morais para negociar conflitos entre família e trabalho implicam em transformar visões tradicionais de gênero presentes nas instituições e que frustram as aspirações de cada um para equilibrar autonomia com cuidado com os outros. Homens e mulheres enfrentam riscos e perigos mas também herdam uma oportunidade sem precedentes de forjar formas de equilibrar desenvolvimento pessoal com compromisso com outros, ambos igualmente importantes (GERSON, 2002).

Não está claro contudo, se as mudanças no gênero vão produzir equidade, igualdade ou novas formas de desigualdade (GERSON, 2002). Como já discutimos na seção sobre

desigualdades sociais, os conflitos entre trabalho e casa são resolvidos de maneiras diferentes, de acordo com a capacidade financeira, ficando mais prejudicadas as famílias com menos recursos. Nas condições de desigualdades econômicas, relações alienadoras do trabalho e desvalorização do trabalho de cuidado, as pessoas se voltam para si mesmo, se endurecendo emocionalmente e se desligando das necessidades dos outros, como discutiremos na próxima seção.

#### **4.1.4 Individualismo e endurecimento emocional ao sofrimento alheio**

Na sociedade capitalista, a alienação de si mesmo e a competitividade marcam as relações pessoais:

[...] voltamos para a pré-história da humanidade, quando a sobrevivência era a única meta. Nessa selva mercantil e institucional, a agressividade e a competição voltam a encenar a seleção natural, agora batizada de seleção cultural. Cada indivíduo é transformado em predador. E, apesar de tudo isso significar um gigantesco retrocesso, na maioria das vezes é apresentado ao mundo como progresso civilizatório (OLIVEIRA, 2004).

Vivemos a exacerbação do individualismo, onde se nega o esforço de muitos que trabalham para o enriquecimento de uma só pessoa e neste clima competitivo, a empatia e o cuidado ficam prejudicados. Nos diferenciamos profundamente de povos em que homens e mulheres compartilham o cuidado .

Generosidade e cuidado mútuo são valores que recebem pouco estímulo social:

Há um descuido e um abandono dos sonhos de generosidade, agravados pela hegemonia do neoliberalismo com o individualismo e a exaltação da propriedade privada que comporta.

Menospreza-se a tradição de solidariedade. Faz-se pouco dos ideais de liberdade e de dignidade para todos os seres humanos. (BOFF, 1999, p. 18)

Há um discurso dominante sobre as pessoas se tornarem bem centradas que, se por um lado é proveitoso para o crescimento pessoal, por outro, supervaloriza a auto-suficiência, desconsiderando a interdependência e atenção ao outro (SENNET, 1979) Nesta cultura

individualista que vivemos, a sexualidade é vivida muitas vezes de forma passageira, acirrando o isolamento das pessoas (BAUMAN, 1998), e dificultando a expressão da potência cuidadora pelo outro. Existe uma ênfase à individualização, ao cuidado de si e uma valorização da vida privada, fenômeno associado à política neoliberal de enfraquecimento das políticas sociais. A individualização e privatização dos valores que vivenciamos no neoliberalismo, leva à responsabilização individual por problemas sociais. Na própria discussão do cuidado paterno, encontramos pesquisas que relacionam os maiores riscos de problemas emocionais e delinqüências, ao fato de filhos serem criados sem pais. Estas pesquisas não consideram contudo, que estes jovens crescem em condições de pobreza, sem escolas e sem proteções sociais para o cuidado de suas vidas (MCMAHON, 1999). Sabemos que de maneira similar, como a valorização da maternidade ao longo da história, se relaciona com necessidades políticas e sanitárias, gerando um controle sobre o comportamento das mulheres e sua culpabilização pela felicidade dos filhos (BADINTER, 1985, ARIÈS, 1981; DONZELOT, 1982).

O processo de exacerbação da individualização está presente na vida social desde muito cedo. Grande parte do ensino é forjada para atender às demandas competitivas do mercado de trabalho, reforçando a alienação de si mesmo:

Tudo na escola é triste porque prepara os jovens sobretudo para o trabalho. [...] O trabalho é um sétimo da vida. Então a escola não deve preparar para um sétimo da vida, mas deve preparar para toda a vida. Tem que preparar para o tempo livre: como escolher um filme, como escolher um livro, como tirar férias, como fazer amor, como viver e como ser cidadão. Se a escola parar de educar só para o trabalho e educar para a vida, automaticamente se tornará uma escola feliz (DI MASI, 2001).

A educação fornecida às crianças, está relacionada ao modelo de ciência hegemônica, com base na racionalidade, que não costuma estimular o cuidado com o objeto de estudo (BOFF, 1999; JAGGAR, 1997; GIFFIN, 2006).

No entanto, apesar da educação para o mercado de trabalho, as mulheres encontram ao longo da vida, muitas oportunidades para se conectarem com sua afetividade e desenvolverem sua potencialidade de cuidado. Para os homens, contudo, não há expectativa de envolvimento com o cuidar, voltados principalmente para a vida laborativa. Sua experiência portanto é muito distante daquelas desenvolvidas entre os Arapesh e pigmeus Aka.

Mesmo interessados em fazermos transformações, “nossos esforços de mudança podem ser solapados e traídos pela vida de nossos corpos, [pelo] corpo dócil e regulado, colocado a serviço das normas da vida cultural e habituado a elas” (BORDO, 1997, pp. 19-21). Essa expressão das normas culturais no corpo, se dá de maneira involuntária, além do alcance da consciência (BOURDIEU, 1999 a; BORDO, 1997). Nas condições sociais descritas, esquecemos de nós mesmos e nos preparamos para nos defendermos de outras pessoas temidas como competidoras. E assim é impedido o exercício do amor por nós mesmos e pelos outros, num endurecimento emocional que se expressa na vida individual e se propaga nas relações. Os impulsos para buscar a conexão com o outro através do amor e do ato de cuidar, encontram esses endurecimentos emocionais e não conseguem se expressar livremente (AFONSO, 2005; VOLPI, 2004).

A civilização humana avança na medida em que avançam os cuidados com os indivíduos e com a coletividade. Vejamos algumas possibilidades para o estímulo ao cuidado dentro do quadro social em que vivemos.

#### ***4.2 Possibilidades para a ética do cuidado***

Diante deste quadro social, Leonardo Boff tem sido um importante porta-voz de uma ética do cuidado, voltada para reconstrução de parâmetros que permeiam as relações de poder, trabalho e gênero. Sua obra toca o coração de quem o lê, e este é seu objetivo: sensibilizar as

peças através do amor, para a importância e a urgência de uma postura cuidadora da vida. Suas palavras alimentam a fé na possibilidade de despertar desse amor, central para o cuidado, pois permitirá buscar a sintonia com os seres humanos ou a natureza, o acolhimento e o respeito. O amor dá sentido à existência do outro, já que quando se ama se deseja que o outro exista (BOFF, 1999, 2003 a, 2003 b. 2004; MURARO, BOFF, 2002).

Trata-se da recuperação “do encantamento pelas relações que sustentam todos os seres”, numa revolução através da ternura. Boff relembra o poeta Gentileza que espalhou pelas ruas do Rio de Janeiro: “gentileza gera gentileza” numa retomada do essencial da vida que é o amor (BOFF, 1999, p.27) Há que se recuperar o que tem importância e definitivamente conta na vida, o amor, para emergir a dimensão de alteridade, de respeito ao outro e de sacralidade da vida. O amor pelos muitos habitantes da Terra é a concretização da ética do cuidado (BOFF, 1999).

A postura profundamente amorosa de Leonardo Boff entende que a Terra atravessa uma crise que nos transforma e que permitirá a retomada do cuidado. O desequilíbrio pautado na dominação sobre todos os seres, permitirá a passagem para um novo equilíbrio que recuperará o cuidado propulsor fundamental das ações. Crises como esta, disparam o alarme para o risco de destruição da vida e podem promover o despertar do cuidado (BOFF, 1999, 2002, 2003). Na vida pessoal e na vida social, é a consciência da crise que permite a emergência do cuidar. E desta maneira, se expressará a ética fundamental do ser humano: o cuidado como compaixão, amor, solidariedade por todos os seres da Terra (BOFF, 1999, 2003). Cuidado é tema que precisa estar presente nas mentes e corações humanos para o enfrentamento das desigualdades sociais. Entretanto, falar de amor é um grande desafio neste nosso mundo dominado pela exploração e falta de compaixão por multidões de pessoas.

Cuidado vem se fazendo presente no discurso e ação ecológica, e começam a acontecer políticas internacionais que discutem o esgotamento dos recursos naturais pela exploração

descontrolada da natureza. Surgem propostas de preservação, regeneração e trato com a natureza e o projeto de sociedade sustentável. Sustentabilidade compreendendo todos os seres em ecossistemas, e promovendo o equilíbrio dinâmico que permita a todos participarem e serem incluídos no processo global. O desafio são os compromissos econômicos, onde a acumulação de bens se dá à custa de desigualdades sociais e destruição do próprio meio ambiente (BOFF, 1999, 2003).

As saídas para a crise ecológica só serão encontradas na solidariedade, no cuidado com o outro, na construção de possibilidades coletivas em que se reconheça a ligação entre todos os seres. A proposta corrente de desenvolvimento sustentável pressupõe a solidariedade entre os povos, envolvendo uma nova política mais cuidadora. Nesse entendimento, os valores humanos e do meio ambiente devem ser considerados tanto quanto os valores mercadológicos (SHIVA, 1993). No entanto, a concepção de igualdade com diversidade é frágil e não encontramos evidências de que este seja o desejo político dos países mais ricos. Há necessidade de construção de um imaginário grupal mais fraterno e solidário e exercitarmos uma nova utopia de fortalecimento de laços políticos, comunitários, econômicos, culturais, ecológicos e culturais expandindo a noção de direitos humanos de todos (D'ÁVILA, 2004; MACIEL, 2003).

As transformações na relação com o trabalho constituem um caminho fundamental para geração do cuidado social:

O que nossa civilização precisa é superar a ditadura do modo-de-ser-trabalho-produção-dominação. Ela nos mantém reféns de uma lógica que hoje se mostra destrutiva da Terra e de seus recursos, das relações entre os povos, das interações entre capital e trabalho, da espiritualidade e de nosso sentido de pertença a um destino comum. Libertados dos trabalhos estafantes e desumanizadores, agora feitos pelas máquinas automáticas, recuperaríamos o trabalho em seu sentido antropológico originário, como plasmação da natureza e como atividade criativa, trabalho capaz de realizar o ser humano e de construir sentidos cada vez mais integradores com a dinâmica da natureza e do universo. (BOFF, 1999, p.102)

Outra possibilidade de transformação da relação das pessoas com o trabalho é a “reengenharia do tempo”, buscando conciliar o trabalho remunerado com a vida doméstica:

A reengenharia do tempo é um grande desafio a uma reinvenção da sociedade em que vivemos hoje. Desta vez, não em defesa dos lucros do capital, mas dos lucros existenciais para as pessoas comuns em uma relação saudável entre indivíduos, empresas e governos (OLIVEIRA, 2004).

Esta reorganização implicaria numa redução do horário de trabalho fora de casa, considerando as necessidades do mercado e dos trabalhadores. “A reengenharia do tempo é um esforço, isto sim, de desocultar a vida privada, sublinhando sua importância e o tempo que ela requer” (OLIVEIRA, 2004). Esta reorganização do trabalho evitaria o sofrimento da dupla jornada feminina, já que a questão da inserção dos homens no cuidado atualmente não se resolve apenas na relação entre homens e mulheres dentro de casa:

Deslocar o debate já gasto sobre a dupla jornada para uma questão bem mais complexa que é, para homens e mulheres, uma nova articulação entre vida privada e mundo do trabalho. Para além da produção de bens, estou preocupada com a produção de nós mesmos, de uma nova arte de viver. A divisão das tarefas domésticas será uma consequência de uma série de outras transformações. [...] Não estou pedindo apenas uma mudança de rumo na vida das mulheres, nem redes institucionais de apoio a elas. Mas que homens e mulheres reorganizem seu tempo em função de novos valores (OLIVEIRA, 2003).

Este equilíbrio entre o profissional e o privado pode ser alcançado com políticas públicas, tais como em países nórdicos da Europa, que começam a considerar o cuidado com a família, com licenças de alguns meses acessíveis ao pai ou à mãe, a critério do casal. Na Suécia há uma licença remunerada equivalente a 90% do salário, que pode ser utilizada em tempo integral ou em tempo parcial, pelo pai ou pela mãe, até que os filhos completem oito anos. Na Noruega, os pais podem tirar até um ano de licença com 90% do salário pago e 80% deles tiram mais de um mês de licença. Lá, todos os municípios são obrigados a oferecer um lugar para permanência de crianças a partir de um ano, se os pais estiverem trabalhando ou estudando. Na Holanda, o empregado tem direito de modular seu horário de trabalho sem precisar apresentar justificativa, em toda empresa com mais de dez empregados (OLIVEIRA, 2004). Políticas de redução de carga horária máxima de trabalho com direito a licenças garantem aos pais o direito de trabalhar meio expediente, enquanto seus filhos são pequenos, na Suécia, Noruega e Dinamarca. Nestes países, políticas de apoio a pais e mães solteiros ou



casados têm impacto na constituição e bem-estar dos casais e na sua disponibilidade para o cuidado com os filhos (HOCHSCHILD, 2002, 2005; SEWARD, 2006).

Embora a redução do horário de trabalho e aumento de licença-paternidade possam incentivar os homens para o cuidado, ainda há uma predominância do uso da licença para as mulheres, evidenciando que este é um processo lento de transformação da ideologia machista. (MCMACHON, 1999; SEWARD, 2006). Precisamos considerar ainda, que nosso país, a aplicação de propostas como estas, enfrenta a dificuldade da garantias sociais mínimas para trabalhadores homens e mulheres, além da dificuldade da isonomia salarial de gênero.

Outra grande área onde o cuidado precisa se implantar é no saber científico para se recuperar tudo que fora eliminado como contrário à razão, respeitando a comunhão de todas as coisas entre si. A ciência produzida a partir do movimento feminista vem dando importante contribuição para a integração entre amor e conhecimento, entre subjetividade e objetividade (GIFFIN, 2006; JAGGAR, 1997). É preciso colocar o bem-estar coletivo da sociedade e do meio ambiente acima dos interesses exclusivamente humanos, e principalmente, acima dos compromissos mercadológicos. Significa “colocar-se ao pé de cada coisa que queremos transformar para que ela não sofra, não seja desenraizada de seu habitat e possa manter as condições de desenvolver-se e co-evoluir junto com seus ecossistemas e com a própria Terra” (BOFF, 1999, p. 102). Cuidado, responsabilidade e compaixão são atitudes necessárias para os propósitos de integrar todos os aspectos da vida, ultrapassando portanto as visões que fragmentam o mundo. O cientista no seu laboratório precisa atuar em comunhão com o sagrado do seu trabalho, para que possa encontrar os critérios éticos que pautarão sua produção que será desta forma, cuidadora de todos os seres na Terra (BOFF, 1999, 2003).

A educação e a saúde são duas áreas que necessitam de foco para o cuidado. O cuidado e o amor na relação entre professor e aluno é fenômeno importante na aprendizagem,

permitindo que o aluno participe do processo educacional liberto das pressões que impedem a criatividade. O bom professor ama seus alunos para que eles possam contribuir para o respeito e fortalecimento de suas comunidades. Onde o amor prevalece, é possível reflexão sobre a opressão, e mobilização coletiva para a sua superação (PARK, 2001). O amor na educação gera, portanto, uma forma cuidadora de se relacionar com a humanidade e a natureza. Da mesma maneira, se espera que os profissionais de saúde, cuidadores por excelência, se conscientizem da interação e profundidade das relações para se prontificarem a cuidar de outras pessoas (AYRES,2001).

Políticas sociais que respeitem a vida das pessoas, que facilitem a espontaneidade e criatividade, podem ser facilitadoras do encontro das pessoas com elas mesmas e do comportamento de cuidado. Como vimos, homens e mulheres para cuidarem, enfrentam desafios presentes na alienação no trabalho, no conflito entre trabalho e cuidado, no individualismo, competitividade e consumismo que geram endurecimentos de si mesmas. Vejamos agora, os desafios específicos dos homens para o cuidado, no próximo capítulo.

## 5. O CUIDADO PELOS HOMENS

Entendendo que diferentes aspectos da vida social afetam as capacidades individuais para a expressão do cuidado, podendo até impedi-la, consideraremos agora as discussões específicas relacionadas ao exercício do cuidado pelos homens. Analisaremos os desafios que os homens enfrentam tanto a nível pessoal quanto social, para o exercício do cuidado, tais como o padrão hegemônico de masculinidade que os pauta como fortes, que não precisam de cuidados e aumentam suas vulnerabilidades. Os homens vivem este processo de identificação de gênero dialeticamente, envolvendo acomodação e resistência aos padrões tradicionais e novos da masculinidade e da paternidade. Discutiremos o conflito entre o modelo de autoridade distante e a proposta de paternidade cuidadora. Será tratada ainda, a pouca visibilidade social dos homens cuidando e alguns casos que explicitam sua capacidade para esta prática. E finalmente, consideraremos as dificuldades enfrentadas por homens para cuidarem de seus filhos sem as mulheres, principalmente a questão da guarda paterna, um dos desafios que se destacaram na experiência dos pais pesquisados neste estudo.

Na segunda seção deste capítulo, serão apresentados os estudos que indicam haver uma relação entre a identidade psíquica dos homens e sua ausência no cuidado. Analisaremos os estudos que indicam que os homens teriam um raciocínio moral diferenciado das mulheres e distante da dedicação às pessoas. No entanto, outros estudos e posicionamentos mostram que o raciocínio do cuidado é afetado por diferentes condições da vida além do gênero. Além disso, há vários tipos de homens e mulheres numa mesma cultura. Apresentaremos ainda reflexões sobre os homens serem conectados e cuidadores de modo diferente das mulheres. Concluiremos esta discussão, apontando que afirmações sobre constituição

psicológica diferenciada de gênero podem perpetuar a dominação masculina do trabalho de cuidado das mulheres e a ausência dos homens neste campo.

### **5.1 Desafios para os homens no exercício do cuidado**

Analisaremos agora os desafios específicos dos homens na vida diária para exercerem o cuidado. Parto da discussão sobre a relação entre a masculinidade hegemônica, as vulnerabilidades vividas pelos homens e o permanente processo de acomodação e resistência atravessado na construção de gênero. Apresentarei o desafio vivido pelos homens, no conflito entre o modelo de autoridade distante e a proposta de paternidade cuidadora, e a dificuldade dos homens abram mão de posturas e privilégios da dominação masculina para cuidarem. Será discutida a pouca visibilidade social de práticas cuidadoras entre os homens e os empecilhos à guarda paterna nos meios jurídicos, um dos aspectos que se destacaram na experiência dos pais pesquisados neste estudo.

#### **5.1.1 Dominação e vulnerabilidade**

As representações hegemônicas de masculinidade excluem as atividades de cuidado constituindo um desafio o envolvimento dos homens com os cuidados com a família, com a comunidade e com eles mesmos. Em consequência, são geradas grandes vulnerabilidades masculinas a doenças, acidentes e violência com eles mesmos, com a família e com os outros homens, com grande custo para a sociedade (KEJZER, 1997; GUERRIERO et al, 2002; BARKER, 2003, 2004; LAURENTI, 2005; SCHRAIBER et al, 2005; SOUZA, 2005). Sua pouca atenção ao cuidado está relacionada ao seu esforço para se adaptarem ao modelo de masculinidade predominante em nossa sociedade, que prescreve que sejam fortes e ocultem

suas fragilidades e necessidades (CONNELL, 1995 a, 1995 b, 1998; NOLASCO, 1993,1995,1997; VIEIRA, 2004).

A masculinidade hegemônica não corresponde à realidade dos homens, sendo apenas um modelo cultural ideal que controla seus comportamentos. Determina o padrão para o gênero masculino, sendo manifesto em diferentes espaços de socialização dos homens, tais como na família, na sua educação, na divisão sexual do trabalho, na escola, nos esportes e nos ambientes de trabalho. Os corpos e as identidades dos homens, incluindo suas emoções e sentimentos estariam permanentemente sendo influenciados por este padrão. A maioria dos homens viveria o esforço de tentar se ajustar a este modelo caracterizado pelo estereótipo do homem branco, heterossexual, forte fisicamente, provedor, bem remunerado, ativo sexualmente e homofóbico. (CONNELL, 1995; ALMEIDA, 1995).

O gênero não marca igualmente todos os homens. Por exemplo, homens pobres e negros são mais afetados negativamente pelos estereótipos da masculinidade, já que o racismo tem um impacto sobre o estereótipo dos negros. Nascimento (2000) se refere aos homens negros como feridos em seu narcisismo, o que facilitaria sua busca por refúgios em condutas agressivas e violentas em relação a si mesmos e aos outros. Por outro lado, os preconceitos de classe reforçam estereótipos quanto ao afastamento dos homens do cuidado, com o argumento de que os homens seriam violentos, como revelou a pesquisa já citada, com pais no nascimento da criança no Rio de Janeiro (CARVALHO, 2001, 2003).

O entendimento de um padrão de masculinidade hegemônica não exclui portanto, a existência de masculinidades não hegemônicas, com menos status social, já que haveria diversas “masculinidades” construídas na relação entre o pessoal e o social (CONNEL, 1995; ALMEIDA, 1995). O gênero não pode ser entendido como uma consequência de normas sociais e contextos situacionais. É construído na interação entre o pessoal, as normas sociais e os contextos, num encontro entre os desejos e traços de personalidade, com o social, criando

uma organização individual (CHODOROW, 1999; CROSS, MADSON, 1997). Valores e atitudes internalizados de gênero não seriam resultados apenas da imposição da sociedade, já que “a dialética da acomodação e resistência é uma parte da resposta de *todos* os seres humanos à contradição e à opressão” (ANYON, 1990, p. 16). A acomodação e resistência seriam reações às situações contraditórias que a sociedade apresenta, numa luta ativa interna para chegar a um acordo entre conflitos gerados pelas expectativas sociais. O desenvolvimento de gênero envolve portanto, “tanto recepção passiva quanto *resposta ativa às contradições sociais*.” (ANYON, 1990, p. 14, grifos da autora). A acomodação pode se dar por atos de aparente resistência, mas por outro lado, a resistência pode ocorrer por atos de aparente acomodação pessoal. Estes processos de acomodação e resistência são esforços individuais que caracterizam ações politicamente enfraquecidas pois não removem as causas sociais das contradições. Nesse processo, ambos os sexos nem aceitam nem rejeitam totalmente os papéis sexuais. (ANYON, 1990).

Temos portanto, a presença de comportamento masculinos que poderíamos entender como acomodação, que correspondem às expectativas da masculinidade hegemônica, quanto os comportamentos masculinos contra-hegemônicos, resistentes a essa ideologia (BEZERRA DA SILVA, 2005). Se por um lado, uma mulher que consiga sucesso profissional, pode se considerar inadequada no mundo do trabalho, muitas vezes definido em termos masculinos, por outro lado, podemos compreender os conflitos dos homens para assumirem o cuidado, atividade tão identificada com as mulheres. Uma pesquisa-ação realizada recentemente com homens no Rio de Janeiro mostrou:

(...) as ambigüidades traduzidas no modo como esses homens resistem ou se acomodam às pressões das ideologias dominantes. Assim, um homem pode, em um determinado momento, descrever sua experiência com base na introjeção dos preceitos de uma formação social tradicional opressiva e profundamente arraigada. Num outro momento, esse mesmo homem pode estar expressando sua perplexidade diante do novo, seu desconforto com o estabelecido, e sua identificação com a luta por um mundo onde as relações humanas sejam mais igualitárias e mais justas (BEZERRA DA SILVA, 2005, p. 155).

Os homens que exercem com mais facilidade sua afetividade estariam entre as formas não dominantes de masculinidade e sofreriam os preconceitos sociais à não correspondência ao padrão (ALMEIDA, 1995; CONNELL, 1995 a , b). Como já vimos, afetividade e cuidado são de menor valor social e atribuídos às mulheres. Sendo assim, os homens muitas vezes preservam sua identidade masculina evitando a manifestação desses comportamentos. Nesse processo, sofrem psicologicamente ao tentarem se afirmar nesses padrões da masculinidade. Desmistifica-se assim sua imagem como opressor satisfeito, revelando as dificuldades inerentes aos padrões a que estão presos (NOLASCO, 1993, 1995; GIFFIN, 2005).

No entanto, a leitura das fragilidades dos homens não pode vitimizá-los e esquecer o jogo de poder de gênero. A masculinidade hegemônica seria sustentada pela gratificação fantasiosa e real que ela proporciona aos homens, pois a dominação masculina cria benefícios aos homens, como melhores salários e melhores colocações no trabalho, além da dominação nas relações conjugais (CONNELL, 1995,1998; OLIVEIRA, 1998; ALMEIDA, 1995; MCMAHON, 1999).

Nesse processo, existem interesses políticos e econômicos para o fortalecimento do padrão de masculinidade, já que os homens identificados com a força física e com a agressividade alimentam os exércitos para manutenção das situações da opressão social que interessam àqueles que realmente têm poder na sociedade, como já foi discutido anteriormente (CONNEL, 1995 b, 1998). É exatamente este padrão que traz aos homens os maiores riscos às suas vidas, principalmente entre aqueles de classes sociais mais pobres (SOUZA, 2005).

A masculinidade violenta traz risco para outros homens pois eles cometem e sofrem mais homicídios, sendo a maior parte da população presidiária. Além disso, sofrem mais de alcoolismo, cirrose hepática e tabagismo. Por uma representação de si mesmos como fortes

fisicamente e onipotentes, negam as doenças e têm muita dificuldade de pedir ajuda para se tratarem (KEIJZER, 1997).

### **5.1.2 Desafios aos cuidados com a saúde**

Cuidar-se parece ser um desafio mais acentuado entre os homens, do que entre as mulheres. Não significa que as mulheres se cuidem como deveriam, mas como o cuidado está mais afinado com a sua identidade de gênero, o pedido de ajuda e o acesso aos serviços de saúde ficam mais facilitados para elas. Esta exclusão dos homens está afeta à tradicional atenção da medicina à saúde das mulheres e crianças, consideradas mais frágeis (COSTA, 1979).

O descuido com a saúde se dá de forma significativa na área da sexualidade e da reprodução, aumentando as vulnerabilidades dos homens às DST/AIDS. A masculinidade hegemônica estimula: sentir-se forte, imune a doenças; ser impetuoso, correr riscos; ser incapaz de recusar uma mulher; considerar que o homem tem mais necessidade de sexo do que a mulher e de que esse desejo é incontrolável (GUERRIERO et al, 2002). A masculinidade machista traz prejuízos para a sexualidade e segurança física também das mulheres, que vivem nas relações conjugais uma grande submissão. Neste contexto, é grande o risco de transmissão de DST/AIDS e de gravidez não planejada (BARBOSA, 1999, 2001).

Outro desafio aos cuidados dos homens é que eles são vistos e se vêem como supostos conhecedores da sua sexualidade. No entanto, iniciam suas informações sobre a sexualidade na prática, mas ignorantes sobre sua própria sexualidade e a das mulheres. Os rapazes se interessam por buscar informações sobre sexualidade, mas não têm pessoas que possam orientá-los. A repressão sexual também está presente entre eles, já que não falam das suas dúvidas, frustrações e dificuldades no sexo. A determinação social de que os rapazes



“sabem” sobre a sexualidade encobre seus temores, afetando diretamente o uso do preservativo, pois os coloca como responsáveis pelo seu uso e se espera que sejam habilidosos em usá-la. O silêncio sobre suas dificuldades com a sexualidade e com o uso dos preservativos contribui para a sua falta de prevenção contra DST/AIDS (MELLO E SOUZA et al, 2003).

Além disso, sexualidade e reprodução costumam ser temas dissociados na vida dos homens. Mulheres trabalhadoras queixam-se da indiferença ou mesmo da sabotagem dos homens diante das tentativas delas regularem sua fecundidade (DINIZ et al, 1998). Para muitos homens, engravidar as parceiras seria um sinal de virilidade. A entrada na paternidade costuma promover a consciência da responsabilidade na sexualidade e na vida adulta como um todo (ARILHA, 1998, 1999 a, 1999 b; OLIVEIRA et al, 1999).

Uma possibilidade de entendimento do descuido dos homens por sua saúde repousa na ausência de investimentos do setor saúde nos cuidados com os próprios homens (CARVALHO, 2001, 2003; SCHRAIBER et al, 2005; TONELLI-SIQUEIRA, 2000; TONELLI-SIQUEIRA et al, 2003). Nos postos de saúde, as principais ações giram em torno das campanhas que têm a mulher como foco: vacinação dos bebês, prevenção de câncer de mama, aleitamento materno; pré-natal; atendimento pediátrico e ginecológico. Relatos dos homens participantes do *Seminário Homens, Redes Sociais e Políticas Públicas* sobre suas dificuldades em freqüentar os postos de saúde mostram que eles não se sentem à vontade num ambiente onde só se encontram fotos de mães e bebês.<sup>20</sup>

Como não freqüentam ambulatórios, os homens só costumam procurar os serviços de saúde em estado grave, formando o maior índice de hospitalização entre idosos (VERAS, ALVES, 1998). Um exemplo disso é a dificuldade dos homens se prevenirem contra o câncer

---

<sup>20</sup> Seminário promovido pelo projeto de pesquisa-ação Homens, Saúde e Vida Cotidiana, desenvolvido pelo Laboratório de Gênero e Saúde, NESC/UFRJ e pelo Núcleo de Gênero e Saúde, ENSP/FIOCRUZ, em março de 2000.

de próstata, cujo exame de toque retal envolve uma representação de ameaça à virilidade masculina, situação diretamente relacionada à ameaça da identidade da heterossexualidade e associada à homofobia.<sup>21</sup>

A necessidade da Organização Mundial de Saúde de normatizar condutas para conter epidemias sexualmente transmissíveis, levou à inclusão dos homens e do conceito e propostas de saúde reprodutiva de homens e mulheres, nos meios internacionais. No esforço de proteger principalmente as mulheres da gravidez indesejável, e pelo estímulo de grupos de homens voltados para a reflexão da masculinidade, os homens começaram a aparecer como objeto de cuidado nos programas de ação da Conferência Internacional de População e Desenvolvimento Social (CIPD), no Cairo e da IV Conferência Mundial sobre a Mulher (CMM), em Pequim, 1995 (ÁVILA, GOUVEIA, 1996; CORREA, 1999).<sup>22</sup> Nestes documentos, contudo, a atenção aos homens se deu em torno de paternidade responsável que se volta apenas para o controle da concepção e não para os cuidados dos homens com seus filhos (ARILHA, 1999 a, 1999 b).

Na grande maioria dos serviços públicos de pré-natal e de atendimento ao parto, no nosso e em outros países da América Latina, as práticas em torno do nascimento ainda não consideram os homens, estando comprometidas com os atributos tradicionais de gênero, onde gravidez e cuidado com as crianças são temas apenas pertinentes às mulheres (TONELLI-SIQUEIRA, 2000; TONELLI-SIQUEIRA et al, 2003; VILLA, 1998,1999; CARVALHO, 2001, 2003). Reforçam o afastamento do homem em relação aos cuidados com sua família desconsiderando as transformações que ocorrem nas novas conformações familiares, onde os homens são mais solicitados a cuidarem de crianças e da casa. Perde-se a oportunidade de facilitar a formação de vínculo entre ele e seus filhos, acentuando as dificuldades do casal na

---

<sup>21</sup> Questão levantada por Romeu Gomes na sua exposição oral, no painel Identidade e Masculinidade: Saúde do Homem, no Congresso da ABRASCO, realizado em Salvador, em 2 de agosto de 2003.

<sup>22</sup> O Brasil foi signatário destes documentos.

paternidade e na maternidade. Uma possibilidade de compreensão deste distanciamento é a própria representação de paternidade por parte dos profissionais (CARVALHO, 2001, 2003). Em função da submissão feminina nas relações amorosas, não basta apenas abordar a mulher nas ações voltadas para a anticoncepção (HEILBORN, 1997; BARBOSA, 1999; KEIJZER, 1997). No entanto, os cuidados com a saúde dos homens não podem entendê-los como coadjuvantes, complementares das decisões e vivências femininas na reprodução ou responsáveis pela saúde das mulheres (VILLA, 1998; MARCONDES, 1999; NASCIMENTO, 2000; KALCMAN, 1998; CARVALHO, 2001, 2003). Trata-se da permanente configuração do gênero pelas instituições sociais (LAURETIS, 1994).

Em países do hemisfério norte, nas três últimas décadas, começaram a surgir posicionamentos científicos e grupos reflexivos de homens questionando a masculinidade, nos mesmos modelos de reflexão do movimento feminista. Estas discussões foram repercussões de movimentos de homens nos países desenvolvidos, provocados pelo movimento feminista questionador do poder masculino. Levantaram-se assim, importantes posicionamentos no sentido de uma tomada de consciência das condições que o modelo de masculinidade impõe, que privilegia mas ao mesmo tempo, fragiliza os homens (GIFFIN, 2005).

No nosso país, a partir da década de 80, surgiram em alguns setores intelectuais urbanos os primeiros debates entre os próprios homens intelectuais de classe média, sobre a sua insatisfação quanto às atribuições da masculinidade e as relações de dominação com as mulheres (GABEIRA, 1986; COSTA, 1986; NOLASCO, 1993). A discussão sobre a divisão sexual entre afeto e razão passou a estar presente, refletindo o incômodo por parte dos homens com sua dificuldade para lidar com a afetividade, tradicionalmente pertencente ao mundo feminino. E neste sentido, o cuidado estava incluído, no que tange à vida afetiva dos homens com relação a si mesmos e às pessoas que os rodeiam.

Na década de 90 e início deste século, em algumas cidades do país, alguns profissionais começaram a desenvolver trabalhos com grupos de homens, na perspectiva da reflexão sobre o modelo hegemônico da masculinidade e de construção de novas possibilidades (NOLASCO, 1997; BARBOSA, 1998, 2000; GIFFIN, BARBOSA, 2000; MARCONDES, 1999; ARILHA, 1999, 2000; COSTA, , 1997; BEZERRA DA SILVA, 2005). Trabalhos como estes, apontam algumas possibilidades de mudança já que a transformação nos papéis sociais de um indivíduo, demanda uma tomada de consciência do conflito entre as heranças recebidas pelas gerações anteriores e sua proposta atual de ação (BOURDIEU, 1999 b).

Nesta discussão, teve papel importante a compreensão da falta do cuidado amoroso dos pais para formação da identidade masculina, causadora das grandes dificuldades para os homens lidarem com sua afetividade, e as possibilidades de exercício de uma paternidade mais afetiva (SILVEIRA, 1998). Grupos realizados com adolescentes, por exemplo, revelaram as dificuldades e o interesse dos rapazes em expressar seus sentimentos como um direito masculino (LOEWENSTEIN, BARKER, 1998).

No sentido da inclusão dos homens no trabalho de cuidado, começam a acontecer iniciativas de apoio aos pais, em instituições internacionais e nacionais (BARKER et al, 2003 a, b; MEDRADO et al, 2001). A paternidade tem se mostrado um dos temas atrativos para discussões mais amplas da masculinidade e revela que há interesse masculino nos temas relativos ao cuidado ((FONSECA, 1998; VILLA, 2001; KEITJER, 1997; BEZERRA DA SILVA, 2005). Por este motivo, este tema foi escolhido pela Prefeitura do Rio de Janeiro para introdução das temáticas das masculinidades na área de saúde. Foi criada a Semana e depois o Mês de Valorização da Paternidade, com impacto positivo em instituições de saúde e educação (PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO, 2007).

Em decorrência do movimento em torno da reflexão sobre a necessidade de cuidado específico aos homens, neste ano de 2007, tivemos a notícia do interesse do Ministério da

Saúde em criar ações específicas para esta clientela, sinal de que o movimento de reflexão sobre a masculinidade poderá trazer benefícios para o cuidado desta população. No entanto, é importante lembrar que as discussões sobre masculinidade devem incluir as condições sociais de vida mais ampla, já que muitos dos problemas dos homens não podem ser dissociados do contexto político e econômico de opressão da vida humana em que vivemos (GIFFIN, 2005).

### **5.1.3 Herança patriarcal**

Para os homens exercerem o cuidado na paternidade nos dias atuais, enfrentam o desafio do modelo de autoridade masculina presente nas heranças patriarcais no nosso e em muitos países. Mesmo considerando que há muitos modelos de famílias na história do nosso país, a figura do homem como a autoridade aparece como central (DEL PRIORE, 2000). Nas famílias rurais, onde todos os integrantes da família partilhavam o trabalho, era o pai quem dirigia esse trabalho, recebia a remuneração sobre a atividade de todos e determinava o modo de utilização da renda. Cabia a ele a iniciativa nas relações entre as famílias. Mesmo quando ao homem morria, em meados do século XIX e a mulher assumia a administração da fazenda e da família, não havia valorização de sua figura feminina (SANTOS, 1982).

Os homens tinham poder jurídico sobre mulheres e filhos comparado à propriedade da terra e dos escravos. Ao homem que cabia exercer o pátrio poder, isto é, o conjunto de direitos que a lei confere ao pai sobre a pessoa e os bens dos filhos. Era direito apenas do pai, dirigir a educação dos filhos, tê-los em sua companhia, posse e guarda, nomear-lhes herdeiro, e representá-los nos atos da vida civil caso fosse necessário, e nas queixas contra crimes que sobre eles recaíssem. Só em 1890, os pais passaram a compartilhar com as mães a

autorização para filhos menores de 21 anos casarem (ARAÚJO, 1993) Ao longo do século XIX, limitou-se a autoridade do chefe da família, com a penetração do Estado na esfera da família, mas a supremacia do poder masculino foi mantida. No código civil em 1916, foram mantidos os preceitos de origem canônica do casamento religioso baseado no Código Filipino que datava de 1603:

O homem era o representante legal da família, tendo a tutela marital e o pátrio poder. A ele competia administrar os bens comuns e particulares da mulher, optar pela localização da moradia, autorizar o trabalho feminino, bem como consentir ou não que a mulher estabelecesse residência fora de casa (ARAÚJO, 1993. p. 46).

A entrada do Estado e da política higienista normatizando as famílias, no entanto, tirou dos homens grande parte do seu poder, mas mesmo assim, permaneceu a maior parte da sua dominação sobre as mulheres, consideradas frágeis e dedicadas à maternidade. No início da república, cabia aos homens a responsabilidade exclusiva pela proteção autoridade sobre a família, não só com relação aos bens materiais, mas também quanto ao comportamento moral e felicidade (ARAÚJO, 1993, COSTA, 1979).

No período republicano, encontramos em documentos primários de famílias no Rio de Janeiro, a expressão do amor paterno em todas as classes sociais. Ao contrário do estereótipo de racionalidade e frieza sentimental, os homens expressavam sentimentos e afetividade. Embora nas famílias de elite não houvesse intimidade entre pai e filhos, os laços afetivos eram muito fortes, e até chocavam os estrangeiros pois as crianças compartilhavam atividades recreativas dos pais (ARAÚJO, 1993). Já nas outras camadas sociais, os filhos compartilhavam lazer e trabalho, com regras menos cerimoniais de tratamento, e com maior intimidade, já que onde não havia empregados domésticos, pais e filhos tinham contato mais direto.

Nessa discussão, não se pode esquecer que muitas mulheres trabalhavam fora mesmo tendo companheiros, e sempre existiram mães criando os filhos sozinhas, nosso país, desde o período colonial até os dias atuais. O modelo de conjugalidade burguesa não se reproduziu

nem se reproduz hoje, onde a necessidade e a pobreza criam condições diferentes para a educação de crianças. Estas, muitas vezes, circulam nas mãos de parentes para que as mães trabalhem fora (PRIORE, 2000; FONSECA, 2001). A ausência dos homens no cuidado ainda se reproduz no fato de que cerca de 1/3 das crianças no nosso país não têm o nome do pai no registro de nascimento (REDEFEM, 2001).

Temos que considerar que tanto no nosso país, como nos países da Europa, a noção de necessidades emocionais das crianças, necessitando de apoio paterno e materno, é uma construção histórica recente (ARIÈS, 1981; ARAÚJO, 1993). Na Europa medieval, o núcleo familiar pai mãe e filhos, não tinha uma importância especial, com a função apenas de assegurar a transmissão da hereditariedade, sem se envolver muito com o campo da afetividade. A valorização da infância e da sua afetividade também vem se construindo na Europa e na cultura de nosso país, nos últimos séculos. Na educação das crianças, a aprendizagem da ordem e da disciplina eram valores mais importantes no século XIX e ainda mesmo na primeira metade do século XX. O pai, no nosso e nos países europeus, era autoridade máxima que tinha o direito inclusive de mandar prender o seu filho. Nesse contexto, a relação dos filhos com o pai se baseia na obediência e não no vínculo amoroso, valorizado hoje como a base da família. A noção de amor materno e paterno e de necessidades das crianças, são construções sociais que se vêm se fortalecendo, ao longo da história. A expectativa de mãe e pai amorosos e com intimidade afetiva é recente na mentalidade europeia e na herança desta mentalidade presente em nosso país (ARAÚJO, 1993; ARIÈS, 1981).

O amor não podia ser a base para as relações estáveis de construção da sociedade, por ser entendido como um sentimento fraco para manter a estrutura familiar, baseada no patrimônio, na Europa do século XVIII e XIX. Era visto negativamente, como sinônimo de passividade, perda da razão, fragilidade e coisa passageira. Não caracterizava a identificação

com o outro, ou a capacidade de sofrer por alguém com este alguém ser feliz, como entendemos hoje, dentro da perspectiva de amor romântico e familiar (ARIÉS, 1981).

A reflexão sobre a autoridade paterna remonta à tradição judaica. Se honrar pai e mãe está nos Mandamentos, é porque esta não devia ser uma tarefa fácil. O cristianismo trouxe uma grande proposta de mudança incentivando o amor e indicando que o poder do pai deveria se estabelecer no interesse do filho e não no do pai. No entanto, apesar dessas propostas de amor e igualdade apresentadas por Jesus Cristo, o que vigorou na teologia católica, cuja base é o judaísmo, foi o reforço da autoridade paterna e marital. Perpetua-se ainda a imagem de Deus como pai autoridade e distante, espelho do poder com autoridade sobre as pessoas (BADINTER, 1985; ARIÉS, 1981). Leonardo Boff (2005) critica essa imagem de Deus como pai distante, herança judaico-cristã. Contrapõe a esta visão, o entendimento dos textos bíblicos que mostram uma relação de muita amorosidade de Jesus com Deus, a ponto de chamá-lo de paizinho. Destaca o ofuscamento que a Igreja deu para a figura de José, pai de Jesus, por ser este um simples trabalhador. Mas este trabalhador se mostrou companheiro da mãe e afetuoso com seu filho, já que Jesus, segundo os estudos de Boff, cresceu em ambiente que o assegurou afetivamente. No entanto, a figura de pai e de Deus como autoridades distantes, ainda vigoram.

Sabemos que a herança patriarcal está presente na reprodução do autoritarismo nas relações humanas de diferentes tipos (D'ÁVILA NETO, 1994). Na Psicologia, esse modelo de autoridade simbolizaria o introdutor da ordem e da lei, como no modelo da família burguesa européia de dois séculos atrás. Essa compreensão baseia-se no mito de Édipo, que precisou matar seu pai Laio, rei poderoso que quis assassinar o próprio filho, temendo a profecia que prescrevia que este filho o mataria. Este é um mito baseado na violência e ameaça.



Por outro lado, temos na cultura ocidental, a história de Jesus, cujo pai é representado como o homem amoroso, companheiro da mulher e do filho, como nos lembra Boff (2005). José é o pai que enfrentou desafios para assumir o filho ameaçado de ser morto por um rei. Um pai que não precisou ser morto para que o filho brilhasse. O pai que protege o filho. O filho que prega o amor e não precisa matar nem o pai nem ninguém para fazer brilhar seus ensinamentos. Esta reflexão é trazida aqui para entendermos o paradigma que pauta o entendimento da paternidade nos meios psicológicos, e que perpetua o modelo de paternidade e de Deus distante, dificultando a inserção dos homens no cuidado.

No entanto, é preciso considerar que pais próximos aos filhos provavelmente sempre existiram e que a divisão entre o mundo da casa e a vida pública, nem sempre corresponde à realidade das experiências de homens e mulheres, que muitas vezes compartilham os dois mundos (SCOTT, 1990). Vejamos a seguir, como vivem os pais atuais, entre a herança patriarcal e as novas demandas de cuidado paterno.

#### **5.1.4 Paternidade atual: entre o provedor, a autoridade distante e o cuidado**

A industrialização e urbanização levaram os homens a experimentarem poucas oportunidades para o convívio familiar, já que se voltam para o trabalho fora de casa (GIFFIN, 1998). Nos lares, costumam se comportar de forma a serem cuidados pelas suas companheiras, numa continuidade do cuidado que receberam de suas mães, sem se envolverem no cuidado com a família (PORTELLA et al, 2003). Contudo, em diferentes países no mundo, a crescente necessidade econômica cria uma transição de gênero onde a saída da mulher para o trabalho fora de casa, cria espaço para a entrada dos homens na educação dos filhos (GIFFIN, 1994,1998).

O homem vê diminuído seu poder dentro da família pois não é mais o único provedor, dividindo com a mulher este papel, embora ainda conserve seu lugar de autoridade (GIFFIN, 1998; VILLELLA, BARBOSA, 1996). Mesmo assumindo uma carga de trabalho remunerado igual à do homem, as mulheres, continuam responsáveis pela educação dos filhos e pelos cuidados com a casa. Desta maneira, os homens de todas as classes sociais no nosso e em diversos países, são solicitados a participar mais das tarefas da casa, embora isto ainda ocorra de maneira eventual, como uma colaboração à mulher (AQUINO, MENEZES, 1998, QUADROS, 1996, COWAN, COWAN, 1992; STEINBERG, KRUCKMAN, STEINBERG, 2000; GOLDSCHIEDER, 2000). Trata-se do processo de acomodação e resistência dos homens às novas formas de conformação de gênero da paternidade.

No nosso e em muitos países, há uma maior expectativa de participação masculina nos cuidados com a casa, num projeto de casal igualitário que traz alterações ao padrão tradicional de paternidade onde apenas cabia ao homem o papel de provedor (SALEM, 1987). Esta participação ainda é muito incipiente, e parece ser vivida com mais frequência, nos setores de classe média intelectualizada e psicanalizada, onde é possível que haja menos medo dos homens perderem o poder tradicional de macho (OLIVEIRA, 1998). No entanto observamos que as necessidades econômicas fazem com que esse modelo se expanda em diferentes classes sociais.

Entre as tarefas domésticas, está a atenção aos filhos. A ausência da mulher em casa provocada pelo trabalho e o crescente número de separações conjugais têm oferecido aos homens oportunidades maiores de convívio com eles. Desta forma, trocar fraldas, alimentar, tomar conta, colocar para dormir são tarefas antes impensáveis para os homens, casados ou separados, e que hoje começam a fazer parte de suas vidas (GADOTTI, 1998 ; EHRENSAFT, 1987). Trata-se de um desafio para aqueles que acreditavam na essencialidade dos atributos masculinos e femininos, derrubando o mito de que a capacidade para cuidar das

crianças seria inerente ao corpo feminino. Apesar das resistências, os homens estão tendo novas possibilidades de contato com os filhos, sem que esta seja uma atividade vivida por eles como de sua competência, caracterizada como uma “ajuda” à mulher, no nosso e em outros países (AQUINO, MENEZES, 1998; QUADROS, 1996; NASCIMENTO, 2000; UNBEHAUM, 2000; OLIVEIRA, et al, 1999; STEINBERG et al, 2000; NOLASCO, 1993, 1995, 1997; MONTGOMERY, 1992; PARENTE, 2001; BARKER et al, 2003 a, b; OLIVEIRA, et al, 1999; SILVEIRA, 1998; GOLDSCHIEDER, 2000; GADOTTI, 1998).

Mesmo entre aqueles que cuidam dos filhos, não há divisão igualitária destas tarefas, como mostram os estudos sobre paternidade, no nosso e em outros países (QUADROS, 1996; UNBEHAUM, 2000; MCMAHON, 1999; AQUINO, MENEZES, 1998; MARTINS, 2007) fenômeno que expressa a desvalorização do cuidado e do trabalho doméstico. Entre aqueles que relatam dividir igualmente as tarefas, há uma especialização entre tarefas paternas e maternas (EHRENSAFT, 1987).

O exercício da paternidade nos dias atuais, mostra a presença de dois modelos: a participativa e afetiva e a tradicional distância afetiva entre pais e filhos herdada do patriarcado (VILLA, 1998,1999), numa expressão do processo já citado de acomodação e resistência de gênero (ANYON, 1990). Os homens convivem com as representações herdadas de gerações anteriores, em que se identificam como provedores exclusivos da família, e com um exercício da sexualidade sem preocupação com a paternidade (ARILHA, 1998, 1999 b; LOEWENSTEIN, BARKER, 1998; ALMEIDA, 1995). A ausência dos pais no cuidado do lar estaria principalmente justificada por sua identificação histórica como provedor e autoridade imposta por uma grande distância afetiva dos filhos (ARAÚJO, 1993; QUADROS, 1996; OLIVEIRA, BILAC, LEAL, 1999; UNBEHAUM, 2000).

O interesse em participar dos trabalhos de cuidados com os filhos, presente entre alguns pais, não garante contudo, sua prática, já que eles têm poder de escolha das atividades nos

cuidados com as crianças, dando pistas da herança do modelo tradicional. Homens identificados com uma divisão igualitária do trabalho doméstico, na cidade de São Paulo, mostraram se descomprometer do cuidado dos seus bebês, com a justificativa das exigências de sua atividade profissional, autônoma ou assalariada (OLIVEIRA et al, 1999; UNBEHAUM, 2000). No Rio de Janeiro, pais de camadas pobres, desejosos de serem identificados como pais participantes, também relataram escolher as atividades de cuidado com os filhos, deixando às mulheres, as tarefas mais pesadas ou pouco divertidas (MARTINS, 2007).

Outros pais de classe média em Recife, identificados como integrantes de projetos de maior igualdade nas relações, preferem as atividades lúdicas, deixando a cargo da mulher as regras morais de educação, a alimentação e a higiene, pois ou entendem que não têm habilidade para estas, ou as desvalorizam (QUADROS, 1996). O compromisso como provedor principal, também muitas vezes entra em incompatibilidade com o desejo de cuidar, como foi constatado entre pais motivados para participação no nascimento de seus filhos, que entristecidos, não puderam estar presentes porque tinham compromissos de trabalho (CARVALHO, 2001, 2003).

Além disso, os pais enfrentam os limites impostos por instituições de saúde que muitas vezes os excluem dos serviços de atenção aos cuidados com a gravidez, com os recém-natos e mesmo nos serviços pediátricos (CARVALHO, 2001, 2003; MOTTA, 2003; TONELLI-SIQUEIRA, 2000; TONELLI-SIQUEIRA et al, 2003; ESPÍRITO SANTO ET AL, 1992; PAULO, 1999; ABREU, 1999). Tais comportamentos são reforçados no ambiente educacional que se volta para as mães como referências na educação das crianças e pela falta de políticas públicas necessárias para garantia aos pais para poderem cuidar dos seus filhos, até mesmo em caso de doença.

As práticas de cuidados na paternidade estão diretamente vinculadas às possibilidades de cooperação e complementaridade da participação masculina e feminina, necessitando também de novas posturas das mulheres com relação à paternidade (MARTINS, 2007; VILLA, 1998). Ocorre uma ambigüidade na solicitação da participação masculina nos afazeres domésticos, pois muitas ainda relutam em perder o poder de “rainha-do-lar”, reconhecendo a maternagem como “natural” da feminilidade. A expressão *mãe desnaturada* reflete bem a exigência sobre a mulher. Ao contrário, o pai que não cuida dos filhos, ou quando separado se afasta deles, não recebe nenhum julgamento de seu grupo social. Desta maneira, as mulheres acumulam as funções de trabalhadora e mãe, relutando em partilhar com os homens as tarefas junto à família e à casa (VAITSMAN, 1997; PREUSS, 1998; ROCHA-COUTINHO, 1994,1998; QUADROS, 1996). Nesse processo, destaca-se o papel da companheira de pai que tem filhos de uniões anteriores, já que ela pode facilitar ou dificultar seu convívio com seus filhos, como relataram pais de classe pobre no Rio de Janeiro (MARTINS, 2007).

Onde ainda permanecem valores tradicionais da autoridade e da distância, surge aos poucos uma nova possibilidade de paternidade que forma vínculo, oferecendo segurança afetiva para os filhos. Em geral, a chamada *nova paternidade* se constrói a partir do desejo de se opor ao modelo de seus pais, entre homens em áreas urbanas. Os homens, de diferentes classes sociais no nosso país, vem buscando exercer uma paternidade mais dedicada amorosamente do que aquela que seus pais experimentaram. Alimentam os bebês, trocam suas fraldas, os colocam para dormir, entre as diferentes atividades que começam a exercer dentro de casa (OLIVEIRA et al, 1996; UNBEHAUM, 2000; MARTINS, 2007; EHRENSAFT, 1987).

Apesar de incipiente e com dificuldades, novas experiências de construção de amor estão se realizando. O chamado *novo pai*, esteja ele morando na mesma casa que os filhos ou

não, é aquele que se faz presente, criando um vínculo seguro para o filho e a filha se sentirem amparados, ensinando-o a formar vínculos (MONTGOMERY, 1992, GADOTTI, 1998). Talvez não se trate de constatar uma mudança de modelo da “paternidade tradicional” para o modelo da “nova paternidade” mas de reconhecer a presença simultânea desses dois padrões (VILLA, 2001; STEINBERG et al, 2000; GOLDSCHIEDER, 2000), numa expressão do que chamamos de acomodação e resistência de gênero (ANYON, 1990).

A denominação de “pai-mãe” entre os homens identificados com os cuidados com as crianças, denota a confusão da identidade de gênero vivida por aqueles que experimentam a transição para novos modelos de paternidade (QUADROS, 1996; GADOTTI, 1998. UNBEHAUM, 2000). O termo “paternagem” em alguns textos acadêmicos surge para discriminar a atividade masculina de cuidar das crianças (UNBEHAUM, 2000). Há proposta de se discutir se há formas próprias de paternidade que não sejam cópia da maternidade (VILLA, 1998). Como na realidade existem várias possibilidades de exercício da masculinidade (CONNELL, 1995; ALMEIDA, 1995), há também diversas formas dos homens exercitarem sua paternidade. No entanto, não há dúvida que falta para os homens um modelo para lidar com a afetividade e com os cuidados na relação com as crianças (NOLASCO, 1993). Os meninos e os rapazes não passam por nenhum tipo de treinamento ao longo da vida para se prepararem para serem pais. Além disso não há espaço para a expressão das dúvidas sobre paternidade, sexualidade ou questões emocionais (LOEWENSTEIN, BARKER, 1998), deixando os homens sem modelo para uma paternidade afetiva.

A prática de uma paternidade mais próxima implica numa revalorização pelos homens das tarefas de cuidar e na integração destas à representação de masculinidade e paternidade. Sua habilidade de cuidar de bebê costuma ser questionada por familiares e instituições públicas, acentuando as dificuldades para seu exercício do cuidado (CARVALHO, 2001). Como já discutimos, a potencialidade humana de cuidar se expressa de acordo com as

condições de vida. É uma tarefa aprendida pelas meninas desde cedo, sendo mães de suas bonecas, imitando o comportamento da própria mãe. Os meninos no entanto, são desestimulados a essa aprendizagem. Quando se interessam por brincar com bonecas, a família fica assustada, achando que este pode ser um sinal de homossexualidade.

A oportunidade de pais e mães cuidarem igualmente de seus filhos traz benefícios para toda família. Liberta mulheres e crianças da exclusividade na relação mãe-filho, oferecendo oportunidade às mulheres para seu desenvolvimento no mundo do trabalho. Aproxima os homens da atenção às crianças, permitindo a estas a experiência da afetividade masculina, contribuindo para estabelecimento de relações mais igualitárias entre homens e mulheres (CHODOROW, 1990), e permite aos pais um avanço no seu desenvolvimento psicossocial, como já discutimos anteriormente (ERIKSON, 1982; COWAN, 1991; COWAN, COWAN, 1992; HAWKINS et al, 1993).

No entanto, são poucos os relatos de pai e mãe cuidando igualmente e portanto, homens e mulheres costumam viver trajetórias diferentes nesse processo de aprendizagem do cuidado e portanto, no seu desenvolvimento psicossocial. A entrada neste estágio da vida familiar tem um significado diferente para cada cônjuge. As mulheres experimentam mudanças psicocorporais intensas com as transformações de seu corpo e os homens se sentem comprometidos com a responsabilidade principalmente financeira (COWAN, 1988, 1992; SILVEIRA, 1998; ARILHA, 1998, 1999 a, b, QUADROS, 1996; UNBEHAUM, 2000; VILLA, 1999, 2001; CARVALHO, 1997, 2001).

Nesse processo, temos que considerar que as famílias nucleares têm menos apoio da comunidade para a criação dos filhos que nas gerações anteriores, aumentando a expectativa de parceria neste processo. Nos dias atuais, encontramos pais culpados e confusos com as novas expectativas de paternidade e mães com raiva pela falta do apoio masculino nos cuidados com a casa. (CARTER, MCGOLDRICK, 1995; COWAN, COWAN, 1992).

As diferenças entre pais e mães no cuidado, os leva para diferentes posições no relacionamento conjugal e com frequência, cria conflitos. O envolvimento do pai com o cuidado pode contudo, facilitar a sincronicidade de seu desenvolvimento psicológico com o de sua companheira, diminuir conflitos e aumentar a satisfação de ambos com a relação conjugal (HAWKINS et al, 1993; COWAN, 1991; COWAN, COWAN, 1992). No entanto, os homens carecem de apoios sociais para este feito. A realização de programas de atenção aos casais que incluam os pais, fomenta sentimentos de identidade destes com a paternidade, promove mecanismos para a participação dos pais e aponta as necessidades de suporte tanto deles quanto das mães. Pais necessitam sistemas de suporte nas suas famílias, nos sistemas de saúde e nas suas comunidades que os encorajem e os valorizem nas suas relações com as crianças (KNAUTH, 2000). Alguns trabalhos com pais no período da gestação mostram que os homens podem ter facilitada sua experiência de paternidade evitando até mesmo as separações conjugais (COWAN, COWAN, 1992). No entanto, a experiência de pais no parto numa maternidade pública no Rio de Janeiro, mostrou que eles podem se envolver com o cuidado da mulher e do seu filho recém-nato, mesmo sem ter tido nenhum treinamento anterior (CARVALHO, 2001, 2003).

### **5.1.5 Pouca visibilidade de homens cuidando**

É muito recente no nosso país, a visibilidade para o cuidado paterno na mídia e nos estudos científicos. E esta pouca visibilidade embora explicada pelo maior trabalho doméstico das mulheres, também pode ser entendida pela não divulgação e aceitação do cuidado dos homens, na mídia e em outros setores (MEDRADO, 1998; CARVALHO, 2001). Até mesmo no século passado e retrasado, a participação dos homens na cena do parto em casa, vista como exclusividade das mulheres, muitas vezes ocorria embora não fosse muito



divulgada (MOTT, 1998). Os homens mesmo sem preparo, mostram que podem cuidar de suas mulheres e de seus filhos recém-nascidos (CARVALHO, 2001, 2003; MOTA, 2003). Mas a lei nacional, criada em 2006, que prevê o direito da gestante a acompanhante de escolher seu ou sua acompanhante, ainda enfrenta graves dificuldades nas maternidades que adiam suas reformas para preservação da privacidade das mulheres, condição fundamental para a entrada dos pais neste ambientes. Em geral, o trabalho dos homens no cuidado é invisível para as instituições sociais, revelando como o gênero é forjado pelas sociedade (LAURENTIS, 1994). Poucos ainda, são os estudos no nosso e em outros países que mostram o cuidado que homens podem oferecer para doentes, filhos ou outros parentes.

Apresentarei agora, alguns estudos que revelam a qualidade e o tipo de envolvimento dos homens cuidadores. Pais de crianças doentes em UTI Neonatal no nosso país, cuidam de seus filhos quando vão para casa, vivendo com intensidade momentos de crescimento emocional no convívio com seus bebês (TRONCHIN, TSUNECHIRO, 2006). A participação do pai no cuidado com bebês prematuros, por exemplo, tem se mostrado um critério importante para a decisão das mães na opção pelo Método Canguru no cuidado de seus filhos prematuros e no sucesso do método quando os bebês vão para casa. (TOMA, 2003).

O adoecimento de um filho com uma doença crônica pode servir como um catalizador para um envolvimento significativo de muitos pais com o cuidado. Eles podem transcender os estereótipos de masculinidade tradicional e abraçar a oportunidade para o cuidado mais íntimo e envolvido com seus filhos (MCNEILL, 2007). Há uma grande mobilização emocional desses pais na atenção aos filhos doentes que vivem com eles, num sinal de que o vínculo de moradia facilita a participação efetiva dos pais (MARTINS, 2007).

Pais começam a serem considerados por profissionais como importantes para a estabilidade da família e para cooperação no tratamento de uma criança com câncer. O estudo com 16 pais de crianças com câncer em hospital pediátrico nos Estados Unidos revelou o

envolvimento paterno na atenção específica a esses filhos, defesa dos direitos das crianças, administração da vida e das finanças, além das suas emoções com relação à doença de seus filhos (CLARKE, 2005). A vulnerabilidade de sua experiência é enorme e causa insegurança, preocupação generalizada e frustração com o cuidado médico que recebem. Dor emocional, esforço para aceitar o diagnóstico, esforço e confusão são vividos como maridos e pais nestas situações. Eles sofrem impacto no seu papel de provedor e suas dores emocionais são vividas muito isoladamente. Experimentam a luta pela vida na parceria familiar, hipervigilância, o medo do hospital e movimentos para lidar com a doença. O apoio em grupo entre esses pais, propiciado pela instituição de saúde, facilita essas vivências (NEIL-URBAN, 2002).

A literatura coloca também pouca atenção no pequeno número de homens cuidadores informais de seus parentes em casa. Esta atividade é entendida como uma tarefa feminina, usualmente assumida pelas mulheres. Mas o estudo com amostra de 440 homens que provêm algum tipo de assistência para um genitor ou sogro /sogra, no Canadá, mostrou que a co-residência prediz grande envolvimento dos homens no cuidado (CAMPBELL, MARTIN-MATTHEWS, 2000). Uma pesquisa realizada nos Estados Unidos mostrou que 27 % dos cuidadores informais de idosos eram homens, em geral maridos de mulheres idosas frágeis. Esses homens abandonam com mais facilidade papéis de gênero tradicionais para se envolverem no cuidado. Em geral eles parecem ser mais saudáveis, mais satisfeitos com a vida, mais ativos no mercado de trabalho e relatam menos estresse financeiro e físico do cuidado do que as mulheres cuidadoras (CHANG, WHITE-MEANS, 1991).

Muitos homens cuidam de suas esposas com perdas cognitivas depois que se aposentam. Passam a difícil transição do trabalho na cena pública para o mundo invisível do cuidado da família. Um estudo qualitativo com 30 homens idosos que cuidavam de esposas em Nova York, mostrou dois grandes temas que emergiram nas entrevistas: esforço e sucesso.

O esforço maior reconhecido por estes homens no cuidado, foi lidar com o isolamento que ocorreu com eles por ficarem muito tempo no ambiente doméstico, cuidando das esposas. Contudo, muitos desses homens reconhecerem o sucesso de sua experiência e foram capazes de um estilo de cuidado que incorporava uma combinação de administração com habilidades cuidadoras (RUSSELL, 2007).

O estudo qualitativo com cuidadores de doentes mentais, no Piauí, revelou que embora haja poucos homens cuidadores de doentes mentais nas famílias, eles têm uma maior facilidade do que as mulheres, no cuidado com eles. Manejam melhor com a esfera lúdica/prazerosa do portador de transtorno mental, lidando com ele de forma positiva na construção de um relacionamento mais negociador e com menor agressividade ou conflitos. Apresentam maior facilidade em exercer a autoridade e estabelecer limites, tanto para si mesmo quanto para o portador de transtorno mental, talvez pela facilidade que têm no exercício do mando. Mostram ainda maior habilidade do que as mulheres, para construir a cidadania do portador de transtorno mental no ônibus, na loja ou na rua. Por outro lado, manifestam dificuldade no manejo corporal do portador de transtorno mental, sobretudo quando são de sexos opostos e quando há relação consanguínea, já que o tabu do incesto mediatiza a relação. Este estudo indicou a inclusão e o reforço de homens cuidadores nas estratégias de capacitação de familiares e profissionais da área da saúde mental (ROSA, 2000. 2003).

Observamos também haver poucos estudos sobre o trabalho de homens em profissões cuidadoras. A observação etnográfica e entrevistas focais com homens e mulheres trabalhadores no cuidado de crianças nos EUA, mostrou que o acesso restrito de trabalhadores homens nesta tarefa costuma se basear no pressuposto de que o interesse de um homem no cuidado de criança seria patológico. Desta maneira, as próprias instituições afastam os homens das responsabilidades de cuidar (MURRAY, 1996).

A experiência de homens agentes comunitários de saúde no Programa de Saúde da Família em São Paulo vem no entanto, mostrando as transformações que o trabalho vem propiciando nas suas vidas. A vivência do cuidar de famílias vem facilitando a revisão de seus valores, o repensar de suas próprias relações de gênero em suas várias dimensões, inclusive em suas vidas privadas. Elementos em suas falas permitiram revelar o quanto de sensibilidade vem dissolvendo o lado machista de ser de cada um deles e flexibilizando as relações de gênero no espaço de seus lares (SANTOS, 2005).

Contudo, podemos observar que em geral, os homens cuidam em situações de crise, como nas doenças de filhos e parentes. Vemos aí a importância das crises facilitadoras do cuidado, como entre os pais cuidadores desta pesquisa. Assim, alguns homens desafiam os pressupostos de gênero cuidando, mas enfrentam muitos desafios, como entre os que discutiremos a seguir sobre a questão da guarda paterna.

#### **5.1.6 Desafios à guarda paterna**

Pouco se sabe sobre a experiência de homens cuidando sozinhos de seus filhos. Se por um lado, a falta de literatura a respeito seja fruto deste ainda ser um fenômeno iniciante em nossa sociedade, também reflete a invisibilidade social da questão. O estudo qualitativo com 24 pais americanos de camada pobre nos Estados Unidos, que ganharam a guarda de seus filhos, mostrou que eles vivem uma transição entre se tornarem pais de tempo parcial para pais de tempo integral. A rede de suporte social que eles experimentam pode incrementar ou inibir a sua experiência. Além disso, salários baixos, falta de assistência de programas públicos e flexibilidade de arranjos informais de custódia costumam dificultar o seu exercício da paternidade (HAMER, MARCHIORO, 2002).

Pais separados sem a guarda de seus filhos, em pesquisa realizada no Rio de Janeiro queixam-se de se sentirem cerceados no seu direito de educar seus filhos, pois a convivência quinzenal é tão esporádica que se sentem sem condições de contribuírem para o desenvolvimento dos seus filhos. Por um lado, as visitas quinzenais de pais separados propiciam momentos de prática de cuidado sem as mães, mas cria tanta saudade entre pais e filhos que muitas vezes os pais não se sentem em condições de impor regras e educarem suas crianças. São os “pais de fim de semana”, condição fragilizadora do exercício da paternidade, e das relações afetivas entre pais e filhos (BRITO, 2001,2005, 2007; RIDENTI, 1998).

Há pouca informação sobre os benefícios e conseqüências das visitas paternas na vida de filhos de pais separados. O estudo com 2034 jovens americanos que moravam com as mães sem os pais, utilizando questionários sobre a relação entre ajustamento escolar e contato com pais visitantes, mostrou que a participação dos pais não residentes em atividades de lazer não influencia o desenvolvimento escolar das crianças. Entre aqueles que os pais tinham comportamentos autoritários sobre as notas escolares, não se encontraram benefícios claros desta atitude paterna, embora as conversas dos pais visitantes sobre outros temas da vida escolar tenham se mostrado benéficas para a vida dos filhos (STEWART, 2003).

As mães que detêm a guarda se queixam da sobrecarga de trabalho e da falta de participação dos pais na educação dos filhos. No entanto, mesmo quando necessitam de apoio para o cuidado, recorrem a vizinhos e familiares, sem considerarem a possibilidade do envolvimento dos pais em situações em que temporariamente estão impedidas de cuidar. Além disso, as mães consideram-se as únicas responsáveis pela vida das crianças, desprezando as considerações dos pais de seus filhos, muitas vezes diferentes das suas. (BRITO, 2005) O depoimento de pais separados cujos filhos estavam internados em hospital pediátrico no Rio de Janeiro, revelou que grande parte do vínculo dos pais com seus filhos depende do tipo de relação entre os ex-cônjuges. Onde permanece uma relação

amistosa entre os pais separados, é facilitado o vínculo entre pai e filho (MARTINS, 2007). Por outro lado, estudos com pais e mães separados no Rio de Janeiro, mostra que as mães podem dificultar o convívio entre pais e seus filhos após a separação (BRITO, 2003).

A ausência no cuidado com os filhos após a separação conjugal, não envolve portanto, apenas a disponibilidade pessoal de um homem para cuidar. O estudo com uma amostra de 139 mães americanas não-residentes com seus filhos e 479 pais nessas condições, revelou que não há diferenças no padrão de comportamento entre pais e mães que não têm a guarda. Mães e pais visitantes exibem um padrão similar de comportamento. A maioria dos genitores não residentes só se envolvem em atividades de lazer com seus filhos ou não têm contato. Apenas um terço dos pais estudados mencionou a escola entre as atividades que eles participavam com as crianças. Esse estudo indica que os padrões de interação de genitores não residentes pode ser o resultado das circunstâncias que envolvem o papel de genitor visitante mais do que o gênero (STEWART, 1999).

Muitos pais separados costumam ver seus filhos em apenas dois fins-de-semana no mês, ou seja 4 dias, com pouca participação como educadores de seus filhos, apenas com a responsabilidade principal da pensão. Mesmo que os pais se mostrem insatisfeitos com esta limitação, amigos, familiares e advogados costumam achar natural essa situação. Evidencia-se assim a fragilidade da idéia de paternidade cuidadora em nossa sociedade. Alguns estudos vêm demonstrando a necessidade de se discutir políticas que revejam a vinculação direta entre pais separados que não residem com filhos, a apenas o compromisso da pensão, procurando reconhecer a complexidade da experiência de ser pai sem a guarda dos filhos (BRITO, 1997, 2001, 2002, 2003, 2005; MANNING et al, 2001, 2003). Apesar das mudanças nas relações de gênero e da maciça participação das mulheres no mercado de trabalho, a nossa legislação continua entendendo que cabe aos homens pagar a pensão, num reconhecimento de que é

obrigação das mulheres o cuidado com as crianças.<sup>23</sup> No ano de 2002, por exemplo, 91 % das guardas de filhos no nosso país, foram concedidas às mães, o que contribui para a naturalização de que após a separação ocorre o afastamento do pai (BRITO, 1999, 2001, 2005).

A guarda dos filhos hoje em dia atravessa mudanças, possibilitando aos pais serem os responsáveis pelas crianças após as separações. A nova versão do Código Civil traz modificações importantes na compreensão jurídica da guarda dos filhos. Onde apareciam os termos chefia masculina e pátrio poder são alterados para direção compartilhada e poder familiar compartilhado. A responsabilidade compartilhada, propicia divisão de tarefas entre o pai e a mãe e principalmente uma aproximação afetiva maior entre o pai separado e seus filhos. Portanto, os homens começam a ser compreendidos juridicamente como pais cuidadores, embora ainda existam muitas resistências nos meios jurídicos a um compartilhamento da guarda entre pais e mães (CASTRO, 1998; KARAN, 1998; BRITO, 2005).

O Estatuto da Criança e do Adolescente (1990) prevê que “o pátrio poder será exercido, em igualdade de condições, pelo pai e pela mãe” (BRASIL, 1990, artigo 21), respeitando as recomendações internacionais de que as crianças recebam educação de pais e mães ao longo da vida. (ONU, 1989) Nosso Código Civil traz modificações importantes na compreensão jurídica da guarda dos filhos:

O divórcio não modificará os direitos e deveres dos pais em relação aos filhos.  
Parágrafo único. Novo casamento de qualquer dos pais, ou de ambos, não poderá importar restrições aos direitos e deveres previstos neste artigo. BRASIL, 2002, Art. 1.579

No entanto, o Código Civil é ambíguo pois prevê que “decretada a separação judicial ou o divórcio, sem que haja entre as partes acordo quanto à guarda dos filhos, será ela atribuída a

---

<sup>23</sup> Encontra-se em tramitação no Congresso Nacional, a Lei da Guarda Compartilhada, que prevê responsabilidade igual entre pai e mãe, após a separação conjugal.

quem revelar melhores condições de exercê-la” (BRASIL, 2002, artigo 1584) Como a maioria da guarda ainda é julgada a favor das mães, há um retrocesso ao modelo anterior, já que pais continuam colocados como provedores pagadores de pensão e como autoridade distante, revelando um descompasso entre a lei e as relações de gênero e familiares atuais (BRITO, 2005, 2007). O pai ou a mãe que não mora com os filhos, poderá visitá-los e tê-los em sua companhia, segundo o acordo que fizer com o outro cônjuge, ou com o juiz, e também fiscalizar sua manutenção e educação (BRASIL, 2002). Trata-se do modelo de manutenção da guarda com um só dos pais, o que prejudica o vínculo com o outro genitor (BRITO, 2005, 2007).

O panorama onde ocorrem os julgamentos de guarda após a separação, constitui uma competição em se busca reconhecer qual dos genitores possui melhores condições para ficar com os filhos. Buscam-se provas para uma parte desqualificar a outra parte, gerando graves conseqüências para o relacionamento futuro entre os genitores e entre estes e seus filhos (BRITO, 1999, 2005, 2007). As mulheres, para justificarem seu interesse por manterem seu contato com os filhos, muitas vezes criam falsas denúncias de abuso sexual das crianças, o que traz graves prejuízos para o psiquismo infantil (CALÇADA, 2005; BRITO, 2002).

Abrindo novas possibilidades para a paternidade, surge a proposta de responsabilidade compartilhada, propiciando divisão de tarefas entre o pai e a mãe e uma aproximação afetiva maior entre o pai separado e seus filhos (CASTRO, 1998; KARAN, 1998). Alguns países, tais como França, Suécia e Inglaterra, vêm mudando sua legislação a partir da Convenção Internacional sobre Direitos das Crianças (1989), no sentido de estabelecer a partilha da guarda compartilhada (BRITO, 2002). No nosso país está em discussão a lei de guarda compartilhada, como fruto de uma luta organizada de pais separados. O tema tem provocado diferentes posições entre os profissionais da justiça a respeito do tema, evidenciando a



necessidade de sua ampla discussão social. Profissionais da área de Psicologia Jurídica têm fornecido pareceres a favor da guarda compartilhada:

A desigualdade referente à guarda não pode permanecer como um fator natural. Torna-se importante manter a continuidade da função exercida pelos pais, garantindo-se o vínculo da criança com as linhagens paterna e materna. Como define a Convenção [Internacional dos Direitos das Crianças], cabe ao Estado a garantia de manutenção da co-parentalidade, independente da preservação ou não do vínculo conjugal. [...] Faz-se necessário, agora, a distinção entre conjugalidade e parentalidade, observando que a separação ocorre entre marido e mulher, e não entre pais e filhos. (BRITO, 2002).

Uma das dificuldades para a implantação da guarda de mãe e pai, é a discussão sobre as divergências entre os genitores sobre a educação dos filhos serem prejudiciais ou poderem contribuir para a constatação pela criança, da diversidade de pensamento entre pai e mãe. Outra questão é o fato de que a rotina da criança entre a casa dos pais e das mães prejudicaria a necessidade de referencial único nas rotinas diárias. Mas crianças criadas apenas pelas mães, costumam ficar na casa de parentes quando as mães não podem estar com elas, sem que se considere que essa experiência prejudique as crianças. Trata-se portanto, de uma discussão que envolve principalmente a valorização do cuidado paterno diante da realidade das separações conjugais e das leis que regem o direito familiar. (BRITO, 2002)

Algumas iniciativas legais, além da discussão da guarda, começam a tomar corpo no sentido de facilitar o acompanhamento dos pais na educação de seus filhos. Uma delas é a resolução municipal do Distrito Federal, de que as escolas encaminhem os boletins escolares para os pais e para as mães separados. Outra iniciativa é a do Programa Paternidade Responsável de Lages, em Santa Catarina, que indica que os supostos pais que não morem com as gestantes, sejam contatados pelo Programa de Saúde da Família, estimulando e facilitando o vínculo com seus futuros filhos. É importante considerar que ao longo da história, pais distantes e cuidadores sempre existiram, mas nem sempre foram legitimados

pela sociedade que valoriza a mãe cuidadora. Não se trata portanto de uma nova paternidade, mas de uma legitimação de uma forma de paternidade, a cuidadora.<sup>24</sup>

## **5.2 Estudos psicológicos sobre gênero e raciocínio moral de cuidado**

Grande parte da literatura de gênero entende as mulheres como cuidadoras e os homens como inaptos para o cuidado. Baseiam-se nas conclusões principais de cientistas sociais feministas americanas da década de 80, sobre diferenças de gênero nas identidades psicológicas e formas de raciocínio moral. Estes estudos identificaram as mulheres “conectadas” e homens “separados” (CHODOROW, 1990), e mulheres com raciocínio moral voltado para o cuidado e os homens voltados para critérios morais de justiça (GILLIGAN, 1982, GILLIGAN, ATTANUCCI, 1988; GILLIGAN, WIGGINS, 1988).

Essas teorias reconhecem que estas diferenças são fruto de construção social e suas contribuições têm valor inestimável por ter chamado a atenção para temas como cuidado e conexão antes não valorizados no meio científico. No entanto, apresentaremos outros estudos, que discutem a expressão do raciocínio de cuidado, determinada por múltiplos fatores. Discutiremos ainda as possibilidades de compreensão dos homens como cuidadores e conectados de forma diferente das mulheres. Consideraremos o risco da perpetuação do sexismo e de justificativas do senso comum sobre a inaptidão dos homens para o trabalho doméstico e de cuidado com os filhos. desta maneira se reforçaria a hierarquia masculina sobre as mulheres, com a manutenção do trabalho feminino dentro de casa, apesar da dupla-jornada.

---

<sup>24</sup> Comentário da Professora Luciana Zucco, na banca examinadora da Aline Martins, no Curso de Especialização Relação Mãe-Filho na Maternidade-Escola da UFRJ, em 2007.

Vejamos então, o ponto de partida desta discussão, que é o entendimento da construção psíquica diferenciada entre meninos e meninas a partir da maternagem exclusiva apresentado por Chodorow.

### 5.2.1 Teorias sobre diferenças de gênero na constituição psíquica

Chodorow (1990) buscou explicar a divisão sexual do trabalho doméstico a partir da pergunta sobre porque as mulheres “maternam”, desenvolvendo um profundo estudo sobre as diferenciações de gênero que ocorrem no mundo intrapsíquico de meninos e meninas.<sup>25</sup> A relação com pais e mães seria determinante para o cuidado e sua leitura marca fortemente a compreensão de gênero sobre o cuidado. O ponto de partida de Chodorow são as conseqüências do cuidado materno exclusivo para a construção da identidade das crianças, num modelo social em que a mãe é o primeiro objeto de amor e de identificação das crianças. No entanto, Chodorow entendeu que “qualquer pessoa que tenha bons relacionamentos primários tem a base para o cuidado infantil e amor” (1990, p. 270) e afirmou posteriormente que o gênero seria construído por um arranjo que cada indivíduo faz nas suas interações dentro da cultura (CHODOROW, 1999).

As meninas se desenvolveriam a partir de sua identificação psicológica na relação constante com as mães, forjando personalidades conectadas às pessoas e voltadas para o cuidado com os outros em casa e em diferentes profissões cuidadoras. Já os meninos, se

---

<sup>25</sup> Maternar e maternagem são termos traduzidos do inglês: *to mother* e *mothering* para se referirem ao cuidado com os filhos, numa clara identificação do cuidado como tarefa de mulher, apesar do inglês ter a o termo *to parent* que não identifica o gênero do cuidador dos filhos. Ao longo desta tese, este termo será usado apenas quando os autores citados os usarem.

No meu entender, tanto o termo “maternar” quanto “paternar” são sexistas e perpetuam a noção de que homens e mulheres cumpririam funções diferentes nos cuidados com os filhos. Os resultados da pesquisa de campo desenvolvida nesta tese, evidenciam que os homens cumprem todas as funções de cuidado quando cuidam sozinhos sem as mães.

construiriam em termos do que a mãe não é, por não contarem com o contato íntimo com os pais para sua identificação pessoal. Fariam um esforço para se diferenciarem e se libertarem da dependência e da identificação com as mães. Conseqüentemente, ocorreria uma adoção insegura de uma identidade masculina abstrata, representada pelo pai idealizado (CHODOROW, 1990; EHRENSAFT, 1987).

Meninos fazem um grande esforço para se constituírem como homens, preocupados em se diferenciarem das mães e manter seus limites interpessoais. A aquisição de papéis femininos é menos sofrida, gera menos ansiedade já que a mãe fornece um modelo concreto de identificação. Além disso, a entrada do pai tardia complexifica e cria uma vida intrapsíquica mais rica, pois elas aprenderiam a amar alguém diferente delas mesmas (CHODOROW, 1990; EHRENSAFT, 1987).

Enquanto o sentido de si mesmo das meninas seria se conectar ao mundo, tirando prazer de cuidar das pessoas, o sentido de si dos meninos seria o de separar-se pessoas, com base na experiência de se separarem de suas mães em seu desenvolvimento emocional. Nesta perspectiva, os homens não se auto-definiriam em termos relacionais e teriam suas capacidades de relacionamento diminuídas, com construção de fronteiras egóicas mais rígidas que as mulheres. A maternagem exclusiva geraria conflitos nas suas relações amorosas futuras, pois a insegurança de sua construção identitária masculina geraria necessidade de sentirem superiores às mulheres, e assim se forjariam os maus-tratos de gênero (CHODOROW, 1990).

Os meninos, por não conhecerem modelos de homens amorosos e cuidadores experimentam dificuldade para exercício da afetividade (CHODOROW, 1990). O vazio afetivo paterno é fenômeno reconhecido por diversos autores na área da masculinidade e paternidade (LOWENSTEIN, BARKER, 1998; NOLASCO, 1993, 1995, 1997; CORNEAU, 1995). A promoção do cuidado paterno poderia trazer aos meninos, possibilidade de sua

aproximação do mundo da afetividade, aproximando os homens do cuidado, com conseqüentes benefícios para relações respeitadas entre homens e mulheres (CHODOROW, 1990; BARKER, 2003). Além de transformar os homens, também transformaria as mulheres, pois as meninas aprenderiam sobre a afetividade masculina desde cedo, com aumento da sua segurança na relação afetiva com os homens. Além desses benefícios, o cuidado de pais e mães evitaria que as mães se tornassem dominadoras poderosas, prejudiciais ao desenvolvimento emocional das crianças (CHODOROW, 1990).

Nesta discussão, a relação com pais e mães seria determinante para o cuidado e sua leitura marca fortemente a compreensão de gênero sobre o cuidado. No entanto, Chodorow entendeu que “qualquer pessoa que tenha bons relacionamentos primários tem a base para o cuidado infantil e amor” (1990, p. 270) e afirmou posteriormente que o gênero seria construído por um arranjo que cada indivíduo faz nas suas interações dentro da cultura (CHODOROW, 1999).

Uma das expressões da teoria de Chodorow é o estudo qualitativo desenvolvido por Ehrensaft (1987) sobre pais e mães cuidadores principais de seus filhos, dividindo o cuidado de maneira igualitária, sem empregados, vivendo na Baía de São Francisco e em outros centros urbanos dos Estados Unidos. Estes pais dividiam o cuidado, mesmo que esta divisão não fosse matematicamente perfeita, se diferenciando nas tarefas e formas de desempenho do cuidado. Ehrensaft concluiu que cuidar constituiria a identidade das mulheres que estabeleceriam relações mais íntimas e simbióticas com os filhos. As crianças seriam uma expressão das mães no mundo. E portanto, as mães estariam sendo permanentemente avaliadas pela forma de apresentação e saúde dos seus filhos. Muitas das preocupações das mulheres com relação à saúde e às roupas dos filhos, e seriam expressões da dificuldade de se separem desta identidade feminina cuidadora, sempre sendo julgada. Da mesma maneira se construiriam suas dificuldades de afastamento da família no horário de

trabalho. Os pais por outro lado, não costumavam ligar para os filhos durante o horário de trabalho, se separando deles com mais facilidade. Para os homens, cuidar seria um fazer, permitindo-lhes uma relação pai-filho mais separada.

A possibilidade de divisão do trabalho de cuidado permite o exercício de diferentes formas de cuidado entre pai e mãe. No caso de cuidador só, estudado na presente tese, se desfaz esta diferença de gênero já que os pais estudados desempenhavam todas as funções cuidadoras. Portanto, a justificativa do afastamento dos homens do cuidado, em função de serem “separados” psiquicamente merece discussão.

A expressão das emoções estaria relacionada à auto-imagem de uma pessoa e à sua forma de apresentação pessoal. Nessa perspectiva teórica, os homens exporiam menos emoções negativas, tais como depressão, ansiedade, tristeza, medo e desamparo que mulheres. Podem ser relutantes em expressar emoções que indicam interdependência ou que ameaçam seu sentido de segurança e autonomia. Então os homens podem evitar expor suas emoções não porque os estereótipos culturais declaram inapropriado mas principalmente porque compartilhar seus sentimentos pode colocar em risco seu sentido de separação e autonomia, central na sua auto-imagem independente. Desta forma evitam que as pessoas possam compreender, prever ou controlar seus comportamentos. (CROSS, MADSON, 1997). Essa perspectiva de dificuldade de expressão das emoções nos homens, remete à compreensão das vulnerabilidades masculinas no que se refere aos riscos maiores que os homens sofrem por não se permitirem serem cuidados (KEIJZER, 1997; CONNELL, 1995 a) A análise de Cross e Madson (1997) foi feita sobre estudos com americanos, que como já vimos, têm uma cultura mais individualista, diferente de brasileiros, hindus, latinos e outros povos com perspectiva mais interdependente nas suas relações sociais.

Nesta discussão sobre as identidades de homens e mulheres e o exercício do cuidado, destaca-se o estudo sobre gênero e raciocínio moral desenvolvido por Gilligan e sua equipe (1982, 1988). Esta autora relaciona a auto-definição de homens e mulheres conectados ou separados, ao seu tipo de raciocínio moral, entendendo o afastamento dos homens do cuidado de forma semelhante à Chodorow.

### **5.2.2 Estudos sobre orientação moral de gênero**

Discutiremos a seguir, os estudos sobre raciocínio moral que o relacionam a gênero, por implicarem numa leitura científica que tem marcado a compreensão da relação de homens e mulheres com o cuidado. Gilligan (1982, 1988) desenvolveu estudos sobre as formas de raciocínio moral de homens e mulheres entendendo a reprodução de gênero, a partir da maternagem exclusiva. Com base na teoria sobre o senso de si mesmo conectado ou separado, entendeu que homens e mulheres desenvolveriam diferentes tipos de raciocínios morais que afetariam a sua relação com o cuidado.

Gilligan critica as considerações científicas que modelam os homens mais avançados que as mulheres, considerando que estes seriam pautados num pensamento moral masculino.<sup>26</sup> A ausência da perspectiva de mulheres pesquisadoras, teria levado à ausência do cuidado nos estudos sobre raciocínio moral. A partir desta crítica, Gilligan e outras autoras passaram a inserir tanto o foco de cuidado quanto o de justiça nos estudos sobre raciocínio moral (GILLIGAN, 1982, 1984 ou 1988, 1994; KITZINGER, GILLIGAN, 1994). Empatia e preocupação com o outro, antes compreendidos como um estágio inferior de moralidade, passaram a ser considerados como uma forma de raciocínio moral tal qual o de justiça, sem hierarquia entre eles. O foco na justiça significaria o interesse para problemas de

---

<sup>26</sup>

desigualdade e sustentaria o ideal de reciprocidade, de direito e respeito. Estaria relacionado à abstração e generalização. O foco no cuidado se referiria a não machucar, a ter responsabilidade, cuidado e atenção com relação à necessidade dos outros. Este tipo de raciocínio estaria vinculado à percepção das particularidades e à perspectiva situacional (GILLIGAN, 1982,1988; GILLIGAN, WIGGINS, 1988)

Gilligan (1982, 1988) desenvolveu estudos entre americanos jovens de ambos os sexos, brancos e de classe média, a partir de entrevistas em que as pessoas falavam sobre suas formas de raciocínio moral. Seus estudos mostraram os homens com predominância de pensamento moral relativo à justiça e as mulheres com mais raciocínio de cuidado. A diferença de foco entre homens e mulheres não implicaria numa superioridade moral de um ou outro, nem que o comportamento moral seja intrínseco às diferenças biológicas entre os sexos. Esses estudos mostraram ainda que nem todos os homens focavam na justiça e nem todas as mulheres focavam no cuidado, embora houvesse um predomínio de um tipo de foco (GILLIGAN, 1982, 1988, 1994; GILLIGAN, ATTANUCCI, 1988).

Este predomínio de uma forma de pensamento seria fruto das influências das relações e vínculos formados na primeira infância, dentro das normas e valores de gênero. A maioria das pessoas teria esses dois focos de orientação moral, com uma propensão a usar mais um do que o outro, podendo perder de vista aquele menos considerado. A maturidade moral consistiria na habilidade de sustentar julgamentos sobre justiça e cuidado. (GILLIGAN, 1982, 1988; GILLIGAN, WIGGINS, 1988; GILLIGAN, ATTANUCCI, 1988; LYONS, 1988). O raciocínio de cuidado seria privilégio das mulheres que conectadas afetivamente às pessoas, estariam mais prontas para atender às necessidade dos outros. As meninas seriam educadas para apego e relacionamento se identificando como parte de uma rede de relações sociais de mútua responsabilidade. A falha no cuidado as desqualificam e portanto são



levadas a fazer sacrifícios para corresponderem às expectativas pessoais e sociais de serem boas cuidadoras.

Mulheres considerariam cuidado, bondade e relacionamentos, virtudes mais importantes. Os meninos educados para separação e individuação tenderiam a se identificar como atores independentes. Vale a pena ressaltar contudo, que a definição de si em relação com os outros também está presente entre os homens, evidenciando a possibilidade de existir as duas formas de identificação de si mesmo entre mulheres e homens (GILLIGAN, 1982, 1988; LYONS, 1988).

#### JUUJÄRVI

Gilligan propôs que as crises promovem avanços na orientação para o cuidado, que progrediria em 3 fases: foco em si mesmo; sacrifício para atender necessidades dos outros; e habilidade de equilibrar a necessidade pessoal e a dos outros. Seu estudo não deixou claro como as pessoas se movem de um nível para o outro, sem que se saiba se eles ocorrem nessa ordem linear ou se as pessoas avançam e retornam a níveis anteriores e novas crises promovem novos avanços. Esse desenvolvimento seria um processo para resolução de problemas morais e não uma seqüência. Um dos seus estudos mostrou retrocesso em raciocínio de cuidado no intervalo de um ano, entre mulheres. Já no estudo longitudinal entre estudantes australianos de psicologia e direito, foi confirmada a tese de Gilligan que o desenvolvimento do pensamento de cuidado segue aquelas 3 etapas (JUUJÄRVI, 2006). Skoe e Márcia (1991) propõem que os avanços no pensamento moral se baseiam em questionamento de crenças sustentadas anteriormente e formulação de posições novas (JAFEE, 2000; SKOE E MÁRCIA, 1991). Estas hipóteses nos ajudarão a refletir sobre o processo de tomada de decisão dos pais desta pesquisa, em crises vividas por seus filhos.

Encontramos alguns estudos que confirmam a tese de Gilligan, utilizando metodologias similares ou diferentes das desenvolvidas por ela e suas colegas. Respostas de meninas no

*Prosocial Motivation Questionnaire*, na Alemanha Ocidental, Polônia, Itália e Estados Unidos se mostraram mais voltadas para atitudes orientadas para os outros e as dos meninos para interesse próprio (BOEHNJKE et al, 1989). Outro estudo com entrevistas no modelo de *Ethic of Care Interview* mostrou que as meninas de 12 anos seriam mais desenvolvidas que os meninos no raciocínio moral de cuidado e lidam mais pessoalmente com dilemas morais que os meninos que se mostraram mais impessoais. Nessa pesquisa, as meninas tenderam a se preocupar com evitar ferir os outros e manter relacionamentos, enquanto os meninos tenderam a se preocupar com atividades de lazer, como esportes e evitar preocupações (SKOE, GOODEN, 1993). O estudo entre estudantes de serviço social, de enfermagem e da escola de oficiais de polícia em Hensinque na Finlândia, mostrou que idade e papel de gênero andrógino foram relacionados positivamente ao raciocínio de cuidado entre as mulheres e que mulheres com auto-conceito conectado tenderam a usar orientação de cuidado (JUJÄRVI, 2006 a, b).

Devemos considerar que Gilligan centraliza a discussão moral num dualismo entre os sexos, sem considerar cor/etnia, classe e outros elementos presentes nas relações de hierarquia na sociedade além do gênero. Seu estudo tem uma pretensão universalista, pensando a moralidade independente do contexto onde as pessoas vivem, com o modelo de indivíduos brancos configurando um padrão de raciocínio e de desenvolvimento pessoal. Estes estudos foram realizados em locais onde há mais individualismo que em outras sociedades. Além disso, Gilligan entende que o desenvolvimento pessoal se pauta apenas nas relações familiares e outras mais próximas, sem considerar as hierarquias sociais, que afetam a orientação moral e a inserção política e econômica das pessoas (MELLO E SOUZA, 1993, 1998), entre outros fenômenos que influenciam o raciocínio de cuidado.

### 5.2.3 Diferentes fatores influenciando o raciocínio de cuidado

Vejamos agora algumas pesquisas que mostram poucas diferenças entre homens e mulheres no raciocínio de cuidado e justiça. Embora esses resultados enfraqueçam as mais fortes afirmações de Chodorow (1990) e Gilligan (1982), não diminuem sua contribuição na atenção para a realidade das mulheres e para a atenção ao cuidado, nos estudos científicos. A reflexão de gênero necessita considerar sua articulação com as condições materiais de vida das pessoas e compreender os nexos entre classe e gênero, e entre o trabalho de produção e reprodução da vida humana (MELLO E SOUZA, 1993; RANGEL, SORRENTINO, 1994; CASTRO, 2000; GIFFIN, 2002; SAFFIOTI, 1990). Afirmações sobre a tipologia psicológica das mulheres buscam afirmações de identidade coletiva das mulheres, que não correspondem às realidades.

Existe uma dificuldade de definição e avaliação das orientações de cuidado e justiça, o que dificulta a comparação dos resultados de pesquisas sobre raciocínio moral. A identificação com os pais e os atributos como conexão e separação, presentes nesses estudos, também são de difícil definição, constituindo desafios para avaliação de seus resultados (JAFFEE, HYDE, 2000). Todos os estudos encontrados sobre raciocínio de cuidado envolvem situações hipotéticas apresentadas por pesquisadores ou relatos de dilemas vividos pelos entrevistados. Além disso, a orientação das decisões morais pode representar simplesmente duas diferentes formas de racionalização sobre fatos já ocorridos, tendo pouco ou nenhum efeito no julgamento e comportamentos reais das pessoas. Estes estudos, apontam portanto, indícios, possibilidades, ou tendências de pensamento (BJORKKLUND, 2003). O enquadre de moralidades de gênero corre o risco de acentuar desigualdades e estigmas.

Feminilidades e masculinidades variam histórica e geograficamente e um número enorme de homens e mulheres são rotulados como desviantes por relutarem ou serem inábeis em sustentar concepções idealizadas de gênero (CONNEL, 1995<sup>a</sup>, 1995 b; GERSON, 2002).

O método usado por Gilligan permitia a escolha das situações analisadas na sua pesquisa, o que leva a considerar que as mulheres poderiam escolher mais situações de cuidado numa demonstração de suas preferências em certo tipo de dilema (WALKER, 1987). Seus estudos podem revelar mais sobre a predominância do desempenho de papel de gênero, do que sobre a formação do pensamento moral diferenciado de homens e mulheres (PRATT, 1988).

Cuidado e justiça são duas perspectivas diferentes, complementares, com uma tensão entre elas, mas não se sabe se a maturidade seria a habilidade de integrar as duas formas (GILLIGAN, 1982; JAFFEE, HYDE, 2000). Raciocínios de cuidado e de justiça são ambos necessários no julgamento moral (SCHWICKERT, 2005). Além disso, temos que considerar que a noção de maturidade e de estágios de desenvolvimento, presente na teoria de Gilligan e de Kohlberg (1981, 1984), pressupõe um desenvolvimento voltado para uma maturidade pautada no desenvolvimento cognitivo (MELLO E SOUZA, 1993, 1998).

A meta-análise quantitativa a respeito dos estudos sobre raciocínio moral, não indica que as orientações de cuidado e justiça são diferenciadas pelo gênero, evidenciando uma controvérsia considerável sobre as propostas de Gilligan. Pouco trabalho foi feito para validar a existência da orientação de cuidado e justiça, avaliar se essas orientações são usadas consistentemente nas diferentes situações e ao longo do tempo, e saber como essas orientações se relacionam uma com a outra ou com o comportamento moral (JAFFE, HYDE, 2000).

A comparação entre estudos sobre raciocínio moral em diferentes países de população branca do hemisfério norte, mostrou que enquanto alguns pesquisadores confirmaram existir

raciocínio de cuidado predominantemente em mulheres, e de justiça predominantemente em homens, outros acharam diferenças de gênero apenas no raciocínio de cuidado, e ainda outros falharam em encontrar diferenças de gênero tanto no uso de raciocínio de cuidado quanto de justiça (JAFFEE, HYDE, 2000). Alguns estudos ainda mostraram que poucos indivíduos faziam uso consistente de uma única orientação moral, e os sexos não diferiam no estágio de desenvolvimento moral, embora houvesse variações nas soluções em função de orientação moral de cada pessoa (WALKER et al, 1987). A meta-análise mostrou apenas pequenas diferenças na orientação de cuidado favorecendo as mulheres e pequenas diferenças no de justiça favorecendo homens, com uma variância de 16% para o raciocínio de cuidado e 17% no raciocínio de justiça (JAFFEE, 2000). Entre estudantes universitários australianos, embora as mulheres tendessem ao cuidado, as diferenças de gênero também não foram significativas, exceto quando as questões de gênero eram estereotipadas (RYAN et al, 2004).

Os achados norte-americanos sobre cuidado e gênero não devem ser vistos necessariamente como representativos até mesmo de outras sociedades ocidentais similares. Foram encontradas discrepâncias entre noruegueses e canadenses, nos resultados com relação a gênero e raciocínio de cuidado e justiça entre adolescentes entre 11 e 13 anos, de ambos sexos. Entre os noruegueses, não apareceram diferenças de gênero em conflitos propostos pelo *Ethic of Care Interview*, nem nos conteúdos de dilemas da vida real relatados pelos jovens. Adolescentes canadenses tiveram mais respostas de bondade e cuidado pelas pessoas e geraram mais dilemas relacionados à vida real que os jovens canadenses que tiveram resultados mais altos em dilemas não-relacionais. Os jovens dos dois países devem viver expectativas diferentes de gênero que levam a diferentes raciocínios morais. (SKOE et al, 1999)

Os resultados dos diversos estudos não oferecem suporte firme para a afirmação de que a orientação de cuidado é predominantemente usada por mulheres e que a orientação de

justiça é predominantemente usada por homens. Embora estudos com estudantes e adultos americanos e canadenses tenham confirmado a associação entre as orientações de justiça e cuidado com o conceito de si mesmo, não há esclarecimento se homens teriam identidades mais separadas e mulheres mais conectadas (LIDDELL, 1998 apud JAFFE, 2000; PRATT et al, 1991 apud JAFFEE, 2000). É possível que todos usem uma mistura dos dois, apenas com tendências de gênero para cuidado e justiça (JAFFEE, 2000). O estudo com estudantes americanos de psicologia, mostrou que homens e mulheres usaram uma combinação de justiça e cuidado, embora as mulheres tenham apresentado resultados um pouco maiores com relação a cuidado e menores em relação à justiça (CRANDALL et al, 1999). Outro estudo com estudantes finlandeses também contradisse Gilligan (1982) sobre cuidado e justiça serem formas separadas de pensamento. Seus resultados mostraram uma correlação forte entre as duas orientações morais, já que os participantes de mais alto raciocínio de justiça também tinham alto raciocínio de cuidado, mostrando que eles se integram no raciocínio (JUJÄRVI, 2006).

O pensamento moral orientado para o cuidado seria influenciado mais pela orientação de papel sexual masculino, feminino ou andrógino, do que pelo gênero, entre estudantes canadenses. Aqueles com papel andrógino se mostravam com as duas orientações (SÖCHTING et al, 1994). A orientação mais feminina ou masculina da personalidade tanto entre homens quanto entre mulheres, também permitiu prever mais sobre raciocínio moral entre estudantes americanos no início do curso de psicologia, do que o sexo, apesar da tendência das mulheres ao raciocínio de cuidado e dos homens à justiça. As pessoas com personalidade feminina ou andrógina (homens e mulheres com aspectos femininos e masculinos desenvolvidos) dão mais valor a problemas relacionais e mostram mais preocupações com relações a outras pessoas. Além disso, mostrou que os homens

valorizaram menos dilemas de justiça do que as mulheres, evidenciando não haver uma rigidez no gênero (SKOE et al, 2002).

A orientação feminina ou masculina também prediz comportamento pro-social independente do sexo: pessoas com feminilidade mostraram mais consideração pelos outros do que as que tinham baixa feminilidade e pessoas andróginas mostraram mais comportamentos de ajuda que as pessoas masculinas e femininas (SKOE et al, 2002). Em nenhum momento os autores comentaram que este último estudo foi feito entre estudantes de psicologia, pessoas a princípio interessadas em questões de relação humana, o que pode ter constituído um viés para o interesse para o cuidado. Papéis de gênero podem não ser tão proeminentes entre estudantes universitários como pode ser em outras populações com diferentes ocupações (BJÖRKLUND, 2003).

A personalidade, o perfeccionismo, o conteúdo do dilema e o estado afetivo mostraram ter efeito no raciocínio moral entre estudantes universitários de vários cursos na Suécia, embora as mulheres mostraram níveis mais altos de moralidade de cuidado que os homens (AGERSTRÖM et al, 2006). Entre estudantes de psicologia americanos, comparando situações propostas por pesquisadores e da vida real, as mulheres respondiam com mais emoção nas suas considerações quando relatavam dilemas da vida real (SKOE et al, 2002).

A emoção da experiência real é mais intensa e permeia as decisões das pessoas. Em diferentes estudos, os dilemas da vida real relatados pelos entrevistados, evocavam mais emoções e raciocínios de cuidado entre homens e mulheres, do que os sugeridos pelos pesquisadores (SKOE et al, 2002; AGERSTRÖM et al, 2006; WALKER et al, 1987). Poderia assim haver discrepância entre as autodefinições das pessoas como cuidadoras, como as mulheres e o seu real comportamento no raciocínio moral.

Não há evidências de que as pessoas usam uma orientação moral particular de forma consistente ao longo do tempo e em diferentes situações, embora Gilligan (1982; GILLIGAN, WIGGINS, 1987) tenha proposto que as diferenças de gênero emergiriam na primeira infância e persistiriam ao longo da vida. Estudos com crianças americanas falharam em encontrar diferença de gênero, embora tenham percebido raciocínio de cuidado em mulheres que discutiram dilemas gerados por elas mesmas (WALKER et al, 1987; WALKER, 1989 apud JAFEE, 2000). O raciocínio de cuidado se mostrou portanto, provocado pela prática cuidadora dessas mulheres.

A organização familiar durante o período de criação dos filhos leva a aumentar a polarização de gênero e intensifica as diferenças de gênero na orientação moral. O raciocínio moral é afetado pela atividade de cuidado realmente exercida em determinada faixa etária. Diferenças de gênero foram significativas na orientação moral no estudo com adultos de meia-idade canadenses, que mostrou que as mães eram significativamente menos orientadas para justiça que os pais. No entanto, diferenças de gênero no tipo de raciocínio não foram encontradas entre adultos que não tinham filhos nesse estudo (PRATT et al, 1988).

No período em que as pessoas cuidam de seus filhos pequenos há mais raciocínio de cuidado entre americanos, já que mais participantes entre 35-45 anos foram classificados como orientados para o cuidado, em estudo desenvolvido com americanos de 23 a 85 anos. O raciocínio de cuidado neste estudo, mostrou decair em relação ao de justiça ao longo da vida, pois os participantes acima de 60 anos tiveram escores mais altos na escala de justiça do que na de cuidado. Pessoas entre 45-59 anos que vivem um período em que os filhos estão mais crescidos e não demandam tanta atenção dos pais, foram classificadas como não discriminadas com relação à orientação moral para cuidado ou justiça (LAVELL, 2002).

Voltamos assim, à idéia de que o cuidado precisa de condições para ser manifesto embora possa ser expresso por todos os seres humanos. A motivação e a divisão sexual do



trabalho são fenômenos deflagradores do cuidado com os filhos. O próprio exercício do cuidado influencia o tipo de raciocínio moral, ou seja, o trabalho constrói a identidade do trabalhador. A observação etnográfica de pais acompanhando gestantes, mostrou a habilidade de pais sem treinamento, serem cuidadores de suas companheiras em trabalho de parto, evidenciando mais uma vez, que a experiência constrói o cuidador (CARVALHO, 2001, 2003). Quando as pessoas cuidam dos filhos, suas escolhas se voltam para o cuidado, conforme constatado na presente pesquisa que mostrou que os pais cuidando de seus filhos sozinhos passaram a priorizar o cuidado diante dos dilemas entre trabalhar fora de casa, namorar e cuidar dos filhos.

Diferentes tipos de dilemas enfrentados por homens e mulheres podem aproximar as respostas dos dois sexos para além das suas perspectivas de cuidado e justiça, já que mulheres e homens não diferem nos usos de raciocínio de cuidado e justiça em situações em campo de ação limitado (CLOPTON, SORELL, 1993). A natureza e a distância da relação com o outro, mais que o gênero, mostrou predizer o raciocínio moral entre estudantes universitário australianos, havendo uma abordagem de cuidado mais típica quando se interage com um amigo ou alguém pertencente ao seu grupo, do que com um estranho. A própria auto-imagem como conectado ou separado mostrou depender do contexto colocado, com a possibilidade da pessoa se sentir tanto separada quanto conectada, dependendo da circunstância e da natureza da relação com o outro. Tanto a identidade pessoal quanto o raciocínio moral seriam portanto fluidos e dependentes do contexto (RYAN et al, 2002).

A pesquisa entre estudantes universitários australianos constatou que quando se pedia para as pessoas focarem em grupos aos quais eles pertenciam, as pessoas se descreviam com mais traços conectados, como “merecedoras de confiança” e “compreensivas”. Ao contrário, quando eram solicitados a focar em grupos a que eles não pertenciam, eles costumavam

descrever-se com traços de separação (RYAN et al, 2004). Outro estudo com estudantes americanos de psicologia mostrou que os conteúdos dos dilemas e o tipo de conflito, com relação a relações íntimas ou contratuais também influenciaram as decisões (CRANDALL et al, 1999). Sentimentos de simpatia ou raiva se mostraram relacionados a raciocínio moral de cuidado e justiça respectivamente, entre estudantes americanos (SKOE et al, 2002).

Padrões de raciocínio de cuidado e de justiça também sofrem alterações de acordo com as condições de tempo disponível para resolução dos dilemas enfrentados. Mesmo alguém com propensão para raciocínio de cuidado, pode se ver forçado a pensar de forma diferente se pressionado para resolver um dilema com menos tempo. Ao contrário, se tivermos tempo para processar a informação, poderemos pensar em termos das conseqüências. Embora os homens suecos tenham se mostrado mais orientados para avaliação dos dilemas considerando os compromissos (obrigações, direitos), e as mulheres as conseqüências (o efeito da decisão nos outros), quando pressionados a resolver os dilemas com pouco tempo, os dois sexos aumentaram as respostas de orientação para compromisso. Quando consideravam os problemas menos sérios, as mulheres suecas aumentaram suas respostas com relação ao raciocínio de justiça, e abandonaram raciocínio de cuidado. A orientação de cuidado envolve portanto, maior esforço e consumo de tempo, enquanto que a orientação de justiça exige menos esforço e proporcionaria uma solução mais rápida, tanto para homens como para mulheres (BJÖRKLUND, 2003).

Há controvérsia nos estudos sobre raciocínio moral a respeito das condições sociais. Alguns pesquisadores propuseram que gênero e status social de grupo de minoria ou subordinado são confundidos em estudos sobre orientação moral. Grupos com menos poder vivem condições que promovem uma preocupação inerente com outros porque os outros, em parte, determinam os efeitos em suas vidas (TRONTO, 1987,

apud JAFFEE, 2000). Contudo, outros pesquisadores com base em pesquisas empíricas, concluíram que status social mais baixo promove uma preocupação com justiça e direitos. Estudantes americanos de minorias sociais adotaram mais perspectiva de direitos (GILLIGAN E ATTANUCCI, 1988). Crianças de uma comunidade rural de classe trabalhadora eram de alguma forma mais prováveis de enfatizar considerações de direitos que crianças de um bairro mais universitário (BEAL et al, 1997 apud JAFFE, 2000; GARROD, BEAL, 1993 apud JAFFEE, 2000). Os autores destes estudos justificam a presença deste tipo de raciocínio para compensar as desigualdades sociais vividas por estes grupos, mas esta é uma questão em aberto já que gênero e classe social mostraram interagir no raciocínio de cuidado mas não no de justiça em outros estudos realizados. As diferenças de gênero em raciocínio de cuidado aumentaram dos grupos de classe mais baixa para mais altas, mas a magnitude dos resultados de raciocínio de justiça não diferiram como uma função de classe social, na comparação entre estudos quantitativos (JAFFEE, 2000). Esses achados não respondem à questão sobre a causa de diferenças de gênero no raciocínio de cuidado serem menores entre grupos mais pobres americanos. Seria fruto da preocupação com ou outros que em parte determinam efeitos em suas vidas? Ou porque o status social baixo promove uma preocupação com justiça e direitos em função das desigualdades enfrentadas?

O estudo sobre sensibilidade materna durante o banho dos filhos de até 1 ano de idade, entre mulheres brasileiras de diferentes classes sociais, mostrou menores frequências de comportamentos sensíveis ao choro dos filhos, entre mães de classe baixa do que entre mães de classe média. Estas últimas possuíam mais escolaridade, mais idade e tinham com quem dividir os cuidados infantis. As autoras consideram que seja provável que as mulheres de classe social mais alta, possam se concentrar mais no banho do bebê porque dividem os cuidados e tarefas da casa com a babá ou empregada, estando menos cansadas e

mais motivadas (SILVA et al, 2002) As condições econômicas interferem portanto, na disponibilidade de tempo para a conexão afetiva e para o cuidado dos filhos.

O tipo de educação recebida dos pais se mostrou relacionado com níveis altos de raciocínio de cuidado entre jovens americanos de vinte anos. A ênfase dos pais no cuidado nas histórias familiares, com estilo de família mais autoritária e uso de práticas encorajadoras de autonomia contribuiu para atenção ao cuidado e para participação comunitária desses jovens. Não foi evidenciado nesse grupo haver diferenças de gênero nos tipos de raciocínio, provavelmente como fruto das grandes transformações no gênero em relação aos primeiros estudos há vinte anos atrás sobre raciocínio moral (PRATT et al, 2004).

A instrução também pode afetar o raciocínio moral. Estudantes de serviço social e de enfermagem na Finlândia, mostraram que o pensamento de cuidado se ampliou 34% ao longo de dois anos enquanto que entre estudantes da escola de oficiais de polícia, o pensamento de justiça aumentou 48% (JUUIJÄRVI, 2006). Ocupação e educação fazem com que as diferenças de gênero no raciocínio moral desapareçam também em outros estudos (COLBY, DAMON, 1983 apud JAFFEE, 2000). Por outro lado, as escolhas profissionais são sujeitas também ao gênero já que há poucos homens que procuram profissões cuidadoras.

Voltamos assim, à idéia de que o cuidado precisa de condições para ser manifesto embora possa ser expresso por todos os seres humanos. A motivação, os interesses pessoais, as condições econômicas, o tipo de dilema enfrentado, a divisão sexual do trabalho, a fase da vida, as relações afetivas, a cultura e até mesmo a disponibilidade de tempo são fenômenos deflagradores desse processo.

Nesta discussão sobre raciocínio moral, temos que considerar que estes estudos se pautaram principalmente na discussão de gênero. No entanto, o raciocínio moral sofre influência de outros fatores sociais, psicológicos, políticos e econômicos, dependendo do contexto cultural (MELLO E SOUZA, 1993). As diferenças de orientação moral resultariam das situações enfrentadas na vida, mais do que de características estáveis de gênero. A pesquisa etnográfica desenvolvida com homens e mulheres cariocas na década de 90, já citada anteriormente, revelou que a orientação moral deste grupo social não se pautaria na divisão entre cuidado e justiça. Lealdade às pessoas próximas seria mais significativo do que o gênero, diferenciando os julgamentos morais. Brasileiros estariam mais voltados para conceitos morais particulares, situacionais, do que com conceitos universais. A moral não

estaria relacionada a valores que envolvam espaços públicos, onde critérios de justiça, seriam mais acentuados, mas às relações pessoalizadas, mesmo fora do ambiente familiar. O contexto da casa seria predominante, como consequência dos limites impostos pela estrutura social hierárquica, onde há poucas possibilidades de intervenção de cada um como cidadão no espaço público (DA MATTA, 1985)<sup>27</sup>. Critérios de compreensão do raciocínio moral com base no cuidado e na justiça, não servem portanto, para compreensão de diferentes contextos culturais (MELLO E SOUZA, 1993).

#### **5.2.4 Críticas à noção de diferenças psíquicas de gênero**

A discussão sobre determinantes psicológicos de gênero no raciocínio de cuidado pode ser entendida a partir da compreensão desenvolvida por Kimball (1995) sobre a existência de duas tendências na psicologia feminista com relação às similaridades e diferenças entre os sexos humanos. Um grupo, que ela chama de minimalista se volta para similaridades entre os gêneros, num entendimento de que as diferenças não existem ou são modestas e irrelevantes na maioria dos contextos. Esta compreensão minimalista estimula os movimentos por direitos iguais. Haveria um outro grupo maximalista, que considera os gêneros muito diferentes em várias dimensões, e que as qualidades das mulheres são importantes, significativas e de valor. Cada uma dessas abordagens tem seus impactos nas questões, metodologias, teorias e objetivos políticos do movimento feminista.

A discussão desenvolvida por Chodorow (1990) e Gilligan (1987), mostra a tendência maximalista, fortificando a percepção das diferenças e valorizando as mulheres pelo exercício do cuidado. Por outro lado, identificam os homens como não constituídos para o cuidado. Embora esta contribuição científica tenha seu valor na história da valorização das mulheres, esta perspectiva corre o risco de cristalizar diferenças construídas socialmente e pode limitar a discussão do cuidado à questão de gênero, sem considerar a desvalorização do cuidado que

---

<sup>27</sup> Trata-se, da discussão desenvolvida por DaMatta (1985) sobre as diferenças de valores culturais na vida privada, relativa à casa e no mundo público, o da rua, na cultura brasileira.

ocorre de maneira mais ampla com a vida de trabalhadores e trabalhadoras sobrecarregados. Além disso, estes estudos correm o risco de padronizar os homens como descuidados com os filhos, descontextualizando a influência do contexto pós-industrial que afastou os homens da família ao supervalorizar o trabalho remunerado fora de casa. A valorização do cuidado proposta por autoras feministas quando não considera os contextos políticos e econômicos, pode camuflar a dominação existente sobre as pessoas, especialmente entre as mulheres (APPLEBAUM, 1989).

Cuidado em si não garante qualidade, e pode não significar uma ética superior de relação humana já que muitas vezes o cuidado das mulheres é expressão de sua dominação. A valorização do cuidado como algo feminino, pode levar a uma forma de essencialismo de gênero, entendendo-o como virtude das mulheres. Pode significar ainda um essencialismo moral, em que os valores morais das mulheres são entendidos como tendo valores intrínsecos e até mesmo um monismo moral, em que os valores das mulheres são os únicos que importam (APPELBAUM, 1989; HOUSTON, 1987 apud APPLEBAUM, 1989).

A noção sobre diferenças na constituição psíquica conectada ou separada, entre homens e mulheres merece questionamento, já que a construção da personalidade sofre muitas outras interferências além do gênero. Esta identidade envolve uma complexidade de fenômenos internos e externos e a aquisição do gênero é semelhante a diversos outros aspectos da personalidade ou seja, se aprende a ser homem do mesmo jeito que se aprendem outros aspectos da vida (CRAIB, 1987; 1995 apud MCMAHON, 1999). Além disso, o gênero não é estável, se processando numa dinâmica dialética permanente de acomodação e resistência (ANYON, 1990).

Encontramos na meta-análise desenvolvida por Jaffe e Hyde (2000) críticas a respeito das conclusões sobre a correlação entre relação parental, identidade de gênero e raciocínio

moral. Como não há estudos sobre a relação íntima entre homens e seus filhos, não se pode determinar como a natureza da relação paterna difere da materna (JAFEE, HYDE, 2000). Outra pesquisa com pais e mães com filhos de 2 a 4 anos, mostrou que as mães intervêm mais freqüentemente e usam mais raciocínio de cuidado que os pais, embora pais e mães não mostrem diferenças em seu raciocínio de justiça (LOLLIS et al,1996 apud JAFEE, HYDE, 2000). Nesse estudo, não houve evidência de que as meninas receberam mais intervenções orientadas para o cuidado, nem que os meninos receberam mais intervenções orientadas para justiça, e ressaltam que os autores concluíram que meninos e meninas não foram socializados diferentemente a este respeito (JAFEE, HYDE, 2000). Estes exemplos mostram as dificuldades para confirmação de hipóteses teóricas sobre constituição psíquica das pessoas.

Há muita variação de identificação psíquica de homens e mulheres, já que se produzem vários tipos diferentes de personalidade de gênero dentro de uma mesma comunidade, num processo pessoal de acomodação e resistência (ANYON, 1990). É possível uma identificação maior com a masculinidade ou feminilidade apesar do sexo biológico, havendo por exemplo, vários tipos de homens, desde o macho jogador de futebol ao intelectual, que não correspondem à masculinidade hegemônica (CONNEL, 1995; MCMAHON, 1999). Por outro lado, nem todas as mulheres “maternam” ou querem “maternar”, e que nem todas as mulheres são maternais ou apoiadoras. Algumas são mais maternais que as outras e querem ter filhos, enquanto os homens também podem querer ter filhos e ser carinhosos, já que a constituição do gênero se forma num arranjo pessoal único (CHODOROW, 1990, 1999). (1999)

Há necessidade de se criticar qualquer polarização dicotômica entre feminilidade e masculinidade. Homens que correspondem ao estereótipo masculino podem falar com sensibilidade, ter insight sobre seus próprios sentimentos, se comprometer em confortar,

apoiar pessoas e tomar parte de todas as trocas emocionais rotineiras de seu grupo social. Por outro lado, mulheres “femininas” podem também ser fechadas emocionalmente, defendidas, agressivas no falar e incapazes de se engajar em cuidado de crianças (CRAIG, 1987; CRAIG, 1995 apud MCMAHON, 1999).

As idéias sobre a identidade conectada das mulheres e as pesquisas sobre raciocínio moral de gênero podem reforçar as noções hegemônicas de maternidade e cuidado feminino (GERSON, 2002; JAFFEE, HYDE, 2000). No nosso país, as instituições de saúde, exatamente porque entendem que só as mulheres são cuidadoras, afastam os homens da atenção às gestantes e aos seus filhos no nascimento e na assistência pediátrica (CARVALHO, 2001, 2003). Os estudos de raciocínio moral de gênero correm o risco de reforçarem estes estereótipos de gênero. O cuidado exercido pelas mulheres não é bom em si mesmo (APPLEBAUM, 1987). A própria Chodorow (1990) argumenta a necessidade dos pais cuidarem para proteger as crianças dos males do cuidado materno exclusivo, como a super-proteção das mães. As mães podem não ser “boas cuidadoras” e a psicologia está repleta de exemplos onde narcisismo, frustrações e projeções das mães prejudicam os filhos.

Nem sempre as mães têm condições psicológicas para o cuidado dos filhos, o que indica que o cuidado não se atrela a uma característica de gênero. Estudos longitudinais desenvolvidos na Suécia mostraram que crianças de 8 anos e adolescentes de 16 anos têm muito mais problemas na escola e na vida em geral, se tiverem sido criados por mães percebidas como de risco, ainda na gravidez, com uso de álcool e drogas, problemas psiquiátricos e precariedade social. Na gravidez e na primeira infância, já era percebida uma pobre interação entre essas mães e seus bebês. Seus filhos adolescentes mostraram dificuldades para completar o ensino fundamental, tinham menos perspectivas quanto ao futuro, eram mais fumantes e as jovens apresentavam mais riscos de cometer suicídio (WADSBY et al, 2007; SYDSJÖ, 2001). É interessante observar que embora esse estudo



registre que 9% dos adolescentes estudados morassem com os pais sem as mães, não há referência sobre as condições dos pais. Focam exclusivamente nas condições maternas, e não há proposição de envolvimento maior dos pais nos cuidados com as crianças, um reflexo da ideologia dominante da maternagem cuidadora. Como nessas famílias, na presente pesquisa, mães sem condições psicológicas para a atenção aos filhos provocaram os pais entrevistados para o cuidado diário.

Os estudos sobre raciocínio moral se baseiam em distinção dicotômica de gênero que além de imprecisa, acabam estigmatizando aqueles e aquelas que não se adaptam às conformações sociais (GERSON, 2002; MC MAHON, 1999; BAUMEISTER, SOMMER, 1997; APPLEBAUM, 1987). Usar o gênero assim é mais prescritivo que descritivo, pois mostra como homens e mulheres deveriam se comportar, mas não provê uma descrição precisa ou explicação de como homens e mulheres realmente se comportam, ou como eles deveriam se comportar, se opções alternativas estivessem disponíveis nos meios sociais onde vivem (GERSON, 2002). É preciso lembrar que o gênero está em constante movimento, com homens e mulheres se acomodando e resistindo dialeticamente às normas sociais (ANYON, 1990).

### **5.2.5 Homens conectados e cuidadores de outro jeito**

O argumento sobre os homens desejarem independência e separação, como fruto da maternagem exclusiva, é discutida de maneiras opostas por duas meta-análises. Uma delas, conclui pela constituição dos homens voltados para separação, livres de conexões sociais e com menos “necessidade de pertencimento” do que as mulheres (CROSS, MADSON 1997). Outra meta-análise considera os homens conectados e cuidadores, mas de forma diferente das mulheres (BAUMEISTER, SOMMER, 1997). A comparação dessas duas posições

desmistifica mitos de gênero e mostra como as leituras podem minimizar ou maximizar essas diferenças (KIMBALL, 1995). É preciso considerar que essas duas meta-análises tratam de pesquisas realizadas principalmente com homens e mulheres americanos.

Cross e Madson (1997), com base em estudos com americanos, compreendem que os homens não cuidariam porque só procurariam relações para servirem a si mesmos, ou seja, as relações interpessoais dos homens constituiriam meios para seus projetos individuais, ou serviriam como espelhos para a comparação individual de si mesmo com os outros. Através dessas relações, receberiam devoluções para o desenvolvimento de suas habilidades ou atributos e ainda desta forma demonstrariam singularidade e dominação sobre os outros.

No entanto, para Baumeister e Sommer (1997), os homens como as mulheres, estariam profundamente motivados pela necessidade de pertencimento. Só que homens tenderiam a compreender e resolver esta necessidade, dentro de uma esfera mais ampla de relações sociais, de forma diferente das mulheres, cuja sociabilidade seria orientada para um pequeno número de relações íntimas e duais. Em relações com maior número de pessoas, a orientação dos homens não procuraria intimidade como é possível na abordagem dual, mas eles cuidariam do seu relacionamento com os outros. Seriam motivados por uma necessidade de pertencimento, pois se importam com que seus companheiros de trabalho pensam deles. Estariam conectados com eles, mas de uma maneira diferente de suas relações com suas companheiras. Buscariam singularidade em suas ações para servir ao grande grupo, e se quisessem ser separados, não se aperfeiçoariam em ser bons churrasqueiros ou jogadores de futebol, situações que exigem colaboração em equipe. (BAUMEISTER E SOMMER, 1997). Esta leitura pauta seu entendimento nas diferenças de conexão das mulheres para o mundo privado e dos homens para o mundo público, como encontramos na leitura sobre “a casa e a rua” no contexto brasileiro (DAMATTA, 1985).

Sobre o entendimento das mulheres quererem relações mais íntimas e duradouras (CROSS, MADSON, 1997), encontramos a contestação de que as mulheres rompem mais com as relações amorosas (BAUMEISTER, SOMMER, 1997). O fato dos homens sofrerem mais após os terminos das relações que as mulheres, seria também um indício de que querem intimidade. Quanto ao argumento de que as mulheres acabariam com as relações por que estão cansadas da opressão masculina, há o questionamento sobre as lésbicas também terem relações de curta duração (BAUMEISTER, SOMMER, 1997).

O argumento de que os homens teriam dificuldade de conexão afetiva por terem fronteiras rígidas no ego, também pode ser contestada pelo fato de que quando os pais cuidam, se envolvem mais com brincadeiras e jogos físicos, de alto nível de intimidade amorosa e conexão afetiva com seus filhos (EHRENSAFT, 1987; QUADROS, 1996; MARTINS, 2007). Aprenderam com as suas mães o contato íntimo que os faz capazes de intimidade com seus filhos. Além disso, se tivessem limites egóicos rígidos, também não seriam capazes de receber nutrição afetiva de suas mulheres (MCMAHON, 1999)

A busca masculina por pertencimento em grandes grupos pode enfatizar hierarquias, poder e dominação. Através do poder, há conexão com outros, de uma maneira agradável e vantajosa. Desejo de poder pode ser entendido portanto, como desejo de amor. Muitos homens procurariam mais status social também para aumentar seu acesso às mulheres, e assim conseguiriam ser amados (BAUMEISTER, SOMMER, 1997). Temos que considerar que estes autores estão falando do modelo homens com dinheiro e que têm acesso a lugares de poder.

O cuidado com as relações entre homens e mulheres, evitando a agressividade, é entendido de diferentes formas nas duas meta-análises citadas. Uma perspectiva entende que as mulheres sendo “interconectadas”, seriam menos agressivas por temerem o prejuízo da sua

agressão, nas relações íntimas (CROSS E MADSON, 1997). No entanto, a perspectiva de Baumeister e Sommer (1997), evidencia o descolamento entre gênero e agressividade, lembrando os eventos de agressividade em relações lésbicas. Indica que as mulheres são mais agressivas nos vínculos mais íntimos onde estão inseridas: batem nos filhos, parentes mais velhos e começam mais as brigas com maridos e namorados, enquanto os homens seriam mais agressivos em relações sociais mais amplas (BAUMEISTER, SOMMER 1997). Pesquisas que evidenciam que as mulheres batem mais nas crianças pequenas do que nos filhos adolescentes. Não bateriam nos filhos mais velhos por medo de retaliação e não por cuidado com a relação (BAUMEISTER, SOMMER, 1997). Embora este tema mereça muitas outras considerações, estas colocações questionam as noções sobre homens mais violentos e menos cuidadores das relações amorosas, do que as mulheres. Percebe-se mais uma vez, a desmistificação de atributos de gênero relativos ao cuidado com as relações familiares. De acordo com a perspectiva de Baumeister e Sommer (1997), homens e mulheres seriam mais parecidos do que diferentes e seus comportamentos não seriam imbuídos de objetivos radicalmente opostos.<sup>28</sup> A meta-análise sobre a relação entre gênero e comportamento de ajuda desenvolvida por Eagly e Crowley (1986) também contribui para a evidência de atitudes cuidadoras dos homens. Com base em diferentes estudos, apresenta a perspectiva sobre os meninos ajudarem mais pessoas estranhas por serem mais sociáveis em grupos maiores e com melhor aceitação para a entrada de pessoas novas em seus grupos. As mulheres tiveram resultados mais baixos em comportamento de ajuda a estranhos nesses estudos, porque seriam mais treinadas para relações com pessoas próximas na família e entre amigos (EAGLY E CROWLEY, 1986).

---

<sup>28</sup> Nessa discussão entre essas duas meta-análises, chama a atenção o possível viés de gênero de suas leituras. Cross e Madson são duas mulheres com percepção dos homens desconectados e descuidados. As posições sobre homens conectados são colocadas por uma dupla constituída por Roy Baumeister, um homem, e uma mulher, Kristin Sommer.

Por outro lado, os homens são estimulados a cuidarem das pessoas através de outras formas: comportamento heróico de salvar pessoas do perigo, até mesmo em situações de risco para eles mesmos. Os heróis em geral são homens e espera-se que os homens se aventurem voluntariamente em situações de riscos, tenham calma numa crise e permaneçam bem sob pressão. As mulheres podem perceber certas situações como mais perigosas, quando percebem risco para sua segurança física ou quando a ajuda é dirigida a um homem estranho na rua, pelo medo de ameaça de estupro (EAGLY E CROWLEY, 1986). A presença de uma audiência e a possibilidade de avaliação de outras pessoas podem também ser relevantes para o comportamento heróico o que se assemelha à conclusão de Baumeister e Sommer (1997) sobre a necessidade de reconhecimento dos homens nos grandes grupos.

O cavalheirismo também seria uma forma de estimulação do comportamento de conexão e atenção cuidadora dos homens (EAGLY E CROWLEY, 1997). Os homens são colocados em funções em que sua própria vida pode ser prejudicada para ajudar os outros, tais como bombeiros. Ou seja, homens e mulheres se sentem competentes e confortáveis para ajuda em diferentes campos de ação (EAGLY E CROWLEY, 1997). Como vemos, são habilidades desenvolvidas pelas mulheres para o mundo da casa, âmbito do cuidado com a família e dos homens, para o mundo da rua (DAMATTA, 1985).

É importante considerar sempre que estes estudos são leituras de gênero que não podem ser universalizadas. Considerando a desmistificação de diferenças psíquicas de gênero na constituição das pessoas, passemos à reflexão dos prejuízos que as justificativas psicológicas de gênero trazem para a perpetuação da dominação dos homens sobre o trabalho de cuidado das mulheres.

### **5.2.6 Críticas às justificativas psicológicas para homens não cuidadores**

Embora Chodorow (1990) se contraponha à desvalorização das mulheres, constrói uma psicologia que pode ser usada como uma justificativa para o fato dos homens serem cuidados

por mulheres. Não cuidariam da casa por uma dificuldade de se separarem de suas mães, e não por um comportamento de dominação masculina, justificando psicologicamente fenômenos ideologicamente determinados (MCMAHON, 1999). A valorização do cuidado como atributo do raciocínio moral e da identificação psíquica das mulheres pode camuflar a dominação existente sobre as próprias mulheres, mantê-las “vulneráveis aos abusos e perpetuar a opressão” (APPLEBAUM, 1989, *online*, tradução livre). A masculinidade hegemônica prevê o homem como dominador, o poderoso dentro de casa e o senso comum entende que os homens não têm jeito para o cuidado, justificando assim, a sobrecarga feminina na dupla-jornada (CARVALHO, 2001 b).

Dados estatísticos recentes no nosso país mostram que as mulheres casadas com filhos gastam mais horas de trabalho com afazeres domésticos do que as solteiras com filho, evidenciando o trabalho que os homens criam para elas (IBGE, 2007). A grande maioria dos homens recebe comodamente o cuidado de suas companheiras que se desdobram na dupla-jornada (MCMAHON, 1999). O entendimento das dificuldades masculinas para o exercício do cuidado, não pode portanto, vitimizá-los (OLIVEIRA, 1998).

A idéia sobre homens serem constituídos como separados psiquicamente e construírem fronteiras rígidas no ego, deve ser contestada pelo fato de diversos estudos revelarem que os pais brincam mais com os filhos, escolhendo tarefas mais agradáveis (QUADROS, 1996; OLIVEIRA et al, 1999; MARTINS, 2007). Jogos e brincadeiras exigem alto nível de relação e intimidade física, o que derruba a idéia de fronteiras egóicas rígidas. Só cuidam de todo o trabalho doméstico onde não há mulheres para o fazer, como no cuidado de idosos (CAMPBELL, MARTIN-MATHEWS, 2000), e quando as mães não estão disponíveis como foi apresentado nos estudos com homens cuidadores e será discutido nos resultados da presente pesquisa de campo.

O argumento de que as mulheres teriam uma identificação positiva e prazer com o cuidado (CHODOROW, 1990), se contrapõe ao fato de que as mulheres cuidam independente das suas satisfações. Com relação à sua pretensa afinidade com o cuidado, é importante considerar que estudos mostram que elas cuidam independente dos seus resultados em escalas de estereótipos de “feminilidade” e “masculinidade”. No entanto, homens com níveis mais altos de “feminilidade”, tendem a apresentar mais cuidado com crianças que outros homens, mostrando que existe uma correlação entre o interesse deles e a tarefa que desempenham. Entre as mulheres no entanto, o interesse não é considerado pois o cuidado é obrigatório (RUSSEL, 1978 apud MCMAHON, 1999).

A concepção de que se pode mudar o gênero a partir da inserção dos homens no cuidado com os filhos, não pode excluir a discussão da dominação do modelo de família tradicional heterossexual e as dificuldades das relações conjugais. Além disso, o cuidado do homem por sua companheira não pode ser visto como de menor importância, no processo de construção de equidade de gênero (MCMAHON, 1999).

A supervalorização da mãe sensível, reproduz uma perspectiva patriarcal da feminilidade passiva, receptiva e cuidadora (HILARY GRAHAM, 1986 apud MCMAHON, 1999). Neste modelo, não são consideradas as rotinas de atenção às necessidades físicas das crianças, que consomem muita energia e se caracterizam como intervenção racional, ativa e não passiva (WALKERDINE e LUCEU, 1989 apud MCMAHON, 1999).

A idéia de haver uma adequação feminina e inadequação masculina à tarefa de cuidar, embora percebida como uma construção na relação com a mãe, fortalece as diferentes posições dos homens e das mulheres na divisão do trabalho. As qualidades pacíficas, pacificadoras e atenciosas das mães são fruto das qualidades desenvolvidas no exercício da tarefa, assim como qualquer trabalhador desenvolve habilidades específicas do seu trabalho:

por exemplo contadores são precisos, advogados são argumentadores e escritores são auto-centrados (KATHA POLLITT, apud MCMAHON, 1999).

Pensar que a desvalorização que os homens fazem às mulheres seja fruto do temor às suas mães, representadas nas mulheres (CHODOROW, 1990), também precisa ser contestada. O poder masculino é concreto e é nesse poder que os homens baseiam sua dominação, e não na fragilidade psicológica da relação filho-mãe. Trata-se pois, de uma psicologização sobre a vantagem que os homens tiram do seu poder sobre as mulheres, sem compreender sua dominação na divisão do trabalho. As explicações psicológicas colocam as opressões das mulheres, onde a ideologia patriarcal sempre as colocou: nas diferenças anatômicas, na maternidade, na sexualidade, nas experiências infantis, na estrutura da mente inconsciente, em ideologias e discursos. Em qualquer lugar, menos nas vantagens materiais dos homens. É portanto uma psicologia inofensiva ao patriarcado (DELPHY, LEONARD, apud MCMAHON, 2000).

Para alguns críticos, homens sofrem mais com as separações, não porque estão mais implicados com a projeção das mães nas mulheres, mas porque perdem mais vantagens com as separações, pois as esposas deixam de trabalhar em casa para eles. Também não seriam “separados” já que são dependentes do trabalho das mulheres e do casamento. Segundo esta perspectiva, homem não chora e não assume dependência, para continuar tendo vantagem, manter o controle das situações e ter poder na relação. Não falar das emoções numa relação também pode ser entendido como uma forma de conseguir poder, pois coloca a companheira, desejosa e carente de intimidade. (HANISHC apud MCMAHON, 1999).

Argumentações que entendem que os homens negam a dependência das mulheres, numa expressão de sua negação da dependência às mães, psicologizam a dominação. O que as teorias psicológicas fazem para entender os homens, despoltizando a dominação sobre as mulheres, é o mesmo que os burgueses fazem negando sua dependência da classe



trabalhadora, já que têm seu bem-estar garantido a partir da dominação sobre o trabalho destas pessoas (MCMAHON, 1999).

A idéia de que os homens não estariam em contato com suas emoções também pode ser criticada, pois os homens sempre conseguem satisfazer suas necessidades emocionais nas relações com mulheres. Além disso, não ter contato com emoções não é uma questão apenas dos homens, nem é um impedimento para o trabalho de cuidado, pois mulheres também têm dificuldade de entrar em contato com seus sentimentos. Suas dificuldades podem ser consequência de muitas vezes estarem demais em contato com os sentimentos dos outros (MCMAHON, 1999). A habilidade da mulher de compreender o estado emocional dos homens não implica portanto, em compreender suas próprias emoções, pois como subordinadas têm que saber mais sobre os dominadores para atendê-los, e sabendo mais deles do que de si mesmas (MILLER, 1976, apud MCMAHON, 1999).

Temos que considerar contudo, que o modelo capitalista de produção e a masculinidade hegemônica pautam trabalhadores muito desconectados de seus desejos e afetos para executarem trabalhos desprazerosos, e neste sentido, os homens são mais prejudicados por sua identificação maciça como provedores (CONNEL, 1995 a , 1998, 1995 b). O trabalho de cuidado dos filhos, apesar de pesado, e sobrecarregar as mulheres, propicia uma intimidade e conexão afetiva diária. Entre mulheres executivas no Rio de Janeiro, apesar da correria do trabalho e da casa, o estresse mental do trabalho se desfaz com o sorriso dos filhos (ROCHA-COUTINHO, 2003). Cuidar pode trazer benefícios para o cuidador.

O enquadre psicológico e moral pode justificar, dissimular e perpetuar a desigualdade e hierarquia de gênero. Não resolve a tensão entre o interesse próprio e o sacrifício pelo outro, nem a divisão entre trabalho doméstico e o mercado de trabalho. Agudiza e polariza mais ainda a divisão de gênero, sugerindo que mulheres se sentem bem com elas mesmas por existirem para outros, enquanto homens podem existir para outros por existirem para eles

mesmos (GERSON, 2002 ) A divisão sexual do trabalho não é portanto, um fenômeno que possa ser explicado pela formação psicológica das pessoas. É uma divisão política e econômica que serve aos interesses dos homens mais do que das mulheres (MCMAHON, 1999).

Embora possamos concordar que a falta do convívio afetivo com os pais prejudique a história afetiva dos meninos, não se pode utilizar este argumento para justificar e perpetuar a dominação masculina diante da dupla-jornada feminina. Poderíamos dizer portanto, que os meninos, aprenderam a cuidar no contato com suas mães, mas essa capacidade ou foi reprimida ao longo da vida, ou dispensada pelo comodismo de seu status na relação com as mulheres. Mas entendo que além da reprodução da dominação masculina, os homens reproduzem a desvalorização social do cuidado, já discutida em seção anterior. Os homens consumiriam de maneira alienada o trabalho de cuidado produzido pelas mulheres, numa relação parecida que o capitalismo estabelece no processo de exploração de mão de obra dos trabalhadores e das trabalhadoras. Não dividir igualmente o trabalho doméstico é uma forma de resistência política dos homens em preservar seu poder, apesar das transformações na masculinidade já começarem a possibilitar que homens expressem suas emoções, se embelezem e se tornem pais mais amorosos com seus filhos e que já permitem aos homens manifestar suas emoções, se embelezarem, se tornarem pais mais próximos. Não arcar com o trabalho pesado do cuidado seria uma forma de resistência do velho poder machista (MCMAHON,1999).

Como já discutimos em outro capítulo, a atitude machista de não cuidar também está relacionada à desvalorização econômica do cuidado. Os estudos de gênero sobre raciocínio de cuidado carecem da consideração de que a sociedade está mudando os conflitos morais: hoje mulheres buscam autonomia econômica paralelamente a cuidar da família e os homens não se sentem na obrigação de sustentar a família sozinhos, mas sofrem pressões para se

tornarem parceiros e pais mais envolvidos. Estes estudos além de estereotipar homens e mulheres, perpetuam e dissimulam as prisões de gênero com relação às tensões entre o interesse próprio e o sacrifício pelo outro, e entre o trabalho doméstico e o trabalho fora de casa. Categorias de gênero podem ser assim mascaradas com autoridade moral, de maneira ambivalente. Perpetua a situação de que transgredir esses limites continua a colocar uma pessoa em risco de desaprovação social (GERSON, 2002). As respostas de gênero não refletem diferenças inerentes ao gênero mas são ao contrário, estratégias desenvolvidas por atores sociais situados em posições diferentes, lidando com circunstâncias ambíguas, pois as pessoas são cobradas ao mesmo tempo para ganharem dinheiro e cuidarem da família (GERSON, 2002).

Apesar das evidências de haver mais semelhanças entre homens e mulheres, em relação a diferentes aspectos, do que diferenças, o discurso sobre dicotomia de gênero em orientação moral permanece para explicar as tensões vividas atualmente entre interesse próprio e sacrifício, ou melhor, entre mercado de trabalho e trabalho doméstico. Para ultrapassar esses obstáculos, é preciso criar enquadres teóricos e sociais menos comprometidos com o gênero para compreender a possibilidade de partilha de responsabilidades dentro e fora de casa, entre mulheres e homens (GERSON, 2002).

Devemos focar portanto, nas condições sociais que podem transformar e dissolver potencialmente a ligação entre gênero e responsabilidade moral (MELLO E SOUZA, 1993). Se não erradicarmos esta ligação, as conquistas feministas podem apenas significar que mulheres entrando no mercado de trabalho, estão autorizadas para adotar as estratégias morais reservadas anteriormente para os homens, e assim se afastarem do cuidado com a família (GERSON, 2002). O desafio é como capacitar todos, independente do gênero, classe ou situação familiar para equilibrar cuidado para os outros com cuidado de si. Conseguir isso depende de criar uma sociedade saudável, em que todos cidadãos são capazes de combinar

amor e trabalho do jeito que eles julguem melhor, independente do gênero (GERSON, 2002). A proposta de Reengenharia do Tempo, já apresentada, indica que a atenção a si mesmo e à família não será resolvida numa discussão entre homens e mulheres, mas a partir da valorização e da reorganização do tempo dedicado ao trabalho e à vida privada (OLIVEIRA, 2003).

Neste capítulo, discutimos os desafios específicos dos homens para a prática cuidadora, entre elas, a dificuldade dos homens se descolarem de seus privilégios da dominação masculina e abandonarem a herança da autoridade patriarcal, para se envolverem igualmente nas tarefas domésticas. Os homens também enfrentam as instituições sociais que não cuidam de sua saúde e perpetuam o distanciamento paterno, dificultando o exercício de uma paternidade afetiva e cuidadora. Analisamos alguns estudos que revelam a prática cuidadora de homens e a dificuldade da guarda paterna.. Discutimos ainda estudos teóricos e pesquisas que relacionam o gênero à construção do raciocínio moral de cuidado, reconhecendo que além do gênero, há muitos outros determinantes envolvidos neste fenômeno. A ausência dos homens no cuidado, não se trata portanto, de uma incompatibilidade psicológica das identidades e raciocínios morais dos homens. Voltamos assim, à idéia de que o cuidado precisa de condições para ser manifesto embora possa ser expresso por todos os seres humanos.

Vejamos agora, a pesquisa realizada com pais cuidadores sem as mães, que confirmam a possibilidade de homens se envolverem com o trabalho de cuidado, apesar das dificuldades sociais que desvalorizam o cuidado com a vida em geral e da dominação masculina que o entende como tarefa feminina.

## 6. PESQUISA COM PAIS CUIDADORES

### 6.1 *A pesquisa realizada*

Esta pesquisa consiste em um estudo exploratório realizado através de entrevistas semi-estruturadas em profundidade, com histórias de vida com relação ao cuidado, com 16 pais separados e viúvos, de diferentes camadas sociais, etnias, idades, e diferentes graus de escolaridade, que cuidam diariamente dos seus filhos, crianças e adolescentes, sem a participação das mães, na região metropolitana do Rio de Janeiro, no período entre agosto e novembro de 2006.

Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas profundas, cujos objetivos gerais foram: conhecer como os homens se motivam, vivenciam e se organizam para cuidarem de seus filhos sem a presença das mães; identificar as experiências nas histórias pessoais dos pais que tenham possibilitado o cuidado com os filhos; compreender como lidam com o cuidado com os filhos dentro da sua vivência de masculinidade; e compreender a relação entre cuidar dos filhos com outras experiências de cuidar na vida em geral.

Os objetivos específicos deste estudo foram: conhecer suas rotinas de cuidado com seus filhos e como se vêem nas diferentes ações envolvidas; compreender suas relações com a sociedade a partir da experiência de cuidar sozinho; identificar as repercussões da experiência de cuidado nas suas condições materiais de vida; conhecer os contextos que influenciaram sua experiência de paternidade; identificar redes de apoio para o cuidado; entender como os pais percebem as consequências para os filhos por serem cuidados só por pais; compreender a relação destes homens com o cuidado consigo mesmos.

Foram selecionados 16 pais entre viúvos, solteiros e separados que cuidam diariamente, sem as mães, de filhos desde a infância até no máximo a adolescência. Buscou-se conhecer a

experiência daqueles que tenham começado a cuidar no período da vida dos filhos, que exige maior atenção e trabalho, e que estivessem envolvidos com esta prática na época da entrevista. Foram eliminados do trabalho de campo, portanto, aqueles cujos filhos ficaram sob sua responsabilidade na adolescência, por se tratar de um período de crescente autonomia dos filhos. Foram excluídos também aqueles cujos filhos embora fossem cuidados por eles desde a infância, já estavam adultos, pela distância temporal da experiência de cuidado mais intenso que caracteriza os primeiros anos de vida.

Foi feito um esforço na busca de pais que cuidam sem a presença de companheiras e de suas genitoras, de forma a conhecer a experiência dos homens sem a interferência das mães, e de outras mulheres, já que estas são as tradicionais cuidadoras. No entanto, dada a dificuldade desta ser uma situação pouco comum, foram entrevistados 3 pais que vivem com seus genitores. Apenas um pai estava recasado, e foi entrevistado pois sua situação conjugal só foi constatada no momento da entrevista e de fato, tinha prática de cuidado sozinho de dois filhos, de duas mães diferentes, em diferentes períodos. Sua companheira foi enfática em afirmar, no momento que a pesquisadora deixava a casa deles, que a responsabilidade diária de cuidado do filho é realmente dele. Outra situação que foge à regra prevista, foi de um pai que havia perdido a guarda da filha semanas antes. Como tinha a experiência de 3 anos de cuidado da filha, sem a participação da mãe, foi aceito para a pesquisa.

, foram entrevistados pais de diferentes camadas sociais, com inclusão desde pai morador de rua até pai profissional liberal, com alto rendimento financeiro. Como se trata de um estudo exploratório de um fenômeno pouco conhecido, houve a tentativa de conhecer a interferência dessas diferentes condições materiais de vida nesse tipo de paternidade, embora não se tenha por objetivo comparar suas experiências.

Todo o trabalho de campo foi atravessado pela dificuldade da falta de horários dos pais para agendamento das entrevistas, em função da sobrecarga do trabalho remunerado com o

cuidado de seus filhos. Nesse processo, deixou-se de entrevistar pai que se encontrava sem horário disponível para entrevista.

Quinze das entrevistas foram marcadas por telefone, em locais escolhidos pelos pais. Em uma das situações, em que o entrevistado não tinha endereço nem telefone em que pudesse ser contatado, foi combinado como ponto de encontro, a porta da escola de sua filha no horário de entrada no início da manhã. Como houve vários desencontros com o pai, por diferentes motivos, foram feitas 4 visitas à porta da escola, que permitiu o contato com a professora, a diretora da escola e com a própria mãe da criança, que num raro momento de impedimento do pai, havia levado a filha à escola.

Ocorreram algumas negativas de pais indicados para pesquisa, que merecem comentário, por revelarem questões relativas ao tema da pesquisa. Numa delas, o pai inicialmente concordou em participar após observação da pesquisadora de seu comportamento brincalhão, companheiro e íntimo corporalmente com o filho. Ambos estavam em uma fila para atendimento na Caixa Econômica Federal, que durou horas, e da qual a pesquisadora partilhava. Este pai desmarcou a entrevista algumas vezes, e acabou afirmando que tinha vergonha de dar a entrevista e contar a história ocorrida. Outro pai, indicado pelo segurança de um banco, era seu irmão e segundo ele, não concordou em participar porque tinha vergonha de dizer que cria sozinho seu filho e que a mãe do filho não quer cuidar do menino. As duas situações sugerem que a situação de cuidado paterno exclusivo pode ser entendida pelos homens como uma anomalia social, da qual se envergonham. Isto pode ocorrer com muitos homens cuja mesma experiência seja pouco exposta no seu meio social, o que contribui para a pouca visibilidade social do fenômeno que por já é raro comparado ao número de mães cuidadoras sem os pais.

Os entrevistados foram estimulados a falar a partir de uma pergunta geral sobre suas experiências de vida com relação ao cuidado, no que diz respeito tanto quanto ao cuidado

recebido na infância e ao longo da vida, quanto ao cuidado que prestam aos seus filhos e às outras pessoas. Eram convidados a começarem a falar do ponto que desejassem e à medida que iam contando sua história de vida, a pesquisadora fazia perguntas para esclarecer e estimular seus depoimentos. O roteiro de entrevista com a pergunta geral e as perguntas facilitadoras encontra-se no anexo 1.

A duração média de gravação das entrevistas foi de 2 horas, com variação entre 90 minutos e 3 horas. Em sua grande maioria (14), as entrevistas ocorreram em apenas um encontro, mas duas delas necessitaram de dois encontros, por interrupção pelos pais, em virtude de seus compromissos de cuidado com filhos.

Em todas as entrevistas, os pais tiveram privacidade para darem seus depoimentos. Em 10 delas, foi possível uma pequena observação do seu convívio com os filhos, suas namoradas, seus pais e vizinhos, em momentos anteriores, em intervalos ou depois das entrevistas. Por sugestão da entrevistadora, a maioria (11) foi realizada nas residências das famílias. Cinco delas ocorreram em outros locais, respeitando a comodidade dos pais. Duas aconteceram nas casas de suas namoradas. Um dos pais escolheu este local, porque nele passava a semana desde que o filho adolescente fora aprovado para estudar em colégio militar, noutra cidade. A outra, ocorreu na casa da namorada do pai porque o horário e o local que ele disponibilizou para a entrevista era o sábado de manhã, onde em que partilhava o lazer com seu filho, sua namorada e o filho dela.

Uma das entrevistas foi marcada na ONG onde o pai trabalha, porque o pai considerava o local de sua moradia, de difícil acesso para a pesquisadora. No entanto, ela foi transferida para casa de uma amiga dele em virtude da falta de privacidade naquele local. Noutra entrevista, o pai escolheu seu local de trabalho, já que não queria realizá-la em casa quando estava presente sua filha adolescente. Esta entrevista foi desdobrada no consultório da pesquisadora, a pedido do pai, para evitar as interrupções ocorridas no encontro anterior no



local de trabalho. Uma das entrevistas, com o pai que vivia com seus filhos debaixo de uma escada dentro de um casarão invadido, foi realizada dentro do carro da pesquisadora, já que havia sido marcada numa praça pública, mas chovia .

Os entrevistados foram informados verbalmente e através de termo de consentimento livre e esclarecido, assinado por eles, sobre os objetivos da pesquisa e sobre os cuidados éticos com o sigilo do material registrado (anexo 2). Os pais foram informados sobre a disponibilidade de contato posterior com a pesquisadora, caso precisassem de apoio para tratar de algum tema abordado na entrevista. Neste texto e em futuras publicações, os pais serão identificados com pseudônimos. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Maternidade-Escola da UFRJ, com o número 07/2007 e registro no CAAE 0004.0.361.000-07.

As informações socio-econômicas sobre os pais encontram-se em fichas (anexo 2). Todas as entrevistas foram gravadas e as anotações da pesquisadora durante as mesmas, foram registradas em diário de campo (anexo 4). As entrevistas foram posteriormente transcritas, por equipe contratada pela pesquisadora, que assinou compromisso de cuidado ético (anexo 5). Os diários de campo sobre as entrevistas e as entrevistas categorizadas encontram-se digitalizados e impressos em cerca de 1120 páginas. As entrevistas encontram-se gravadas em arquivos sonoros digitalizados, totalizando cerca de 34 horas de gravação. Todos os arquivos se estão protegidos em segurança, em poder da pesquisadora.

A análise dos resultados se processou desde o início do trabalho de campo. Nesse processo, foram construídos quadros sintéticos com resultados parciais das entrevistas, apresentados no anexo 8, que contribuíram na análise parcial. As entrevistas foram categorizadas segundo seu conteúdo, a partir do surgimento dos temas. Os resultados categorizados foram inseridos no programa Atlas.ti, tarefa realizada por assistente contratada pela pesquisadora.

## **6.2 A construção da pesquisa**

A paternidade, foi entendida neste estudo, como um tipo de experiência de homens com o cuidado, para a contribuição científica para práticas de inclusão dos homens nos serviços de saúde, educação e justiça, considerando as transformações que vêm ocorrendo nas famílias. A escolha deste tema permitiu o aprofundamento de questões surgidas a partir da apresentação da pesquisa sobre a participação dos pais no nascimento, desenvolvida pela pesquisadora anteriormente (CARVALHO, 2001, 2003).

O propósito de conhecer como homens lidam com todas as tarefas de cuidado quando as mães não estão presentes, surgiu a partir da leitura das conclusões das pesquisas que mostram que eles costumam se envolver com atividades mais leves, prazerosas, deixando às mulheres, as tarefas pesadas do trabalho doméstico, em nosso país (QUADROS, 1996; MARTINS, 2007; UNBEHAUM, 1996; OLIVEIRA et al, 1999). O interesse inicial era conhecer se havia um jeito específico dos homens lidarem com o cuidado com os filhos. Dois tipos de pais foram inicialmente recrutados numa primeira etapa da pesquisa: os que cuidam sozinhos e os que dividem a tarefa igualmente com as mães. Estes dois grupos foram inicialmente convidados em função da suposta dificuldade de encontrar um número significativo de pais que cuidassem sozinhos, e da possibilidade de comparar as duas experiências.

O primeiro recrutamento foi feito através de: e-mail enviado para vasta lista de contatos eletrônicos (anexo 6), rede de amigos da pesquisadora, folheto distribuído em eventos comunitários (anexo 7), conversas informais com trabalhadores do comércio e contatos na rua a partir da observação do comportamento corporal próximo entre pais e filhos. Foi evitado entrevistar pai com quem a pesquisadora tinha relacionamento anterior. Os pais foram gradativamente respondendo à convocação, indicados por uma vasta rede de

colaboradores, que se formou por e-mail ou por telefone. Após confirmação das características dos pais, por contato da pesquisadora através de e-mail ou telefone, foi montado um arquivo com cerca de 60 pais de diferentes cidades, e com filhos de diferentes idades. Candidataram-se pais cuidadores diários sem as mães; pais que dividiam igualmente o cuidado com mães ou atuais companheiras; pais cuidadores em maior número de horas que as mães e pais com guarda compartilhada. Diante do contato com um número inicialmente pequeno (6), que foi crescendo ao longo do trabalho de campo (16), de pais cuidadores sem as mães, foi retomado o foco no na experiência dos homens com o cuidado diário de seus filhos, sem a presença das mães, as tradicionais cuidadoras.

É importante destacar que um grande número de pais enfatizou seu interesse em compartilhar sua experiência e em colaborar com a pesquisa. Começavam a fazê-lo nos contatos iniciais por e-mail, por telefone, na rua ou no comércio e . comentavam com frequência, seu interesse em conhecer os resultados futuros da pesquisa. O interesse desses homens pela temática do cuidado com os filhos, chamou a atenção da pesquisadora, já que este tipo de interesse masculino não costuma ser considerado nas discussões sobre masculinidade, paternidade, saúde e educação.

### ***6.3 Cuidado na metodologia de pesquisa***

Desde a primeira entrevista, os pais se emocionavam espontânea e intensamente ao relatarem algumas situações dramáticas de suas vidas: morte das esposas, perigos vividos pelos filhos, sentimentos de decepção com a forma das mães cuidarem e vivências dolorosas das suas próprias infâncias. Alguns entrevistados tentavam controlar a carga emocional contida nas suas palavras, num esforço que lhes provocava tensões corporais, respiração curta

e expressão facial tensa. Outros reconheciam que estavam tratando de assuntos dolorosos: “É, não tenha dúvida, na verdade, eu estou me tocando que eu vou mexer em coisas lá do passado, literalmente” (Roberto, 37, solteiro, gerente financeiro, filho de 12 anos).

Vários pais choraram ao contar as crises familiares que provocaram o cuidado paterno diário:

É, mas [a filha] era recém-nascida, bicho. Como é que pode? [chora] Cara, o ser humano é um bicho cruel pra caramba, bicho. Cara, eu cheguei cara, todo mundo me olhando de cara feia. As enfermeiras me olhando de cara feia porque, claro, elas já tinham feito armado, a história lá. Gustavo, 47, solteiro, filhas de 13 e 14 anos

Teve uma hora que eu ... eu olho pr'os meninos à noite eu choro, choro, choro.... O pessoal pensa que eu tô triste, que eu tô... Não é nada disso, eu tô emocionado, sabia? Eu faço porque eu quero. Eu faço porque eu quero [firme]. Deixa eu soar meu nariz... tô [emocionado], eu adoro meus filhos. Filipe, 43, advogado, filhos de 7 e 5 anos

É estranho porque eu não sabia nem direito como lidar com a situação [nascimento do filho] e de repente você tá ali pegando o seu filho no colo, né? Eu sempre fui o filho, né? Sempre fui e de repente é o pai e tem que tá ali segurando o seu filho. Nunca passou isso pela cabeça. E aí depois fica olhando e achando bonitinho e brincando e...[voz embargada, chora] Como eu digo né, que é tudo normal, a gente não pensa muito nisso até contar, né. Se colocar na situação assim. Então é assim, não sei se tem um sentimento pra explicar. Acho que é, tipo, todos os seus sentimentos voltados pra ali. Heleno, 30, solteiro, técnico de informática, filha de 7 anos

Embora fosse previsto que uma entrevista suscite emoções, a intensidade desses depoimentos sobre as crises que demandaram o cuidado dos pais, surpreendeu a pesquisadora. Constituiu-se uma *configuração reveladora* (DA MATTA, 1993), do próprio tema que estava sendo pesquisado: o cuidado. Eram cuidadores que demandavam cuidado no trabalho de campo, e assim uma atitude cuidadora passou a fazer parte da metodologia da pesquisa.

Nestas situações, a pesquisadora mostrava que tinha tempo disponível para ouvi-los e que era importante que estivessem confortáveis para relatar o que viveram quando assumiram o cuidado com os filhos.

Roberto: Isso é verdade. É, não tenha dúvida, na verdade, eu estou me tocando que eu vou mexer em coisas lá do passado, literalmente.

Pesquisadora: Por isso que eu digo: eu não tenho pressa. (...) Quero saber, aprender mesmo com você. Agora, eu quero te dizer o seguinte: a emoção que vem, ela é muito útil.

Roberto : Hum, hum [emocionado]. Por que?

Pesquisadora: Por que? O nosso conhecimento, ele é emocional; a nossa aprendizagem ela não é da cabeça, da testa pra cima, ela é do coração, então deixa o teu coração vir também.

Roberto, 37, solteiro, gerente financeiro, filho de 12 anos

A pesquisadora, olhando-os atenta e afetivamente, sugeria que fizessem pequenas pausas nos seus relatos para que respirassem profundamente.

Pesquisadora: Aliás, você tá falando coisas muito importantes, muito emocionantes. Dá uma respiradinha meu amigo, porque ...

Ricardo: Eu estou te contando a minha vida.

Pesquisadora: Pois é, eu quero saber a sua vida mesmo, mas dá uma respiradinha, porque senão esse coração vai explodir. Pode chorar meu amigo, você está emocionado.

Ricardo: É difícil [chora].

Ricardo, 31, representante de vendas, filha de 7 anos

Pesquisadora: Eu estou falando que, assim como você, os outros homens que eu tenho entrevistado, eu percebo que são histórias de muita dor, então quero te dizer pra você também se respeitar. Se precisar, respirar fundo, se emocionar.

Entrevista com Heleno, 30, solteiro, técnico de informática, filha de 7 anos

Desta maneira eles podiam se colocar confortáveis psico-corporalmente para relatar os fatos. A pesquisadora explicava que desta maneira, poderiam respeitar a si mesmo, cuidando das emoções dolorosas dentro de seus limites pessoais. Desta maneira, evitariam que a entrevista constituísse um momento desagradável que os prejudicasse, já que esperava que aquele encontro fosse útil para a pesquisa e para eles mesmos. Colocou-se ainda à disposição para um encontro posterior à entrevista, caso sentissem necessidade de retomar algum assunto posteriormente.

Foi sendo percebido que ao longo das entrevistas, os pais iam relaxando e se sentindo à vontade para relatarem suas experiências com emoção e conforto psicológico. A grande maioria deles se mostrou grata pela oportunidade de compartilhar histórias de suas vidas, já que não eles não costumavam ter pessoas com quem pudessem conversar sobre o cuidado com seus filhos:

Olha uma coisa que eu gostaria de falar: eu fico agradecido pela entrevista porque falar dos meus filhos me faz feliz. Gosto de contar dos meus filhos. Queria contar mais, contar mais hábitos de cada um deles. Sou um cara de comunicação mais sempre fechado em relação ao meu mundo, eu acho que essas coisas a gente não pode tá falando pra todo mundo a gente tem que ter... Num desabafo a gente tem que ter um amigo que você pode desabafar... Muitas coisas eu contei. Principalmente pra os colegas de trabalho. Não vão entender. As dificuldades do dia-a-dia, cuidar de menina, porque homem...

Jerônimo, 50, vendedor de peixe, filhas de 8 e 7, filho de 4 anos

Com cuidado recebido, os pais deram depoimentos de grande profundidade emocional, que talvez não tivessem surgido sem este acolhimento às suas emoções. Foi realizado um trabalho de campo onde razão e sentimento estiveram presentes, respeitando os sentimentos dos pesquisados. Foi construída uma perspectiva científica com presença de cuidado com o objeto de estudo.

A prática da pesquisadora como psicoterapeuta corporal facilitou a percepção do desconforto emocional dos entrevistados e o uso da atenção à respiração no cuidado com os pais, de forma que eles puderam se sentir cuidados e cuidando de si mesmos. Em alguns momentos, a própria pesquisadora se emocionou com lágrimas nos olhos, reconhecendo sua emoção diante daqueles pais que a percebiam.

Apenas um pai pediu que fosse desligado o gravador em meio ao seu depoimento. Com o gravador desligado, ele chorando, falou por quase meia hora de um problema relativo ao filho, dizendo que nunca tinha conversado sobre o assunto com ninguém e pediu orientação psicológica à pesquisadora. A pesquisadora o apoiou emocionalmente, entendendo que se tratava de um momento raro de compartilhamento de um problema. Após ele discorrer e refletir sobre o tema, a entrevista tornou a ser gravada. Ao final, lhe foi sugerido que procurasse ajuda psicológica para tratar daquela questão.

Em outras situações, diante dos pedidos dos pais sobre opiniões sobre dificuldades psicológicas de seus filhos, foram oferecidas pequenas informações que esclareciam e tranquilizavam os pais. Em outras ocasiões, quando eles comentavam suas preocupações

sobre ajuda terapêutica psicológica para os filhos, em virtude da falta das mães, a pesquisadora se disponibilizou a indicar locais públicos de atendimento onde pudessem trabalhar tais situações familiares. Apenas um pai telefonou posteriormente pedindo um encontro para encaminhamento para tratamento psicológico de sua filha, mas não chegou a realizar efetivamente esse encontro.

Em apenas na família de José, a pesquisadora percebeu que os filhos necessitavam de apoio emocional por se mostrarem profundamente tristes e contidos emocionalmente. A pesquisadora telefonou para o professor de um de seus filhos, que havia indicado este pai para a pesquisa, descreveu-lhe o quadro observado e solicitou que esse profissional pudesse dar a ajuda emocional possível, já que não havia atendimento psicológico na região.

O trabalho de campo indicou que pesquisas sobre temas que envolvam situações traumáticas, como as descritas pelos pais, necessitam de preparação do pesquisador com relação ao tempo e à disponibilidade pessoal para acompanhar a intensidade emocional dos depoimentos. Além disso, esta experiência mostrou a necessidade de auto-cuidado da própria pesquisadora no processo de pesquisa, já que esta se emocionou diversas vezes com as alegrias e tristezas vividas pelos pais. Ao final de cada entrevista, a entrevistadora se permitia um tempo solitário para entrar em contato com as próprias emoções mobilizadas por estes encontros.

A pesquisadora presenteou todos os pais com uma caixa de bombom, como um agradecimento à sua colaboração. Uma pessoa que havia indicado um pai, havia pedido que a pesquisadora levasse alguma ajuda em alimentos para a família dele. Nesta e em outras situações de evidente falta de recursos financeiros, a pesquisadora ofertou alguns alimentos, ao se despedir, como uma forma de retribuição pela contribuição à pesquisa.

Uma das situações mobilizou mais cuidado e é relatada aqui como um fenômeno provavelmente típico de famílias moradoras de rua. Severino (pseudônimo) e seus filhos

havam recentemente deixado de morar na rua e dormiam sobre papelão, debaixo de uma escada, num casarão invadido. Já no primeiro contato, quando ele e sua filha foram encontrados trabalhando como ambulantes, a menina pediu à pesquisadora, roupas para ir à escola. No primeiro encontro realizado na porta da escola, a pesquisadora ofertou biscoitos e roupa para os dois filhos.

Nas várias tentativas de encontro na porta da escola, a pesquisadora observou a ausência de Severino e de seus filhos na festa do dia dos pais, e segundo as professoras, eles também não compareceram à festa junina. Severino explicou à pesquisadora, constrangido, que a família não tinha roupa adequada para comparecer às festas escolares. Contou ainda que os colegas do filho achincalhavam o menino, dizendo que seu pai era mendigo, sendo este um fator que o envergonhava para comparecer às festividades escolares.

Foram-lhe entregues donativos de roupa pela pesquisadora, que o estimulou a comparecer à festa escolar que ocorreria naquela semana. A informação sobre falta de roupa da família foi passada à professora e à diretora da escola para que pudessem apoiá-los em situações futuras. Durante a entrevista, Em consequência de sua rotina de cuidado dos filhos, Severino interrompeu sua atividade como vendedor ambulante para colaborar com a entrevista. Para que ele pudesse dar a entrevista com tranquilidade, sem prejuízo financeiro, a pesquisadora comprou algumas de suas mercadorias. Severino informou ainda que gastava todo dinheiro que ganhava, com alimentação na rua para os filhos, já que não tinha como cozinhar. Foi-lhe também ofertado um pequeno bujão de gás.

As necessidades percebidas na vida de Severino, indicam a realização de intervenções sociais junto aos pais com graves dificuldades financeiras, às vezes em situação de rua, e que se mantêm comprometidos com o cuidado de seus filhos.

A grande maioria dos pais se emocionou e agradeceu por poder desabafar emoções relativas à paternidade, além de apresentarem bem-estar, ao final da entrevista.



Cooperativos, quando se mostravam surpresos com as perguntas, se interessavam em refletir sobre elas. As entrevistas tiveram longa duração, pois planejadas para 90 minutos, chegaram algumas, a 3 horas e meia. Este fenômeno indica a necessidade desses pais de compartilharem suas experiências de paternidade. Ficaram desmistificados preconceitos de gênero de que os homens não falam muito sobre suas vidas, dão pouca atenção à subjetividade e não se interessam pelo tema do cuidado. É possível que as entrevistas tenham contribuído para compreensão própria das experiências vividas, e para se sentirem legitimados ao fornecerem seus conhecimentos para desenvolvimento científico.

As entrevistas foram atravessadas pela diferença de gênero entre pesquisadora e entrevistados, com benefícios para a pesquisa. É possível que o relato para uma mulher possa ter facilitado a fluidez dos pais sobre um assunto muito referente ao mundo feminino e que as entrevistas tenham contribuído para se sentirem valorizados por uma mulher que os ouvia falar de sua maneira de cuidarem. Quando faziam críticas às mulheres, olhavam para a pesquisadora pedindo desculpas pelo que iriam falar, como se esta fosse uma representante das mulheres. Os pais também se mostraram cuidadosos com a pesquisadora, atentos à sua comodidade ao longo da entrevista e à sua segurança, na entrada e saída de locais onde moravam, tais como as favelas.

Diante do interesse dos pais com relação aos resultados da pesquisa e da motivação da pesquisadora em debater os resultados com eles, será buscada a realização de encontros para devolução dos resultados. Esta devolução terá como objetivo analisar as conclusões da pesquisa e propiciar um encontro com outros pais que vivem em condições similares. Dois deles já se comunicaram solicitando notícias sobre a pesquisa e a data do grupo. O pai que perdeu o contato diário da filha de maneira brusca, pediu que os resultados da pesquisa pudessem ser anexados ao processo que está movendo para recuperação da guarda, demonstrando sua compreensão da contribuição do presente estudo.

#### **6.4 Perfis dos pais, filhos e mães**

As informações sobre os perfis dos pais, filhos e mães encontram-se nos Quadros 1 a 8, presentes no Anexo 8. A maioria dos 16 pais nasceu no Rio de Janeiro (13), sendo 1 nascido em Belém (PA), 1 em Nova Iguaçu e 1 em Niterói (, no Anexo 8.<sup>29</sup> A idade dos pais variou entre 30 e 54 anos, havendo 5 pais entre 30 a 40 anos, 6 entre 40 e 50 anos e 5 entre 50 e 54 anos. Declararam-se: 6 negros, 4 morenos, 4 brancos e 2 pardos. Quanto à religião: 5 não têm religião, 5 são católicos, 2 evangélicos, 1 é da Igreja Batista, 1 do candomblé, 1 espírita e 1 gosta do catolicismo e do espiritismo. Um dos entrevistados era cego, e todos os outros gozavam de condições normais de saúde. Não se encontrou portanto, um tipo específico de pai cuidador com relação à idade, cor e religião, sendo evidenciado que até o fato de um pai ser deficiente físico não foi impedimento para o cuidado paterno diário sem a mãe.

O maior grau de instrução dos pais parece ter facilitado para que assumissem o cuidado de seus filhos sozinhos, pois 11 deles tinham Ensino Fundamental completo (sendo 6 com 2º grau e 5 com graduação universitária). No entanto, este fator não se mostrou como condição para o cuidado paterno sem a mãe, já que encontramos pais com menores graus de instrução. O grau de instrução dos entrevistados ficou assim distribuído: 1 com Ensino Fundamental incompleto (2º ano antigo ginásio), 1 com Ensino Fundamental completo, 3 com Ensino Médio incompleto, 6 com Ensino Médio completo, 3 com Ensino Superior completo e 2 com pós-graduação (Anexo 8, Quadro 1).

---

<sup>29</sup> Ao longo do texto, serão chamados de “pais”, apenas os homens, reservando-se o termo “genitores” para denominar pai e mãe, para evitar o duplo sentido de gênero, do termo no plural.

Os pais se distribuíram em diferentes ocupações, não sendo encontrada nenhuma tipologia que indicasse uma relação entre o tipo de trabalho e a disponibilidade para o cuidado paterno sem as mães (Anexo 8, Quadro 2). Apenas 4 pais se consideraram tendo profissões cuidadoras: massoterapeuta, Sargento do Corpo de Bombeiros, oficial da Polícia Militar e agente comunitário, e apenas 2 faziam trabalhos voluntários. Ficou evidenciada que a capacitação e motivação anterior para trabalho de cuidado não se mostraram como condições para o desenvolvimento deste tipo de cuidado paterno.

Entre os 16 pais, 14 tinham trabalho remunerado: 6 eram autônomos; 4 funcionários públicos, sendo 2 de serviços militares estaduais e 2 de serviços civis estaduais; 3 contratados por empresas particulares, 1 trabalhava em cooperativa que prestava serviço para o município (Anexo 8, Quadro 2). Um dos funcionários públicos também trabalhava como autônomo e outro também trabalhava em organização não-governamental. Apenas 3 pais tinham trabalho remunerado em casa, e 1 deles trabalhava tanto em casa, como na casa de clientes. Um deles, vendedor ambulante, trabalhava na rua, só ou com seus filhos quando não estavam na escola. Novamente, não se encontrou uma tipologia quanto às ocupações remuneradas dos pais, nem quanto aos seus locais de trabalho.

Seus rendimentos variaram entre nenhuma renda ao rendimento mensal de R\$ 30000,00, não caracterizando uma condição financeira facilitadora do cuidado paterno sem as mães. Suas rendas se distribuíram da seguinte forma: 5 entre R\$ 500,00 a R\$ 900,00, 2 entre R\$ 1000,00 a R\$ 1400,00, 1 entre R\$ 1500,00 e R\$ 1800,00, 3 entre R\$ 2000,00 e R\$ 2500,00, 2 entre R\$ 3000,00 e R\$ 4000,00 e 1 com R\$ 30 000,00 (Anexo 8, Quadro 2). 5 deles que moravam com parentes, tinham rendimentos familiares que variavam entre R\$ 360,00 e R\$ 10000,00. Não foi percebido portanto, uma relação entre o rendimento e a pó fato de um homem assumir sozinho o cuidado de seus filhos, entre os entrevistados.

Dois pais se dedicavam integralmente às tarefas domésticas e de cuidado com as filhas. Um deles, Jonathan, cerca de 2 anos antes da entrevista, teve tuberculose, esteve licenciado pelo INSS por 8 meses, e ainda não havia retornado ao mercado de trabalho. Quando estava se recuperando, um ano antes da entrevista, a mãe da filha faleceu, e ele decidiu permanecer fora do mercado de trabalho, cuidando da menina para ambos se recuperarem do trauma dessa perda afetiva. O outro caso é de Isaías, que não trabalha fora de casa há 18 anos, desde o nascimento da filha deficiente, quando resolveu assumir seu cuidado, já que a mãe a abandonou na maternidade. Ele recebe pensões da mãe (R\$ 120,00) e do governo (R\$ 350,00), reivindicadas judicialmente para cuidar da filha. Este é o único caso de pai que recebia pensão para cuidar da filha. Dois deles, além de cuidar dos filhos, pagam pensão para as ex-mulheres, evidenciando a manutenção do papel de provedor de ex-companheiras, além de serem cuidadores principais dos filhos.

Os pais moravam em diferentes bairros e municípios da Região Metropolitana do Rio de Janeiro (Anexo 8, Quadro 3). Doze deles residiam no Rio de Janeiro, distribuídos pelos seguintes bairros: Nova Sepetiba, Praça da Bandeira, Caju, Vidigal, Jacarezinho, Pavuna, Centro, Laranjeiras, Vila da Penha, Copacabana, Barra da Tijuca, Taquara e Tanque; 3 moram no município de Nilópolis e 1 no município de Nova Iguaçu. Quatro pais pagavam aluguel, 1 morava em casa doada pelo governo, 4 em casas próprias, 5 em casas próprias de suas famílias, em casa que está pagando financiamento e 1 morava debaixo de uma escada num casarão invadido próximo à Praça Mauá, tendo já morado na rua com seus filhos. As residências variaram entre o mínimo de 4 cômodos até casa em condomínio de luxo, com mais de 20 cômodos.

A segurança de poder residir em imóvel próprio ou da família, indicou uma relação entre condição material de vida e cuidado, pois 9 pais separados, mais de 50% deles, moravam em casa própria ou de sua família. Apesar da garantia de moradia sugerir a

facilitação da experiência, alguns pais até mesmo sem rendimento e sem teto, se dispuseram para o cuidado diário de seus filhos. Severino e Jonathan se encontravam sem condições financeiras até mesmo para pagamento de aluguel da casa, um deles morando com parentes e outro vivendo com os filhos debaixo de escada em casarão invadido. Apesar de poder morar com a família facilitar a vida financeira, vale destacar que três entre seis pais que moravam com parentes relataram que se sentiam constrangidos por depender da família. Mostraram que gostariam de ter dinheiro para bancar a despesa de um imóvel, e viverem de maneira independente, com seus filhos. Seus depoimentos sugerem que para garantia do bem estar de seus filhos, sua condição de cuidadores principais os mantinha em dependência financeira de parentes..

Dez pais moravam apenas com os filhos (Anexo 8, Quadro 3). Outros, além dos filhos, viviam em companhia de: seus pais (1), sua mãe e irmãos (2), empregados (1), companheira (1), ex-companheira (1) e atual companheira (1). Este último, Leonardo, que morava com a companheira foi a única exceção aceita quanto ao critério estabelecido na pesquisa, sobre entrevistar pais que não estivessem em uniões estáveis<sup>30</sup>. No entanto, Clóvis, que atualmente mora com a ex-companheira, não foi entendido como exceção, já que ele cuidava dela que atravessava uma crise de doença mental, e ainda dos 2 filhos que teve com ela e com a filha de outra união. . Foram encontradas diferentes condições dos pais quanto à existência de apoio social remunerado ou familiar para auxílio no cuidado, havendo inclusive aqueles que não recebem nenhuma ajuda. Os 6 pais que moravam com familiares ou empregados tinham neles o apoio social para as rotinas de cuidado. Outros 4 pagavam diaristas para tarefas domésticas e 6 deles assumiam todas as tarefas de cuidado na época da entrevista.

---

<sup>30</sup> Como já foi esclarecido anteriormente, foi aceito, porque sua situação só foi esclarecida no momento da entrevista e ele mostrou ter experiência de cuidar sozinho de seus filhos

Quanto ao estado civil (Anexo 8, Quadro 4), os pais se distribuíram entre: 2 viúvos, 3 separados e 7 solteiros, 4 divorciados e 1 casado atualmente (a única exceção). Seis pais tiveram mais de uma união ao longo de suas vidas.

Não há nenhum indicador de que o tempo de união com a mãe tenha influenciado a decisão de cuidar dos filhos sozinhos (Anexo 8, Quadro 4). Contudo, os resultados sugerem que o vínculo com seus filhos construído durante a gestação, nascimento e primeiros meses de vida pode ter favorecido o cuidado paterno após as separações conjugais, apesar dos filhos terem ido morar com as mães. A quase totalidade dos pais, 15 entre 16, viveram com as mães dos filhos em períodos que variaram entre 6 meses e 18 anos. Treze dos 14 pais separados moraram com as mães das crianças, distribuídos nos seguintes períodos: 2 pais viveram com elas entre 6 e 10 meses, 3 pais viveram com as mães durante 18 meses, 4 viveram entre 4 a 5 anos, 4 viveram entre 7 e 9 anos, 2 viveram entre 15 e 18 anos. Os 2 viúvos tiveram casamentos com duração de 4 e 12 anos respectivamente.

Apenas um pai não viveu com a mãe da filha. Apenas duas crianças não tiveram a companhia do pai quando do seu nascimento e gestação. Um deles, Ricardo, porque havia terminado o namoro com a mãe e outro, Gustavo, porque a mãe saiu de casa levando a primeira filha e não o deixou conhecer a segunda filha até sua idade de 6 meses quando a entregou para o cuidado paterno. Apesar de serem 16 pais, são 18 situações de união com as mães, porque dois deles cuidam de filhos de duas uniões diferentes.

Os pais cuidavam de 1 a 4 filhos (Anexo 8, Quadros 4 e 5). Entre os viúvos, havia um com 1 filho e outro com 4 filhos. Entre os separados das mães, o número de filhos variava entre 1 e 3 filhos sob seus cuidados. Entre eles: 6 pais com 1 filho, 4 pais com 2 filhos, 2 pais com 3 filhos e 2 pais já cuidaram de 2 filhos e agora cuidam de 1 só, pois 1 deles está casado e o outro mora só. Apenas um pai, o ex-morador de rua, relatou ter 2 filhos adultos com

quem não mantinha contato. Um entrevistado estava morando sem a filha e foi aceito para a pesquisa, porque cuidara sozinho dela durante 3 anos, e havia perdido a guarda judicialmente, fazia apenas 1 mês.

Todos entrevistados foram selecionados por terem assumido o cuidado durante a infância dos filhos e não se observou um período típico da infância, para o início do cuidado sem as mães (Anexo 8, Quadro 5). Entre os viúvos, seus filhos tinham entre 4 e 12 anos, quando as mães faleceram. Os pais separados começaram a cuidar de seus filhos entre 6 meses e 9 anos, sem a participação das mães na vida diária. Com relação ao momento de início do cuidado, os pais agruparam-se na seguinte distribuição: 4 assumiram o cuidado dos filhos entre 0 a 2 anos, outros 4 estavam com os filhos entre 3 a 5 anos e 5 pegaram os filhos entre 6 e 9 anos. A idade atual dos filhos variou 4 a 18 anos. Embora tenha sido buscado pais que cuidam dos filhos entre a infância e o início da adolescência, o pai da jovem de 18 anos foi aceito porque esta é deficiente física e intelectual, portadora de mielomeningocele desde o nascimento, cadeirante, e depende dele integralmente, até mesmo para a higiene íntima.

Não se percebeu nenhuma relação entre sexo dos filhos e cuidado paterno exclusivo. Cinco pais tinham filhos de ambos os sexos, 5 deles só tinham filhos do sexo masculino, e 6 só tinham filhas morando com eles. Foram encontrados filhos com dificuldades físicas e emocionais graves, como a jovem de 18 anos com mielomeningocele que além de paralítica tinha déficit de inteligência, e do menino de 7 anos, portador de Síndrome de Down.

No momento do início do cuidado paterno, as mães dos filhos de pais separados estavam com idades entre 20 e 44 anos, assim agrupadas: 1 com 20 anos, 6 entre 25 e 29 anos, 3 entre 30 e 34 anos, 2 entre 35 a 40 anos, e 2 entre 41 e 44 anos (Anexo 8, Quadro 6).

Em sua grande maioria, nasceram e moravam na região metropolitana do Rio de Janeiro. Duas dessas mães recebem pensões dos pais. As diferenças de idade entre os pais e as mães em apenas 4 situações ultrapassaram 10 anos, não caracterizando portanto, nenhuma tipologia quanto a este aspecto. Entre os viúvos, as mães faleceram com 25 e 42 anos. Não há informações precisas sobre rendimentos das mães.

Os resultados são sugestivos de que o maior grau de instrução dos pais possa ter favorecido o cuidado paterno diário sem as mães. Entre os separados, as mães se caracterizaram: 2 com Ensino Fundamental incompleto, 3 com Ensino Fundamental completo, 1 com Ensino Médio incompleto, 4 com Ensino Médio completo, 1 com ensino superior incompleto, 3 com ensino superior completo, e em 3 casos, o pai não sabia informar. Comparando entre os 14 pais separados e as mães (16), 9 deles tinham alguns anos a mais de estudo que as mães. Entre 3 casais, os graus de instrução se equiparavam, em 1 casal a mãe tinha mais anos de estudo e em 3 casos os pais ignoravam o grau de instrução da mãe. Entre os viúvos, os graus de instrução entre pais e mães eram equiparados: uma tinha o Ensino Fundamental incompleto e a outra tinha o Ensino Médio completo.

A variedade de características sociais dos pais, suas profissões, rendimentos e locais de trabalho não indicou portanto, nenhuma tipologia sócio-demográfica facilitadora do cuidado paterno diário, mostrando inclusive que mesmo sem rendimento e sem casa, eles conseguiam se organizar para o cuidado de seus filhos. Em síntese, não se encontrou um tipo específico de pai cuidador com relação à raça/etnia, religião, profissão, rendimentos, locais de trabalho, idade dos pais, dos filhos e das mães. Foi evidenciada ainda, que uma deficiência física como a cegueira impediu que o pai assumisse a tarefa. Os resultados sugerem que o maior grau de instrução dos pais, principalmente se comparado com o das mães, pode ter



facilitado sua disponibilidade para o cuidado, embora também tenham sido encontrados pais com poucos anos de estudo.

Embora pais sem condições financeiras e sem moradia tenham se disponibilizado para a tarefa, as condições materiais quanto à moradia parecem serem facilitadoras para o cuidado paterno diário. Os pais mostraram diferentes situações quanto ao apoio social para o cuidado, remunerado ou familiar, havendo aqueles que não têm nenhuma ajuda. O fato do pai já ter vivido com a mãe e os filhos se mostrou um importante facilitador do cuidado paterno diário sem a mãe, embora o tempo de união não se destaque. No Anexo 8, Quadro 7, são apresentadas impressões gerais sobre cada pai, extraídas do diário de campo.

## **7. A EXPERIÊNCIA DE PAIS CUIDADORES DIÁRIOS SEM AS MÃES**

A pesquisa de campo mostrou que homens com representações e vivências tradicionais de paternidade, com diferentes experiências de cuidado na sua infância e pertencentes a diferentes camadas sociais, podem cuidar diariamente dos filhos sem a presença das mães, diante de crises provocadas por morte, afastamento, doenças psíquicas das mães, pedido dos filhos ou falhas percebidas pelos pais, no cuidado materno. Neste capítulo, serão apresentados os resultados principais da pesquisa de campo, com o objetivo de conhecer como os homens se motivam, vivenciam e se organizam para cuidarem de seus filhos, sem a presença das mães; identificar as experiências das histórias pessoais dos pais, que tenham possibilitado o cuidado com os filhos; compreender como lidam com o cuidado com os filhos, dentro da sua vivência de masculinidade; e compreender a relação entre cuidar dos filhos com outras experiências de cuidar, na vida em geral.

Os resultados principais do estudo serão analisados considerando o cuidado como potencial humano que precisa de condições para se manifestar e desenvolver, a compreensão sobre as possibilidades e dificuldades sociais para a manifestação do cuidado entre as pessoas e o processo de acomodação e resistência dos homens na construção social da masculinidade e da paternidade, com suas implicações no cuidado.

Crises na vida dos filhos facilitaram o cuidado paterno sem as mães, por filhos com quem já tinham vínculos anteriores. Os pais enfrentaram preconceitos de gênero nas resistências dos próprios pais, das mães, e do meio social em geral, tais como escola, comércio, local de trabalho, Conselho Tutelar e no Direito Familiar. O cuidado diário dos filhos sem as mães, contudo, para ser exercido por homens, não necessitou de uma

identificação com a perspectiva de equidade de gênero e de divisão igualitária do trabalho doméstico, nem de experiência de cuidado anterior. Alguns destes pais se mostraram conectados, cuidadores e desejosos de práticas cuidadoras, e as dificuldades sociais para realizá-las. Viveram diferentes modelos de cuidado na infância. Não caracterizaram uma tipologia de pai cuidador, e desempenharam todas as tarefas do trabalho de cuidado. Experimentaram desafios no cuidado sozinho e finalmente, benefícios com esta prática. Iniciaremos a discussão a partir das crises facilitadoras do cuidado paterno sem as mães.

Sargento do Corpo de Bombeiros Sargento do Corpo de Bombeiros,

### ***7.1 Crises facilitadoras do cuidado paterno diário sem as mães***

A grande maioria dos entrevistados mostrou sua disponibilidade para o cuidado diário dos filhos sem as mães, diante de situações de crise em que perceberam necessidades ou riscos para os filhos provocadas por: ausência, dificuldades ou falhas no cuidado materno (Anexo 8, Quadro 5). Foram encontradas 18 situações diferentes de cuidado paterno, apesar de terem sido entrevistados 16 pais, já que dois deles cuidavam de filhos originados de relações conjugais com duas mães diferentes.<sup>31</sup> As situações facilitadoras do cuidado diário se agruparam principalmente entre: viuvez; solicitação das mães para que os pais cuidassem temporariamente dos filhos; pedido dos filhos para morarem com os pais; e reivindicação da guarda paterna em virtude doença mental, agressividade, moradia dos filhos com avós maternos e descuido da mãe ou de parentes dela. Apenas um pai fugiu ao padrão encontrado, por ter conseguido a guarda como fruto de negociação amigável logo após a separação

---

<sup>31</sup> Neste estudo foi utilizado o termo cuidado materno ou paterno, designando o autor do cuidado.

conjugal A grande maioria dos pais separados (12 dois 14) e os 2 viúvos, não haviam se organizado anteriormente para o cuidado diário dos filhos sem as mães.

Este estudo exploratório com um número limitado de casos, permitiu a análise de situações exemplares que provocaram o cuidado paterno sem as mães. As situações deflagradoras do cuidado paterno principal, tais como pedido dos filhos, maus-tratos sofridos pelos filhos, disputa de guarda e outras, caracterizam experiências complexas, havendo com combinações entre elas.. Os relatos podem nos auxiliar na compreensão dessas raras situações que levam um homem a cuidar sozinho e permitem conhecer as grandes dificuldades enfrentadas e habilidades desenvolvidas por homens para o cuidado de seus filhos..

Apresentaremos a seguir, as situações de crise motivadoras do cuidado paterno diário se as mães.

### **7.1.1 Viuvez**

Dois pais viveram o desafio de assumirem de repente, a responsabilidade e as atividades das mães que faleceram em virtudes de doenças, uma delas, a esposa de Jonathan, de forma repentina e a outra, a esposa de José, após alguns anos de adoecimento. Nas duas situações, as mulheres eram as responsáveis pelo cuidado diário dos filhos, enquanto eles eram basicamente provedores:

Aí aconteceu o que aconteceu comigo eu fiquei viúvo e tal e agora estou aqui recomeçando a minha vida né? Hoje eu cuido dela de uma maneira assim: dou banho, arrumo, dou almoço, sei fazer comida, levo no parque, levo para escola, vou buscá-la.

Jonathan, 37, desempregado, filha de 5 anos, havia 18 meses, após ter adoecido

Então, quando minha esposa morreu, eu fiquei sozinho, fiquei sem chão, eu falei: “Ai meu Deus e agora o que eu vou fazer com quatro crianças?” Tem as pessoas, os parentes que vieram me ajudar, vieram me dar conselho, mas na hora, quando chega a hora da verdade todo mundo vai embora e você fica sozinho. Aí eu tive uma queda, tive uma depressão, me deu uma depressão e tal, mas eu disse: Não, eu não posso me levar por esse lado, eu tenho que assumir a

responsabilidade da minha vida, tenho que assumir a responsabilidade da vida dessas crianças. Então, como diz na gíria: "Mãos a obra". Aí assumi meus filhos. Aquele impacto né? Pra mim foi duro e pra eles então por ser pequeno. Mas foi aí que eu me segurei. Falei não. Eu tenho que eu tenho que ir pra frente, olhar e... Eu tenho que assumir essa responsabilidade. Eles são meus filhos. [...] Aí eles se abraçaram comigo lá no cemitério. E 'tamo aqui até hoje, né, graças a Deus, não é?

José, 51, gari comunitário, filhos de 17, 14, 11 e 9 anos

Como eles descrevem, trata-se de uma vida nova na vida de um homem, não só com relação a estarem viúvos, mas também quanto à experiência de se tornarem cuidadores principais dos filhos. Entende-se aqui, que cuidador principal é aquela pessoa que assume a responsabilidade pela vida diária da criança ou do adolescente, independente de ter apoio social de familiares ou empregados. Tarefa, que era cumprida pelas mães na maioria dos casos, enquanto aos pais cabia o papel de provedor.

É interessante observar que termos como responsabilidade e amor pelos filhos foram expressos em todas as entrevistas, indicando que estes foram fatores importantes para a decisão do cuidado, como discutiremos na seção sobre vínculo facilitador do cuidado. No caso dos viúvos, foram motivadores para lidarem também com o luto.

Encontramos quase uma regra entre os entrevistados: só assumiram o cuidado em situações críticas vividas por seus filhos na relação com as mães. A grande maioria passou a cuidar de uma hora para a outra, sem que tenha havido um planejamento. Entre elas estão as situações em que as mulheres deixaram os filhos com os pais, como veremos a seguir.

### 7.1.2 Mães decidiram não cuidar dos filhos

Encontramos 5 situações em que os pais assumiram o cuidado provocados por uma decisão das mães de se afastarem dos filhos, de maneira inesperada pelos pais. Entre elas, 3 envolveram a solicitação das mães para que os pais cuidassem:

E aí nós nos separamos, brigamos. Aí eu falei: “É o seguinte, fica na casa que eu estou saindo fora”. [Mãe:] “Ah não eu não vou não, não vou porque os filhos são seus, a casa é sua e eu não quero essa merda.” Eu ofereci a casa pra ela cinco vezes. Mas ela queria ganhar o mundo dela. [...] Eu tenho a certeza de que os filhos são meus mesmo. Eu tenho que segurar.

Sebastião, 5, solteiro, agente comunitário, filha de 7 e filho de 5 anos

A mãe dela teve que cuidar de uma irmã dela em Guapimirim, e, veio para poder ficar uns dias: “Ah! Vai ficar uma semaninha. Ia tomar conta de uma irmã com câncer e não podia levar as crianças... Nesse primeiro momento ficou quase um mês. Aí a mãe voltou, a Dayse foi para a casa da mãe, ficou lá uma semana... Criança, como eu acabei de falar, gosta do lugar onde ela é bem tratada... Ela mal se habituou [...] Como aqui na minha casa ela se sente mais a vontade porque tinha o espaço que tinha também eu dou boa alimentação, ela também não foi ruim e foi deixando [a filha ficar]: “Ah! Quando eu tiver condições eu pego, quando eu tiver condições, eu pego”. Quando eu vi, nesse negócio de quando tiver condições eu pego, não veio até agora [4 anos depois].

Ricardo, 31, representante de vendas, filha de 7 anos

A mãe pediu ajuda em relação que ela não estava em condições, né, de mãe de, de fazer uma comida, entendeu, fazer alguma coisa. Ela tava passando por um momento difícil na vida dela. Na época, um tinha quatro e o outro tinha seis quando, né, a mãe me entregou os filhos pra que eu criasse. [...] Então, é difícil né cara. É, cuidar dos filhos **longe** da mãe, longe da parte materna.

Clóvis, 40, Sargento do Corpo de Bombeiros, filhos de 16 e 14, filha de 5 anos, sobre os filhos mais velhos

Houve situação de ida e vinda das crianças, da casa da mãe para a casa do pai, de acordo com iniciativa da mãe, deixando o pai inseguro:

Então, ela foi embora, olha só a loucura, ela foi embora, falei “Não cara, tu vai deixar [as filhas] ? “Vou deixar, eu me comprometo, daqui a um ano eu volto”. Acreditei. [...] Era a terceira vez que ela tava pegando, tirar daqui, dava um tempo e depois pegava de novo. [a mãe: “Ah, não quero mais não”.. Levava a filha. Ah, passava meses às vezes.

Gustavo, 47, solteiro, programador visual, filhas de 14 e 23 anos

Numa das situações, o pai foi surpreendido pelo abandono da filha recém-nata, com deficiência física, ainda na maternidade:

Aí, eu cheguei lá no hospital, os médicos me perguntaram pela mãe dessa menina. Eu falei que ela estava aí; eles falaram que não, que a menina já estava aí há quinze dias, jogada... Aí a minha vida mudou, né? [...] Tanto que a Tatiana teve alta, ela veio para mim e ela [a mãe] seguiu o caminho dela.

Isaias, 50, desempregado, filhas de 18 e 20 anos

### 7.1.3 Reivindicação da guarda paterna

Em geral, os pais separados antes da guarda paterna, se comportavam como provedores pagando pensão e visitando os filhos, apesar de que alguns tivessem o desejo de viver com os filhos e de perceberem riscos no cuidado materno. Entre os 14 separados, 9 reivindicaram a guarda tempos depois da separação. Entre eles, 4 tomaram a iniciativa em situações de graves riscos na segurança física ou emocional dos filhos. Algumas dessas crianças moravam em ambiente perigoso e promíscuo, em companhia das mães, expostas a graves riscos:

Houve coisas que aconteceu com a minha filha também, depois da separação, a minha filha foi quase estuprada cara, numa casa que ela foi morar. O que aconteceu com a minha filha na casa dessa colega dela que ela foi morar com o tio, quase que pegou a minha filha, entendeu. Aí [ela] disse que ele era doente mental, uma porção de coisa.

Clóvis, 40, Sargento do Corpo de Bombeiros, filhos de 16 e 14, filha de 5 anos

[...] enfim esse negócio sexualmente também, o irmão abusar da prima, abusar até da irmã, primo abusar de primo e coisa e tal. Então eu vivia vigilante sobre esse caso e eu relatei no processo que eu fiz de posse e guarda das crianças que a Assistente Social fosse conferir o ambiente que as crianças viviam e tal, certo? E isso ficou em tramite lá em Belford Roxo no Fórum. Aí acontece que quando... ela tava com 70% de perder a guarda das crianças pelos autos do inquérito aí quando chegou no ano que ia pra decisão, ela me entregou as crianças até mesmo por pressão minha. Que houve uns negócios lá as primas, que uma tem 12, a outra tem 15, a prima dela tem 15, a outra tem 16, a outra prima dela tudo com problema, uma o primo molestou a outra coisa e tal.

Jerônimo, 50, 50, 50, vendedor de peixe, filhas de 12 e 11, filho de 8 anos

Em outros casos, as decisões de cuidado paterno foram provocadas por crises de agressividade das mães contra pessoas ao seu redor:

Ela devia estar no auge, assim, de depressão, ao máximo [...]. Ela teve uma discussão com o Marcelo [marido da mãe na época], pai da Mônica [filha da mãe], e aí partiu para as vias de fato, teve um quebra-quebra dentro de casa. O Pedro estava aqui conosco e, ela ligou exatamente para [dizer]: “Não manda ele pra cá porque houve um problema. Ela só se lembrou dele, de não deixa Pedro voltar pra cá”. Quebrou a casa [...]. depois acabou sendo constatada que ela estava drogada e bêbada. A discussão em função dela ter chegado assim em casa foi tão grande que os pais do Marcelo [marido da mãe na época] chamaram a polícia. A polícia chegou tentou acalmar ela e ela se desesperou. Era uma casa de dois andares, ela se jogou da janela e fraturou o pé.

Roberto, 37, solteiro, gerente financeiro, filho de 12 anos

No dia que eu peguei a Gisele, foi porque a sogra dela na época, que apoiava ela, vivia junto com ela e ficava cheia de coisa, me ligou desesperada, falando pra eu ir lá porque ela tinha brigado com todo mundo, que tinha quebrado a casa toda e que era pra eu ir lá. Que ela saiu de lá arrastando a Gisele, pra eu ir ver a Gisele como é que tava, que ela tava preocupada. Aí foi nesse dia que eu fui lá, busquei a Gisele de volta. A mãe dela não queria, eu puxei a porta, peguei a Gisele, vim e trouxe ela pra casa. Aí daí, aí mudou a história. Eu não deixava mais a mãe dela levar ela até que decidisse alguma coisa lá no juiz. Porque se ela levasse ela não ia deixar mais eu trazer ela.

Heleno, 30, técnico de informática, filha de 7 anos

Esses e outros pais separados, apesar de terem percebido desde o convívio conjugal, as dificuldades emocionais das mães tais como agressividade, violência e distúrbio mental, não tinham feito movimento para assumirem a guarda, antes da crise enfrentada pelos filhos. Reivindicaram a guarda em situações que caracterizaram culminâncias de desequilíbrio emocional dessas mulheres. Elas já vinham dando vários indicadores de seu comportamento, num claro prejuízo para os filhos:

Essa briga dela com a irmã. Arranhou, deu porrada na irmã. Aí, depois dessa, a gente ficou com medo de deixar ela lá e a Gisele ficou um pouco mais aqui e ela não esquentou muito porque o que ela queria mesmo era ir pra farrá e tal. Até nessa época a gente pensou, eu pensei em pegar a guarda dela mesmo e aí ela mesmo até aceitava bem, mas a família é que não queria. Queria ficar também com a Gisele, a mãe a irmã, né. Nos finais de semana que a mãe dela tinha que vir buscar, ela não vinha. E aí a gente arrumava ela [a filha], ela ligava dizia que vinha e ela não vinha e aí ela foi ficando e tinha que inventar alguma coisa [para explicar à filha].

Heleno, 30, técnico de informática, filha de 7 anos

E, aí eu descobri, junto com a terapeuta, que como o Pedro não estava a fim de ir à aula: ‘não quero ir à aula’. Ele não ia à aula, ou quando a mãe não estava disposta levantar para que ele fosse para o colégio: ‘meu filho, hoje você não vai à aula’. – ‘Mas por que?’ – ‘Hoje não, hoje eu não quero’. [...] Foi no professor [de natação]: ‘Ah! Não vem, há mais de um mês. O Pedro não frequenta, veio uma ou duas vezes’. E aí, bota isso como altamente relevante, o cara tem 27



faltas, um mês quase, quase um mês inteiro de faltas num universo de... Sei lá quanto, cinco meses de ano. Era muita coisa, isso se tornou extremamente relevante.

Roberto, 37, solteiro, gerente financeiro, filho de 12 anos

A minha filha tava com menos de três anos, entendeu. Então ficava na rua direto, sumia, saía, depois a gente ficava sabendo...Ficava com a menina, levava no lugar em que elas moravam. Antes era uma favela, hoje em dia não é mais uma favela. É favela assim de bandido, né. E a irmã dela “ah, a tua filha tá com a minha irmã não sei aonde, não sei o que e pererê pão duro” Eu ficava desesperado, aí ia lá e “ah, você não tem nada a ver com a minha vida, a minha filha” usava aqueles termos vulgares, “eu que pari, você não tem nada a ver com isso”. Pôxa, eu ficava sempre naquela né, com aquele pensamento né:”pôxa caramba, eu não tenho sossego”. Porque já foi um luta prá mim, porque na separação, não é desgarrar da mãe, desgarrar da menina, que eu passei...

Clóvis, 40, Sargento do Corpo de Bombeiros, filhos de 16 e 14, filha de 5 anos

Teve um período que ela se perdeu, que ficou totalmente então, não podia ficar com as crianças. Ela se perdeu você sabe que ela teve muito ódio, então quando a pessoa se desprende, ela quer o mundo e foi isso que aconteceu, não era um ambiente bom entendeu? Ela não tinha responsabilidade com as crianças entendeu? Largava as crianças e ia pro baile, ia pro pagode, largava as crianças com quem quer que fosse até com crianças até da mesma idade da minha filha. – toma conta da suas primas aí. E com esse problema lá de irmão, primo entendeu? Casos que eu sei até com ela mesmo quando era pequena. Então eu tive esse problema, essa vigilância, enchia o saco dela, enchia o saco, doa a quem doer, de madrugada eu ia lá...

Jerônimo, 50, 50, vendedor de peixe, filhas de 12 e 11, filho de 8 anos

Nisso eu tava sabendo de algumas coisas que ‘tavam rolando durante o período em que ela estava com a minha filha. Tipo tá num bar e aí sair pra uma outra mesa e deixar na mão dum mendigo, de uma pessoa de rua, a criança recém nascida, pá, e vem alguém desesperado e “Pô, Andréa, aqui tua filha, tu deixou!”. Loucuras assim, isso eu soube depois com o tempo.

Gustavo, 47, solteiro, programador visual, filhas de 14 e 23 anos

Este pai, Gustavo, já havia vivido anteriormente a situação da mãe deixar uma das filhas e voltar para pegar meses depois, criando insegurança na vida dele e da menina. Chama a atenção, de que apesar de vários indicadores de problemas, apenas nessas crises graves é que a maioria dos pais reivindicou a guarda materna. Esta postura ocorreu mesmo apesar de terem testemunhado situações em que percebiam que as mães tinham dificuldades com o cuidado dos filhos, desde quando estavam casadas com eles:

Com um mês dela nascida [a filha], a mãe deu uma mamadeira de Cremogema, duzentos ml. Quase matou a garota, fomos parar em hospital. Alguém falou prá ela que dava prá ela ficar

mais gorda, sei lá, botou na cabeça dela, entendeu, não sei. [...] Aí o que aconteceu, dois meses e meio prá frente, ela foi e deu um iogurte, esse iogurte... depois ela abriu o jogo comigo, prá secar o leite o peito dela, que ela não queria dar mais leite de peito por causa de não ficar com o peito caído, esse negócio todinho, né.

Clóvis, 40, Sargento do Corpo de Bombeiros, filhos de 16 e 14, filha de 5 anos

Com três meses de idade [do filho] eu descobri que alis, mãe do Gustavo, era extremamente não equilibrada, uma pessoa que tinha comportamentos cíclicos de altos e baixos... O Gustavo com dois meses de idade a Eneida deixou de amamentar, ela ficou sem leite, o leite empedrou nos seios dela [...]Ah! Sim, eu me desdobra. E eu acho que isso é um dos cernes para eu ter descoberto que a vida do meu filho dependia de mim e não dela. Houve uma situação extremamente grave, nós brigamos, ela teve uma crise, nós brigamos e eu tive que me trancar no banheiro da nossa quitinete com o meu filho chorando no quarto e ela batendo, esmurrando a porta do banheiro com o que poderia ser uma faca, eu acho que era uma faca, esse processo demorou mais de duas horas, duas horas e meia, eu trancado no banheiro, eu não ia abrir de maneira alguma e eu ficava pensando: 'o que ela vai fazer?' Cabe ressaltar que a mãe dela já tinha falecido. Mas ela não tinha bom relacionamento com a mãe, com o pai, com a irmã, não tinha relacionamento com nenhum familiar, não tinha nenhum amigo, quer dizer, ela não conseguia manter um relacionamento com ninguém, né?

Roberto, 37, solteiro, gerente financeiro, filho de 12 anos

Como vemos, alguns pais percebiam as falhas maternas mas se mantinham acomodados ao papel de provedores distantes dos filhos após as separações. Estes resultados se afinam com aqueles encontrados na pesquisa sobre mulheres com problemas psíquicos, que se mostram prejudiciais para o desenvolvimento psicológico de seus filhos, (WADSBY et al, 2007; SYDSJÖ, 2001). É interessante observar que mesmo estes estudos, indicando a necessidade de intervenção no cuidado, não propõem envolvimento maior dos pais nos cuidados com as crianças, um reflexo da ideologia dominante de que os homens não são cuidadores.

#### **7.1.4 Pedido dos filhos, mães descuidadas e reivindicação paterna**

Em algumas situações, os filhos pediram aos pais para morarem com eles, provocando a reivindicação de guarda dos pais, seja jurídica ou amigavelmente:

E depois a gente se separou, o Pedro ficou um ano com ela, aí ele: “Pai, eu quero ficar com você, eu quero morar com você”. Ele tinha nove. “Tá bom filho, então eu vou ter que estruturar a minha vida toda... “ Porque eu morava meu compadre, né? Aqui no Caju. Eu não tinha... sei lá... [nada] de casa né?”

Lúcio, 54, 54, massoterapeuta e advogado, filho de 17 anos

Aí como as crianças queriam ficar comigo né, então eu não pude me omitir, até porque é aquilo que eu te falei realmente eu tenho mais condições afetivas, morais, estabilidade emocional, Então eu não podia negligenciar, não podia negligenciar. [...] Quer dizer as crianças não queriam ficar com ela, não queriam, choravam, gritavam, isso eu tenho tudo gravado, em fita em vídeo, então foi mais um apelo deles. se eu te mostrar a fita você vai ver que define. O grito, o choro, ter que botar no carro na marra, “não quero...”, eu tenho tudo gravado em vídeo, entendeu?

Filipe, 43, advogado, filhos de 7 e 5 anos

“Nica, vamos tomar banho que a tua mãe vai passar aí e vai te pegar”. Quando eu falei isso “eu não quero ir prá minha mãe não” falei “garota, não, tua mãe vai passar aí, não quer ir prá tua mãe não?” “não” “não, por causa de que?” aquela felicidade todinha que ela tava ali, acabou. [...] “eu não quero voltar prá minha mãe”. Eu falei “garota, tá doida?”. Aí começou a fazer queixa do companheiro que a mãe tava vivendo, entendeu. Começou a falar uma porção de coisa, uma porção de coisa, uma porção de coisa, que batia, que fazia isso, que batia na mãe, que a mãe cortou o dedo ali e não sei o que, e no sangue.

Clóvis, 40, Sargento do Corpo de Bombeiros, filhos de 16 e 14, filha de 5 anos

Ela falou que não queria mais ficar, morar com a mãe, que queria ficar em Nova Iguaçu [bairro onde pai morava], que lá era melhor. onde ela morava, ela não gostava, ela não podia brincar. [...] Só que com o passar do tempo, como eu pegava alis a cada quinze dias, ela, quando eu levava ela de volta, ela dizia que não queria ficar na casa da mãe. Teve época dela começar a chorar. Aí eu achei que aquele comportamento não estava muito certo. E eu não tinha... Foi na época que eu estava me candidatando a primeira pós-graduação, eu: ‘Caramba, eu já estou sem tempo, mas eu não posso deixar minha filha sofrer. Não sei o que está acontecendo’. [...] Eu passei a fazer, antes de sentar e conversar [com a mãe], eu passei a pegar alis todo final de semana. [...] Aí, a coisa [o pedido] se intensificou, né?

Alfredo, 39, oficial PM, divorciado, filha de 14 anos

Encontramos então, a surpresa de alguns pais com o pedido dos filhos:

Inicialmente, eu ficava imaginando que isso pudesse ter relação com o novo relacionamento [da mãe], alguma coisa dela estar sendo deixada de lado, acontecendo alguma coisa, tipo um ciúme, não sei. Então, no início, eu fiquei meio reticente em acreditar nisso, né? ‘Não, eu acho que ela está falando, mas não bem assim’.

Alfredo, 39, oficial PM, divorciado, filha de 14 anos

Tomei um susto com aquilo ali, né. Primeira coisa que eu fiz, a mãe dela, pô, viu a hora, eu não levei, passei um perrengue pra garota entrar no banheiro prá tomar um banho prá ir prá mãe. Vamos dizer, antes chorava querendo a mãe, porquê que agora tá chorando e tá falando isso, isso e isso?

Clóvis, 40, Sargento do Corpo de Bombeiros, filhos de 16 e 14, filha de 5 anos

A surpresa inicial foi seguida de avaliações dos riscos que os filhos estavam vivendo na companhia das mães:

Aí passou mais um final-de-semana, eu não fui pegar, né, aí peguei no outro, que eu ficava de quinze em quinze dias, determinação dela, mas não tinha negócio de justiça nem nada, Aí tá, ne, peguei e aí de novo a garota fazendo a mesma coisa. Que que eu fiz? “Não vou duvidar mais minha filha”. Primeira coisa que eu fiz, levei ao Conselho Tutelar. Minha filha passou por psicólogo lá. Ela passou por uma psicóloga lá e constatou que ela não queria voltar pra casa da mãe por causa que não aceitava, botou nesse termo, não aceitava o atual companheiro dela, né. Só que, pra mim, aquilo não foi suficiente, entendeu? Pôxa, a menina tá falando que o cara bate, chuta, puxa o cabelo, chama ela de nojenta, mimada. E ela tá com pavor, né, e com o tempo também, a irmã dela me contando as coisas, porque a minha filha, o cara espancava a mãe direto dela, entendeu? Aí a minha filha ficou com pavor dele, por causa disso tudo, né? Aí o que que eu fiz? Pedi a guarda dela na justiça, né, mediante a outros problemas já, que já tinha levado, há muito tempo, ela também ao conselho tutelar, né, sobre o tratamento que ela tava dando a garota, né, quando nós se separamos, no início, né.

Clóvis, 40, Sargento do Corpo de Bombeiros, filhos de 16 e 14, filha de 5 anos

Em todos os casos, o pedido dos filhos foi reforçado pela compreensão dos pais sobre os riscos prejuízos para estas crianças, se permanecessem sob os cuidados maternos, pois eram percebidos diversos problemas no convívio materno:

O período pior [na escola] foi antes dele morar comigo, Ele ficou um ano com a mãe dele. Foi logo depois da separação. Às vezes, eu tava aqui, ele me ligava duas horas: “Meu pai, minha mãe não chegou ainda, to sozinho em casa”. – “Ah! Meu Deus do Céu! O que vou fazer?” A mãe dele ficou meio doidinha também, começou a chegar tarde, começou a beber umas coisas e tal...

Lúcio, 54, 54, massoterapeuta e advogado, filho de 17 anos

Vi e tava lá a parte avermelhada, a parte da vagina, mas não era nada assim que alguém tivesse molestado a menina, né, mas apresentava algumas bolinhas. Aí eu falei com a mãe, né. Aí ela falou que “-Não, isso aí é alergia a sabonete, que levei ela no médico e não sei o que, pererê pão-duro” Aí eu falei “-Legal, amanhã eu vou pegar menina” Aí peguei a garota, na sexta-feira, pra passar o final-de-semana comigo. Aí ‘tou vendo as marcas assim, umas pontinhas no corpo todo da menina, né. E a garota se coçava muito e coçava a cabeça. Tava cheia de piolho e aí levei a menina no médico, né. Falei, “-Não vou devolver não” Levei na segunda-feira no médico, e o médico falou “-Ah, isso aí não é alergia a sabonete não. É alergia a alguma coisa” e aí passou os remédios. Aí foi só piorando, né, piorando, piorando. A doutora quando viu mesmo, a menina não tava com alergia, aquilo era sarna, né cara.

Clóvis, 40, Sargento do Corpo de Bombeiros, filhos de 16 e 14, filha de 5 anos

A família dela é um pouco complicada, é do interior e de roça. A coisa é um pouco... complicada, as questões morais, éticas... Tem um traficante, pai viado, irmã prostituta, então a coisa é pesado, o jogo é pesado, E ela não tem assim uma retidão moral muito..., eu não tenho nada contra o interior. [...] Lá, eles estariam soltos à própria sorte,[...] O ... [filho] só vivia no médico, pneumonia

Filipe, 43, advogado, filhos de 7 e 5 anos

Os pais, mesmo sabendo que as mães não estavam em condições, ainda resistiram um tempo a assumirem a guarda, revelando novamente a dificuldade masculina de se contrapor à hegemonia da guarda feminina e de assumir o desejo de cuidar diariamente de sua prole.

No caso de pedido dos filhos, este também foi reforçado pelo reconhecimento pelos próprios pais, de que eles eram melhores cuidadores que as mães. Alguns comentam que não conseguiram a guarda porque desejavam e foram avaliados competentes, mas principalmente porque as mães tinham falhas demais, até mesmo reconhecidas pela Justiça:

Emocionalmente eu sou muito mais centrado né. [...] Nesse período todo que ele tá comigo só foi no médico uma vez, Não somatiza, não fica doente, o menino não fica doente nunca, Com ela só vivia em hospital, comigo não fica doente, É simples, é simples. [...] Pra você ver como é que ela é má ..., se eu sou instável emocionalmente...(risos)... o outro lado é péssimo.

Filipe, 43, advogado, filhos de 7 e 5 anos

Gustavo deveria ter uma história completamente conturbada, ele era para ser uma criança com muitos problemas, muito maiores dificuldades comportamentais e educacionais. Porque eu não ganhei a guarda dele porque eu sou uma pessoa legal ...

Roberto, 37, solteiro, gerente financeiro, filho de 12 anos

Suas vivências confirmam que o cuidado exercido por mulheres não é bom em si mesmo (APPLEBAUM, 1987). Constatam fenômeno semelhante ao apresentado nos estudos com mulheres portadoras de desequilíbrio psíquico, que prejudicaram o desenvolvimento psicológico de seus filhos (WADSBY et al, 2007; SYDSJO et al, 2001). Indicam a possibilidade da presença da agressividade das mulheres em seu meio social mais íntimo, (BAUMEISTER, SOMMER, 1997), derrubando o mito da mulher e mãe dócil.

O pedido da filha também influenciou em situação em que a mãe a havia deixado por um mês com o pai, período que se estendeu por 4 anos. Nesse caso, o pai havia perdido a guarda 1 mês antes da entrevista, mas novamente, a filha pedia para voltar a viver com ele

depois de ter voltado a morar com a mãe, indica a possibilidade de que o cuidado paterno seja mais indiciado par aa qualidade de vida dessa criança:

Porque a mãe dela mora na beira de um rio ali em Nova Iguaçu, só tem dois cômodos pequenos e eram dezesseis pessoas dentro desse cômodo que dá o [tamanho do] meu quarto, é só dividir no meio que é uma cozinha pequena e um quarto, dormia todo mundo amontoado, cama beliche num canto, cama beliche no outro, dormia todo mundo amontoado.[...] A Dayse não se acostumou em momento algum. Até agora mesmo ela esta na casa da mãe e reclama quando vem pra cá: “Papai, a minha mãe não compra nada para mim. Papai, eu quero ficar com o senhor”. Então, são coisas que dói e eu entrei na Justiça de novo, mais uma vez para poder pegar a guarda da Dayse em definitivo, devido a um erro da Justiça. [...] A Dayse ia, ficava lá junto com a mãe, mas ela não se habitua a ficar lá com a mãe dela.

Ricardo, 31, representante de vendas, filha de 7 anos

Não era apenas o desejo dos filhos que estava em jogo, mas também o dos pais, que aproveitaram a solicitação dos filhos para realizarem o que desejavam: viver com eles. Tratava-se de um desejo reprimido pelos ditames de gênero que prescrevem a guarda materna, mas que foi estimulado a ser expresso graças ao pedido dos filhos:

Na época em que eu me separei, quer dizer..., eu fiquei no Sheraton com a minha namorada nova, uma Ferrari na garagem, passaporte em cima... E não adianta, entendeu, eu não tava feliz, o meu negócio é com, com eles.

Filipe, 43, advogado, filhos de 7 e 5 anos

Eu sentia falta da minha filha. Engraçado, o processo de separação, no início foi muito complicado, muito duro, mas acho até que esse distanciamento dos seis meses [quando viajou a trabalho logo após a separação] me ajudou a definir que eu não queria essa infelicidade. Eu queria resolver definitivamente e buscar a ser feliz, Eu queria outra coisa para minha vida e não aquilo que eu estava vivendo, Então tinha que ser de outro jeito, mas eu sentia falta, eu sentia falta dela. Quando foi 2000, mais ou menos, final de 99 para 2000, a Lis chega pra min e fala, pergunta porque ela tinha que morar com a mãe.

Alfredo, 39, oficial PM, divorciado, filha de 14 anos

Seus depoimentos revelam seus sentimentos de acomodação ao gênero, que implicam no abafamento de projetos que resistem, apesar de não expressos (ANYON, 1990; BEZERRA DA SILVA, 2005).

As atitudes desses pais variaram ao assumirem o cuidado: alguns pegaram o filho e depois entraram na justiça; outros negociaram com as mães, e outros solicitaram imediatamente a guarda na justiça. Apenas um pai, no momento em que se separou e foi viver na rua, assumiu a guarda no momento dessa separação, sem negociação com a mãe, que também não reivindicou os filhos. Sua intenção era proteger os filhos da violência materna:

A Cris arrumou problema dentro do “Garotinho” [restaurante popular], rapaz, caiu pra dentro das autoridades. Por ela está altamente embriagada, aí o que ela [a autoridade] fez? Internou a Beth e botou as crianças na minha mão. [...] A Beth no começo do ano, ela arrumou um caô lá, que as mulheres ficou querendo dá uma coça nela. Porque essa Beth daí [a mãe], presença dela apavora o fator psicológico dos meus filhos, apavora. Ela chega, eles não sabem que ela tem aquilo, que se ela bêbada não é brinquedo não. Eles conhecem, já viram e até foram vítimas dela bêbada.

Severino, 54, vendedor ambulante, filhos de 7 e 5 anos

Trata-se de uma situação atípica, mas que mostra como um homem pode assumir o cuidado dos filhos, até mesmo em condição de miséria. Ele já tinha vivido períodos em que ficara cuidando dos filhos enquanto a mãe trabalhava como camelô. Como o apartamento onde morava o casal era da mãe e ele não possuía família nem emprego, saiu de casa para viver com os filhos na rua.

### **7.1.5 Reivindicação paterna por viagem da mãe**

Entre as situações deflagradoras das crises, encontramos a reivindicação de guarda em função de viagem da mãe a trabalho:

Ela teve que viajar pra Manaus tentando um emprego, um trabalho, e eu tive que assumir porque eu não concordaria, em hipótese alguma, naquele momento, dela levar o garoto sem ter uma estrutura. Quando ela ficou em Manaus, ela ficou direto em Manaus, longe, né. Muito longe, passagem cara. Ela ficou lá. Quando ela voltou, aí que eles ficaram se encontrando. Mas ficou muito tempo sem ver. Ficou uns dois anos.

Leonardo, sobre primeiro filho

Neste caso, o filho pediu para ficar com o pai depois da longa temporada de ausência da mãe. Este mesmo pai, também reivindicou a guarda de outro filho, diante da mãe deste ter passado a deixá-lo com a avó para ir trabalhar em outra cidade, só o vendo no fim-de-semana:

Ela deixou na casa da mãe, porque ela, negócio de trabalho, não sei bem qual foi o motivo, e não me comunicou nada. E eu fiquei até mordido com aquilo. Eu falei: “Pô, eu tenho direitos. Se ela não quer ficar, não pode ficar, eu posso ficar. Eu assumo isso”. E quando fui entrar com o pedido de posse e guarda, aí ela chiou e ficou uma disputa. Só que eu, peguei ele, depois de seis meses eu esperei terminar o ano letivo, o semestre, pra transferir ele de escola. Pra tirar do domínio da avó. E aí eu tirei ele da escola, na marra.

Leonardo, 46, produtor cultural, filhos de 24 e 14 anos, sobre o filho mais novo

Leonardo já havia reivindicado a guarda na Justiça, desde o momento da separação, mas havia perdido naquele momento. Este foi dos poucos casos de reivindicação da guarda paterna na separação. Naquela época, inclusive, ele não tinha alegado descuido materno, mas não houve concessão jurídica da guarda paterna.

### 7.1.6 Acordo amigável

Apenas um pai fugiu à regra de só ter a guarda diante de uma situação de crise no cuidado materno. Trata-se do único caso de acordo amigável com a mãe, motivado pelo interesse do pai em viver com a filha, 6 meses após a separação. Nesta situação, havia a justificativa do pai ter apoio familiar para o cuidado diário, que a mãe não dispunha quando saía para trabalhar:

Eu que quis ficar com ela porque sempre tive uma ligação muito forte com ela mesmo quando, desde que ela nasceu, desde quando era casado eu tive uma ligação muito forte. [...] A menina ficou seis meses com ela só. Quando a menina entrou de férias, eu trouxe a menina pra passar as férias aqui. [...] e aí eu conversei com ela [a mãe] e falei: “Olha, é melhor pra menina ficar aqui porque você precisa trabalhar. Você precisa tocar tua vida e você não tem ninguém pra cuidar, aqui em casa a gente tem gente pra cuidar, não precisa ficar o tempo todo com a garota. [na sua casa] tem minha mãe, tem minhas irmãs, tem minhas sobrinhas”.

Fernando, 42, separado, técnico de informática, filha de 10 anos, 42, separado, técnico de informática, filha de 10 anos



Esta foi uma rara situação da mãe aceitar o pedido do pai, apesar de estranhar e resistir um pouco:

Ela estranhou com pouco e tudo, teve algumas reticências né, achou que de repente ela ia poder fazer isso até ela se estabilizar, e depois ela pegava a menina, falei: “Olha, se você se estabilizar e quiser levar ela, você vai poder levar, não vou proibir você de levar não”. Aí ela acabou entendendo e a menina acabou ficando aqui. [...] Não teve briga não. Não teve nada, não teve nenhuma, não teve nenhuma briga com relação a isso. Ela, ela, ela sabia, ela entendeu que também era melhor pra garota e ela acabou concordando.

Fernando, 42, separado, técnico de informática, filha de 10 anos

Este caso se destacou por não ter caracterizado uma crise deflagrada da mudança da guarda materna para a paterna. Indica contudo, que apesar de raro, é possível uma mulher, se desapegar do papel de cuidadora principal, com confiança no pai. Chama a atenção mais ainda, o fato dela ter sido e ser uma boa cuidadora:

Pesquisadora: Qual é a impressão que você tinha da relação da sua filha com a mãe?

Fernando: Também foi sempre muito boa. Nunca teve, nunca foi uma relação de distância não. Sempre foi muito boa. Ela também sempre foi uma boa mãe. Sempre cuidou muito bem. Também sabe, sempre foi muito carinhosa até hoje. Até hoje.

Fernando, 42, separado, técnico de informática, filha de 10 anos,

Por ser este único o caso de aceitação do pedido do pai, fica clara a força da hegemonia da guarda materna. Por outro lado, indica a possibilidade de quebra desse padrão, mesmo quando há bom vínculo entre mãe e filho. Podemos supor que a mãe tenha cedido a guarda porque o pai teria o apoio da avó da criança, outra mulher. No entanto, este não foi um fator diferenciador, já que noutro caso em que o pai morava com seus pais, houve necessidade de processo judicial para conquista da guarda. Como veremos noutra seção, esta foi das poucas mães que se mostrou cuidadora mesmo após a guarda paterna. A peculiaridade deste caso, comparado ao conjunto dos entrevistados, indica a dificuldade de encontrarmos mães que aceitem a reivindicação dos pais separados morarem com seus filhos. Apenas uma mãe entregou os filhos ao pai no momento da separação, inclusive o surpreendendo (Sebastião). Trata-se de outra situação que demonstra o desapego da mulher à sua função

cuidadora, e uma preocupação de envolver o pai com esta tarefa. Outras situações em que as mães deixaram os filhos com os pais envolviam dificuldades emocionais (Filipe, Gustavo), dificuldades materiais (Ricardo) ou mesmo abandono materno na maternidade (Isaías).

Cabe apontar que temos apenas os depoimentos dos pais para compreensão destas experiências, sem triangulação com depoimentos das mães. A perspectiva paterna aponta as crises e alguns pais comentaram seu temor de serem vistos como acusadores das mães, e que estariam fazendo estes relatos para se vangloriarem. Enfatizaram que não estavam com a guarda por serem maravilhosos, mas porque as mães tinham falhas reconhecidas até mesmo pela Justiça que costuma privilegiar a guarda materna. Embora não se possa comprovar a veracidade dos testemunhos, na quase totalidade das entrevistas, os pais se emocionaram muito ao relatarem os processos dolorosos que testemunharam na vida dos filhos. A totalidade dos pais foi indicada por pessoas que acentuaram suas qualidades no cuidado com os filhos, ou faziam comentários sobre os dolorosos processos que enfrentaram para conseguir a guarda. Dolorosos processos, necessários para a quebra da hegemonia da guarda materna em situações de risco para as crianças.

### **7.1.7 Crises facilitando cuidado paterno**

Se por um lado percebemos a supremacia do poder das mães, por outro, devemos reconhecer as dificuldades dos pais para assumirem o cuidado antes dessas crises. Poderíamos entender que seus comportamentos anteriores, diante dos riscos vividos pelos filhos, tenham sido fruto da hegemonia da representação da mulher cuidadora. Os fatos sugerem que tenham passado por um processo de desligamento emocional dos sofrimentos dos filhos pautado na supremacia da maternagem.

Principalmente aqueles que se consideravam melhores cuidadores que as mães ainda nos casamentos, sofreram para aceitar e testemunhar sofrimentos e riscos dos filhos, sem tomarem atitudes de mudança de guarda. Compreendo que tais situações exigiram deles uma alienação de seus sentimentos para aceitar a guarda materna. Precisaram construir endurecimento emocional neles mesmos, para lidarem com a distância provocada pela separação conjugal e os sinais de que os filhos poderiam estar sofrendo. Endurecimento de si mesmos comum a muitos homens, decorrente do modelo hegemônico de que homem não tem sensibilidade, não sabe cuidar (CONNELL, 1995 a, b, 1998; NOLASCO, 1993, 1995, 1997; ALMEIDA, 1995; LOEWENSTEIN, BARKER, 1998; BEZERRA DA SILVA, 2005). Viveram as conseqüências de um modelo familiar baseado no distanciamento paterno herdado do patriarcado no nosso e em outros países (ARIÈS, 1981; BADINTER, 1985; SANTOS, 1982; ARAÚJO, 1993; DEL PRIORI, 2000; COSTA, 1987). Apesar de amarem seus filhos, precisaram testemunhar e enfrentar crises graves, para tomarem providências e enfrentarem os preconceitos de gênero.

O padrão aqui encontrado, de cuidado paterno a partir de crise no cuidado materno, significa que só cabe aos homens o cuidado, quando há falha, distanciamento ou morte da mãe. Este fenômeno se repete por resistência das mães e pela dificuldade dos homens em lutarem para permanecerem com os filhos após as separações. Não se trata de uma dificuldade individual, mas social, já que mesmo aqueles interessados em cuidar, tiveram que enfrentar muitos preconceitos de gênero no serviço jurídico, como mostram outros estudos (BRITO, 1999,1997, 2005; CALÇADA, 2005; KARAN, 1998;MANNING et al, 2001,2003). Mais uma vez, reconhecemos o processo permanente de acomodação e resistência de gênero, em que comportamentos aparentemente de acomodação, esconde de maneira latente possibilidades de mudança (ANYON, 1990).

Muitas das dificuldades enfrentadas pelos pais para reivindicarem a guarda paterna se referem ao modelo de guarda monoparental, que gera disputa entre os genitores e implica em exclusão do convívio diário com os filhos, em geral, dos pais (BRITO, 1997, 2005, 2007; MANNING et al, 2001, 2003) Este modelo reproduz a fragilidade da representação da paternidade cuidadora, mesmo entre aqueles que se percebem melhores cuidadores que as mães. Reproduz a antiga modalidade de pai apenas pagar as despesas e raramente estar com os filhos. Nesta discussão, devemos considerar a transição no gênero em que ambos genitores são provedores e compartilham as tarefas de cuidado (GIFFIN, 1994, 1995; HOCHSCHILD, 2002, 2005; GERSON, 2002; MCMAHON, 1999; EHRENSAFT, 1987).

Fica nítida a falta de apoio social para que os pais assumam seus desejos de morarem com seus filhos após a separação e enfrentem os preconceitos com relação a homens cuidarem. Estudos mostram a utilidade de grupos que facilitem que as pessoas desconstruam papéis atribuídos pela hegemonia social (BOURDIEU, 1999 b). No caso dos homens, a reflexão com outros homens lhes permite rever atributos de gênero que os aprisionam (BEZERRA DA SILVA, 2005; GIFFIN, CAVALCANTI, 1999; GIFFIN, BARBOSA, 2000; BARKER, ACOSTA, 2003)

O cuidado portanto, foi provocado pela crise vivida pelos filhos e não pelos determinantes sociais de gênero. Os resultados confirmam que os homens cuidam quando não há mulheres para cuidar, como indicam outras pesquisas (MCMAHON, 1999)

Podemos fazer algumas reflexões sobre os resultados deste estudo e os de raciocínio moral que mostram que a qualidade do problema enfrentado pode ser facilitadora do raciocínio de cuidado, podendo ter mais influência nas escolhas morais do que o gênero (CLOPTON, SORELL, 1993). Os perigos percebidos para as crianças foram promotores do cuidado. Como vimos entre os Arapesh, os perigos vividos no terreno pedregoso, impulsionavam também os homens para uma atenção permanente às crianças (MEAD, 1983).

Dificuldades e crises, portanto, são promotoras de cuidado. Este se mostra como uma potencialidade inerente às pessoas, mas que precisa de condições para se manifestar, como discutem Heidegger (2004), Boff (1999) e Ayres (2003). É na relação entre as pessoas, que se criam as condições para a emergência do cuidado e a construção da identidade cuidadora, já que sujeitos à plasticidade, podemos nos transformar constantemente (AYRES, 2003). Assim, homens se transformaram em cuidadores principais de seus filhos, em situações não planejadas por eles.

As crises podem acionar o potencial cuidador da vida, quando estamos alienados da consciência profunda de nós mesmos, como promoveram as atitudes desses pais. São benéficas e promotoras do cuidado (AYRES, 2001; BOFF, 2002). Caracterizam-se por estados “de dúvida ou incertezas” (FERREIRA, s. d.), como aquelas vividas inicialmente por alguns pais diante da decisão materna, dos pedidos e constatação dos riscos dos filhos. Podem ainda ser uma “manifestação violenta e repentina de ruptura de equilíbrio”, como ocorreu com os pais, criando tensão e conflito, possibilitando uma mudança<sup>32</sup>

Os depoimentos mostraram que as crises vividas, serviram “para evidenciar as boas qualidades do indivíduo” (FERREIRA, s.d.). Como um crisol numa operação química, essas crises permitiram um processo de transformação para um estado mais aprimorado de viver, onde deixaram de ser observadores passivos para assumirem o cuidado de seres que amavam. “A crise é prenhe de vitalidade criadora (...) em que a pessoa se questiona radicalmente a si mesma seu destino, o mundo cultural que a cerca” (BOFF, 2002, p. 24).

O cuidado é uma das áreas ativadas na vida adulta, principalmente na transição para paternidade e maternidade (ERIKSON, 1982, COWAN, COWAN, 1982, 1988, 1997). Entre

---

<sup>32</sup> Crisol [Do esp. crisol.]S. m. 1. Cadinho. 2. Fig. Aquilo em que se apuram os sentimentos. 3. Fig. Aquilo que serve para evidenciar as boas qualidades do indivíduo. 4. Tip. Recipiente das máquinas fundidoras e compositoras, onde se derrete o metal-tipo; caldeira. [Pl.: crisóis. Cf. cresol e pl. cresóis.]

Acrisolar [De a + crisol + -ar],V. t. d. 1. Purificar no crisol. 2. Depurar, purificar: &3. Aperfeiçoar, sublimar. V. p. 4Purificar-se, submetendo-se a provas.5.Aperfeiçoar-se, sublimar-se.

estes pais, o processo de amadurecimento psicológico com relação ao cuidado havia sido alterado com a separação conjugal. Como discutimos anteriormente, o cuidado com os filhos permite amadurecimento emocional de um adulto (ERIKSON, 1982; HAWKINS et al, 1982). No entanto, devemos lamentar que por outro lado, quando foi assumida a guarda paterna, as mães ficaram afastadas de seus filhos, interrompendo seu processo cuidador, reproduzindo o os problemas da guarda monoparental independente do sexo do genitor .

Considerando que estes pais são cariocas, devemos lembrar que sua decisão pelo cuidado pode ter sido facilitada pelo contexto cultural vivido, onde as relações familiares têm importante papel na identidade das pessoas (MELLO E SOUZA, 1993; DAMATTA, 1985). Além disso, devemos entender que suas decisões, apesar de contra-hegemônica com relação ao gênero, foram tomadas em contexto de transição de gênero em que vivemos (GIFFIN, 1994, 1998, 2005) e podem significar o permanente processo de acomodação e resistência (ANYON, 1990) vivido por homens e mulheres. Apesar de não se contraporem expressamente contra os ditames de gênero, resistem a assumirem papéis atribuídos socialmente, como veremos em outra seção. Vejamos ainda, outro fator que pareceu facilitador da decisão dos pais cuidarem: o fato da maioria já ter forte vínculo amoroso com seus filhos.

## ***7.2 Vínculo pai-filho facilitando cuidado sem as mães***

Os relatos evidenciaram a força do vínculo entre pais e filhos facilitando a paternidade cuidadora sem as mães. Vejamos inicialmente o vínculo gerado no convívio dos pais com os filhos, enquanto estes homens moravam com as mães.

### 7.2.1 Vínculos formados no convívio

O cuidado paterno foi bastante motivado pelos vínculos com os , gerados no convívio que tiveram anteriormente, durante os casamentos e uniões com as mães. Alguns se sentiam referência afetiva importante para os filhos, apesar de trabalharem fora e das mães serem as cuidadoras diárias:

Mesmo ficando o dia inteiro com a mãe. Mesmo ficando. Alegria dela assim sempre foi muito grande perto de mim né. Sempre foi de muita proximidade [a relação pai-filha]. Por exemplo, a minha filha sempre é, é, é, ela tinha um, ela teve um período de insônia muito grande né, e ela acordava de noite e aí, eu ficava acordado com ela a noite toda, [...] e botava filme pra ela ver ou então ficava assistindo aqueles filmes que dava de madrugada, e passava a noite ali com ela, tentando cochilar e ela acordada. Ela lembra até disso embora ela fosse pequenininha, mas ela ainda lembra. Tinha filmes que a gente via dez vezes os mesmos filmes, ela, ela lembra disso até...[...] Até fiz isso por opção. Eu sempre ficava com ela, eu que, eu que atendia as necessidades dela, se ela tivesse com sede ia pegar, ia pegar água, se ela quisesse ir no banheiro era eu que levantava e botava ela pra ir no banheiro, entendeu? Se ela tivesse com fome era eu que dava, fazia alguma coisa pra, de manhã eu levantava cedo era eu que fazia a mamadeira dela...

Fernando, 42, separado, técnico de informática, filha de 10 anos

Eu co-relaciono com os três primeiros meses de vida dele, de que tinha alguma coisa dentro de mim de que a vida dele dependia, não era só basicamente, eu acho que era quase totalmente de eu abraçar essa causa. Ele está aqui hoje.

Roberto, 37, solteiro, gerente financeiro, filho de 12 anos

Eu sempre tive uma proximidade muito grande com os filhos. Pra você ter um exemplo, outro dia achei até legal isso, é, o mais velho [...] ele tava lá no escritório, aí tava o Joaquim também, o mais novo e aí ele falando: “Pai, eu lembro naquele tempo que nós íamos no Aterro e a gente pegava formiga e botava no vidro aquelas formigas”, não sei o que. Aí o mais velho falou: “Puxa, eu também lembro quando você me levava na Quinta, de bicicleta”. Achei legal porque eles lembram. Por exemplo, ele lembra de coisas comigo, com a mãe não. Não que eu vá botar aquele negócio de super-pai, nessa questão de estar presente, pra não dizer que eu sou o super-pai, não errei em nenhum momento, eu não sou perfeito, mas de estar presente, eu sempre estive presente.

Leonardo, 46, produtor cultural, filhos de 24 e 14 anos

Percebemos ainda que alguns destes homens não só estavam profundamente ligados aos filhos, mas se percebiam desde o casamento, desempenhando a função de acolhimento amoroso dos filhos, mais até do que as mães:

Porque eu queria mesmo, porque eu gostava. Porque a menina sempre chamava o meu nome primeiro. E então eu, ela, eu achava que era, que era bom, eu gostava de poder atender as necessidades dela, entendeu? Me sentia mais perto dela. Não sei, eu acho que ela teve uma ligação muito forte comigo, sabe? Eu achei, eu sempre achei que desde que ela nasceu ela sempre é, chamava o pai em primeiro lugar. A primeira palavra que ela falou foi pai, não mãe, mas apesar que a mãe acha que não mas é. Eu acho que assim, ela sempre demonstrou uma ligação muito forte e por isso que ela sempre pedia, ela sempre falava, quando ela tinha alguma coisa que ela precisava, ou alguma coisa que ela queria pedir, ela sempre pedia ao pai primeiro, pai quero isso, pai dá água, pai quero ir ao banheiro...

Fernando, 42, separado, técnico de informática, filha de 10 anos

Demonstram não só sua capacidade de conexão afetiva e de cuidado, como também a de se constituírem referência psíquica importante para os filhos. Revelam seu acolhimento amoroso, num esmero por se envolver com o cuidar, tanto no casamento e mesmo na separação:

Na maioria das vezes eu, ela, ela acordava cedo então tirava ela da cama. Minha esposa foi sempre de dormir até tarde, aí eu botava ela na sala comigo, fazia a mamadeira dela né, dava mamadeira dela, ela ficava assistindo televisão, me arrumava, até a hora de sair, a hora que eu ia sair, aí ia lá acordava minha ex-esposa, ela ficava com a menina e eu ia trabalhar. [...] Quando ela era pequena a gente passava sempre o final de semana aqui na casa da minha mãe, ah vinha, vinha sempre aos domingos aqui na minha mãe. Mesmo ela pequenininha eu vinha pra cá com ela, trazia leite de peito congelado aí botava aqui pra, na, em banho-maria e dava mamadeira com leite de peito mas eu vinha com ela.

Fernando, 42, separado, técnico de informática, filha de 10 anos

O Pedro sofreu muito com a nossa separação, ele foi expulso do colégio...Ah! Uma série de problemas, ele ficou... Aí procurei uma terapia, ele fez terapia durante quatro anos. Eu ia levar, toda terça e quinta eu levava, dez horas da manhã. A mãe dele não gostava muito: “ah! Meu filho não é maluco, não precisa de psicóloga” Claro que precisa. Daí, eu fui, eu levei durante quatro anos.

Lúcio, 54, 54, massoterapeuta e advogado, filho de 17 anos

Tais depoimentos, mostram que os homens podem ser a fonte principal de acolhimento amoroso dos filhos. Revela que entre os homens, há a possibilidade de manifestação de outras formas de masculinidade que não a hegemônica (CONNELL, 1995 a, b; ALMEIDA, 1995), e a possibilidade das pessoas resistirem aos padrões sociais de gênero (ANYON, 1990), e no caso especificamente dos homens (BEZERRA DA SILVA, 2005; BARKER et al, 2003). Este tipo de experiência paterna acolhedora também foi percebida entre alguns pais na relação com seus próprios pais, como veremos em outra seção. Tais



resultados indicam a reflexão sobre conhecimentos psicológicos que indicamos a função principal dos pais de introdução da disciplina e dos limites na construção da personalidade da criança.

Contudo, o vínculo forte sofreu o impacto da separação conjugal. Ficavam preocupados com o que os filhos viviam sob a guarda materna:

Aí entreguei, entreguei [a criança à mãe] e vim pra casa. Falei “não adianta”, chorei pra caramba, chorei desesperadamente, eu nunca chorei tanto na minha vida. Eu sou ruim de chorar pra caramba. Doía. A minha filha, cara. Ela era muito maltratada. Ela foi muito maltratada, foi muito maltratada, muito. Depois coisas piores ainda aconteceram com ela. Ela foi muito... E coisas que eu tento não pensar que tenham acontecido depois [emocionado].

Gustavo, 47, solteiro, programador visual, filhas de 14 e 23 anos

Porque já foi uma luta prá mim, porque na separação, não é desgarrar da mãe, desgarrar da menina, que eu passei... Na segunda, o que eu passei rapaz, assim na falta da menina foi uma coisa descomunal assim, eu não conseguia cara, ficar sem a menina, entendeu? [...] O que me dói, não em si a separação [conjugal]. A separação assim, mais do filho... Separação de filhos, cara, assim, porque eu sou muito apegado aos meus filhos, entendeu? Pra mim pelo menos, é, né? Quando a gente ama os nossos filhos, acho que o pai tem que amar os filhos, gente. Acho que filho, é que nem eu falo, eu sou que nem uma cadela, né, quando tive os meus filhotes. Até o macho chegar, né, se você vier e machucar, dá uma mordida nele

Clóvis, 40, Sargento do Corpo de Bombeiros, filhos de 16 e 14, filha de 5 anos

Em fevereiro do ano passado, fevereiro do ano passado, tava naquele negócio de pré audiência, eu só via eles de 15 em 15 dias que a mãe não deixava eu vê-los. Eu sofria igual a um cão. Falei: “Quer saber de uma coisa? Foda-se o mundo, dane-se, vou curtir”. Aí peguei a minha namorada em Santos, liguei pra secretária e falei : Ó, sumi, fui. Aí vim pro Rio, que é onde tão meus amigos, Eu aluguei um apartamento no Sheraton, os dois carros na garagem, Ali é bom pra caramba. Ali é um... fino da bossa né, você pede tudo por telefone, um conforto, fiquei ali dois meses.... Prainha, com a minha namorada nova, uma Ferrari na garagem, passaporte em cima... E não adianta, entendeu, eu não ‘tava feliz, o meu negócio é com..., com eles. [...] Ah! eu não ‘güento não, eu gosto é deles sabia. Eu chorava..., chorava, chorava ...

Filipe, 43, advogado, filhos de 7 e 5 anos

Eu sentia falta da minha filha. Engraçado, o processo de separação, no início foi muito complicado, muito duro, mas acho até que esse distanciamento dos seis meses me ajudou a definir que eu não queria essa infelicidade, Eu queria resolver definitivamente e buscar a ser feliz, Eu queria outra coisa para minha vida e não aquilo que eu estava vivendo, Então tinha que ser de outro jeito, mas eu sentia falta, eu sentia falta dela.

Alfredo, 39, oficial PM, divorciado, filha de 14 anos

Eu esqueci que houvesse um relacionamento Roberto-Laura, a partir desse momento, daquele divisor de águas, o meu único interesse era o relacionamento Roberto e Pedro, pai e filho e, aí começou uma grande briga para eu conseguir rever o meu filho.

Roberto, 37, solteiro, gerente financeiro, filho de 12 anos

Apesar da dor da separação das mulheres, a maior dor era do afastamento dos filhos, sofrimento comum aos homens, no formato social de guarda monoparental.

## 7.2.2 Vínculo mantido após as separações conjugais

Alguns pais se organizaram para ficar perto dos filhos, seja morando no mesmo bairro, seja passando a visitar com frequência, numa clara demonstração de que buscavam se manter conectados e vigilantes da integridade física e emocional de seus filhos:

Eu vim morar, na época, porque ela morava em Copacabana, eu vim morar em Copacabana pra ficar mais próximo.

Leonardo, 46, produtor cultural, filhos de 24 e 14 anos, sobre o 1º. Filho

Eu queria 'tá perto dos meus filhos, eu tinha aquele cuidado de tá sempre por perto e nesse cuidado eu peguei muitos furo, peguei muita coisa errada e foi por isso que eu fui no Conselho Tutelar e dei queixa de muitas coisas lá, vi muita coisa errada nessa surpresa que eu dava, vi garoto que não tinha nada com isso pegar meus filhos de bicicleta, garoto que hoje em dia...hoje ele... tinha se tornado até bandido tá entendendo? Vi meus filhos atravessarem uma linha do trem com uma criança do tamanho deles que era responsável por eles pra ir buscar tá entendendo? Isso tudo eu botei no laudo e isso contribuiu pra ela... contra ela, você tá entendendo? E por isso que eu acho que a minha luta foi gratificante.

Jerônimo, 50, 50, vendedor de peixe, filhas de 12 e 11, filho de 8 anos

Então eu ia visitar todo dia, tava lá visitando todo dia. Saía com ele. Nessa época eu tava fazendo até a faculdade lá, em Cabo Frio, eu levava ele lá no laboratório, ele gostava e fui ficando assim, seis meses.

Leonardo, sobre o 2º. Filho

Eu tinha que precaver porque como é que eu vou saber da vida do meu filho se ou ele está na casa da mãe, onde eu não tenho acesso, o meu acesso era muito maior no colégio, do que na casa a qual ele morava com a mãe. Eu tinha muito mais informação dele vinda da convivência dele com os outros colegas e de como ele ia no seu desenvolvimento escolar e na própria vida, do que vindo pela mãe, porque a mãe cortava, ela não queria que eu soubesse, quanto menos eu soubesse melhor.

Roberto, 37, solteiro, gerente financeiro, filho de 12 anos

Eu via sempre eu quisesse, todos os dias. Eu levava ele para a psicóloga, eu que levava. Comecei nesse período a levá-lo na psicóloga, terça e quinta de dez ao meio dia, era o meu compromisso de manhã. Eu saía daqui, chegava na casa dele, pegava ele, levava, depois almoçava com ele, depois entregava e ia trabalhar.

Lúcio, 54, massoterapeuta e advogado, filho de 17 anos

Cabe destacar que Lúcio é cego, mas sua deficiência física nunca o impediu de ser cuidador principal de seu filho, tanto durante o casamento, quanto depois na separação.

Alguns pais fizeram grandes esforços para conseguirem ter contato com seus filhos, já que as mães os impediam:

Isso aconteceu por umas duas ou três vezes, eu tentei e dei com a cara na porta e voltei desesperado porque não conseguir ver o meu filho. E aí, ok. Entrei com um advogado em Teresópolis: ‘Aconteceu isso, isso e isso. Eu preciso ver meu filho, eu quero ver meu filho’ –. Além do processo que eu entrei na Justiça de regulamentação de visita, eu também entrei com um processo de oferecimento de alimentos, orientado pelo meu advogado. Então, teve um dia, seis meses após esse divisor de águas, eu estava dentro de uma audiência no Fórum de Teresópolis, pela quarta vez dentro daquele ano, vendo a mãe do meu filho, eu estava há seis meses sem ver o meu filho...

Roberto, 37, solteiro, gerente financeiro, filho de 12 anos

Um dos pais, após meses sem ver seu filho bebê, recém-separado da companheira, expressou a ressignificação da paternidade nessa nova condição em que pegava o filho pequeno apenas no fim de semana: “Na primeira vez que ele desceu ao Rio comigo e, aí eu fui me reconstruindo como pai, acho que essa palavra dimensiona bem o que realmente aconteceu.” (Roberto, 37, solteiro, gerente financeiro, filho de 12 anos). Roberto havia conseguido retomar o contato com o filho, através de recurso jurídico, e nessa ocasião, pôde pela primeira vez, pegar o filho para passar o fim-de-semana com ele.

### 7.2.3 Vínculo apesar da rejeição inicial da gravidez

Entre a maioria dos pais, não houve planejamento da gravidez e em alguns casos ela não foi aceita imediatamente, embora tenham se formado fortes relações amorosas com seus filhos. Em várias das relações, não houve um convívio duradouro com as mães. Vários pais viveram em conjugalidade com as mães, a partir da gravidez: “Eu nunca pretendia, eu nunca quis morar com ela [a mãe]. Ia segurar a onda da Lívia e ela comigo... Aí tal, me apaixonei assim pela minha filha de cara” (Sebastião, 45, agente comunitário, filha de 7, filho de 5 anos).

No primeiro momento foi um momento de muito conflito porque era um momento que você não estava esperando [a gravidez]. A gente não sabia como reagir. Mas depois que passou aquele impacto inicial, eu aceitei numa boa né, principalmente depois que a minha filha nasceu, que, que aí eu comecei a ter uma ligação muito forte com ela, eu aceitei já da maneira, melhor maneira possível. Da maneira mais natural da melhor maneira possível.

Fernando, 42, técnico de informática, filha de 10 anos

A Gisele foi, eu namorava a mãe dela e a mãe dela engravidou assim sem a gente esperar e, apesar de eu ser um pouco mais velho, eu era moleque. Acho que eu tinha 22 assim e ela tinha 15 pra 16. Aí eu, a gente, não sabia direito o que fazer, a gente tinha pensando em fazer aborto. É, mas e aí a gente viu que não era uma coisa tão simples assim....A gente tentou, pensou e foi conversar com nossos pais né, a mãe dela e os meus pais (fala triste). A mãe dela não gostou muito da idéia não, mas até aceitou assim, né Só que a gente tinha que arrumar dinheiro, tinha que saber um lugar pra fazer por que além de ser nova ela tem epilepsia, aí complicava um pouco. E aí como não tinha dinheiro né por que era muito caro eu vim perguntar aos meus pais. Meus pais não aceitam muito bem essa idéia. Eles falaram que se quisesse ter o filho, se quisesse..., que eles ajudavam, mas que essa história de aborto, que era melhor nem ter contado pra eles.

Helena, 30, técnico de informática, filha de 7 anos

O meu filho veio de uma forma não esperada, a princípio, por mim. O meu relacionamento com a mãe do Pedro foi muito fugaz, assim, uma coisa muito repentina, ela entrou na minha vida de uma forma muito rápida; ela se transportou de Teresópolis para a minha casa que é aqui no Rio de uma hora pra outra, quando eu vi, ela estava no meio da minha vida, e quando eu vi ela também estava grávida. Eu tinha 24 anos apenas, naquele momento e, aquilo era uma coisa que eu nunca esperava, até aquele momento eu não tinha nem discernimento do que era ser pai; eu fui pego, totalmente, de surpresa. Não vou ser mentiroso de dizer que eu não pensei em fazer aborto, isso foi pensado sim. Foi bem claro na minha cabeça. Nunca tinha imaginado ser pai, nunca tinha sequer tido desejo com nenhuma outra pessoa a qual tivesse me relacionado de ser pai. Nunca me preparei pra isso.

Roberto, 37, solteiro, gerente financeiro, filho de 12 anos

É importante ressaltar que a falta de desejo e de planejamento da paternidade, não impediu o vínculo e a guarda dos filhos. Muitas vezes, se afirma que a falta de desejo pelo filho impede ou dificulta até mesmo o cuidado materno. Este é um mito que precisa ser desmistificado, pois percebemos não haver uma relação direta entre qualidade do cuidado e desejo de paternidade.

Apenas um dos pais não morou com a criança anteriormente, em função de ter terminado a relação antes da notícia da gravidez, passando até mesmo por um período de descrença de que o filho fosse dele:

Namorava ela. Já estava grávida. Até então, uma coisa de pouco tempo de um mês. Coisa de pouco tempo. Eu me senti enciumado, ela diz que não tinha nada a ver, mas era um ex namorado, eu acho que ela não tinha que estar no carro com ex namorado. Aí o relacionamento da gente acabou. Aí eu falei para ela: “Olha se o filho que você está esperando é meu, eu vou assumir. E se não for...” Eu falei desaforo para ela, eu briguei, eu discuti. [...] E eu a julguei naquele momento ali, mas eu voltei atrás da minha resposta sabe, do meu pensamento.[...]. E lá chegando, ela já estava com o ex namorado dela lá, o padrasto da minha filha. Aí esses nove meses de gravidez foi um sofrimento, porque eu não acompanhei nada. Eu não vi a barriga dela crescer.

Ricardo, 31, representante de vendas, filha de 7 anos

No entanto, Ricardo se vinculou profundamente com a filha, revelando vários episódios de sofrimento pessoal e de investimento no cuidado da filha, no período em que ela vivia com a mãe e havia sido registrada pelo padrasto, sem que ele soubesse:

Quando ela tinha meses, porque o padrasto dela se negava em deixar eu ver. Eu passei um pedaço, eu entrei em depressão, eu tentei o suicídio... Ah! Eu não queria viver mais. Eu não queria viver mais porque eu via uma pessoa sofrer, a minha filha sofrer e eu não podia fazer nada. O sofrimento dela é que faltava uma fruta para comer, faltava um leite para beber. Eu dava porque obrigação de pai me fazia fazer isso, a minha consciência como homem, como ser humano fazia que a minha obrigação de pai é pagar a escola, porque a Dayse estudava em colégio particular, de dar uma boa formação para minha filha. [...]

Eu não era obrigado a dar nada, porque a Dayse não tinha o meu nome, sabe? Eu dava, porque obrigação de pai me fazia fazer isso, a minha consciência como homem, como ser humano fazia que a minha obrigação de pai é pagar a escola, porque a Dayse estudava em colégio particular, de dar uma boa formação para minha filha.

Eu que saí daqui que nem um doido para brigar, para discutir para poder levar minha filha no médico.... Porque o padrasto é um miserável. Ele falava: “Ah! Não vai morrer não, eu não morri, estou aqui”. Eu peguei e fui lá, encarei mesmo, sabe? Os bandidos lá do morro: “Olha só cara, eu moro na Pavuna, eu não estou querendo arrumar confusão nem com ele [padrasto], nem com

ela [mãe] não. Está vendo a minha filha aqui? A minha filha está com o braço quebrado, esse safado aqui não levou a minha no médico”. A minha filha estava dando gangrena [...] já estava dando já que o braço estava ficando roxo.[...] Dei entrada, ela tinha meses, mas eu fiz um segundo registro da minha filha, a minha filha tinha os benefícios que eu dou para ela...

Ricardo, 31, representante de vendas, filha de 7 anos

Seu esforço foi recompensado pelo período em que cuidou da filha por solicitação da mãe, inicialmente por um pequeno período, que se prorrogou por 4 anos. Este caso indica que apesar de alguns homens não assumirem a gravidez, há possibilidade de se vincularem posteriormente com os filhos e até mesmo de cuidarem deles sozinhos. A rejeição da gravidez portanto, não é um impedimento para vinculação do pai com a criança, à semelhança de tantas mulheres que rejeitam a gravidez mas posteriormente se vinculam amorosamente aos filhos. Este caso também ilustra o poder das mães na facilitação ou impedimento do vínculo e cuidado paterno, como mostram outros estudos com pais separados (MARTINS, 2007).

#### **7.2.4 Vínculo e cuidado com filhos não-biológicos**

Chamou a atenção o fato de haver um caso de filho adotivo e outros em que havia suspeita ou mesmo confirmação de não serem filhos biológicos, apesar de terem sido registrados como filhos. Entre esses pais de filhos não-biológicos, houve até aqueles que brigaram pela guarda, evidenciando a força do amor pelos filhos, independente da biologia. Outro pai, Sebastião, se encontrava confuso na época da entrevista, quanto a assumir o cuidado da enteada, que já havia morado com ele quando casado, mas que, foi a única que a mãe decidiu não deixar com ele no momento da separação. Como a menina vinha pedindo para morar com ele, Sebastião usou grande parte da entrevista para expor sua preocupação e insegurança em assumir mais esta “filha”:

Aí a Paula começou a vir pra minha casa. Vem e tal e não quer mais voltar pra lá [casa da mãe]. Eu perguntei a ela se estava acontecendo alguma coisa. Ela me garantiu que não. Conversei com a mãe dela, a mãe dela: “Não, não...até que ta tudo bem” Então eu perguntei: “Porque essa garota quer tanto vir pra cá?” Aí, ta legal... E não quer ir mesmo, fica naquela coisa toda e meu coração pede pra pegar. [...] Ela amadureceu muito antes da hora e isso é ruim. Isso me preocupa. [...] Só que hoje se eu te falar uma verdade... porque a Paula? Porque a Paula? Primeiro porque a Paula faz parte da minha vida mesmo.

Sebastião, 45, agente comunitário, filha de 7 e filho de 5 anos

Suas dúvidas eram relacionadas ao seu temor de não dar conta da tarefa, pois já estava com a responsabilidade dos filhos pequenos e não sabia se conseguiria criar a menina, por ser pré-adolescente. Mais uma vez, a força do vínculo, se mostrou apesar de não haver elo biológico.

Um dos pais que registrou uma filha não-biológica, considerava que sua principal queixa de preconceito se referiu a preconceito de cor, vivido por ter filho não biológico:

No princípio era uma barra quando eu chegava na escola. Veja só: primeiro era aqueles olhares e coisa e tal, quando ela vinha correndo me abraçar o pessoal ficava olhando, [...] E as pessoas olhavam assustadas: “Pai, aquele negão de uma garota branca? Então as pessoas não falavam mais você sentia pelo olhar, falavam pelos olhos, falavam pelos olhos. Hospital já teve assim: eu fui levar ela na clínica que a gente era coisa e tal e o pessoal vê o nome do pai tá, tá, tal. “O pai é o senhor”? “É, eu sou o pai”. “Ah, é”. Aquilo já é um ato discriminativo. Tem a ver com a cor.

Jerônimo, 50, vendedor de peixe, filhas de 12 e 11, filho de 8 anos

Trata-se do pouco exercício social de paternidade e maternidade não biológica, gerando dificuldades para adoção de filhos que claramente não se pareçam com os genitores, mas que não impedem a formação de fortes vínculos entre pais e filhos, nem mesmo o cuidado paterno sem as mães.

### 7.2.5 Vínculo e cuidado variando com a situação

A força do vínculo determinando a decisão de cuidar sozinho, se prova também pelo seu contrário, ou seja, pelo desinteresse pelo filho pelo qual não houve construção de vínculo. Severino, que criava os filhos morando debaixo da escada de um casarão invadido, reagiu negativamente à nova gravidez da mãe, com quem mantinha relações sexuais esporádicas:

Severino: Esse [filho que vai nascer]... dar para outra pessoa, eu deixo por conta da Beth porque o que ela fizer eu assino em baixo. Dar, vender, trocar...

Pesquisadora: Mas se ela quiser dar a Helena e ...

Severino: Não, aí não. E, a Helena...

Pesquisadora: Aí não por que? Qual é a diferença?

Severino: Porque a Helena e o Isaque, eles já me conhecem, já conhecem a Cris, já conhecem você, já conhecem as professoras, já têm uma história a contar, então eles não vão aceitar outra em hipótese nenhuma.[...] Agora, esse bebê que está nascendo, pode dar para qualquer um que aí vai aceitar. Uma criança até dois anos você pode dar ela. Agora, como é que vai dar uma criança, uma de sete e outra de cinco, eles conhecem. [...] Às vezes, nós estamos conversando, eles puxam assunto lá do apartamento, lá daqueles vizinhos, eles falam: 'Seu Fulano, dona Bertana.' Eu tô ligando [os fatos]. 'Olha, essas crianças não podem dar mesmo não, porque eles já têm história.'

Severino, 54, vendedor ambulante, filhos de 7 e 5 anos

Sentimentos de conexão ou separação variam numa mesma pessoa, dependendo do contexto colocado, independente do gênero, como foi mostrado no estudo sobre raciocínio moral desenvolvido por Ryan e colegas (2004). No entanto, é importante considerar que apesar dele dizer que daria o filho, ao final da entrevista, pediu à pesquisadora para que adotasse esse filho que vai nascer, revelando portanto, que já começava a se vincular a ele pois se preocupava com seu destino.

Outra experiência de Severino, reforça a percepção de que as pessoas cuidadoras numa situação, podem não ter cuidado em outras, como indicam estudos sobre raciocínio moral de cuidado:

Essa aí [a primeira esposa] cumpriu a palavra dela: 'Oh! Vou levar meus filhos e não vou atrás de você para um litro de leite, eu não vou'. Não veio mesmo não.

Severino, 54, vendedor ambulante, filhos de 7 e 5 anos



A influência do comportamento da mãe separada em incluir ou não o pai no cuidado de filhos, confirma resultado de outro estudo que mostrou que pais podem manter vínculos e ser cuidadores de filhos de uma relação, mas não de outras, em função das suas relações com as ex-esposas, e até mesmo, por barreiras impostas pelas mulheres (MARTINS, 2007).

### 7.2.6 Amor e responsabilidade

Todos eles mostraram forte compromisso afetivo com seus filhos, expressados no que eles chamaram de amor e responsabilidade. Como Ricardo diz, era o seu entendimento de uma “obrigação” de pai. No entanto, sabemos que muitos pais em nossa sociedade, não cumprem esta obrigação e se afastam totalmente dos filhos. Vejamos os depoimentos dos entrevistados:

Olha, o que me moveu a assumir as minhas filhas, foi o que eu falei no começo. O que eu penso, não só penso, mas eu coloco na prática, pra mim não passava pela minha cabeça eu não assumir a minha responsabilidade paterna, mesmo naquela situação toda conflituosa...

Gustavo, 47, solteiro, programador visual, filhas de 14 e 23 anos

Por causa da sua responsabilidade, né. A minha obrigação. Sem contar a coisa do afetivo, do lado afetivo, mas da obrigação, tenho obrigação perante um ser. [...] Fui parceiro né. Meio-a-meio. E, era uma obrigação de colocar, de tentar oferecer pra ele uma estrutura em que ele tenha a minha participação também. De responsabilidade. [...] É uma coisa assim, é coisa do amor. O que é o amor? É uma energia, uma coisa que você sente e você quer o melhor pros seus, quem tá do seu lado, geralmente, né. É como até, às vezes, você amparar um amigo, né, numa situação difícil. Tem pessoas que, sabe, o problema é dele, né, com amigos, com filhos.

Leonardo, 46, produtor cultural, filhos de 24 e 14 anos

Como Leonardo fala, responsabilidade combinada com amor, outra palavra muito usada para definir o que os moveu para cuidar dos seus filhos sem as mães:

Em relação a filho, né, é um outro tipo de amor, né cara. A gente não explica, não tem como explicar, né, o sentimento, né. É diferente, que a gente não controla. A gente não consegue controlar, entendeu? A emoção, de um amor mesmo, um amor puro, um amor de... É um “ágape”, né cara, praticamente, né? Um ágape. É, o amor, amor de amor mesmo, sem... É tu amar uma coisa, entendeu, sem maldade, sem tirar coisas, proveitos, né cara... É aquele amor sem tirar proveito. Vale muito é o amor, cara, de pai prá filho. Se não tiver também o amor pelo

filho, é outro interesse, outra coisa totalmente diferente, né, cara. O que vale mais num pai buscar a guarda da filha é o amor e a necessidade da menina, entendeu.

É só isso, é buscar isso aí. Não é você se prevalecter de alguma coisa, até do amor do filho, que ele, não. É a necessidade dele o que leva a querer a guarda dele.

Clóvis, 40, Sargento do Corpo de Bombeiros, filhos de 16 e 14, filha de 5 anos

... mas é o amor... , então um amor bem verdadeiro, bem sincero, e eles precisavam de mim, no meu caso específico, quer dizer, que eu separei né? Nesse momento de vida, eu realmente eu tenho muito mais condições de cuidar deles, não é só condição financeira, que isso

fácil de se equacionar. Que exige que de uma atenção maior moral, de disponibilidade, de se dar, uma vez eu vi uma frase interessante: “de se pertencer”, né?

Filipe, 43, advogado, filhos de 7 e 5 anos

Uma ligação muito forte com ela. [...] então eu achei que, por todos os sentidos, por todos os motivos seria melhor pra ela ‘tá aqui. Então, é, e cuidar virou uma coisa natural, né? Acho que o filho quando você gosta dele é... é... você quer sempre cuidar dele, fazer o melhor pra ele. Nada melhor que, a melhor maneira de você fazer alguma coisa pra ele é ele ‘tando mais perto de você possível.

Fernando, 42, separado, técnico de informática, filha de 10 anos

Eu não sabia que ia nascer uma pessoa tão especial na minha vida e aí esse negócio de menina eu esqueci. [...] Mas ela me completa tanto, quando ela nasceu foi uma coisa assim extraordinária de que eu esqueci esse negócio de menino, de eu querer menino, Então foi muito maravilhoso, foi muito maravilhoso que a partir daquele momento eu ... sei lá, Eu queria trazer tudo pra ela, eu queria comprar o mundo pra ela, eu queria dá tudo pra ela, queria dá tudo.

Jonathan, 37, desempregado, filha de 5 anos

Amor e responsabilidade pelos filhos são expressos com destaque na experiência de homens em outras pesquisas, revelando a consciência de homens a respeito de seu papel no futuro dos filhos (BEZERRA DA SILVA, 2005; MARTINS, 2005; QUADROS, 1996; UNBEHAUM, 2000). Cuidar de quem se ama vira “uma coisa natural”, como disse Alfredo. Trata-se do que Clóvis chama de “amor ágape” que significa um amor de dedicação ao outro, ou seja um amor de cuidado (BOFF, 1999). A “responsabilidade” e o “amor”, tão presentes nos seus discursos, mostram como suas decisões se pautaram em um compromisso ético por pessoas com quem tinham vínculos profundos. Estes vínculos foram importantes facilitadores da decisão de cuidado, já que a grande maioria deles (15) tinha vivido anteriormente com eles, enquanto casados, durante a sua gestação, nascimento e pelo menos, primeiros meses de vida.

Cabe lembrar que sentimentos de empatia pelo sofrimento do outro e a obrigação moral são facilitados e intensificados pelos laços afetivos e vivências comuns (MELLO E SOUZA, 1993). Têm poder de aumentar a força do interesse empático e da obrigação moral (BANDURA, 2002, 1999; PRESTONA, DE WAALB, 2002).

Os depoimentos demonstram portanto, que o vínculo foi forte facilitador da iniciativa de cuidar sozinho dos filhos. Como diz Leonardo Boff: “O cuidado somente surge quando a existência de alguém tem importância para mim. Passo então a dedicar-me a ele; disponho-me a participar de seu destino, de suas buscas, de seus sofrimentos e de seus sucessos, enfim, de sua vida” (BOFF, 1999, p. 91).

O vínculo entre pais e filhos possibilitou o despertar da empatia, capacidade que como vimos, não é limitada ao sexo e está presente até mesmo entre animais não humanos (PRESTONA, DE WAALB, 2002). Cuidado e empatia se mostraram contudo, implicados com o tipo de relação existente entre cuidador e pessoa cuidada. Estudos sobre raciocínio de cuidado, também indicaram que a natureza da relação afetiva, mais que o gênero, prediz o raciocínio moral, havendo uma abordagem de cuidado mais típica quando se interage com um amigo ou com alguém pertencente ao seu grupo (RYAN et al, 2004).

Esses e vários outros depoimentos amorosos sobre os filhos, afirmam a capacidade de conexão afetiva destes pais, desmistificando as idéias sobre homens insensíveis. Suas falas mostram que o gênero, necessariamente não constrói homens separados psiquicamente ou sem raciocínio moral de cuidado (BAUMEISTER, SOMMER, 1997) . Vivemos num caldo cultural onde a identidade das pessoas é muito ligada aos seus vínculos familiares (MELLO E SOUZA, 1993, 1998; DAMATTA, 1985), e este pode ser um fator importante para a compreensão dos depoimentos amorosos e emocionados desses pais, sobre seus vínculos com seus filhos.

O fato dos pais falarem de amor e responsabilidade, duas áreas psíquicas diferentes, uma se referindo à razão e outra a emoção, demonstra que no cuidado, as duas trabalham juntas. Os resultados confirmam a tese de que estes dois tipos de pensamento não são excludentes e que ambos compõem as decisões morais (SCHWICKERT, 2005; WALKER, 1987; JAFEE, HYDE, 2000; JUÜRJAVI, 2006).

Os pais entrevistados tomaram resoluções onde a seriedade do problema teve fator preponderante na sua decisão de cuidar, à semelhança de conclusões de Crandall e colegas (1999). Estava em jogo não só o presente, mas as conseqüências para o futuro dos filhos. Seus depoimentos confirmaram que o compromisso com as pessoas envolvidas e a avaliação das conseqüências, foram importantes influenciadores de decisão de cuidado, como mostram os estudos sobre raciocínio moral de Bjorklund (2003).

Este estudo reafirmou a possibilidade de homens se descreverem conectados, como mostram outros estudos (BAUMEISTER, SOMMER, 1997; JAFEE, HYDE, 2000, EAGLY E CROWLEY, 1986). Mostra ainda que não é possível uma generalização de forma transcultural, sobre diferenças entre conexão e separação entre homens e mulheres em (LIDDELL, 1998 apud JAFFE, 2000; PRATT et al, 1991 apud JAFFEE, 2000, SKOE et al, 1999). No Rio de Janeiro, homens e mulheres não se diferenciam quanto ao seu referencial de raciocínio moral, estando ambos voltados para as conexões afetivas (MELLO E SOUZA, 1993). No entanto, devemos reconhecer que se não tivessem acontecido essas crises, eles não teriam tido oportunidade de assumirem a relação diária com seus filhos, no caso dos pais separados e aprofundarem os vínculos que já tinham comeles. Trata-se do limite imposto pela construção social do gênero que entende a mãe como cuidadora principal nos casamentos e na guarda após a separação.

Devemos considerar que o tema do estudo pode ter facilitado o relato de pensamentos, preocupações e atitudes conectadas e cuidadoras nas entrevistas. Talvez, se estivéssemos

tratando de outro tema, teríamos outras avaliações sobre estes homens. Esta análise se assemelha à que foi feita ao estudo de Gilligan (1982) em que as mulheres puderam escolher mais situações de cuidado por serem de sua preferência e prática (WALKER, 1987). Deve ser considerado ainda que neste estudo, os homens foram estimulados a discorrerem sobre suas experiências de vida, como em estudos sobre dilemas da vida real relatados pelos entrevistados, que evocavam mais emoções e raciocínios de cuidado entre homens e mulheres, do que em estudos onde os dilemas eram sugeridos pelos pesquisadores (SKOE et al, 2002; AGERSTRÖM et al, 2006; WALKER et al, 1987).

A ênfase que os pais deram aos sentimentos pelos filhos e sua conexão por eles pode estar relacionada ao fato de estarem exatamente atravessando a fase cuidadora de filhos em suas vidas. Uma delas é que o fato da pessoa estar cuidando de filhos influencia sua atenção para o raciocínio de cuidado (PRATT et al, 1998; LAVELL, 2002). No caso destes pais, eles estariam tendo comportamentos típicos das mulheres daquele estudo, por estarem sendo estimulados diariamente a exercitarem sentimentos e reflexões sobre o cuidar. Devemos portanto concordar com autores que estudando raciocínio moral, perceberam que diferentes tipos de dilemas enfrentados por homens e mulheres podem aproximar as respostas dos dois sexos. As diferenças de orientação moral resultariam de situações da vida mais do que de características estáveis de gênero (CLOPTON, SORELL, 1993; GERSON, 2002; JAFFEE, HYDE, 2000; PRATT et al, 1998; LAVELL, 2002).

Podemos ainda considerar que houve um grande sofrimento psíquico para os pais separados que tinham vínculos intensos com seus filhos, e principalmente aqueles que se consideravam melhores cuidadores que as mães. Sofreram para aceitar e testemunhar sofrimentos e riscos dos filhos, sem tomarem atitudes de mudança de guarda, ou quando tomaram, não a conseguiram de imediato. Tais situações opressoras exigiram deles uma

alienação de seus sentimentos e um endurecimento emocional para suportarem ver os filhos que amavam, serem mal cuidados. Um endurecimento emocional, forjado pelo gênero, para suportar a distância e as notícias de que os filhos estavam sofrendo, comum a muitos homens, decorrente do modelo hegemônico de que homem não tem sensibilidade, não sabe cuidar e que lhe cabe o distanciamento paterno herdado do patriarcado. No entanto, a força do vínculo amoroso foi capaz de enfrentamento de comprometimentos tradicionais de gênero, como discutiremos a seguir.

### ***7.3 Enfrentamento de preconceitos de gênero***

#### **7.3.1 Acomodação e resistência de gênero dos pais**

As situações de crise, trouxeram desafios para a maioria dos pais, já que desempenhavam principalmente as funções de provedores, tanto nos casamentos quanto nas separações. As mulheres desempenhavam o trabalho de cuidado principal da casa, mesmo quando trabalhavam fora:

Eu acho que o sentimento dela era mais apurativo, era mais presente do que o meu, porque eu trabalhava e chegava tinha que tomar banho, arrumar aquela coisa toda e ela só me botava a par do que estava acontecendo, mas ela por ser mãe estava mais perto. Tava vivendo o dia a dia, tava vivendo o dia a dia.

José, 51 anos, gari comunitário

Eu trabalhava e só chegava em casa todo dia, de noite e aí de noite... eu chegava ...o que supria ela assim a minha presença era que eu chegava sempre assim com uma coisa pra ela e aí aquela parte assim... de fazia de cachorrinho, de cavalo e tudo até mais ou menos até a hora dela dormir Eu tinha esse tempinho pra ela. E quando tinha uma folga eu saía com ela pro parque [...] Essas coisas e tudo e porque, até porque ela tinha um ano, dois anos era muito pequeninha.

Jonathan, 37, desempregado, filha de 5 anos

É que eu quase não parava em casa. Eu ia pro Observatório, do Observatório ia em casa, descansava um pouquinho, e aí, quando era dez e meia ou onze da noite eu estava descendo pra trabalhar de novo. É até que eu dava pouca atenção as crianças. Mas a gente sempre brincava. Eu e os meus filhos, nós quatro. A gente brincava, sentava no chão de rolar, nós cinco [ele, os filhos e a mãe].

Sebastião, separado, 45 anos, 2º. Grau incompleto, agente comunitário, 2 filhos

Estes pais, mesmo antes de serem os cuidadores principais, já mostravam comportamentos característicos das transformações que ocorrem na paternidade, pois se envolviam com o cuidado amoroso dos filhos, mas de uma maneira complementar ao trabalho das mães. Ocupavam-se dos filhos como uma ajuda às mulheres, principalmente nos momentos de lazer, como apontam outros estudos sobre paternidade, em diferentes classes sociais e em diferentes países (MARTINS, 2007; UNBEHAUM, 2000; QUADROS, 1996; MCMAHON, 1999). Trata-se da transição que o gênero atravessa em nossa sociedade urbana, onde os homens são solicitados a exercerem tarefas antes atribuídas às mulheres (GIFFIN, 1994, 1998; GERSON, 2002),

A experiência de passar a cuidar dos filhos sozinhos, significou um profundo enfrentamento de preconceito de gênero contra a homem cuidar, presente entre: eles mesmos, as mães e em diferentes setores da sociedade. Os depoimentos sugerem que a maioria dos pais, apesar de algumas críticas de gênero, reconhecendo que homens e mulheres podem cuidar igualmente, também expressavam representações tradicionais de gênero quanto à paternidade e maternidade. Evidencia-se assim, o processo permanente de acomodação e resistência que as pessoas vivem nas suas relações de gênero, já que podem conviver diferentes perspectivas simultaneamente (ANYON, 1990). Percebe-se que os pais se tornaram cuidadores independente de suas representações e práticas de gênero, motivados

pelo amor pelos filhos vivendo crises familiares. Para alguns destes pais, a experiência de cuidar significou uma entrada no mundo das mulheres:

Porque o homem é machismo, o machismo do... Agora, tem pai que é pai, mesmo o filho não tendo esse problema [deficiência física], coisa e tal, ele tá ali no mundo do filho e no mundo da mulher. Porque o homem entra no mundo da mulher é para limpar uma casa, para lavar um banheiro, não é?

Isaias, 50, desempregado, filhas de 18 e 20 anos

Como em outros processos de mudança no gênero, que ocorrem espontaneamente, percebemos uma acomodação a um novo papel acompanhada de uma resistência a perder o antigo (ANYON, 1990; BEZERRA DA SILVA, 2005). Sua mudança não foi fruto de uma reflexão política, mas do vínculo que os levou a enfrentarem as crises vividas pelos filhos. Se por um lado, se vêem como bons cuidadores, por outro percebem que desempenham tarefas que não lhe pertencem.

É papel de mãe, porque assim no natural, por exemplo, quando ela estava viva a minha esposa, eu ia trabalhar e ela fica em casa cuidando, fazia comida, chegava em casa a minha roupa muito da cheirosa, entendeu? A casa arrumada, a casa perfumada, e eu chegava com o alimento, e eu chegava com o carinho. Eu chegava no final do mês toma um dinheiro para você comprar alguma coisa para você e para a garota, e papel de mãe sair com a garota, não sozinha sempre, Lógico que eu tirava um dia a gente ia no zoológico, a gente sai junto, Mas e o meu papel era trabalhar e colocar as coisas dentro de casa enquanto ela cuidava da garota, Quando a gente saía para igreja ou para outro lugar ela deixava a garota mais linda possível, ela deixava até de se arrumar para deixar a garota linda. Então isso é papel de mãe e Deus me concedeu esses dons, que nem eu sabia que eu tinha esse dote de cuidar. Quando a minha sai e vai para escolar muita gente... oh! quem te arrumou, porque muita gente sabe que eu sou viúvo pensa que outra pessoa que arrumou, mais eu que arrumei. Eu sei colocar as roupas certinho, eu sei combinar as roupas, então ela fica uma boneca, entendeu? [...] Agora não, agora eu que estou fazendo esse papel, agora eu 'tou com essa personalidade dupla, de masculino e feminino, tenho que estar desmembrando, até quando só Deus é que sabe.

Jonathan, 37, desempregado, filha de 5 anos

Manifestou-se o processo dinâmico de cada pai, simultaneamente em se acomodar e resistir às concepções tradicionais e à situação nova. Diante do desafio de fazer “papel de mãe”, alguns deles mostraram uma resistência inicial a aceitar o cuidado, quando este foi imposto pelo afastamento materno:



“Você saía muito agora tem que cuidar das crianças” [disse a mãe]... Mas quando eu tava com ela eu quase não saía também. Eu me entreguei todo para aquelas crianças. Final de semana que eu estava de folga.. [...] Cinco vezes eu falei “o cara, fica na casa que eu vou sair fora” Seria muito mais fácil pra mim ir embora, pô!.Eu acho que ela tinha esse direito, mas ela não tinha o direito de abandonar as crianças, é o meu ponto de pensar. [...]A gente brincava, sentava no chão de rolar, nós cinco. Por isso foi estranho pra gente por isso. Nós éramos muito unidos, unidos até demais. Aí de repente surgiu isso. [...] Eu falei [para o novo marido da mãe]: Eu quero saber porque ela não pode levar os meus filhos? Ele falou “Eu nunca proibi.”

Sebastião, 45, agente comunitário, filha de 7, filho de 5 anos

E quando eu cheguei lá [na Maternidade], ela não estava mais no hospital, estava na casa da mãe dela. [...] Aí eu tive que ir na casa da mãe dela, brigar lá com ela à beça para ela ir para o hospital ficar com a Tatiana, porque eu não podia ficar no hospital.

Isaiás, 50, desempregado, filhas de 18 e 20 anos,

Foi porque na época eu não me achava tão preparado, entendeu. Será que pô, e aí, o que que eu faço, vamos ver, né. Fica com medo da mãe ir lá pegar e acontecer alguma coisa. E não tava preparado pra segurar uma menina de três anos, eu achava assim, né.

Clóvis, 40, Sargento do Corpo de Bombeiros, filhos de 16 e 14, filha de 5 anos, sobre a filha mais nova

Os avanços no pensamento de cuidado se baseiam em questionamento de crenças e construção de novas formulações (JAFFEE et al, 2000; SKOE, MARCIA, 1991), fenômeno vivenciado pelos pais, quanto às crenças nas suas habilidades cuidadoras. Num dos casos, a demora para atender o pedido da filha para morar com o pai, foi reconhecida como uma dificuldade em assumir a nova atribuição em sua vida:

Porque no início eu achava que era uma coisa que ia passar [...] Se isso acontecesse de novo, eu não ia esperar tanto tempo não. Eu iria fazer meio na orelhada mesmo, ser mais rápido. Porque evitaria esse desgaste, esse sofrimento que ela ficou esse tempo todo, dentro da casa com a mãe. [...] Isso era muito difícil, toda vez que ela voltava, ela voltava chorando: ‘Ah! Pai, eu não quero voltar’. [...] Foram uns quatro meses, cinco meses, mais ou menos. Eu acho que o principal motivo era não interromper as atividades que ela já estava desenvolvendo e eu não tinha certeza da matrícula na nova escola. Eu fui procurar escola, ver negócio de uniforme, de matrícula e fazer de um jeito que eu acha que não ia ter um prejuízo. Hoje, eu acho que isso não seria o mais importante.

Alfredo, 39, oficial PM, divorciado, filha de 14 anos

Trata-se da crise, provocadora do amadurecimento para o cuidado, processo que atravessa fases que partem do foco em si mesmo, sacrifício para atender as necessidades dos outros e o desenvolvimento de habilidades entre equilibrar a necessidade pessoal e a dos

outros (GILLIGAN, 1985, 1988; JUÜRJAVI, 2006). Alfredo mostra que avalia que precisou de um tempo nesse processo e que hoje se encontra mais amadurecido e não esperaria tanto tempo para resolver a solicitação da filha.

Mesmo quando reconhecem que cuidam melhor que as mães, ainda atribuem a elas as qualidades do cuidado. O reconhecimento das falhas das mães, convive com representações tradicionais de gênero entre os entrevistados:

Eu não confio mais nela. A mulher tem mais jeito. Mas naquele dia ela não me mostrou isso. Sabe porque? Porque se ela ligasse de vez em quando... Não precisava falar comigo não.[...] E hoje se você conversar com Igor e Livia, se tocar o telefone, se for da mãe deles, “ chama a Paula pra mim!” Eles não fazem questão dela. [...] Mas o dom é da mulher.

Sebastião, 45, agente comunitário, filha de 7, filho de 5 anos

As dificuldades vividas pelos pais para assumirem inicialmente as atribuições cuidadoras estão relacionadas às suas representações e práticas de gênero. Como atravessamos um período de transição de gênero (GIFFIN, 1994, 1998), esses pais revelaram diferentes concepções sobre os atributos das mulheres e dos homens, que transitam entre o reconhecimento de diferenças e semelhanças entre os sexos:

A mulher é mais organizada domesticamente do que o homem. Isso é fato. Isso é muito difícil, de observação. É muito difícil achar um homem preocupado. Você vai achar... Quando eu vejo assim, é uma coisa interessante, você encontra casos, parece estereótipo, mas homem afeminado que tem mais aquele cuidado que muita mulher aí. Às vezes não é que ele seja homossexual. E ele tem um cuidado maior que a mulher dentro de casa. Inclusive fica aquela coisa de, ao contrário, ele chamar a atenção da mulher pela bagunça.

Leonardo, 46, produtor cultural, filhos de 24 e 14 anos

Percebemos contudo, em seus discursos, a contradição no entendimento do gênero, já que as habilidades femininas, tais como sensibilidade maior, se associam à organização e objetividade, idéias geralmente associadas aos homens:

A mulher, quando ela quer uma coisa, ela quer mesmo. Acabou. É objetiva. O homem já fica empurrando com a barriga, porque aí entra essa coisa-ah, vai separar, como é que fica o filho, e não sei o que e aí vai, vai, vai...[adiando].

Leonardo, 46, produtor cultural, filhos de 24 e 14 anos

Este depoimento revela a a conexão dos pais com os filhos, mostrando que os homens também podem ser percebidos com atributos geralmente pertencentes, no senso comum, às mulheres, numa expressão das contradições presentes no gênero (ANYON, 1990). Além disso, indica mais uma vez, a conexão afetiva voltada para a família encontrada entre homens e mulheres cariocas (MELLO E SOUZA, 1993).

No entanto, para outros pais, houve atribuição de suas dificuldades no cuidado, às diferenças de gênero, revelando a convivência entre diferentes representações de gênero:

Acho que é diferente. Não sei , não sei ... É diferente. A forma de pentear o cabelo. Eu não sei pentear o cabelo... Fazer a trança, eu não sei fazer a trança. É. Essas coisas... Filho pegou uma coceira, quer dizer... Tava há dias, eu fui levar no médico agora essa semana. A mãe não. Rapidamente ela já sabe, ela já detecta o que é que é, já corre pra resolver esse problema. Porque é que eu levei? Porque a escola me mandou um bilhete. A mãe detecta com mais facilidade. Nasceu uma bolinha ela sabe que ta na hora de levar ao médico. Acho que é porque a mãe observa mais o corpo do filho. Acho que ela tem mais tempo pra olhar, mais tempo pra, ela tem... Não sei, não sei te responder... Eu acho que acho que sei por que eu vejo as crianças que vivem com a mãe e que vivem com o pai. E as que vivem com a mãe vivem melhor. Acho assim, eu percebo isso. Pode até não ser, mas é a minha forma de, é a minha visão.

Sebastião, 45, agente comunitário, filha de 7, filho de 5 anos

Não, eu acho que a mulher ela enfrenta os mesmos desafios, só que a mulher tem a parte sensível mais apurada né, A gente por ser homem a gente já é mais duro, mas a mulher já tem o lado feminino que já, como é que se diz, ele se calcifica melhor né.

José, 51, gari comunitário, filhos de 17, 14, 11 e 9 anos

Suas falas mostram o conflito entre legitimar a qualidade de seu cuidado, reconhecendo que cuidado não é atributo exclusivo feminino e o entendimento tradicional de que as mulheres são melhores cuidadoras:

Se bem que o dom de cuidar do filho é da mulher mesmo. Eu acho que homem nenhum consegue substituir... pai nenhum consegue substituir a mãe. Não consegue. Hoje eu vejo que realmente não consegue não. Eu estou fazendo a maior força. Mas eu sei que eu não consigo. Eu acho. Eu não tenho resposta, mas eu acho que a mulher tem o dom mesmo, é dela mesmo, não tem como explicar isso aí. Só que a gente não fica por baixo, mas o dom é da mulher. Não fico não. Eu faço a minha parte. Mas o dom é da mulher. Eu acho que ela tem melhores jeitos pra cuidar.

Sebastião, 45, agente comunitário, filha de 7, filho de 5 anos

Mais uma vez, percebe-se a acomodação e resistência deste pai ao gênero, que vê a mulher cuidadora, mas reconhece sua própria capacidade.

Por outro lado, suas experiências permitiram que entrassem em contato com o grande trabalho doméstico e de cuidado com os filhos, facilitando para uns, a valorização das mulheres, e reforçando a representação do cuidado como feminino:

Eu valorizo a mulher pra caramba hoje. O maior respeito pela mulher porque hoje eu sei o que significa a palavra do lar quando você vai fazer um cadastro de uma mulher. “Qual a sua profissão?” “Ah, sou do lar!” Rala pra cacete! Elas tinham que ter direito a salário, sabia? Porque puta que o pariu... Hoje eu vejo o que é que é, na boa, na boa mesmo. Hoje eu vejo como é estressante. Se bem que o dom de cuidar do filho é da mulher mesmo. Eu acho que homem nenhum consegue substituir... pai nenhum consegue substituir a mãe. Hoje eu vejo que realmente não consegue não. Eu estou fazendo a maior força. Mas eu sei que eu não consigo. Eu acho que a mulher tem o dom mesmo, é dela mesmo, não tem como explicar isso aí. Só que a gente não fica por baixo, mas o dom é da mulher. Não fico não. Eu faço a minha parte. Mas o dom é da mulher.

Sebastião, 45, agente comunitário, filha de 7, filho de 5 anos

Contudo, alguns pais expuseram uma crítica ao cuidado das mulheres, desidealizando a qualidade do cuidado feminino e valorizando o homem cuidador:

O que eu observo também nas mulheres, elas não tem o compromisso ‘do lar’, ou melhor, a primeira coisa a se fuder na mão da mulher, é a casa dela. Com pouco tempo estoura: o pai sai fora, as crianças vai pra mão de vó, de tio, de neto. Aí, eles olham três meses, com três meses já não podem mais, aí passa para outro; aí, dali é mais três meses com uma tia. Aí, isso complica a escolaridade, a educação, a formação, o encaminhamento para uma vida futuro. A mulher é responsável por isso daí. A melhor maneira do cara criar os filhos, é ela não aparecer pra nada, é a melhor maneira.

Severino, 54, vendedor ambulante, filhos de 7 e 5 anos

Foram encontrados diferentes posicionamentos sobre as mulheres, revelando a convivência entre diferentes valores, muitos deles revelando idéias tradicionais de gênero:

Porque a mulher é conforme a Bíblia diz: é que o cara só vai saber depois de um certo estúpido, antes ele não vai. A Bíblia diz que a mulher não edifica a sua casa quanto mais a do seu vizinho. Poxa! É, justamente, o que a gente observa, que todo mundo diz assim: ‘É que o casamento não dura’. É claro que o casamento não dura porque o cara casa com a mulher... Deus diz que a mulher não edifica a sua casa quanto mais a do seu vizinho, então o máximo que um casamento pode durar é três anos.

Severino, 54, vendedor ambulante, filhos de 7 e 5 anos

Que que a mulher quer hoje. Ela quer uma igualdade, mas só uma igualdade no que interessa, né, Lógico, você procura uma mulher pra viver o que que eu quero? Eu quero uma mulher que pregue meu botão, eu quero que ela cuide da florzinha de casa..., não é querendo ser superior ou inferior, nada disso, são papéis determinados né, E o que a mulher espera de mim? Que eu veja o telhado, que eu troque o pneu do carro, não que ela quer me explorar, não é isso, a gente tem mais ou menos uma coisinha, se seja feminina que eu tente ser mais masculino,. Também não sou muito, mas tudo bem, que eu sou machão, bobagem, pra mim é bobagem. Mas tem os papéis definidos, então se rompeu com esse...

Filipe, 43, advogado, filhos de 7 e 5 anos

Hoje em dia com certeza, por quê? Como eu te falei, as vezes, não generalizando, as próprias mulheres estão sendo culpadas disso mesmo porque você vê hoje a mulher, a maioria das mulheres criando uma igualdade com o homem no trabalho, na política, em todas as áreas da vida a mulher está quase chegando... ultrapassando, bem dizer ao homem, igualando-se ao homem nesse sentido, E isso está acontecendo com que os homens estão fazendo os papéis das mulheres estão se acomodando Isso é ruim para o próprio homem, eu não queria...por exemplo, Se eu sou casado, eu caso de novo eu quero trabalhar, eu quero sustentar a minha família mesmo que a minha mulher queira trabalhar fora eu vou respeitar o direito dela, agente vai conversar, a vai dialogar, mais por exemplo, se numa situação eu ficar desempregado e uma coisa, agora eu querer ficar em casa cuidando da minha filha pra a mulher trabalhar...então os papéis estão se invertendo.

Jonathan, 37, desempregado, filha de 5 anos

Não se brigou o tempo todo pra tá...É isso, digo que mulher é foda ... (risos)... que na hora que interessa... Tem um amigo meu que diz: Quando você pega uma moedinha e coloca na maquina de coca-cola e sai a coca-cola de quem é a coca-cola? ...(risos)... não é de quem botou a moedinha? Então, mulher não tem que falar mais nada ...(risos)... Não, que tem aquele discurso que fica assim: “é o meu filho, saiu de dentro de mim...” , e na hora que o bicho pega: “eu não fiz sozinha” . pera aí, pera aí..., para, escolhe, qual é o discurso? O discurso é meu ou é o nosso, porque fica nesse..., e a mulher aprendeu a fazer esse jogo muito direitinho, ela aprende a fazer esse jogo, quando não é é feminina, quando não é somos iguais..., Por isso que eu digo que se perdeu, perdeu a identidade, ta uma nau desgovernada, desarvorada né, essa desarvorada É interessante essa aplicação, essa expressão desarvorada, que o centro da nau, ali onde colocava as velas, aquilo era... era uma árvore, era um mastro, então quando ta desarvorada é porque perdeu aquela arvore central e ta ao léu, a gente pensa que é outra coisa, né.

Filipe, 43, advogado, filhos de 7 e 5 anos

Vamos percebendo no discurso dos pais, o reconhecimento da transição do gênero, a mudança de valores de gênero, convivendo com a culpabilização das mulheres pelas suas próprias dificuldades nas relações amorosas:

Então veio esse pacto social, tudo muito bem, tudo muito bonito. Ai veio a Betty Friedman aí começou a queimar sutiã, a Leila Diniz, aquela confusão toda, e a mulher reprimida e retraída pegou essa... esse pacto social que havia e rasgou, o meu papel eu não quero mais, não quero mais, não quero..., vamos votar, vamos fazer, vamos..., agora é direitos iguais, e papapa e tudo bem, numa boa. Só que o papel do homem que era pré determinado, esse não muda a ruptura, querem que a gente continue fazendo a mesma coisa, que troque o pneu, que se tiver ladrão que

saía, né ..., fizer barulho vai... , ai o que que aconteceu, então no momento se perderam, então a gente ta num momento que é adaptação que não se tem pacto, não se tem regras pré-estabelecidas, Eu acho que a mulher tá sem identidade, a mulher ta sem identidade, porque ela quer tudo e não quer dar em troca, é lógico que alguém quer em troca, qualquer relacionamento é uma troca, a não ser pai e filho. A mulher quer andar de calça jeans, mas a calça jeans tem que ter um detalhezinho rosinha, né? tem que botar uma fitinha no cabelo ... (risos) ... Se não eu vou namorar o Paulão que racha a conta comigo ...(risos)... Então eu acho que nesse espaço que ela também tentou conquistar, ela começou a abrir a guarda, a brecha, pro homem também ocupar esse lado que é dos filhos, que ficou um vácuo. Então a gente começa a pegar pra esse lado, que a mulher simplesmente, você é mulher né, eu não sei se eu to fazendo me entender bem claro. Eu acho que as mulheres estão perdidas, perdidas assim.

Filipe, 43, advogado, filhos de 7 e 5 anos

Isso às vezes se relaciona muito algumas mulheres, não querem generalizar, tornam um pouco culpado do que eu vou te falar. Por exemplo, você vê muitas crianças abandonadas pelos pais, homem, pelo pai, pelo pai, por que? hoje em dia as garotas vão pros bailes essas coisas e só querem saber de sexo não se previnem com anticoncepcionais, não pedem pro cara usar camisinha e ... Às vezes elas não sabem nem de quem é o filho, se é do fulano, se é do sicrano. [...] Acontece, hoje em dia tem acontecido muito, muito, mulheres que até às vezes ...Você vê nos telejornais, no Fantástico, mulheres que chegam no fim do mês dá dinheiro pro cara ir pro boteco beber mais o cara ficou em casa, ela não quer, por exemplo, tá um expectativa aí uma média que há 5 mulheres pra cada homem, que os homens estão diminuindo no mundo e As mulheres estão com medo de perder os homens por causa, as vezes puramente pela prática do sexo, Muitas mulheres procuram o prazer da carne, não conseguem avaliar sua vida para um futuro mais propenso, que...lógico que é importante o sexo, Mas tem muito outras coisas que abrangem uma vida de respeito, uma vida de dignidade , uma vida de... quando você quer alcançar o futuro você não vai só alcançar ele só com sexo.

Jonathan, 37, desempregado, filha de 5 anos

Essa alternância entre representações tradicionais e modernas, revela a transição entre uma acomodação ao novo e uma resistência de velhos padrões. Encontramos nessa multiplicidade de valores envolvidos no processo dos pais de assumirem o cuidado, a compreensão de que os dilemas vividos por homens e mulheres, não relacionados ao sexo biológico, mas à divisão do trabalho:

Eu acho que um pouco, porque eu acho que o mundo vive uma angústia, os homens e as mulheres de uma maneira geral, porque mudou muita coisa: essa relação de trabalho mudou... Hoje você não tem. Muitas pessoas que estão entrando no mercado de trabalho, não têm uma segurança do trabalho, porque trabalho você tem contrato precário de trabalho empregos com carteira assinada estão cada vez mais difícil.

Alfredo, 39, oficial PM, divorciado, filha de 14 anos

Vemos então, esta multiplicidade de valores presentes entre pais cuidadores, revelando convivência entre o novo e o antigo, entre acomodação e resistência de gênero. Pode-se pensar que as críticas às mulheres seriam conseqüências das relações dolorosas e das frustrações que viveram com as mães de seus filhos. Contudo, encontramos diferentes posicionamentos quanto às mulheres, independente da história que motivou o cuidado paterno. Mesmo entre alguns que têm críticas de gênero, ou que criticam as mulheres, ainda há o reconhecimento de que elas têm mais jeito para cuidar.

Os pais puderam cuidar independente de suas concepções ideológicas de gênero, mas em função das crises no cuidado materno. Embora alguns não percebam diferenças de gênero no cuidado, a maioria considera que as mulheres são melhores cuidadoras, desvalorizando seu cuidado paterno.

Alguns pais, mais intelectualizados, apresentaram maiores críticas de gênero e comentários sobre o cuidado não ser determinado pelo sexo:

Se alguém sabia [que ele cuida sozinho], quem não me conhece é porque alguém contou, mas em hipótese alguma vou chegar e sentar numa cadeira e ficar falando que “eu cuido sozinho de duas crianças.”. Eu nunca gostei, sempre tive um certo cuidado com relação a isso até porque não faz parte do meu universo. Acho meio oportunista isso. Até porque acho o seguinte: nós vivemos numa sociedade que infinitamente ainda tem muitas mulheres, ainda tem não, tem muitas mulheres chefes de família. Muito mais do que o quantitativo de homens, né, cuidando dos filhos sozinhos, né.

Gustavo, 47, solteiro, programador visual, filhas de 14 e 23 anos

As pessoas não acreditam que eu tomo conta dos meus filhos, eu fico puto da minha vida. “como você toma conta?” eu digo : “Filho, quem toma conta não é o piru, nem a xoxota ... (risos)... Quem toma conta sou eu, pô! Piru não toma conta de filho, nem xoxota toma conta de filho!” (risos)... Mas é verdade, as pessoas acham que é a xoxota que toma conta, porra! Caramba! Sou eu que tomo conta, sou eu o pai, né. Ai eu digo, mas isso é assim uma... . Vai se resumir sempre nisso, qual é a diferença minha pra você [dirigindo-se à pesquisadora]? Qual é a diferença? Só são os órgãos sexuais, o resto é tudo igual.

Filipe, 43, advogado, filhos de 7 e 5 anos

Existe, existe uma diferença sim, mas não vou colocar como padrão, né, como padrão. A questão assim, padrão de comportamento não vai existir. Podem, no meu tempo já observei isso. Tem mulheres que são super-atenciosas e tem casos contrários: o homem é que é super-atencioso. Tem situações em que o homem cobra da mulher cuidado, que ele acho que isso é função da mulher. E tem situações que eu vejo que o homem assume. Acho que essa, essa divisão de tarefas, como eu coloquei prá você. Hoje em dia homem e mulher *mixou*, não são canais distintos, canal homem e canal mulher. *Mixou*, se misturou nessa questão da tarefa.

Leonardo, 46, produtor cultural, filhos de 24 e 14 anos

Mas mesmo entre esses, com mais críticas de gênero, está presente a ideologia das diferenças biológicas determinando os comportamentos de homens e mulheres:

É que às vezes reclamam muito, mas é porque são concepções diferentes. Já não sou de ficar todo o instante cuidando de detalhes, vejo se o papel higiênico, se ta funcional, agora desses detalhezinhos. Aí não sei. Não sei se é visão feminina, lógica feminina, acho que são distintas...A mulher verbaliza, a mulher verbaliza muito mais. Tanto é que isso é até caricatura, né... Mulher fala demais e tal, mas ela verbaliza, é dela. Eu não sei se é hormonal,né, o que é que faz, existe o funcionamento cerebral. Não é que os direitos, não estou discutindo isso... Existe uma diferença realmente, tanto anatômica, e essa anatomia devido aos hormônios que vão agindo no corpo. O que age no meu corpo é de um jeito, que age no seu [da pesquisadora] é de outro. O homem é mais é mais agressivo até por uma questão biológica. Também cultural, que potencializa essa questão cultural, né, o machismo. Mas, biologicamente, sem contar que nessa trajetória da evolução, todos nós, tanto homem ou mulher, nós viemos o que, de uma fera, né, ancestral... Eu não sei, é complicado. Mas que existe, existe, mas o que é assim, eu não sei colocar não. Mas existe essa diferença.

Leonardo, 46, produtor cultural, filhos de 24 e 14 anos

Como podemos perceber, os pais apresentaram diferentes concepções de gênero, com uma certa ênfase para concepções tradicionais. Seus discursos sobre os avanços feministas podem ser fruto da pressão econômica que cria a necessidade das mulheres ganharem dinheiro, mais do que uma ideologia de equidade de gênero. Seu posicionamento como cuidadores também aconteceu principalmente por uma pressão das condições de vida e não por um posicionamento ideológico de divisão igualitária do trabalho de cuidado com filhos. Esses resultados sugerem que homens se envolvem no cuidado sozinhos, apenas em situações onde as mulheres não estão disponíveis para esta tarefa (MCMAHON, 1999).

Como ainda é bem incipiente a reflexão social sobre cuidado paterno, é possível que estes pais manifestem em seus discursos, a resistência dos homens em perderem o lugar hierárquico de poder na relação com as mulheres tradicionais trabalhadoras do lar. O



isolamento de uma pessoa vivendo uma experiência que se diferencia da hegemonia dominante, a fragiliza e torna difícil a reflexão necessária para o enfrentamento das dificuldades (BOURDIEU, 1999 b; BEZERRA DA SILVA, 2005). Podemos entender portanto, que as mudanças vividas pelos pais ocorreram nas suas práticas. No nível ideológico das concepções de gênero, com entendimentos tradicionais e modernos, sobre maternidade e paternidade estiveram presentes em seus depoimentos.

O cuidado diário dos filhos sem as mães, para ser exercido por homens não necessita de uma identificação com a perspectiva de equidade de gênero e de divisão igualitária do trabalho doméstico. A prática cuidadora não significa uma mudança radical nas representações de gênero, apesar de se considerarem bons cuidadores de seus filhos, não perceberem diferença na qualidade entre o cuidado materno e paterno, e de terem enfrentado os preconceitos sociais. Mantiveram a representação de mulher como melhor cuidadora, mesmo diante da contradição provocada pelo reconhecimento das falhas maternas, da aceitação dos avanços feministas, do reconhecimento de que as mulheres não devem ficar presas à maternidade e que os homens podem ser bons cuidadores. Evidencia-se assim, a força da hegemonia de gênero sobre a divisão sexual tradicional do trabalho. Suas contradições estão relacionadas à transição de gênero, com uma convivência entre modelos antigos e novos (GIFFIN, 1998; ANYON, 1990). Revelam o processo de acomodação e resistência de valores de gênero, que ocorrem entre os dois sexos (ANYON, 1990; BEZERRA DA SILVA, 2005).

As suas práticas anteriores de cuidado com os filhos e suas representações de gênero não foram portanto, determinantes para que assumissem o cuidado. Por outro lado, a experiência de cuidar, embora tenha lhes permitido experimentar “o mundo das mulheres”, não significou uma mudança radical na sua concepção de gênero. Nesse processo de resistência e acomodação de gênero (ANYON, 1990), muito contribuíram as resistências das mães.

### 7.3.2 Resistências das mães

Além das próprias resistências e concepções de gênero, os pais separados também enfrentaram as resistências das mães em dividir com eles o cuidado:

Qual a dificuldade de deixar com a mãe ou deixar comigo? Ela ficou mordida entendeu. É aquela coisa, mãe não tenho... Aí como ela não tinha argumentos... Qual o argumento que ela tinha? Até porque, ela pra deixar com mãe, ela tinha que ter falado comigo primeiro: “Oh, eu tou pretendendo isso, isso, isso e isso e eu tava pensando em deixar com a minha mãe” e eu ia dizer “-Não, deixa comigo”. É o que eu te falo, no início, mesmo casada, ela tinha umas paranóias de deixar comigo, de achar que, aquela coisa, Ah, o homem não sabe. Ela tinha essa visão. Depois é que ela mudou. Não sei o que foi.

Leonardo, 46, produtor cultural, filhos de 24 e 14 anos

Eu fiquei meio sem chão, não sabia o que fazia. [...] Ela falou que eu nunca mais eu ia ver o meu filho, foi a primeira vez que ela usou o Pedro como moeda de troca, eu passei a ver essa situação por mais oito anos[...]. Aí começou uma grande briga para eu conseguir rever o meu filho, eu estava impedido pela mãe do meu filho de vê-lo e eu tinha uma distância que era uma distância de 80 Km, qualquer movimento, passo que tivesse que dar, eu tinha que dar um passo de 80 Km antes de fazer qualquer coisa, então eu tinha sempre que pensar bastante porque era um gasto com combustível, um tempo para dar com a cara na porta que ainda gerava uma tristeza, uma insatisfação, isso aconteceu por umas duas ou três vezes, eu tentei e dei com a cara na porta e voltei desesperado por não conseguir ver o meu filho.

Roberto, 37, solteiro, gerente financeiro, filho de 12 anos

Este tipo de resistência ocorreu mesmo entre casal que teve experiência de relação conjugal em casas separadas, com períodos em que a mãe já havia deixado os filhos morando com o pai:

Todo dia, quando não dormia na casa dela, dormia na minha casa, era tranquilo. Aí quer dizer, quando fizemos a separação e... ela chegou em casa e disse “olha eu quero me separar, e quero isso e isso...” e os filhos ficaram numa... numa formalidade, que alguém tem que ficar com a guarda ne, Então ficou com ela, mas aquilo tudo combinado, separamos. Depois ela começou a ... , aí ela saiu de casa e deixou os meninos comigo, eles ficaram morando comigo seis meses, um belo dia ela tomou os meninos e..., a guarda tava pra ela.

Filipe, 43, advogado, filhos de 7 e 5 anos

Neste, como nos relatos de Gustavo e Ricardo, vemos o poder feminino na maternidade (ROCHA-COUTINHO, 2003). As resistências das mães em deixarem os pais dividirem o cuidado após as separações, podem ser suas dificuldades de se desprenderem dos vínculos

com os filhos e dos aprisionamentos do gênero feminino que supõem que as mulheres devem ser cuidadoras principais. Um pai contudo, explicita que se trata de resistência a mudanças com relação à valorização do cuidado paterno, em ambos os sexos:

As pessoas sabem do que o ser homem é capaz. É uma reserva de mercado. Dois motivos: primeiro que a mulher tá desmoralizada... A mulher quer é reserva de mercado que ela quer desmoralizar o homem, né, por... Vocês são corporativas, vocês nem sempre são conscientes. E os homens também ficam nessa também porque não quer trabalho. Então todo mundo já... O cara prefere o que, pô? Separou, meu filho, larga a criançada com a mulherada e vambora. E eu vou te ser bem sincero, se a minha ex-mulher fosse uma pessoa normal, tivesse uma índole boa, e cuidasse dos meninos da forma que entendo, era muito mais confortável.

Filipe, 43, advogado, filhos de 7 e 5 anos

Essas mães, que resistiram inicialmente à guarda paterna, se afastaram dos filhos quando os pais assumiram a guarda. Parece que se descomprometeram do papel de cuidadora, já que a guarda estava com o pai. Tal afastamento se relaciona às dificuldades inerentes ao modelo de guarda monoparental, em que o genitor visitador, em geral, o pai, se afasta dos filhos (BRITO, 2005, 1997, 2007; STEWART, 1999; MARTINS, 2007).

### 7.3.3 Preconceitos de gênero no meio social

Não só as mães, mas várias pessoas do círculo social dos pais, incluindo suas famílias, mostraram resistência à guarda paterna:

A dificuldade mais é, a dificuldade como pai é mais com os outros. O preconceito dos outros de ser pai, esse negócio de ser pai e cuidar. Isso é o que me incomoda mais, isso é o que me incomoda mais. Lembro que as pessoas ficaram com medo, as pessoas ficaram espantadas: “Como uma criança vai dormir contigo?”, eu sou empresário, eu sou advogado, sou dono do meu nariz, será que eu não consigo cuidar de uma criança? Eu cuido de 5 mil causas, eu não vou cuidar de uma criança?! Uma..., uma loucura![...] Todo mundo tem uma porrada de idéia, ninguém ajuda nada, todo mundo se acha no direito de vim e falar pra mim o que eu tenho que fazer, porque eu sou homem. Todo mundo dá palpite. Nossa mais você cuida! [fala baixinho:] Nossa! Tô com eles, tá tudo bonitinho, tá tudo muito bonitinho.

Filipe, 43, advogado, filhos de 7 e 5 anos

Se eu der algum vacilo com as minhas filhas aqui bicho, pô, neguinho vai cair de guarda-chuva e os escambau. [...] É meio difícil isso que eu vou falar, mas uma coisa, isso aí depois eu vou explicar a você. É, eu sempre me vi como um, ah, um homem “ah, eu não sou machista, que eu detesto machistas, o caramba a quatro”. Eu sempre me achei nessa transição né. Acho que nem existe essa transição [de gênero], acho que a sociedade é machista, né, e, claro Você, se tá a fim de transformar o mundo num mundo melhor, de uma certa forma você vai fazer a sua parte. Se você é o sujeito da ação, você né, mexe mais ainda com as coisas. Mas a questão, que eu tou querendo chegar a você, é o seguinte. Foi muito complicado pra mim, que eu encontrava mulheres machistas legal.

Gustavo, 47, solteiro, programador visual, filhas de 14 e 23 anos

Eu acho que ela [a chefe] desconfiou, ela estava achando que eu estava agindo de má fé para poder sair cedo do trabalho ou dando desculpa por chegar atrasado [...] porque é muito difícil você ver um homem cuidando de filho. É difícil, você quase não vê, o homem presente, estar falando filho...

Ricardo, 31, representante de vendas, filha de 7 anos

A experiência de homem cuidar dos filhos, surpreendeu as pessoas:

Eu sempre colocava ela na ABBR, então eu saía daqui para a ABBR com a Tatiana e, uma mãe um dia falou para mim que nunca esqueço: “Poxa! Só vejo esse pai com essa menina, eu nunca vi a mãe dessa menina”. Foi dessa vez só, mas... Foi uma mãe que comentou, certo?

Isaias, 50, desempregado, filhas de 18 e 20 anos

Quando eu fui viajar, agora quando eu fui com eles pra Disneylândia, a minha mãe, o meu irmão que me conhecem e sabem que eu sou assim, o meu irmão virou pra mim: “Filipe, por que você não deixa o Antônio aqui com a gente vai, você...”, mas eu tô indo pra levar ele, o seu imbecil, porra.. (risos)... Eu tô levando ele!

Filipe, 43, advogado, filhos de 7 e 5 anos

Os pais reconheceram que existem questionamentos até quanto à sua heterossexualidade por se envolverem diariamente com cuidado de criança:

Estranho, tipo assim bicha? Entendeu? Quase isso. Viado nem tanto porque aí elas porque elas sabiam do meu histórico. A não ser que depois de velho... (risos) Depois de velho cascudo, se bem que isso não é impossível... (risos) É, tipo assim, é quase que um babaca, né. Então, isso eu vi muito no olhar das mulheres com relação a isso. É, mas aí era um tipo de mulher também, né, quando eu digo um tipo de mulher no sentido do pensar, do, entendeu.

Gustavo, 47, solteiro, programador visual, filhas de 14 e 23 anos

As pessoas, às vezes, admiram e, às vezes, as pessoas olham: “Aquele cara ali, nossa! Aquele cara é meio estranho, aquele cara ali...” Estranho, tipo assim bicha. Entendeu? “Aquele cara... Não vejo aquele cara com mulher, não vejo aquele cara sair para festa, só vejo aquele cara cuidando do filho ali...” Chegou no meu ouvido.

Ricardo, 31, representante de vendas, filha de 7 anos

Os homens que exercem com mais facilidade sua afetividade estariam entre as formas não dominantes de masculinidade e sofreriam os preconceitos sociais à não correspondência ao padrão (ALMEIDA, 1995; CONNELL, 1995 a, b; BAUMEISTER, SOMMER, 1997; APPLEBAUM, 1987; GERSON, 2002). Este é o caso de alguns desses pais que experimentam dificuldades para sua vida social:

É difícil, você quase não vê, o homem presente, estar falando filho...No final de semana, eles [colegas de trabalho] estão sempre com eventos de fazer churrasco na casa de não sei quem e eu falo para eles: “Eu só vou aonde a minha filha pode ir junto comigo”. Que festa de homem, festa de promotor de vendas, assim, não é todas, tem muitas que são respeitáveis, mas tem muitas que eles convidam a mulherada pra poder ficar azarando, fica aquele ambiente assim pesado e a minha praia não é essa.

Ricardo, 31, representante de vendas, filha de 7 anos

Embora a dificuldade de combinar vida social e cuidar de filho não seja exclusiva dos homens, estando presente no cotidiano das mães, os depoimentos indicam haver maior dificuldade para presença de crianças nos ambientes sociais de convívio masculino. Poucos foram os pais que não perceberam preconceito de gênero:

Não, nunca senti, até porque isso nunca me importou não, entendeu. Eu sempre tive uma visão muito clara da onde, onde eu estou. Você percebe claramente quando existe um preconceito. Você percebe isso.

Leonardo, 46, produtor cultural, filhos de 24 e 14 anos

Este pai pode não ter percebido preconceito por freqüentar meio social mais intelectualizado e de esquerda, já que é artista e colaborador ativista em organização não-governamental feminista:

Alguns pais também se sentiram valorizados por algumas mulheres, por serem cuidadores principais: Por outro lado também, poxa, surgiram uma legião de coisas assim surpreendentes assim, né. “Ah, é você que é o Guto?” “Sim, sou eu”. “Ah, cadê suas filhas?” (Gustavo, 47, solteiro, programador visual, filhas de 14 e 23 anos). Outros, numa expressão das contradições do gênero (ANYON, 1990) e da transição que vivemos nesta área (GIFFIN,

1994,1998; GERSON, 2002), revelaram terem sido valorizados por outros homens e se valorizarem como cuidadores:

Tratam [diferente], tratam porque eles, eu acho que se perguntam, principalmente os homens como eles ficariam na minha situação, de que modo eles agiriam se eles teriam a mesma capacidade, entre aspas não querendo me alto elogiar, se eles teriam a mesma capacidade que eu tenho dada por Deus. Porque Deus que me capacitou para ter esses dotes que eu tenho, porque não é qualquer homem que teria, de ter..... da maneira que eu cuído dela. Se você ver no dia-a-dia não são todos os homens que tem esses dotes, a paciência, porque você tem que ter paciência pra fazer uma trancinha, pra dar um banho, pra arrumar pra escola, pra comer as vezes tem dia que não que comer e aí você tem que esperar, Então as pessoas vê em mim , tipo assim, um homem responsável, um homem com responsabilidade, com objetivo...

Jonathan, 37, desempregado, filha de 5 anos

Esta valorização pode até mesmo chegar à super-valorização, entendida como hipocrisia que gera desconforto para o pai:

Me respeitam pra caramba. Fico até puto.”, quando passo: “Ah, maneiro. Compadre, não gosto. As vezes eu fico assim, as vezes eu acho que é respeito, mas tem hora que você vê que é hipocrisia também. Ah, ontem eu tive até que ser meio grosso com a mulher. [A mulher:] “E a mãe dele?” [Sebastião:] “Não sei, procura ela!” Ah, a mulher me vê toda a hora com as crianças.... E eu acho que há um respeito, porque é novo. Ah, essa coisa de um homem...

Sebastião, 45, agente comunitário, filha de 7, filho de 5 anos

Por outro lado, pode significar uma desvalorização da mãe e supervalorização dos pais:

É meio que o contrário, parece que o pai fica meio que valorizado e a mãe é que fica mal, porque, tipo: “A mãe não cuida, a mãe.. ninguém pensa muito nada e vai logo nessa de: ”Ah, cadê a mãe?” Como as mães dizem assim quando a gente é mais novo: “Vai chegar lá todo amarrotado e vão dizer, cadê a mãe, a mãe é que não passou, a mãe... É, ninguém culpa o pai, e o pai, ao contrário, fica bem visto, ele é que cuida da filha, ele é que vem trazer, ele que...

Heleno, 30, técnico de informática, filha de 7 anos

Esta desvalorização das mães pode ter dificultado a continuidade do cuidado materno após a guarda paterna, já que muitas dessas mães se afastaram dos filhos.

Um problema bastante presente na grande maioria das entrevistas, foi a participação em reuniões e festas na escola, a começar pela comemoração do dia dos pais: “Dia das mães é aquela puta festa, dia dos pais é ... [fazendo sinal de algo desvalorizado] (Filipe, 43, advogado,

filhos de 7 e 5 anos, ). Apesar das dificuldades com o convívio com um ambiente de mães, os pais se esforçam para enfrentar as dificuldades:

Toda reunião que tem eu tô presente. Na maioria são mulheres. Nesse curso que eu tô fazendo por conta do balé da Lívia, que é aos sábados no posto. Não tô nem afim de fazer, tô fazendo por causa dela, porque ela. Porque eu estou voltando a estudar e eles arrumaram essa vaga pra mim. Então tem que todo sábado participar desse curso. [...] E assim, como ela faz o balé “Dançando para não dançar” um projeto, os pais têm que estar envolvidos. E esse curso só tem mulher. Só mulher. Eu fico ali meio sem graça mas fico numa boa. O que pega é eles fiarem olhando pra você. Isso me incomoda. Sei lá... não sei o que eles pensam, mas ficar me olhando me incomoda. Você não sabe o que é que está passando naquelas cabeças, porque é que estão olhando. Qualquer pessoa. Isso é ruim. Eu não quero ser diferente de ninguém.

Sebastião, 45, agente comunitário, filha de 7, filho de 5 anos

Essa dificuldade de convívio social do pai com a escola, é vivida mesmo entre aqueles que observaram a existência de outros poucos pais cuidadores:

A gente vê lá [na escola] os pais que levam. Tem um outro pai que é, sempre que eu vou assim levar é também esse pai que leva, sempre que eu vou na reunião esse pai que leva também. Não sei se ele tem assim, se ele é casado ou não, mas sei que é sempre ele que leva e que vai na reunião, mas o restante realmente é mãe mesmo. Um pai ou outro que vai nesse situação, por isso até que eu não gosto muito não, prefiro que minha mãe vá.

Helena, 30, técnico de informática, filha de 7 anos

As escolas não promovem atividades facilitadoras do contato entre pais e as professoras têm uma comunicação e uma direção de seu trabalho voltado para as mães:

Às vezes, vou eu, às vezes minha mãe. Eu não gosto de ir. Eu falava -Ah mãe. Vai você que eu não gosto de ir não. Acho que porque só tem muito aquela coisa de mãe, de professora e conversa com a mãe. Como pai é meio que só o básico ali e tchau. Até porque... Acho que é meio assim, acho que mãe também gosta muito, né, mulher gosta muito de falar, é isso, é aquilo e o pai é mais no básico. É isso, é aquilo, como é que tá e até pela Gisele não ter problema no colégio, geralmente não tem problema de comportamento, não tem problema de nota, de aprendizagem, de nada, então fica bem rápido né. Assim, só entrega as provas e fala.

Helena, 30, técnico de informática, filha de 7 anos

Nas escolas eu vejo que é uma forçação de barra pra cima da mãe. A mãe [dos filhos dele] nunca foi na escola, não sabe onde é. Já falou pra diretora que não quer saber, mas as pessoas querem insistir. Também todo mundo lá é mulher né? Porra, fica aquela...

Filipe, 43, advogado, filhos de 7 e 5 anos

Trata-se da construção social do gênero nas instituições sociais, que perpetuam muitas vezes papéis tradicionais (LAURETIS, 1994). É percebida ainda a dificuldade de convívio de um homem no meio de muitas mulheres, com temor de ser mal entendido pelos maridos das mães:

É tudo novinha e tudo cheirosinha, bonitinha e eu não posso ir. Sabe, eu não posso. Como é que eu vou numa reunião que só tá a mãezinha e vai lá o ... o marido dela e vai querer me matar, Vai achar que eu to ali..., então é complicado. [...] mas eu não gostaria que a minha mulher estivesse reunida com um cara que cria o filho separado, entende?

Filipe, 43, advogado, filhos de 7 e 5 anos

Ainda existe a impossibilidade objetiva de participar das reuniões de escola, que acontecem em horário de trabalho:

Uma relação boa [com a escola]. Infelizmente, eu só não pude ir a todas as reuniões, mas aí é só porque não dava para eu ir por causa do trabalho, não podia ir mesmo. E para poder pegar material de escola, para poder pegar... Eu pegava na secretaria... Ou quando a Dayse precisava de alguma coisa da escola, tivesse que assinar agenda, eu providenciava; Se tivesse uma festa e tivesse que pagar uma quantia ou levar um refrigerante ou tivesse que fazer alguma coisa, eu pegava na agenda; Se eu quisesse que falar alguma coisa com a professora na escola, reclamar de alguma coisa, eu escrevia na agenda...

Ricardo, 31, representante de vendas, filha de 7 anos

O fato de ser cuidador único, dificulta também o convívio do filho de um dos pais, com outras crianças da escola: “Eu não posso ligar [para as mães]. Não vem um amigo Lucas aqui, porque os pais não vão [deixar], os homens”.

O preconceito quanto ao pai ser o único cuidador, pode dificultar até o convívio dos filhos com crianças da família do próprio pai:

E nunca me chamavam o Paulo [seu filho] para ir lá. Bem entendo. Mas não vou linkar uma coisa com a outra. [Pai para a prima:] “Ah, a sua filha vai lá pra casa”. [A prima: “Ah, só se a babá for junto”. Eu cuidava delas [as primas, quando eram jovens]. Você vê como o preconceito é. Eu cuidei dela, viajava com elas, com as irmãs e hoje a filha dela não pode vir se a babá não vier junto. E como tenho um espírito... eu sou muito brincalhão. Ando sem camisa o dia inteiro, de short, de chinelo, as pessoas confundem isso, e acho, não sei o que pensam... É preconceito mesmo.

Filipe, 43, advogado, filhos de 7 e 5 anos



Assim como nas escolas, alguns relataram desafios vividos nas instituições de saúde, que os excluía do cuidado nas internações pediátricas:

Aí a minha vida mudou, né? Por que? Porque o pai não podia dormir lá na pediatria, hoje em dia pode.

Isaias, 50, desempregado, filhas de 18 e 20 anos

Gustavo relatou que foi chamado no ambulatório pediátrico onde a filha se tratava, pois havia sido diagnosticada que ela sofria de febre psicológica. Foi chamado para comparecer ao consultório, e sofreu o preconceito dos profissionais que acreditavam que ele havia abandonado a filha com a mãe:

É, mas era recém-nascida, bicho. Como é que pode? (emocionado, chora) Cara, o ser humano é um bicho cruel pra caramba bicho. Cara, eu cheguei cara, todo mundo me olhando de cara feia. As enfermeiras me olhando de cara feia porque, claro, elas já tinham feito armado, a história lá.

Gustavo, 47, solteiro, programador visual, filhas de 14 e 23 anos

Até que Gustavo esclarecesse que a mãe tinha retirado a criança do seu convívio, sofreu o preconceito comum nas instituições de saúde contra os homens. Apesar dele dizer que hoje já pode, ainda é grande a dificuldade de inserção dos homens nos serviços pediátricos (CARVALHO, 2001, 2003; MARTINS, 2007). Outro pai também relatou sua dificuldade para acompanhar a filha num tratamento ginecológico, sendo necessária a presença da avó.

As dificuldades dos pais para cuidar, também passam pelas estruturas das construções comerciais que não prevêm a necessidade de banheiro para crianças, que homens possam entrar com suas filhas. Este panorama cria para os pais, limitações quanto aos programas de lazer com os filhos:

Quando ela era mais nova era sempre um problema. Então eu sempre tinha que ver onde que eu ia. Sempre ia no Barra Shopping, que no Barra Shopping tinha aquele banheiro família, né. Então eu podia entrar junto com ela. Ela já teve...ela vai muito em banheiro assim. E ela chegou a ter um problema também de cisto no ovário, aí. Não, isso não tem nada a ver com banheiro, mas ela vai muito no banheiro. Já ficou resolvido isso aí. No mercado ela já foi no banheiro, então eu já fui no banheiro de deficiente, né. Porque eu posso entrar também junto com ela e aí tinha que ir no banheiro de deficiente. De deficiente é um banheiro só pra todo mundo.

Heleno, 30, técnico de informática, filha de 7 anos

Até mesmo o pai que morava na rua com seus filhos, Severino, relatou ter enfrentado preconceito de gênero, já que o homem que cria filho na rua é visto pela população, com olhares piores do que recebem as mães moradoras de rua:

Eu botava eles pra pedir. Eu dava assim, eu falava: “Oh! Papai não está trabalhando. Pra comer, pra beber, vocês pede, quando o bacana perguntar: ‘Cadê teu pai? Cadê tua mãe?’ – Aí, você fala – ‘Eu não tenho mãe não, mas eu tenho o meu pai, se o senhor quiser conversar com ele, ele está a disposição’. Aí me amostra porque vai ter pessoas que vai dizer – ‘Porra, ele tá lá? Você deve está pedindo para ele encher o cu de cachaça, você deve estar pedindo para ele ir pro morro’. Que a primeira coisa que eles falam é isso. Quando tá com a mãe, eles olham pra ver se a mãe ainda dá no couro. Se a mãe dá no couro, eles abraçam, manda comer, aí olha assim pra mãe, pra ver se a mãe está vendo. Aí quando a mãe olha: “ei, vem a senhora também.’ Mas quando é o pai não. Ninguém nunca pagou nada pro meus filhos, se meu filho me chamou. Eles pagam, ainda botam meus filhos na porta pra não trazer, pra mim não apanhar. É, quando eles estão com a mãe, a mãe deita. O pai, ele não vive com os filhos pedindo não, ele vai ganhar muito esporro, muito, muito. A mãe vive.

Severino, 54, vendedor ambulante, filhos de 7 e 5 anos

Não se trata aqui, de defender o direito do pai de colocar seus filhos para esmolar, já que este é um desrespeito aos direitos de proteção das crianças. Contudo, há que se reconhecer que mesmo o pai assumindo seu filho em condições miseráveis de vida, enfrenta o preconceito da comunidade .

#### **7.3.4 Preconceitos no Conselho Tutelar e na Justiça**

Em sete, das 14 situações de filhos de pais separados, houve disputa da guarda na justiça. Seis deles estão com os filhos, sendo que 5 conseguiram a guarda judicialmente. A perda da guarda num primeiro momento, entendida por eles, como preconceito ao cuidado paterno, foi conseguida posteriormente, com comprovação das falhas ou distúrbios psicológicos das mães. Um deles, Jerônimo, tirou os filhos da casa da mãe diante de risco de estupro e violência onde a mãe morava, fato que ela acabou aceitando apesar dela ter ganho

juridicamente a guarda. Outro, Ricardo, perdera a guarda um mês antes da entrevista, em audiência em que conseguiu reconhecimento de paternidade, conforme havia reivindicado juridicamente havia seis anos. para reconhecimento de paternidade, seis anos antes,.

Eu entrei na justiça para poder anular o registro [do padrasto] e fiquei esperando. Quando ela tinha meses, porque o padrasto dela se negava em deixar eu ver. Como a Justiça é lenta e a Dayse morava comigo, quando ela tinha três anos, resumi: “Ah... A mãe dela não vai esquentar a cabeça, mesmo“. Até agora. Dos três aos sete anos. A audiência era para fazer o reconhecimento de paternidade... Agora que eu consegui, ela como filha. Com sete anos. [...] porque nós éramos amigos, eu e a mãe dela. Eu, para mim, a mãe dela ia ficar do meu lado. Quando chegou lá, eu não esperava...E, para a Justiça, a Dayse não morava comigo. Dayse morava com a mãe. Eu não tinha poder nenhum legal sobre ela, nenhum. Ela [a mãe] diz para mim que a Dayse vai ter tudo e os outros não vão ter nada. A minha resposta é: “Quem dera eu poder ajudar seus outros filhos também?” Mas eu só posso fazer pela Dayse que é minha filha.

Ricardo, 31, representante de vendas, filha de 7 anos

Havia 4 anos que a filha morava com ele, mas a mãe e o padrasto reivindicaram a guarda nessa audiência e a conseguiram. Vale a pena ressaltar que o reconhecimento de paternidade pedido pelo próprio pai é situação rara, já que em geral, são as mulheres que o solicitam.

Os depoimentos indicam vários preconceitos nos serviços do sistema de proteção aos direitos da criança, previstos no Estatuto da Criança, no Conselho Tutelar e na Vara de Família. Estes setores tenderam ao privilégio feminino no cuidado, dificultando que as crianças tivessem melhores condições de vida com seus pais. Até mesmo psicólogos, comprometidos com a representação de mulheres como boas cuidadoras, não questionaram o comportamento das mães. Segundo Clóvis, houve minimização do valor do depoimento da filha de 3 anos de idade, que só queria ficar com o pai:

Eu que pedi [a guarda], mediante os problemas todos que a minha filha me apresentou. Eu levei, cara, não vou esquecer isso nunca na minha vida, porque eu levei ao conselho tutelar um ano antes, entendeu? [...] Quando eu expliquei à psicóloga o que que tava acontecendo, a psicóloga ficou conversando com ela assim: “Vamos brincar ali, uma brincadeirainha”, primeiro conversou bastante né? “Vamos fazer uma casinha aqui.” Aí fez uma casinha assim, de uns palitinhos: “Vamos fazer uma casinha, casinha aqui. Essa casinha aqui é do seu pai, né? Aí você tá aqui com ele. Tá você, teu pai e teus irmãos”. E ela: “É.”. Elas ficavam conversando assim, em relação a isso aqui né. Aí tá: [a psicóloga] “Não tá faltando ninguém nessa casa, não?” Ela

falava “Não”. “Então tudo bem, eu vou fazer outra casa aqui. O que que você gostaria que tivesse nessa casa?” “Meu pai”. Só falava meu pai, meu pai, meu pai. Olha, eu não tou mentindo prá senhora não, chegou um ponto que ela: “Vem cá, e a sua mãe?” Ah, minha mãe” “E tua mãe tem algum companheiro, alguma pessoa?” “Tem meu tio, o tipo Elton” “Ah, então tá, a tua mãe e teu tio Elton aqui. Sai da casa do teu pai e fica aqui com teu tipo Elton e tua mãe.” “Não, não”, ela começou, né? Então foi apurado o seguinte, que ela não aceitava o atual companheiro, né. Só que tudo que a minha filha falou prá mim e que a família dela também me contou, eu não tenho como provar. A família dela falava, mas tinha medo sei lá de que, vamos dizer. Aí eu falei “pôxa, é?”. Ela [a psicóloga] alegou isso, que ela não queria voltar ao lar materno, por não aceitar o atual companheiro da mãe, mesmo de tudo aquilo ali. Eu falei “Dra., veja bem, minha filha falou isso, e isso e isso” “Ah, mas pode ser alguma coisa dela por não aceitar”, né, que era uma situação só, um dia só, entendeu. Eu falei prá ela que eu fiquei insatisfeito com aquele estudo que ela fez com a menina, eu achava que não podia ser de estalo assim, né, ela tinha de buscar da criança um, dois, três, quatro dias.

Clóvis, 40, Sargento do Corpo de Bombeiros, filhos de 16 e 14, filha de 5 anos

Não foi feita nenhuma conduta com relação à mãe, denunciada pelo pai de não proteger a criança, evidenciando a dificuldade de reconhecimento do valor das preocupações do pai:

Clóvis: Não, isso aí foi lá no conselho tutelar. Antes eu já tinha feito queixa da mãe, chamado a mãe lá. Tá tudo registrado lá, prá chamar a mãe, que a mãe tava acontecendo isso, isso e isso, tava deixando a desejar com a minha filha. Prá chamar prá conversar, botar um medo, prá tratar a garota melhor, na época né.

Pesquisadora: O Conselho chamou?

Clóvis: Não, mandou um convite que eu entreguei em mãos, ela pegou, rasgou e jogou fora. Voltei lá e falei. Quanto a isso, não pode chegar e chamar, mandar um convite. “Pô pai, não posso fazer nada”. Isso que eu falo, essa parte assim que o pai fala, não deram muito ouvido.

Clóvis, 40, Sargento do Corpo de Bombeiros, filhos de 16 e 14, filha de 5 anos

Mesmo noutro caso, de Heleno, não houve uma investigação cuidadosa do comportamento da mãe convocada pelo Conselho Tutelar::

O conselho tutelar, quando eu fui, eles chamaram ela prá conversar. Só que como a família dela era de lá, o pessoal lá já apoiava ela, então eles inventam um monte de história. Aí ela veio, ela entrou lá já com advogado e o cara nem falou nada pra ela. O que era pra ser tipo de um aconselhamento, a pessoa falar pra ela o que era melhor pra filha e tudo mais, não serviu de nada porque ela nem conseguiu falar direito. O conselheiro lá nem conseguiu direito porque ela veio com advogado já e o advogado já assumia, já tomava a frente. O advogado não passava muita confiança também, queria que eu assinasse um papel.

Heleno, 30, técnico de informática, filha de 7 anos

O mesmo preconceito se repetiu na avaliação psicológica na Justiça, quando do pedido de guarda paterna por Clóvis:

Eu achei que não fui bem ouvido. Até prá essa psicóloga também, entendeu? A primeira, da guarda, da entrevista que nós tivemos, né. Eu achei que ela não foi, não aceitou meus argumentos que eu botei, achou que eu tava mentindo, ainda mais que o marido dela, pô o cara é 171, que tu sentia nele uma lábia, levava todo mundo no ouvido. É, no primeiro [processo de pedido de guarda], a psicóloga tendeu pro lado da mãe, aceitou tudo aquilo que ela falou. E o que eu falei? Que aconteceu? Ninguém aceitou nada.

Clóvis, 40, Sargento do Corpo de Bombeiros, filhos de 16 e 14, filha de 5 anos

Clóvis criticou a falta de comunicação entre a Justiça e o Conselho Tutelar, ambos setores responsáveis pela proteção das crianças e pela avaliação das condições maternas e paternas para o cuidado:

Eu fui no Conselho Tutelar pelo menos prá pegar o registro ali da psicóloga, falou que só com ordem judicial, entendeu. Aí eu falei “tem alguma coisa lá”, não é de agora, não, antes de pedir a guarda eu já falei alguma coisa com relação a isso. Quando alguém pediu, a juíza mesmo falou: “Ó, não me meto em assunto do Conselho Tutelar”. Ela falou isso, a juíza”

Clóvis, 40, Sargento do Corpo de Bombeiros, filhos de 16 e 14, filha de 5 anos

O preconceito contra pai cuidar não se restringe à classe pobre, já que pai com alto rendimento, também foi vítima de tentativa de fragilização de seu interesse pelos filhos, entre juízes, seus amigos:

Algumas coisas que eu ouvi quando eu comecei a brigar com os meus filhos, querer ficar com eles e via judicial...Eu ouvi de um juiz amigo meu... “ Ah rapaz, quem tem isso no meio das pernas não pode cuidar de filhos”. Isso é uma coisa que na época eu fiquei revoltado com ele, mas não é ele, isso é uma coisa normal isso é corrente, muitas pessoas pensam assim, independente de eu gostar ou não, Então ta uma loucura, ta uma loucura,

Filipe, 43, advogado, filhos de 7 e 5 anos

Os pais também sofreram falta de informação sobre seus direitos de reivindicação da guarda, já que por falta de assistência, são orientados por pessoas na fila de atendimento no Fórum na Justiça gratuita:

Aí eu fui dar entrada e lá a gente vai, volta, busca documentos e isso a gente conversa com o pessoal da fila e o pessoal da fila mesmo é que contava: “Pôxa, você é que está dando entrada? Você não está com a sua filha?” E eu: “Eu tou”. Aí o pessoal mesmo falou: “Depois que você dá entrada e que ela souber, ela vai pegar a sua filha e não vai deixar você vê e você não pode fazer nada até que o juiz decida alguma coisa.

Heleno, 30, técnico de informática, filha de 7 anos

Falta de informação só resolvida quando pai já tem experiência na reivindicação da guarda: a guarda:

Se você vem de separação, você fica escolado. Você tem que pegar aquele estar com ele e documentar aquele estar com ele. Deixou ele morando lá com a mãe. Foi aí que eu fiquei esses seis meses monitorando, juntei as provas necessárias e tudo e dei entrada.

Leonardo, 46, produtor cultural, filhos de 24 e 14 anos

Os pais costumam ser reconhecidos no cenário de discussão da guarda, como apenas provedores. Dois entrevistados, de classes sociais muito diferentes, perceberam que o pedido de guarda das mães estava vinculado ao interesse pela pensão, e não pelo bem-estar dos filhos. :

Resumindo: a mãe por interesse dela de ter uma fonte de renda que é de R\$ 100,00 e do emprego dela que é banca de jornal que ela ganha lá R\$ 50,00 por semana: “Poxa! Eu vou lá ganhar R\$ 180, 00, desculpa os termos, do otário”. Porque ela teve esses seis filhos, ninguém dá nada, o único que dá sou eu, o único que sempre deu foi eu. O marido dela ta desempregado. Tem dias que eles não têm um café para poder tomar.

Ricardo, 31, representante de vendas, filha de 7 anos

Eu sou um pouco revoltado com mulher... Sempre que chega na frente do juiz ... “porque ... porque é meu filho, que saiu de dentro de mim... você tem que me ajudar...” Aquele discurso: “É meu”, na hora do dinheiro. Pera aí. “Eu não fiz sozinha.” Não pêra aí, vamos escolher: você fez sozinha ou é nosso?”, Filho é moeda de troca pra grana, Isso é 80% dos casos, existem uns 20% que realmente... aí não tem briga, ai se resolve isso em comum acordo, em acordo, aquelas separações educadas, O grande problema de briga de família é que os filhos são utilizados como instrumento de chantagem, grana. O problema é que os filhos são sempre massa de manobra e principalmente por dinheiro. Se as pessoas conseguirem olhar o lado das crianças não há briga. São o bem maior, então você não discute pô, qual escola que é melhor, o que que é melhor pra eles, é fácil resolver,

Filipe, 43, advogado, filhos de 7 e 5 anos

Estes vários casos exemplificam de maneira dolorosa, a fragilidade social da paternidade reduzida ao pagamento de pensão. Foram muitas as críticas dos pais ao sistema de avaliação

da guarda. Vários pais relataram terem sofrido manipulação e mentira das mães, nos processos. Foram criadas difamações dos seus comportamentos, com apoio de advogados, conselheiros tutelares, psicólogos e juízes.

Foram duas psicólogas da guarda da minha filha. Tem uma que eu achei que ela não foi nem profissional na parte dela, né. Porque ela pendeu pelo lado da mãe. Eu como homem, né cara, eu sou visto, visto como que uma pessoa que não é adequada pra criar, ainda mais uma filha menina. Aí, quer dizer, eu sentia aquilo ali. Eu pressenti isso, porque eu fui chamado de alcoólatra, foi falado no processo todo que...Que eu não queria pagar a pensão, que eu tinha ciúmes. Foram várias coisas a meu respeito. Foi falado bastante coisa, né cara. Um processo árduo, né cara, prá mim, né cara.

Clóvis, 40, Sargento do Corpo de Bombeiros, filhos de 16 e 14, filha de 5 anos

Alguma coisa aconteceu porque eu não falei nada na audiência, nada, eu não abri a minha boca...foi no mês passado. Eu não falei nada, eu fiquei lá, fiquei parado, sabe? Olhando, porque nós éramos amigos, eu e a mãe dela. Eu, para mim, a mãe dela ia ficar do meu lado, quando chegou lá, eu não esperava...E, para a Justiça, a Dayse não morava comigo. Dayse morava com a mãe, eu não tinha poder nenhum legal sobre ela, nenhum. Ela [a mãe] diz para mim que a Dayse vai ter tudo e os outros não vão ter nada. A minha resposta é: “Quem dera eu poder ajudar seus outros filhos também?” Mas eu só posso fazer pela Dayse que é minha filha.

Ricardo, 31, representante de vendas, filha de 7 anos

Essa separação foi uma coisa até, foi muita, muita história, muito tumulto. Mas eu levei uma volta de grana, de dinheiro, dela e da mãe, entendeu. Um negócio de rolo, não foi uma coisa assim, foi rolo. Negócio de padaria, não sei o que, eu fui botando dinheiro, quando fui ver, eu entrei na maior roubada e foi uma coisa braba. E não tinha diálogo.[...] Hoje eu não falo com ela, até por questões desse processo de separação, porque ela falou um monte de coisa de mim, mas aí a experiência ensina você a não perder o certo, pra não perder a razão. E a estratégia foi essa mesma, pra desestabilizar e falar “-Tá vendendo?” Aí eu perdi a posse, como eu pedi, né.

Leonardo, 46, produtor cultural, filhos de 24 e 14 anos

Mas a contradição tá justamente aí. No final ela topou o acordo e eu fiquei com a posse definitiva. Então, era claro que aquilo tudo era mentira, mas aquilo... Mas dizendo muito isso, essas coisas de namorada, que eu era muito mulherengo, que era mau caráter, coisas pesadas mesmo, nesse nível. Mas a estratégia era, ela nessa época tava casada, tá ainda, acho que casada com um advogado. Então, a estratégia que eles utilizaram foi essa, de falarem um monte de coisas, porque como é Vara de Família, você pode falar o que você bem entender.

Leonardo, 46, produtor cultural, filhos de 24 e 14 anos

Eles [juízes] não sabem nada. Ele vê o que deu no laudo [psicossocial], pumba! É ali que está resolvido... O problema é que normalmente se usa as crianças pra lavar roupa suja de separação. Filipe, 43, advogado, filhos de 7 e 5 anos

Trata-se do “palco da discórdia”, um ambiente em que se denegre a imagem do outro genitor, mesmo com falsas denúncias, para conseguir a guarda, sem preocupação com o

futuro das crianças, que dependerão de uma harmonia dos ex-parceiros sexuais (BRITO, 2002; CALÇADA, 2005).

As desigualdades sociais têm papel importante também no enfrentamento jurídico do preconceito de gênero, já que pai com melhores recursos financeiros pôde contratar advogado e psicólogo competentes, que o ampararam na disputa judicial da guarda dos filhos, enquanto que pai pobre sofreu maiores dificuldades:

O cara liberou pelo ofício, era carta precatória, tudo de oficial para oficial de justiça, tive que pagar o oficial de justiça para fazer a coisa com rapidez, porque se você entrar dentro da lista de negócio, aí o negócio demoraria e era extremamente urgente, era a vida de uma criança que estava em jogo.

Roberto, 37, solteiro, gerente financeiro, filho de 12 anos

Com a juíza não poderia haver audiência porque eu ‘tava sem a defensoria que tava em greve e ela [mãe] estava com advogado.

Clóvis, 40, Sargento do Corpo de Bombeiros, filhos de 16 e 14, filha de 5 anos

Alguns pais, sem recursos para contratação de advogados, não conseguiram a guarda num primeiro momento, fragilizados por manipulação e mentira das mães sobre o comportamento deles, com apoio de advogados, conselheiros tutelares, psicólogos e juízes. O caso de Ricardo, que havia perdido a guarda semanas antes, na audiência para reconhecimento de paternidade, é exemplar das dificuldades de quem não têm dinheiro para pagar o exame de DNA. A morosidade da justiça gratuita levou Ricardo a cometer um crime, já que providenciou um segundo registro da filha. Isto foi feito para que ela tivesse proteções sociais, tais como escola paga pela empresa em que ele trabalhava:

Por conta própria eu fiz um segundo registro. Porque estava demorando muito [o exame de DNA] e a minha filha não tinha nada. Ela estava com três anos, quando veio pra cá. Aí eu registrei, ela pegou e passou a usar o meu sobrenome. [...] Eu fui processado na Justiça, porque por conta própria eu fiz um segundo registro. [...] Eu tomei uma bronca do Juiz, mas explicando essa situação para ele, ele pegou, considerou, falou que eu estava errado, mas que não iria me processar, que eu não ia ter que pagar nada para a Justiça porque eu agi de boa fé. [...] A Justiça entendeu que o padrasto ama a Dayse, que a mãe ama a Dayse e me condenou a pagar 20% do meu salário, entendeu? E, mesmo eu falando que a Dayse morava comigo.

Ricardo, 31, representante de vendas, filha de 7 anos



A dependência do serviço gratuito, dificulta o andamento de seu processo, levando-o à descrença na Justiça para pais pobres:

Eu tenho um prazo para eu poder ir lá no cartório fazer o registro legalmente. Eu dei entrada, como é gratuito, demora um mês para poder o registro ficar pronto, então ela está sem registro, qualquer coisa tem que usar o registro antigo. [...] Eu vou entrar na Justiça agora para eu poder pegar [a guarda]. Com advogado particular, porque pela Justiça gratuita não existe.

Ricardo, 31, representante de vendas, filha de 7 anos

A fragilização dos pais no ambiente jurídico é tão grande que eles se sentem impotentes e desconcertados diante de falsas denúncias das mães:

Alguma coisa aconteceu porque eu não falei nada na audiência. Nada. Eu não abri a minha boca...foi no mês passado. Eu não falei nada. Eu fiquei lá. Fiquei parado, sabe?

Ricardo, 31, representante de vendas, filha de 7 anos

Filipe, advogado, foi enfático em comentar que se o pai não tiver dinheiro para pagar bons advogados, não consegue a guarda. Este pai pagou uma avaliação psicológica particular para ser incluída no processo. Já Ricardo, que perdera a guarda, pediu à pesquisadora para colaborar com os resultados do presente estudo em seu processo judicial, diante de sua dificuldade financeira para contratar avaliação psicológica para ser anexada ao processo.<sup>33</sup> Estas situações mostram que as condições econômicas, além do gênero, podem ser determinantes para seu envolvimento com o cuidado.

As denúncias feitas pelas mães de episódio de violência dos pais contra elas, contribuem para o impedimento da guarda paterna. Os depoimentos mostraram que os homens podem ainda sofrer de violência física e falsas denúncias de violência e comportamentos imorais, feitas pelas mães:

---

<sup>33</sup> Até o fim da redação desta tese, ele ainda não havia contatado a pesquisadora novamente para pedir que anexasse os resultados no processo.

Aí começou-se a rolar uma guerra suja, entendeu? No caso, essa minha companheira começou a falar na rua que eu a agredia, que eu fazia isso, que eu fazia aquilo abá, ebê,... Ganhava tapa no meio da cara e, pô, o caramba a quatro, você fica desesperado. Só que a minha prisão interior não permitia [revidar]. E ela, sabendo disso, ela aí ela começou a jogar na rua que eu fazia isso. [...] Ela falou: “Ah é, cara, tu quer ver como é que você vai me dar tua filha? Você vai ver cara”. Ela foi, essa porta aqui, ela começou a se bater na porta, se jogar na porta, dar cabeçada na porta, se rasgar. Começou a se rasgar, a bater na porta, caramba a quatro. Eu falei: “E agora?”. [a mãe:] “Agora eu vou lá na delegacia te dar parte, dar parte de você”. Aí ela foi na delegacia dar parte. [...] Criou-se um clima na cidade contra mim terrível e eu sou um cara muito conhecido, principalmente no movimento social.

Gustavo, 47, solteiro, programador visual, filhas de 14 e 23 anos

Não tem essa de jogar a responsabilidade pra ninguém, a responsabilidade é minha. O que eu não gosto é dessa hipocrisia cretina de... , me desculpa, pelo amor de Deus, vamos lá..., a mulher tem esse lado covarde, a mulher é foda, ela quer que tenha a delegacia especializada pra..., que se bater na mulher... que Eu fui acusado de bater na mulher, eu nunca bati, nunca bati e fui acusado, Isso é ser esculachado, e a mulher pega e dá unhada, ...(inaudível)... jogou açúcar na minha cara, quebrou o meu carro, pegou um vaso chinês e jogou em cima de um carro meu e amassou, depois vem dizer: ah é sexo frágil.”, Sexo frágil é conversa..., entendeu, então tem muita hipocrisia nessa relação, e o homem tá se ferrando..

Filipe, 43, advogado, filhos de 7 e 5 anos

Eu fiz uma sessão com ela de, como que se diz, uma audiência né, com a psicóloga, né. Que ela começou a falar isso prá mim: “Você tem algum problema com bebida? Conta tua história”. Porque ela [a mãe] falou que eu era alcoólatra, que eu espancava ela, que ela tinha um RO [registro de ocorrência] de delegacia meu, entendeu. Eu falei que sim. Eu fiz isso mesmo, eu dei umas boas pancadas nela. É, eu bati nela como se batesse num homem. Eu não omiti aquilo ali. Fomos parar na delegacia. Também fiz exame de corpo de delito. Só que ela ameaçou meu filho. Quando ela ameaçou meu filho, na época, entendeu cara, eu não respondi por mim. Tanto é que eu falei pro delegado isso. Fiz exame de corpo de delito também, que ela meteu a chave de fenda na minha barriga, na época. “O que ela fez?” “Pô, ela ameaçou meu filho com a chave de fenda! O que que eu podia fazer a não ser fazer o que eu fiz? Desarmar ela e perder a cabeça”.

Clóvis, 40, Sargento do Corpo de Bombeiros, filhos de 16 e 14, filha de 5 anos

Foi uma separação traumática, não havia um diálogo. Essa separação foi uma coisa até, foi muita, muita história, muito tumulto. Mas eu levei uma volta de grana, de dinheiro, dela e da mãe, entendeu. Um negócio de rolo, não foi uma coisa assim, foi rolo. Negócio de padaria, não sei o que, eu fui botando dinheiro, quando fui ver, eu entrei na maior roubada e foi uma coisa braba. E não tinha diálogo.[...] Hoje eu não falo com ela, até por questões desse processo de separação, porque ela falou um monte de coisa de mim, mas aí a experiência ensina você a não perder o certo, pra não perder a razão. E a estratégia foi essa mesma, pra desestabilizar e falar “- Tá vendo?” Aí eu perdi a posse, como eu pedi, né. Mas a contradição, a contradição, a contradição tá justamente aí. No final ela topou o acordo e eu fiquei com a posse definitiva. Então, era claro que aquilo tudo era mentira, mas aquilo... Mas dizendo muito isso, essas coisas de namorada, que eu era muito mulherengo, que era mau caráter, coisas pesadas mesmo, nesse nível. Mas a estratégia era, ela nessa época tava casada, tá ainda, acho que casada com um advogado. Então, a estratégia que eles utilizaram foi essa, de falarem um monte de coisas, porque como é Vara de Família, você pode falar o que você bem entender.

Leonardo, 46, produtor cultural, filhos de 24 e 14 anos

Trata-se da representação de masculinidade que supõe que os homens são violentos (BAUMEISTER, SOMMER, 1997).

Mais uma vez, o setor de Psicologia Jurídica, mostrou não dar atenção ao pai, apesar dele não ter negado a denúncia da mãe. Foi privilegiada a fala materna, em detrimento da avaliação dos perigos no convívio materno percebidos pelo pai::

Quando falou que ela perguntou se eu era alcoólatra, se eu já tinha resolvido meu problema com a bebida, né? Porque, o motivo pela qual eu tinha espancado a mãe, entendeu? Ela começou a fazer perguntas assim, né? Ai pediu minha irmã pra ir, entendeu, pra conversar com ela. Minha irmã foi, saiu do trabalho, chegou lá...É, porque, é porque a minha irmã, na época, tomava conta da minha filha. Ela chamou a minha irmã, na época, pra, pra pegar uma entrevista com ela, aí eu avisei minha irmã. Foi eu, minha irmã pro Fórum, chegou na porta tava ela, a mãe da minha filha, e o Elton, o companheiro da mãe da minha filha. Ai ela virou pra mim e falou assim: “Ué, a Norma não te avisou que não era preciso mais a sua irmã vim? Eu falei: “-Ué doutora, não entendi, a Norma?” Tratou com intimidade, né? “A Norma? Ela que tem que me avisar que não era pra minha irmã vim, quer dizer, minha irmã veio à toa?” E ela [psicóloga]: ” Pode falar pra ela que não precisa mais não. Tá tudo certo, só vou ouvir só o senhor”. A psicóloga! Entendeu?! Ai entrei e que foi que ela começou a falar sobre a audiência que ia ter, né. Que era pra ser amigável, se eu não aceitaria um acordo assim, de uma guarda, uma guarda compartilhada. Ai eu falei assim “-Pôxa doutora, eu não tenho como fazer assim, um acordo de guarda compartilhada com os problemas todinho que a minha filha tá passando”. Eu falei pra ela: “Minha filha morre de medo desse homem”. Ah, mas... começou a falar, falar e terminou a audiência. Ai eu peguei e saí da sala dela, né? Ai, daqui a pouco eu vejo, entrou os dois, ela chamou os dois pra audiência com ela.

Clóvis, 40, Sargento do Corpo de Bombeiros, filhos de 16 e 14, filha de 5 anos

Alimentado pela discriminação do setor de Psicologia, o preconceito de gênero foi mantido na audiência com o juiz:

Aí quando teve a audiência com a juíza eu falei do que aconteceu, né, do jeito que eu fui tratado. Ela me tratava com veemência assim, com uma voz rude. Eu não entendi, porque ela tava me tratando daquele jeito, quer dizer, como se as coisas que eu tivesse falando seria uma mentira. Porque a mãe, depois que eu olhei o processo, a mãe falou que eu tava fazendo tudo por ciúmes, que eu não aceitava, entendeu? Falou uma porção de coisas, inclusive que eu tinha problema com bebida, que eu falsifiquei assinatura de recibo, de pensão alimentícia, inventou uma porção de coisa. É, tá tudo no processo. Ai eu falei pra ela “-Pôxa doutora, eu tenho aqui doze recibos,” na época já tinha mais de doze meses, “tenho doze recibos assinados por ela, já pensou eu falsificar esses doze recibos?” Será que... né? É incrível. Que na audiência, eu fui... a primeira coisa que falou, o advogado dela, foi que mediante ao que a psicóloga tinha visto no processo, ali do estudo psicológico, né, que pendeu pro lado da mãe achando que o pai tá fazendo isso, por causa disso, disso e disso, entendeu? Esses lances tudo que eu falei.

Clóvis, 40, Sargento do Corpo de Bombeiros, filhos de 16 e 14, filha de 5 anos

Neste caso, a guarda foi conseguida pela perseverança do pai em se defender, em criticar a avaliação psicológica e continuar tentando a guarda. Apesar de ter acordado temporariamente com a guarda materna, conseguiu uma nova avaliação e encontrou outra psicóloga que respeitou suas preocupações:

Clóvis: Aí a juíza, né, falou com ele até que não era pra haver acusações, que seria uma audiência conciliável, de conciliação, né, que não havia necessidade de ficarem trocando acusações. Aí, tudo bem, né. Aí eu relatei o fato da psicóloga. De ter feito essa indiferença comigo, tanto é que ela pediu que cortassem a psicóloga e botou a Dra. Idália, né. A Dra. Idália já fez totalmente diferente. Escutou o que eu falei, chamou a minha família, chamou a família dela, chamou até meus tios. Né, aí fez um estudo, entendeu? Aí eu contei pra ela o que é que tinha acontecido também com essa, como que foi a, acho que foi duas só com essa psicóloga. Aí, é, fomos três ou quatro audiências, com psicólogo. Atendimento, né? Que era outro estudo psicológico. Como que, dessa vez ela viu, a autoridade...

Pesquisadora: Enquanto isso a sua filha ‘tava com você?

Clóvis: Veja bem, a juíza numa audiência né, numa segunda ou terceira audiência, ela pediu para que atendesse a vontade da menina enquanto não houvesse uma solução passiva, né.

Não, em termos da minha filha não. Ela pediu que atendesse a vontade da menina, que se pudesse ficar com o pai ou com a mãe... Ela dando a entender assim, que não era pra machucar a menina, que a menina é que tava na... Tava sofrendo as pressões todas, né, porque tanto gosta do pai quanto gosta da mãe, né, vamos dizer... O que aconteceu? Como a minha guarda tinha sido revogada pela psicóloga, também, que pendeu pro lado da mãe, aí eu cheguei de comum acordo também com a mãe, “tudo bem, fica com a menina”.

Clóvis, 40, Sargento do Corpo de Bombeiros, filhos de 16 e 14, filha de 5 anos

Os profissionais, pautados em preconceitos de gênero sobre homens serem violentos, nem sempre fazem uma avaliação profunda do pai e da mãe. As denúncias de agressão, mesmo falsas, podem prejudicar a avaliação da capacidade cuidadora dos pais. Não se nega aqui, contudo, a necessidade de avaliação desse tipo de denúncia, para o bem-estar dos filhos.

A falsa denúncia de violência, no caso Gustavo, sem apoio social dos amigos para reivindicar a guarda, o fragilizou:

Já tinha um coro ao meu redor e que falou assim “Guto, dá a tua filha, Guto” “Eu não vou...” Mas, antes disso, quando ela quis entregar: “Guto, não pega, Guto”. Advogado, amigo disso, amigo daquilo falavam... Porque eu estava pegando sem nenhum fundamento, eu não tinha nada escrito.

Gustavo, 47, solteiro, programador visual, filhas de 14 e 23 anos

Sua experiência indica a necessidade do apoio de amigos e familiares para pais assumirem seu desejo de reivindicar o cuidado dos filhos. A desistência de Gustavo da guarda das filhas é exemplar, pois muitos pais não conseguem vencer esta pressão social, independente da violência e das suas condições psicológicas das mães.

Episódios de agressão relatados por mulheres na disputa da guarda, portanto, se mostraram eficazes para impedir que os entrevistados conseguissem a guarda no primeiro momento, mas não impediram que a conseguissem posteriormente, nem que mantivessem o cuidado dos filhos havia anos. Evidenciam a necessidade de avaliação dos profissionais dos setores jurídicos, sobre seus preconceitos de gênero quanto aos homens, entendidos como agressivos e incapazes de cuidar de crianças.

Seus relatos indicaram a necessidade de de apoio social para o enfrentamento dos preconceitos de gênero, já que os pais podem fraquejar diante de tantos desafios:

Desde julho do ano passado, travamos uma... uma briga judicial aí bastante grande, é... todo mundo dizia que eu não ia ganhar, que eu ia perder, ate porque ela é funcionaria do fórum local, juiz, promotor.

Filipe, 43, advogado, filhos de 7 e 5 anos

A Luciana [amiga] foi uma pessoa importante também porque ela me incentivou a continuar na Justiça: “Pedro, conserta o nome da sua filha: “Você vai na sua filha, luta para ficar com ela”. Porque às vezes, a gente fraqueja: “Ah! Não vou ficar na Justiça não, eu vou pra lá, ninguém resolve nada. Eu vou deixar com ta. Ah! Não vou mais não. Poxa! Meu chefe não quer me liberar [para procurar apoio na Justiça]”. Sabe? Nós fraquejamos.

Ricardo, 31, representante de vendas, filha de 7 anos

As dificuldades dos pais estão relacionadas ao modelo de guarda monoparental que supõe a mulher geralmente como a cuidadora, e que impede que ambos genitores separados cuidem de seus filhos.

Devemos considerar contudo, que alguns pais fizeram avaliações negativas sobre suas experiências anteriores de compartilharem o cuidado dos filhos com as mães, o que nos remete ao modelo de guarda compartilhada:

Então a gente decidiu que ela ia ficar com ela e meio que com ela e comigo assim. Ou com ela e eu pegar finais de semana, mas isso durou pouco tempo, não deu muito certo não porque o que ela não queria era ficar presa, então não queria responsabilidade de ter uma filha, então... Esquecia, porque ia pra algum lugar, pra alguma farra aí. Não vinha pegar e num desses dias que eu tinha que levar ela pra lá, eu levei ela e... Acho que não é bom não [guarda compartilhada]. Acho que a criança tem que ter o canto dela. Tem que ter um lugar pra ficar mesmo. Fica meio confusão na cabeça da criança, né. Não tem um lugar certo, não tem um canto certo, um quarto certo. E assim não, ela ficando num lugar e indo visitar, aqui é a casa dela, aqui é o canto dela e lá ela vai passear, se divertir, encontrar a mãe, a irmã, a tia.

Heleno, 30, técnico de informática, filha de 7 anos

O que é a guarda compartilhada? Compartilha-se a guarda. Isso é dos dois. Não existe isso. Guarda é um direito dever, é um que decide. Se os dois decidem você na realidade você tem uma ausência de guarda. E se a guarda é minha, digamos que a gente tivesse um filho, a guarda é minha, e eu decido, vai estudar na escola tal. Se a guarda é sua você decide. Aí tem um instituto que diz que uma guarda compartilhada é para um casal que se dá tão bem que então pode ser compartilhada. Ué, se então se se dá tão bem que pode ser compartilhada, então tanto faz está comigo quanto está contigo, e a gente resolveria isso de uma forma amistosa. Se a guarda é compartilhada e você quer numa escola e eu na outra, quem decide? Ninguém, só o judiciário. Então na realidade não se tem uma guarda compartilhada. Você não tem guarda nenhuma, quem tem a guarda é o promotor. É o Juiz. Então essa guarda compartilhada é ma construção jurídica que não é palpável. Ela é um equívoco, é uma bobagem. Então o juiz só dá quando o casal se vive harmoniosamente. Se vive harmoniosamente porque é que o juiz está dando então? Tanto faz estar com um ou com o outro. Porque vão viver harmoniosamente sempre. [Os pais reivindicam a guarda compartilhada] para vaidade pessoal, para jogar para platéia. Para dizer perante a sociedade “ Nós temos a guarda compartilhada”. Mas não adianta, não tem compartilhamento coisa nenhuma. Deve ser a grana. Voltamos à grana e no final das contas o mundo é grana, grana, grana, grana, grana... Isso enoja... Só dinheiro, dinheiro, dinheiro, dinheiro, dinheiro... Não tem dedicação... Isso é uma injustiça. As pessoas tem que entender. A justiça não resolve nada. Isso é uma palhaçada...

Filipe, 43, advogado, filhos de 7 e 5 anos

Estas avaliações se pautam na experiência de acordos com as mães, e nas suas compreensões da questão.<sup>34</sup> As dificuldades enfrentadas pelos pais separados para cuidarem de seus filhos são moldadas no modelo de disputa de guarda monoparental, em que é preciso provar que o outro não é competente para que apenas um dos genitores tenha a guarda.

Além disso, trata-se de uma conformação de família em que cabe à mulher cuidar e ao pai pagar as despesas, fenômeno que não corresponde mais à realidade dos casais atuais em que ambos trabalham. Mesmo a mãe cuidadora após a separação, não estará o tempo todo à disposição dos filhos, pois mantém seu trabalho remunerado. Os depoimentos dos pais separados mostram que ocorreram retrocessos nos processos de aproximação dos pais com os

<sup>34</sup> O projeto de lei sobre guarda compartilhada encontrava-se em tramitação na época das entrevistas.

cuidados com os filhos. Os homens vêm escapar suas possibilidades de educarem seus filhos e manterem os vínculos e rotinas que tinham quando moravam com eles. Trata-se de um descompasso da Justiça com a realidade das famílias (BRITO, 2005; STEWART, 2003). A própria lei que prevê que o genitor que não tenha a guarda fiscalize a educação que o outro fornece, remete os homens ao papel de distante autoridade, num retorno ao modelo patriarcal.

As experiências dos entrevistados indicam que muitos outros pais assumam o cuidado com os filhos diante de situações de risco para crianças no convívio com as mães, fruto da representação dos homens como inaptos para o cuidado e das mulheres como cuidadoras por excelência.

#### ***7.4 Homens cuidadores em diferentes situações***

Uma pergunta atravessou todo o trabalho de campo: estes pais tinham um perfil cuidador que tenha facilitado sua decisão e prática com o cuidado? Ou seja, cuidar era uma tica anterior, um traço de personalidade, ou uma experiência profissional que estes homens já tinham anteriormente às crises deflagradoras da atenção diária aos seus filhos? Em sua maioria, eles não tinham profissões cuidadoras nem experiência anterior com o cuidado, confirmando que este foi gerado no enfrentamento das crises. A sua inexperiência contudo, não impediu a motivação e o desenvolvimento de habilidades do cuidado, apesar de haver entre eles portador de deficiência física e também a presença de filhos com graves deficiências físicas e mentais.

### 7.4.1 Experiência anterior com cuidado

Apenas 4 pais identificavam suas profissões como cuidadoras (Lúcio, Severino, Alfredo e Clóvis). Entre eles, apenas 2 desenvolviam profissões explicitamente cuidadoras: o massoterapeuta (Lúcio) e o agente comunitário e funcionário de creche (Severino). Apenas Severino tinha experiência profissional cuidadora de crianças. nas Cuidar, é visto por estes homens, como uma experiência prazerosa. Dois pais relataram cuidar profissionalmente de pessoas em situações de emergência, como Clóvis, Sargento do Corpo de Bombeiros que atendia muitas pessoas em situação de sofrimento, e Alfredo, Major da Polícia Militar, que trabalhava no relacionamento entre a sua instituição e a comunidade.

Para estes profissionais cuidadores, cuidar aparece como um trabalho profissional prazeroso:

Ah! É muito gratificante, muito gratificante. Você ajudar a recuperar pessoas, caramba, já fiz muito isso trabalhar com... Às vezes, eu ia na casa das pessoas... Muita seqüela de derrame cerebral, muita seqüela de paralisia infantil, trabalhei muito com criança, seqüela de paralisia infantil, poliomielite, que é a mesma coisa, é claro. Todas as seqüelas que você imagina que tem, a gente trabalhou com isso. Eu gosto de trabalhar com o público, eu acho um maior barato. E, às vezes, as pessoas deita ali, é também um pouco de escola, você conversa muito, Você mexe no corpo das pessoas, Você dá vazão a uma série de coisas né?... As pessoas falam, te contam as coisas, eu tenho muitos clientes que contam as coisas deles e fica aqui.

Lúcio, 54, massoterapeuta e advogado, filho de 17 anos

Cuidar de pessoas aparece como uma atividade prazerosa:

A gente acaba conhecendo as pessoas, os problemas das pessoas... Em alguns casos você faz apenas o encaminhamento: 'Não, você tem que ir a tal lugar, fazer contato com tal telefone'. Mas, alguns casos você acaba se envolvendo, mesmo, conhecer realmente, os problemas mais profundamente, se preocupar se a pessoa conseguiu se ser atendida ou se não foi, é um cuidado, só que é, assim, grande, são muitas pessoas, muitos problemas diferentes. Eu acho que isso aí é a parte interessante da polícia, porque isso daí, eu sempre me deparei com essas questões na atividade da polícia. [...] De uma pessoa que está num momento em conflito, ali não sabe o que fazer, de estar totalmente perdida, o único apoio que ela encontra na frente dela é uma pessoa fardada, um policial.

Alfredo, 39, oficial PM, divorciado, filha de 14 anos



Encontramos também, entre eles, a experiência anterior de cuidado diário ainda no casamento, quando o horário do pai permitia mais contato com os filhos do que o da mãe.

Vejamos o relato de Lúcio, pai cuja cegueira não o impediu de cuidar de seu filho com prazer:

Ah! Era ótimo, eu levava ela para o colégio todo dia de manhã, eu dava banho, trocava fralda, penteava o cabelo que a mãe dela trabalhava o dia inteiro; eu trabalho à tarde, então eu tinha mais contato com ela. Então ela era muito engraçadinha. Então ela falava: “Pai, eu to canxada me leva no colo?” – “Ta bom”. Ia eu, ela, bengala e pasta no colo, porque o colégio era perto, não precisava pegar ônibus, era uma distância de mais ou menos uns duzentos, quinhentos, por aí. Aí quando chega perto do colégio ela falava: “Pai, me bota no chão”. – “Por que?” – “Senão minhas colegas vão me ver no colo e vão: ‘Ah! A Vanessa vem de colo’” – “Ta bom”. Todo dia levava e ia buscar.

Lúcio, 54, massoterapeuta e advogado, filho de 17 anos

No entanto, apesar de atividades profissionais cuidadoras e de experiências no cuidado com filho, nenhum deles providenciou a guarda paterna imediatamente após as separações, aceitando que os filhos ficassem com as mães. Os quatro que tinham experiências profissionais cuidadoras (Lúcio, Severino, Alfredo e Clóvis), passaram a assumir totalmente o cuidado paterno apenas em situações inesperadas: pedido dos filhos, decisão da mãe de não cuidar e falhas no cuidado materno. Suas experiências podem ter facilitado sua prática com os filhos, embora não tenham sido determinantes para a reivindicação da guarda.

Por outro lado, outros pais que não tinham profissões cuidadoras e que não tinham experiência anterior com o cuidado, reivindicaram a guarda paterna diante de situações similares de riscos percebidos no convívio materno. Apenas dois pais haviam cuidado de seus pais, e apenas três haviam cuidado de suas esposas antes de assumirem o cuidado dos filhos sozinhos. Conclui-se assim, que experiência anterior com cuidado não foi determinante para que eles tenham assumido a responsabilidade diária com os filhos.

## 7.4.2 Homens conectados e cuidadores provocados por crises

Em geral, a necessidade de cuidar em diferentes situações na vida destes pais aconteceu quando não havia outra pessoa para cuidar, como revelam outros estudos sobre homens e cuidado (MCMAHON, 1999). Uma dessas situações, ocorreu quando se descobriram cuidadores das suas companheiras gestantes, dentro da experiência de família nuclear, onde em geral o homem é o única pessoa com que a mulher convive:

Porque ela teve pré-eclâmpsia, né cara. Quase morreu, a pressão dela era vinte e quatro por dezoito e eu não trabalhava direito. [...] Aí eu tive que tirar a minha licença-prêmio de seis meses pra poder cuidar da gravidez dela [...]. Aí não tinha aquele sossego porque eu que fazia a comida, a dieta dela, que tinha que ser tudo sem sal, aí o que eu fazia, fazia um tempero de alho, cebola assim prá pelo menos dar um gostinho, mas zero sal né cara. Não tinha ninguém, ninguém da família ajudou, dela. [...] Aí fiquei lá com ela, batalhei cuidei do resguardo dela, cuidei dos pontos e tudo.

Clóvis, 40, Sargento do Corpo de Bombeiros, filhos de 16 e 14, filha de 5 anos

O cuidado que eu passei a ter com a mãe do Pedro, eu passei a ter porque eu sabia que tinha uma pessoa que estava sendo gerada e eu via que estava sendo realmente gerada porque eu via a barriga dela crescer diariamente [...] ‘Então, tá, eu mudei a minha cabeça’. [...] Realmente, havia uma transformação muito grande e, essa transformação se deu dentro de mim também, e aconteceu de uma forma muito ampla. Até então eu só olhava pro meu umbigo. E era a única pessoa que existia na face da terra. Parecia que eu era o filhinho da mamãe.

Roberto, 37, solteiro, gerente financeiro, filho de 12 anos

O cuidado com os filhos, durante os casamentos, também se revelou despertado ou intensificado de uma hora para a outra:

Até o terceiro mês eu não tinha sido preparado para ser pai. Falei que tinha cuidados com ela. Foi até muito *en passant* isso. Mas depois que ele nasceu eu, realmente, me redescobri como pessoa porque eu dava banho no meu filho, eu trocava as fraldas do meu filho, eu fazia o meu filho dormir, eu fazia o meu filho arrotar. Eu me transformei num pai de uma hora pra outra e ninguém nunca tinha me explicado: ‘você tem que fazer assim, assim, assado’. Eu simplesmente senti que eu precisava fazer isso e eu acho que eu senti que eu precisava fazer isso porque eu percebi que nem sempre ela estava disponível como mãe para fazer isso, porque eu precisava fazer isso porque senão o meu filho estaria carente de alguma coisa. A única coisa que eu não poderia supri-lo era do leite materno. [...] Eu chegava em casa, aí eu virava a noite para dar a mamadeira de duas em duas horas, o tempo que o médico tinha determinado, porque ele nasceu com 2,750 Kg, ele tinha 250 a menos do que a média padrão. Então eu comecei a achar que ele era uma criança que estava quase pro raquitico. Entrei nessa história, fiquei meio paranóico

com isso e achava que ela não dava conta da demanda dele de mamar, a ponto do leite ter secado, eu tinha que abraçar isso também, isso também era minha tarefa. E aí, isso tudo veio de uma forma natural, ninguém me disse isso, talvez, até inconscientemente, a minha mãe possa ter me direcionado, as pessoas que iam lá visitar: ‘olha está acontecendo isso, isso e isso’.

Roberto, 37, solteiro, gerente financeiro, filho de 12 anos

No caso de filhos doentes, a aprendizagem de cuidar foi intensificada:

Foi complicado. Nossa! Ela usava sonda, era alimentada por sonda, aí a gente revezava, tinha a irmã dela que ajudava, tinha os vizinhos também que ajudavam e ela ficava num colchão d’água e eu fazia fisioterapia nela para não atrofiar. Foi um aprendizado. A gente aprende muita coisa, a gente aprende a paciência, a gente aprende a... Sei lá... Um monte de coisa. O pessoal falava: Por que não deixa no hospital?” – “Porque eu vou deixar a minha filha no hospital, não tem mais jeito, então eu levo pra casa, a gente cuida”.

Lúcio, 54, massoterapeuta e advogado, filho de 17 anos

Destaca-se o caso de Isaías, pai da jovem com mielomeningocele, que não tinha nenhuma experiência anterior de cuidar e mesmo assim assumira assumiu a filha abandonada pela mãe. Sua experiência de cuidado é a mais trabalhosa entre todos os entrevistados, já que até hoje, sua filha necessita de sua ajuda para a higiene pessoal e condução para todos os lugares. Podemos concluir que não há necessidade de treinamento anterior, já que motivação e o amor possibilitaram o desejo de aprendizagem das tarefas cuidadoras.

A constatação de que o cuidado pode ser deflagrado principalmente por situações de crise, não descartou o reconhecimento de haver entre, alguns que se identificavam basicamente como conectados às pessoas, e cuidadores na maior parte do tempo. Cinco desses pais (Jerônimo, Sebastião, Clóvis, Jerônimo, Roberto), poderíamos apelidar de “cuidadores de plantão”, pois tinham várias experiências de cuidado de outras pessoas, em situações em geral, provocadas por crises. Destacaram-se do seu grupo social, assumindo funções de maior responsabilidade, na família ou na comunidade:

Cuidava porque quando eles [seus pais] ficaram doentes, eles ficaram na casa da minha irmã na época e eu já comecei a me dedicar a eles junto com a minha irmã, [...] nós começamos a ter aquelas preocupações de cuidar tanto eu quanto ela, mais do que os outros irmão. Não digo que eles não tivessem preocupações, mais não tinham aquela dedicação. [...] Eu me dedicava comprando os medicamentos e a minha irmã caminhando pro médico [...] Não deixá-los sozinho. Botei os dois pra minha casa, moraram os dois comigo, pagava uma pessoa pra cuidar

deles, pagava uma menina pra cuidar deles, pra tomar conta deles. Quando eles foram pra casa da minha irmã pagava uma menina pra tomar conta deles e tudo acabou ficando nós dois [ele e a irmã] naquele revezamento. Isso dá um grau de responsabilidade na gente, quando você observa, você está com aquela responsabilidade e você já não vive o que você quer viver, você vive em torno daquela pessoa. [...]

Jerônimo, 50, vendedor de peixe, filhas de 12 e 11, filho de 8 anos, que também cuidou de toda a família da ex-esposa

Nessa época ouve um incêndio, não lembro a data correta, ai colocaram muita casa, morreu muita gente. E essas famílias ficaram desabrigadas e abrigadas numa Escola Municipal chamada Paula Brito. Aí vendo aquela ... ai aquilo foi me incomodando, me incomodando..eu nunca tinha feito trabalho com nenhuma criança. E ai, eu sempre trabalhei em loja. Trabalhava com esse *marchant*. Fui pra lá, pra ajudar, chegou lá, eu percebi que não tinha atividade nenhuma com aquelas crianças, era só comer e correr e zoar, os pais nervosos porque tinham perdido seus pertences né, ai me deu uma idéia de fazer brincadeiras com crianças, comecei a brincar, brincar, brincar... armava brincadeiras com eles e tal.. Aí nessa brincadeira eu lá, esqueci que trabalhava fora, nunca mais apareci no trabalho. Me entreguei tanto naquele movimento, eu esqueci que tinha que trabalhar, tinha que ajudar minha família, pensar em todo mundo lá de casa, fui a luta pra ajudar mesmo. Tava fazendo porque aquelas crianças ociosas ali, entendeu, os bebês, as crianças pequenas..., as crianças não tinham ...eu já fazia mamadeiras, entendeu, eu nunca tinha feito mingau na minha vida. Deu certo porque elas não morreram.

Sebastião, 45, agente comunitário, filha de 7, filho de 5 anos

O sofrimento das pessoas provocou a empatia e o cuidado se manifestou, sem nenhum treinamento anterior. Segundo Sebastião, o cuidado surgiu espontaneamente, assim como seu jeito com crianças. Apesar de ter desempenhado no casamento a função principal de provedor, poderia ser chamado de “cuidador de plantão”, já que ed cuidador em diferentes situações na vida comunitária:

Eu acho assim, tudo que é pra comunidade eu me entrego. Às vezes eu não quero mais, não quero mais e acabo, quando eu vejo, eu estou lá dentro. Eu sou responsável... Só lá quando rola o carnaval mesmo. Fazendo um trabalho voluntário também, eu sou responsável pela ala das crianças da escola de samba aqui da Vidigal há dez anos. Eu fui convidado pra escola numa época que a escola estava numa fase muito ruim, se dinheiro, né. Eu não ganho nada, mas as escolas de samba hoje, esses cargos, algumas escolas pagam. Eu não, fui por amor mesmo, nunca pedi nada. Aí ninguém quis assumir, aí o presidente me chamou. “Ah, me falaram de você...” Porque todo mundo via, “Ah, o Sebastião é bom, bota ele aí” Aí me chamaram. Gostei e fiquei.

Sebastião, 45, agente comunitário, filha de 7, filho de 5 anos

Vemos que a auto-imagem conectada não se prende ao gênero (JAFEE, HYDE, 2000; BAUMEISTER, SOMMER, 1997), da mesma maneira que os sentimentos de empatia, podem estar presentes entre homens e mulheres.

Dois desses “cuidadores de plantão”, Clóvis e Leonardo, cuidam de filhos de duas relações diferentes. Um deles se identifica como conectado e cuidador: “Tem pessoas que o problema [do amigo] é dele, né, com amigos, com filhos”. Outro, estava cuidando dos filhos das duas ex-esposas, e da primeira ex-esposa:

Tenho três filhos, tem que fazer comida, quer dizer, apesar que a mãe dos meus filhos também ajuda. O problema dela é, ela ficava até internada em psiquiatria, ela tá com depressão. Vim pra cá por causa dela. Eu já tava com esse problema com a Livia, né. Ela me procurou falando que não tava com mais condições de olhar as crianças, meu filho de dezesseis e o de quatorze anos. “Por causa de que” que eu perguntei. Ela falou que não tava conseguindo fazer nada dentro de casa, fazer comida, arrumar a casa, entendeu. E ela tava saindo à noite, só aparecia no outro dia de tarde, ficava andando.

Clóvis, 40, Sargento do Corpo de Bombeiros, filhos de 16 e 14, filha de 5 anos

Mostrava sua grande capacidade cuidadora, apoiando financeiramente a segunda ex-mulher, apesar de estar com a guarda da filha:

No meu caso, eu pago pensão alimentícia da minha filha é descontada até hoje. Eu tô aí. Não, mas ela pediu até em matéria de uma ajuda e tudo, mas só que eu descobri que ela perde, eu te mostro o contracheque, ela perde pro banco, ela se enrolou com o banco, com dívidas com o banco. Eu não sei como é que ela conseguiu se enrolar com o banco até prá pagar até além daquilo que entra na conta da alimentação da minha filha, cara.

Clóvis, 40, Sargento do Corpo de Bombeiros, filhos de 16 e 14, filha de 5 anos

Entre os que podem se apelidados de “cuidadores de plantão”, encontramos o cuidado com o filho da namorada:

Porque eu passei a existir dentro da vida do filho dela [...] . Eu tento me colocar pro Artur com a permissão dela [...] mas mesmo assim a gente sabe que sempre que um intercede é porque existe a única e exclusiva vontade de estar orientando ou colocando no caminho certo.

Roberto, 37, solteiro, gerente financeiro, filho de 12 anos

O amor por alguém é entendido como cuidado, como foi expresso por Jerônimo:

Viver em torno de alguém que a gente ama eu acho que faz parte da vida, do nosso lado humano. Porque vezes as pessoas dizem que amam, mais não cuida e quem ama cuida. Então, eu tinha um amor de filho por eles [seus pais] muito grande. Principalmente quando eles começaram a ficar doentes, a preocupação era maior. Então dividia a preocupação com a minha família, meus filhos, mas dedicando a eles. É como se eles fossem os nossos filhos, quando eles começaram a ficar dependente de alguém.

Jerônimo, 50, vendedor de peixe, filhas de 12 e 11, filho de 8 anos

Sua fala nos remete a Leonardo Boff para quem amor e cuidado são sinônimos. É importante considerar contudo, que talvez, se não tivessem sido impulsionados por crises, nunca teriam tido oportunidade de cuidar diariamente de alguém, em suas vidas. Poderiam ter ficado presos ao modelo tradicional de masculinidade. Teriam reproduzido a experiência da maioria dos homens, já que em geral, as mulheres são responsáveis pela assistência aos filhos, familiares doentes, filhos de vizinhos e amigos (PORTELLA et al, 2003; ROSA, 2000, 2003). Não podemos negar, contudo, que como essas, muitas situações dramáticas acontecem ao redor das pessoas, e elas, independente do sexo, não despertam sua habilidade cuidadora.

Como vemos, o cuidado pode estar presente na vida diária de um homem, de maneira diferente do que prescreve a masculinidade hegemônica, numa expressão da resistência dos homens a esse padrão. Como discutimos anteriormente, há muitas possibilidades de identificação com a masculinidade (CONNELL, 1995 a, b, 1998; CHODOROW, 1990; JAFFEE, HYDE, 2000; MCMAHON, 1999) e o gênero se constrói num processo de acomodação e resistência (ANYON, 1990). Embora eles identifiquem o cuidado com tarefa feminina, evidenciam a possibilidade de homens serem cuidadores.

No entanto, mesmo Sebastião, “cuidador de plantão” em muitas situações comunitárias, não cuidador em qualquer tipo de vivência:

Eu tenho pavor de cuidar de gente doente. Nunca cuidei. Não visito ninguém no hospital. Fui lá só quando os meninos nasceram, quando meu pai estava internado uma vez. Não vou a enterro porque eu não gosto. Eu não tenho uma relação legal com a doença.

Sebastião, 45, agente comunitário, filha de 7, filho de 5 anos

A capacidade cuidadora não é absoluta ou permanente em sua vida, indicando mais uma vez que o cuidado se faz diante das circunstâncias. Como vimos noutros estudos, a identidade de pessoas conectadas e cuidadoras pode variar de acordo com as situações (JAFFEE, HYDE, 2000), e as crises podem facilitar o surgimento do cuidado (GILLIGAN, 1982, 1988).

### 7.4.3 Homens querendo cuidar

Os resultados mostraram que condições sociais podem dificultar e até impedir que homens escolham profissões cuidadoras. Ricardo, apesar de ter desejado ser professor, desde criança, interrompeu seus estudos e não atingiu seu objetivo, já que teve que trabalhar desde a infância::

Eu, quando era criança e estudava, a minha função na escola era monitor de escola. Eu estudava na parte da manhã, a tarde ia para explicadora e voltava para escola pra poder ficar na escola como xerife, para ficar tomando conta para as crianças não correrem no corredor, não fazerem bagunça. Sempre fiquei tomando conta, sempre tive aquela coisa. Eu ia para o jardim de infância na própria escola que eu estudo, pra poder, a professora precisava ir ao banheiro, eu que entrava e ficava tomando conta das crianças. Sempre gostei. Eu queria ter me formado em professor. Que eu perdi uma oportunidade boa na minha vida de ter feito um curso pra professor, sabe, devido a gostar das crianças, mas a vida dá muitas voltas e a necessidade em si só de repente, porque eu deixei de estudar, pra poder trabalhar aos 9 anos. Também quer dizer: Eu trabalhava, ia pra escola, mas como eu fui crescendo e fui ganhando mais dinheiro e eu trabalhava numa barraquinha de verdura.

Ricardo, 31, representante de vendas, filha de 7 anos

Por outro lado, uma crise na comunidade, provocou Sebastião, que abandonou o antigo emprego para configurar uma profissão cuidadora, não desejada nem planejada anteriormente:

Eu gostava tanto do que estava fazendo [socorrer pessoas na calamidade na comunidade], que eu esquecia de tudo que estava aqui fora. Ai eu me entreguei assim com tudo... Ai tá, um belo dia... Perdi o emprego, porque eu fiquei... Eu sumia do trabalho, eu fiquei ali direto ajudando essas pessoas, ajudando a equipe, que estava trabalhando. Eu estava ajudando, foi aí que descobri que eu tinha talento pra trabalhar com crianças, as crianças. Ai ta, um belo dia, chega uma carta na casa da minha mãe, a Prefeitura me chamando pra assinar um contrato. [...] Eu comecei a trabalhar na creche da Dona Eneida, creche “Somos Unidos”, com a dona Eneida porque ela era a mãezona de todo mundo, fica fácil trabalhar com dona Eneida, não. Eu ... não tenho estudo, e aí: “O que é que eu vou fazer aqui, e ai, o que é que vou fazer aqui? ...Ai me deram uma turma de três anos. Eu não tinha feito nada ainda, era assim solto mesmo na vida. O primeiro grau eu tinha feito mas parei de estudar, eu tinha que trabalhar, tinha que, ou você comia ou você lia, entendeu. Nunca tinha estudado com..., trabalhado com criança... Ai tá, né deram uma turma de três anos. Fazia atividades lá, desenhar, e tinha umas loucuras ai, depois dava almoço, botava pra descansar, quando a outra colega chegava assumia a turma, e assim foi, criou-se uma paixão.

Sebastião, 45, agente comunitário, filha de 7, filho de 5 anos

As falas destes pais indicam que muitos homens devem enfrentar dificuldades para escolherem profissões cuidadoras. Esta é uma expressão das pressões que as instituições sociais fazem na reprodução do gênero (LAURETIS, 1994). Trata-se da limitação imposta pela sociedade capitalista, em que o trabalho é alienador, não implicando na concretização das motivações e necessidades dos trabalhadores (HOCHSCHILD, 2002, 2004, 2007). Trata-se ainda de uma organização social que desvaloriza funções cuidadoras, já que elas são mal remuneradas (HOCHSCHILD, 2002, 2004, 2007), obrigando homens e mulheres, a escolherem o trabalho em função da remuneração e não do seu desejo. Este problema afeta mais os homens, identificados como provedores principais e principal mão-de-obra de sustentação do sistema capitalista (CONNELL, 1995 a, b, 1998).

Ricardo, que queria ser professor, encontrou na colaboração com vizinhos e no ativismo como voluntário no fim-de-semana, a satisfação para o desejo de cuidar:

Todas as pessoas que precisam de mim vem aqui na minha porta pra poder pedir ajuda, sabe? E como eu precisei muito na minha infância e na minha adolescência e até mesmo quanto adulto também eu precisei muito das pessoas. Eu hoje eu tenho pra poder ajudar as vezes, sabe e É bom se sentir útil e querer ajudar as pessoas. Eu sou um amigo da escola. Mas eu sou amigo da escola mesmo. Dou palestra, incentivo as crianças a estudarem, jogo basquete, jogo bola. Eu dou palestra sobre a minha infância. Conto para as crianças como a minha vida foi difícil, mesmo sendo difícil, eu trabalhei numa empresa boa. Adquiri muitas coisas na minha vida, mas tudo com dificuldade, mas consegui.

Ricardo, 31, representante de vendas, filha de 7 anos

Mesmo em profissões não exatamente identificadas como cuidadoras, um policial consegue realizar seus desejos de cuidar:

Alfredo: Já socorri parturiente, já achei criança perdida de tentar localizar os pais. Várias situações que eu me deparei na minha profissão, não tinha nada a ver com repressão a crime. É, na verdade, auxiliar o público a resolver os seus problemas. Então, eu não sei, era isso que eu me identificava mais na atividade da polícia, isso é que eu gostava de fazer e, hoje eu faço uma coisa que eu gosto de fazer.

Pesquisadora: E nesse cuidado com a sociedade, você conhece outros homens na polícia?

Alfredo: Não, não. Na polícia poucas pessoas, talvez uns dois que eu conheço, (...) Agora, no caso semelhante ao meu, eu, pelo menos, não conheço.

Alfredo, 39, oficial PM, divorciado, filha de 14 anos



Embora a polícia seja representada como atividade masculina e repressora, este pai conseguiu cavar um espaço para desenvolver suas habilidades cuidadoras, fenômeno extremamente raro, já que a masculinidade hegemônica prevê a identificação dos homens com a força física.

O estudo também permitiu a percepção dos preconceitos enfrentados por homens que trabalham em atividades cuidadoras de crianças, tanto heterossexuais, quanto homossexuais:

Quando eu era das creches do Mangueira, aí começaram também aquela resistência, porque o Julinho era homossexual. Aí: Pô, gente [para os pais], não tem nada a ver e tal. É o seguinte: homem é porque você tem medo que... apalpe seus filhos e abuse. Homossexual porque você tem medo do seu filho por estar com três anos crescer com aquele hábito do educador, do cara que está ali a frente, que é o responsável naquelas horas. É o pai é a mãe, é tudo. Tanto que os pais não tem essa visão por mais estudo que ele tenha. A visão acho que é única. Em qualquer nível de instrução, a visão é essa mesma, e hoje tá até pior né. Tanto que dali, houve uma resistência dos pais e das crianças. Mas as crianças também se apegaram (aos professores).

Sebastião, 45, agente comunitário, filha de 7, filho de 5 anos

Aqueles que trabalham com cuidado de pessoas, também lidam com o desafio da tarefa, sem apoio institucional psicológico para a qualidade do trabalho e sua saúde emocional:

Ah, a gente no Corpo de Bombeiros precisava de ajuda, uma ajuda psicológica, porque a gente vê tanta coisa ruim, né? A gente vê muita coisa ruim. Às vezes a gente se abala, chega em casa, às vezes cansado, aí tu dorme e vem aquilo na mente da gente, sonha com aquela tragédia que aconteceu, né.

Lúcio, 54, massoterapeuta e advogado, filho de 17 anos

Vimos nesta seção, que um homem pode cuidar de seus filhos independente de experiência, treinamento anterior e de traços de personalidade. Homens podem se mostrar conectados ao sofrimento de outras pessoas, de acordo com as situações da vida. Este resultado se afina com estudos sobre raciocínio de cuidado, que apontaram que as pessoas podem alternar entre respostas cuidadoras ou não, em função dos dilemas e situações colocadas para elas (RYAN, 2002). Confirma a possibilidade de pessoas que independente do sexo, mas seguindo seus traços de personalidade, serem voltadas para conexão e raciocínio de cuidado (SKOE et al, 2002; SOCHTING et al, 1994; AGERSTRÖM et al, 2006; BJORKLUND, 2003). Percebemos ainda que apesar do interesse de alguns homens em

cuidar, muitos são os impedimentos sociais ao exercício do cuidado, referentes ao gênero e às pressões do sistema capitalista na vida dos trabalhadores.

## **7.5 Diferentes modelos orientando o cuidado**

Um dos objetivos da pesquisa foi compreender a influência do cuidado recebido na infância, para a formação das habilidades cuidadoras e para a decisão destes homens cuidarem sozinhos. Encontramos entre eles, diferentes entendimentos sobre a origem da sua habilidade cuidadora.

### **7.5.1 Espontaneidade pessoal**

Alguns dizem não saber explicar como aprenderam a cuidar, ou que sua prática de cuidado é fruto da espontaneidade pessoal:

Eu fiquei ali direto ajudando essas pessoas. Eu estava ajudando, foi aí que descobri que eu tinha talento pra trabalhar com crianças. [...] Tem o jeito, tem a coisa do respeito. Tem que respeitar pra poder ser respeitado. É isso, tem que ter isso. Isso aí é o essencial... Eu não sei, eu não sei de onde vem. Mas eu tenho isso. Graças a Deus eu tenho isso. Eu acho que é só perceber, você viu que está que no sufoco ali, você oferece. Não tem como saber se está precisando. Eu não sei. Tem que descobrir tudo ali naquele momento. Acho que é assim, não sei. [...] Quando a Lea falou que eu tinha tudo a ver com esse trabalho, eu encarei e deu certo...Eu só acho que eles [as crianças de rua] me ensinaram. Sentava nas praças e ficava conversando com eles...

Sebastião, 45, agente comunitário, filha de 7, filho de 5 anos

Sebastião revelou o cuidado potencial e inerente a qualquer ser humano, que precisa de condições para se manifestar (BOFF, 1999; HEIDEGGER, 2004; AYRES, 2001, 2003).

### 7.5.2 Cuidado recebido dos seus pais e mães

Vários pais consideraram ter aprendido o cuidado na relação com seus genitores. A maioria falou com muito amor por seus pais. Procuravam reproduzir estes referenciais amorosos e de responsabilidade no seu comportamento com seus filhos: O carinho que eu recebi, eu passo para as pessoas, Eu sou uma pessoa de coração muito aberto. Quando eu tenho, se puder ajudar eu ajudo (Jonathan, 37, desempregado, filha de 5 anos). Vejamos outros relatos:

Eu acho que fui sempre fui muito bem cuidado. A minha mãe, o meu pai serem pessoas, assim, com condições financeiras é, bem precárias mas eles sempre procuraram né, dar carinho, educação, o máximo que eles podiam, né? Eu acho que aí, a partir do momento que você foi... que teve uma boa, se foi bem cuidado também, se teve carinho, teve uma boa educação, você também tende a repassar isso para as pessoas com quem você lida. Então, aqui sempre que a gente teve que cuidar de alguém, seja um irmão, parente, um sobrinho até uma pessoa que não fosse da família, mas que precisasse de alguma coisa que a gente tivesse como fazer. Eu acredito que aprendi justamente de você se preocupar sempre com o filho em primeiro, botar o filho em primeiro lugar. Você, e aquela preocupação sempre de, de, de buscar o melhor pro filho né, de, sabe, de, de às vezes abrir mão das suas coisas pra poder cuidar do filho.

Fernando, 42, separado, técnico de informática, filha de 10 anos

Eu não tenho nada que me queixar dos meus pais, né, porque os meus pais eles me criaram muito bem. Meus pais me deram uma coisa essencial. Meus pais me deram carinho. Me deram amor. Me deram orientação da vida. Enfim, eles me transformaram em um homem de verdade em termos de responsabilidade. Meus pais não me deram dinheiro. Dinheiro não é tudo, é apenas uma necessidade, Mas o que eles repassaram pra mim de educação e responsabilidade, eu adquiri e assumi e passei a exercer essa responsabilidade.

José, 51, gari comunitário, filhos de 17, 14, 11 e 9 anos

Estes resultados se assemelham aos de outros estudos que também mostram que meninos e meninas podem receber orientações para o cuidado (LOLLIS et al, 1996 apud JAFFEE, HYDE, 2000). Confirmam a concepção de que se aprende a ser homem do mesmo jeito que se aprende outros aspectos da vida (CRAIB, 1987, 1995 apud MCMAHON, 1999).

A maioria dos pais foi criada por ambos os genitores, sendo que 2 só pelas mães e 1 só pelo pai a partir da adolescência, em situações provocadas por abandono paterno ou materno. Os entrevistados relataram diferentes tipos de relações afetivas com seus genitores, tendo vivido em sua maioria, com suas mães cuidadoras principais e os pais provedores:

Ah, minha mãe era, aquela batalha de casa, né, de dona-de-casa. De arrumar, limpar, ver televisão, ela gostava de ver novela, dormia à tarde lá parte dela e cuidava da gente assim, né. Em relação a colégio, passava até minhas fardas, minha mãe engomava elas todinha. Minha mãe foi ótima mãe, assim, não tenho nada que falar dela, nem do meu pai.

Clóvis, 40, Sargento do Corpo de Bombeiros, filhos de 16 e 14, filha de 5 anos

Acho que não muito [contato físico] assim, não. Mais com a minha mãe, quando eu era criança, mais minha mãe. Minha mãe ficava lá, eu ficava deitado com ela fazendo carinho, essas coisas né. Meu pai também, uma vez ou outra assim, mas não muito também não. Eu não sou muito de contato assim não com...

Heleno, 30, técnico de informática, filha de 7 anos

O jeito dela acho que sempre foi um jeito muito carinhoso assim, sabe, de mostrar muito amor, assim né, muita preocupação, sempre foi um jeito sempre foi o mais carinhoso possível. Acho que pra minha mãe os filhos foi a coisa mais importante do mundo. Sempre foi, ela, ela sempre se matava em troca dos filhos né? Ela trabalhava muito e se dedicava muito. Meu pai foi sempre trabalhador, pouco tempo em casa, né? A gente só via mesmo de noite, ou então, de manhã às vezes quando ele ia sair às vezes a gente ‘tava acordado, mas ele saía muito cedo, e de noite, mais final de semana mesmo que normalmente ele, finais de semana ele ‘tava em casa. Uma pessoa boa, né, assim, muito trabalhadora. Trabalhava muito. Nosso contato era mais finais de semana, ele trabalhava muito, né.

Fernando, 42, separado, técnico de informática, filha de 10 anos

Então esse cuidar dessa minha irmã Leila, que hoje eu vejo que cuidou bem da minha mãe e do meu pai junto comigo, nós absorvemos da minha mãe.

Jerônimo, 50, vendedor de peixe, filhas de 12 e 11, filho de 8 anos

Ah, minha mãe ela não brincava assim, né cara. Ela, sei lá, como é que eu vou dizer, era o dia-a-dia normal de uma mãe, né. Agora, carinho tinha, que a minha mãe, às vezes, “mãe!”, eu deitava no colo dela, botava a cabeça, desde grande, ficava coçando assim, acabava dormindo. A gente conversava assim.

Clóvis, 40, Sargento do Corpo de Bombeiros, filhos de 16 e 14, filha de 5 anos

A maioria dos seus pais foi descrita como homens distantes, identificados com o trabalho fora de casa: “Meu pai de brincar, brincar assim, não. Nunca gostou não (Clóvis, 40, Sargento do Corpo de Bombeiros, filhos de 16 e 14, filha de 5 anos). Os entrevistados, em

sua maioria, mostraram compreender as atitudes distantes de seus próprios pais, como produto da educação que receberam:

O pai dele [do seu pai] era filho de português, então tem uma relação mais cultural aí, mais conservadora. Ele gostava muito do filho e tratava muito bem o filho, só que durante a formação, o crescimento do meu pai, ele exigiu muito da postura masculina: homem tem que ser assim, tem que ser assado. Diz que o meu avô tinha exigido uma postura tão firme, tão bem definida da figura masculina, a ponto até dele ir trabalhar na Marinha Mercante e tal, a profissão acabou se tornando uma coisa, assim, que permeou, entrelaçou na vida dele, que ele acabou... E eu acho que isso aí tem traço da personalidade dele.

Roberto, 37, solteiro, gerente financeiro, filho de 12 anos

Seus depoimentos indicam que a qualidade do cuidado paterno recebido não se caracterizou como condição para que tenham se aproximado do cuidar. Estes pais transitaram entre o modelo recebido e novas propostas de paternidade afetiva, como revelam pais entrevistados em outros estudos (UNBEHAUM, 2000; OLIVEIRA et al, 1999; QUADROS, 1996). Trata-se da transição de gênero, em que ocorre também uma tensão entre a autoridade e o cuidado. Apenas entre alguns, percebemos que seus pais eram pessoas de fácil contato amoroso, que lhes proporcionaram um modelo de homem cuidador:

Ah, meu pai era um cara..., muito trabalhador, muito amoroso com a gente, muito amoroso, muito contato físico de... de brincar de luta, igual eu brinco com os meus filhos... “vem ca e tal”...”, Eu era muito cabeludo, “tira um fio de cabelo dele”. E ficava brincando, levava a gente pra passear no parque, Nossa, ele viajava com a gente...

Filipe, 43, advogado, filhos de 7 e 5 anos

Tinha carinho, carinho. Ele gostava da gente. Todo dia quando ele chegava. Eu lembro que as vezes não tinha nada pra comer, meu pai chegava, minha mãe dava comida na nossa boca e a gente dormindo ali. Eles eram muito legal com a gente.

Sebastião, 45, agente comunitário, filha de 7, filho de 5 anos

Meu pai era muito solidário, meu pai, ele tirava a roupa do corpo, entendeu? Se uma pessoa precisasse dele e tinha aquele negócio né, porque cada um tem a sua própria personalidade. Numa hora ele podia ser até grosso mais ele era bom, tinha um coração bom, era bem extrovertido ta entendendo, embora não levava desaforo pra casa. Ele tinha um...assim uma facilidade de fazer amizade.

Jerônimo, 50, vendedor de peixe, filhas de 12 e 11, filho de 8 anos

Trocava fralda, dava mamadeira, fazia tudo isso. E sabe cozinhar também. Meu pai ficou cuidando da gente [quando a mãe se separou].

Lúcio, 54, massoterapeuta e advogado, filho de 17 anos

O meu pai era muito severo na questão dos castigos, dentro daqueles padrões antigos, mas me deu sempre uma formação moral muito sólida, bem definido o que é certo, o que é errado. E o meu pai sempre foi solidário. O meu pai sempre foi uma pessoa, de cuidar do passarinho, pegar o bicho, cuidar do bicho, depois dar um destino adequado pro animal. Então, isso acaba passando, né, pra gente. Nós aprendemos, não só empiricamente, mas de observar e tirar nossas conclusões seguindo nos caminhos. Então, eu acho que isso determinou essa preocupação com as pessoas e com esse lado, dentro da sua pesquisa, da questão familiar.

Leonardo, 46, produtor cultural, filhos de 24 e 14 anos

Vemos que mesmo na geração anterior, havia diferentes possibilidades de manifestação da paternidade, revelando mais uma vez que os homens não correspondem ao modelo hegemônico e que o gênero se manifesta em forma de acomodação e de resistência.

Suas mães eram responsáveis pelos trabalhos domésticos e pelo acolhimento amoroso dos filhos. Se mostraram mais disciplinadoras do que seus pais, provavelmente porque eram elas que estavam presentes no dia a dia:

Quando acontecia uma coisa errada, ela corrigia, ela batia, botava de castigo, brigava. Sempre no intuito de educar mesmo, entendeu? (...) foi daquela educação de que era importante você manter a disciplina até as custas de uma pancada mesmo. Ao contrário de hoje de que isso já é visto de uma outra maneira, né. (...) Meu pai não tomava isso como assim, é responsabilidade dele não. Ele não era de bater, de botar .... Ele às vezes, ele falava, dava esporro, mas ele não era de castigar não. Ele deixava mais à vontade, entendeu?

Fernando, 42, separado, técnico de informática, filha de 10 anos

Ele me chamava à atenção, porque ela me batia às vezes, Mas ele que me chamava à atenção, meu filho sua mãe vai te bater, só isso. Mas era ela mesmo. Ela me batia, ele se metia. Aí ele me chamava a atenção. Meu filho você vacilou, ele me chamava a atenção porque se não ela me batia mesmo, aí ele ia e desenrolava com ela. Era, ela batia, era uma palmadinha.

José, 51, gari comunitário, filhos de 17, 14, 11 e 9 anos

Entre alguns, seus pais que não se envolviam nas atividades diárias com os filhos, apareceram alguns relatos de encontro no lazer:

Pô, meu pai, vamos dizer assim, ele podia ser aquele cara caxias ali, né cara. Mas ele era legal assim quando saía com a gente. Ele passeava muito, entendeu, com a gente, entendeu. Só com os menores né, às vezes levava até os mais velhos pra tiracolo pra ficar olhando mesmo, né. Quando ele tava muito cansado ele botava os mais velhos pra ficar olhando a gente. Às vezes ele sentava lá no banco, sempre tinha um conhecido dele e ele ficava conversando enquanto a gente brincava. Ou na Quinta da Boa Vista, entendeu, levava que era pertinho.

Clóvis, 40, Sargento do Corpo de Bombeiros, filhos de 16 e 14, filha de 5 anos

Mais era a minha mãe, meu pai trabalhava, meu pai assim, também, quando tinha um tempinho ele levava a gente pra algum lugar, fazer um passeio, sempre que ele tinha uma folga ele levava a gente pra algum lugar. Mas em geral era a minha mãe que cuidava da gente mesmo.

Heleno, 30, técnico de informática, filha de 7 anos

O fato da maioria dos pais ter sido criada por ambos genitores, num modelo tradicional de cuidado materno, característico de sua geração, pautou provavelmente, seu modelo de cuidado a seus filhos. Os relatos dos pais sobre terem aprendido suas atitudes cuidadoras nas experiências da infância, mostraram a identificação da criança com o adulto que cuida dela (SAGAN, 1988). A pesquisa mostrou que o cuidado recebido tanto pela mãe como pelo pai podem facilitar para que o homem se torne cuidador. Percebemos que independente do sexo do cuidador, e de terem sido criados predominantemente no modelo de maternagem exclusiva, estes pais puderam cuidar. Sem dúvida contudo, os pais que foram cuidados amorosamente por seus próprios pais tiveram facilitada sua experiência de masculinidade para também cuidarem. Pais cuidadores facilitam que novos pais cuidadores surjam em próximas gerações, mas esta não é uma condição para que os homens cuidem adequadamente de seus filhos (CHODOROW, 1990).

É interessante lembrar as palavras de Sagan (1988), de que o cuidado se forma no amor básico recebido em período bem precoce da infância, nas primeiras experiências de ser cuidado, antes da identificação sexual das crianças. Mesmo sendo cuidado por mulher, como vimos, os homens podem se tornar bons cuidadores de seus filhos.

Entre eles, contudo, houve quem não foi criado por seu pai, tendo vivido só com as mães:

Bem, nós tivemos uma vida muito difícil: a minha [família] com sete filhos. Meu pai trabalhava na aeronáutica, era um funcionário bem graduado na Aeronáutica e, por questões de bebedeira, de coisas, a minha mãe quis se separar dele, ele saiu da Aeronáutica... Ah! Eu tinha uns seis anos. E a minha irmã mais velha tinha doze. Então, ele saiu da aeronáutica; minha mãe, naquele tempo, pediu pensão, ele preferiu abandonar trinta anos de aeronáutica para não dar nada; para minha mãe custear os filhos que ele tinha com ela e, daqui para cá, a minha mãe batalhou muito para criar os sete filhos.

Isaiás, 50, desempregado, filhas de 18 e 20 anos

Eu sou filho da mãe mesmo. Só mãe né, que me criou. [...] Tive muita falta em determinados momentos, acho que até em muitas coisas hoje que se eu tivesse um, acho que um pai na hora pra me dar uma resposta com relação a isso, até me dar firmeza. É, algumas coisas estariam resolvidas hoje pra mim, mas isso aí já era.

Gustavo, 47, solteiro, programador visual, filhas de 14 e 23 anos

A ausência dos seus pais não foi impedimento para que assumissem o cuidado dos filhos. Devem ter se pautado no modelo recebido de suas mães. A grande questão que se coloca é quando os pais não foram bem cuidados na infância. Temos em Severino, que morou em colégio interno e que não tinha nenhuma referência familiar, e morava na rua com seus filhos.. Parece que seu cuidado surgiu como potencialidade humana, desperta pela necessidade percebida dos filhos, independente de sua experiência infantil.

### **7.5.3 Seus pais e mães no mercado de trabalho**

As mães cuidadoras e amorosas dos entrevistados, não corresponderam ao modelo hegemônico de representação da mulher voltada exclusivamente para o lar, que não corresponde à realidade de mulheres pobres, trabalhadoras em casas de outras famílias, impedidas de cuidarem de seus próprios filhos. Alguns entrevistados aprenderam a cuidar precocemente dos seus próprios irmãos, ou foram cuidados por eles:



Eu tive que adquirir muita responsabilidade. Eu tenho um irmão abaixo de mim, três anos e então, minha mãe, ela foi, durante a vida toda empregada doméstica, né? Hoje ela é aposentada. Então ela saía pra trabalhar, tipo seis horas da manhã, e só voltava oito horas da noite. E eu ficava, ia pra escola, me botava na escola e quando eu voltava ficava preso em casa com o meu irmão. Então, por exemplo, quando eu já tinha uns seis anos, então eu ficava tomando conta dele com três anos.

Gustavo, 47, solteiro, programador visual, filhas de 14 e 23 anos

Então ela sempre tinha que trabalhar muito, fazer muito malabarismo pra poder conseguir, é, trabalhar pra conseguir levar dinheiro pra ajudar na casa, e ao mesmo tempo ter a responsabilidade de criar e educar os filhos, né. Então, assim, dessa fase, o que eu guardo sempre foi fase de muito sacrifício, de muito trabalho, né, da parte dela. Trabalhava, trabalhava em casa né e trabalhava fora. Ela trabalhava de doméstica, assim, na, na grande parte da nossa infância. Uma das coisas que eu mais sentia é que, dela não 'tar ali perto. a gente acordava de manhã, ela, ela dava café pra gente, eu acho, saía e a gente ficava com a irmã mais velha que tomava conta de todo mundo, né. Ela tomava conta de todo mundo. Olha, eu acho que desde cedo ela trabalhou, mas o que eu lembro mais é do meu período assim de oito anos em diante, antes disso eu não me lembro bem.

Fernando, 42, separado, técnico de informática, filha de 10 anos

A falta das mães e dos pais, entre alguns entrevistados de famílias mais pobres, foi sentida com muita dor. Caracterizou a desigualdade social no cuidado, já que seus pais estavam absorvidos pelo mercado de trabalho:

De oito anos, nove, dez [anos] acho que é quando você sente muita falta assim. Me lembro bem que se passava assim: ficava sozinho em casa, né? Eu acho que isso é uma coisa ruim, assim, né. Preferia estar com um dos dois. Quando você está em casa sozinho não tem nem o pai nem a mãe, a gente sentia bastante. Sabe, sentia bastante, mas teve que entender que era necessário, era normal. Sentia falta de, da mãe mesmo, da proteção, do carinho que a mãe, porque a mãe tem perto de você ela transmite isso né, por mais que você tem uma irmã que olhe, que cuide, mas nunca é a mesma coisa. Olha, que eu lembre nos fins de semana, ela trabalhava até os sábados. Ela ficava com a gente em casa mesmo só domingo que ela ia fazer as tarefas dela todas de casa.

Fernando, 42, separado, técnico de informática, filha de 10 anos

A nossa vida foi difícil porque meu pai trabalhou na Nova América ali, tecelão. Se aposentou lá, né. Então, pra ter tantos filhos, as condições... As condições que ele conta, pra dar conta daquele monte de filho, roupa...Então já passei uma fase assim, entendeu. Às vezes, até passar necessidade dentro de casa. Não ter um arroz, um feijão, entendeu, mas não por causa do meu pai. Por causa de, né, que o meu pai sempre trabalhou e mantinha. Tinha um dia, entendeu, que a gente ia comer aquilo, aquilo e só tinha aquilo pra comer. Hoje nós somos o que, a maioria tudo funcionário público, todo mundo estabilizado na vida, entendeu. É uma coisa já doída desde pequeno.

Clóvis, 40, Sargento do Corpo de Bombeiros, filhos de 16 e 14, filha de 5 anos

Até os nove anos era difícil, porque éramos quatro filhos pequenos sabe. Às vezes meu pai, meu pai assim, tomava uma cervejinha e chegava tarde em casa. Minha mãe tinha que sair para fazer faxina na casa das pessoas. Aí a vida era difícil. Todo dia você comer arroz e feijão, arroz e feijão, arroz e feijão... É comida, eu sei, mas nós seres humanos temos que lutar pra poder comer melhor. Enfim, de ter uma boa educação também, não que meus pais não me deram nada disso na vida.

Ricardo, 31, representante de vendas, filha de 7 anos

Seus depoimentos mostram as dificuldades vividas por crianças pobres para terem o cuidado básico da alimentação e do aconchego amoroso dos seus genitores. Estes são prejuízos da distribuição desigual do cuidado na sociedade capitalista, em que as crianças mais pobres têm menos acesso ao cuidado que as mais ricas (HOTCHSCHILD, 2002 a, b, 2004, 2007).

Diferente dos mais pobres, Roberto, pai de classe média cuja mãe sempre trabalhou fora, contou sempre com o cuidado remunerado da babá, que se constituiu uma forte referência afetiva na sua infância:

Ela era a minha babá, até aos doze anos de idade e da minha irmã até mesma idade, minha irmã cinco anos a menos que eu, desde do nascimento da minha irmã até os oito anos de idade da minha irmã e me pegou com dois, três anos de idade e foi até os meus doze anos.

Roberto, 37, solteiro, gerente financeiro, filho de 12 anos

Contudo, apesar da ausência para o trabalho, os pais não deixaram de perceber o amor de seus genitores:

É uma família, também, é unida, né cara, assim, nas dificuldades, em tudo. Porque pai e mãe vivo, então o que acontece, a gente sempre se reunia um final-de-semana, um domingo praticamente, um almoço.

Clóvis, 40, Sargento do Corpo de Bombeiros, filhos de 16 e 14, filha de 5 anos

Minha mãe sempre muito trabalhadora também, muito amorosa com os filhos, foi com muito sacrifício pra poder criar os filhos que a gente vivia numa situação muito precária.

Fernando, 42, separado, técnico de informática, filha de 10 anos

Trabalhar fora foi compreendido como cuidado e de carinho de sua mãe e do seu pai. Este entendimento do trabalho fora de casa como cuidado com os filhos, também foi encontrado no estudo com jovens americanos de ambos os sexos, que entenderam que trabalhar fora é cuidado com os filhos (GERSON, 2002). Para a classe pobre, no entanto, as mulheres sejam provedoras como os homens não é uma novidade. Em muitos lares pobres, as crianças fiquem sem seu convívio dos pais e circulam entre apoios de vizinhos e familiares (FONSECA, 2001). Este dilema entre trabalho e cuidado não se trata de uma questão nova de gênero entre pobres.

A experiência de crianças sozinhas em casa, provocou a aprendizagem precoce de muitas tarefas domésticas nas suas infâncias. Esta foi uma experiência bastante valorizada por eles:

Então, eu fui adquirindo forçadamente algumas responsabilidades e algumas qualidades que eu acho legal hoje, tipo cozinhar, lavar, passar e o escambau a quatro. Eu acho que, sinceramente, não tem coisa melhor do que você passar com esse aspecto, né. Pra mim hoje é muito bacana, sob o ponto de vista pessoal.

Gustavo, 47, solteiro, programador visual, filhas de 14 e 23 anos

Mesmo sem ter tido o aconchego diário com seus pais, estes pais foram capazes de assumir o cuidado de seus filhos. Entre alguns desses cuidadores, contudo, houve queixa de que não foram bem cuidados na infância.

A ausência é uma coisa muito ruim, porque a ausência ao longo do tempo... Eu cobro isso do meu pai e cobro da minha mãe. Às vezes eu até cobro conversando, sabe? Que os meus pais tinham que ter imposto mais regras. O meu pai tinha ter pegado firme comigo, porque toda a criança gosta de limites. A gente não demonstra. Hoje eu sou adulto, mas a criança quer alguém que se preocupe com ela. E, eu fui criança, hoje eu sou um adulto e, por ser um adulto hoje, tudo aquilo que eu queria pra mim ou que eu não queria, eu faço pela minha filha, eu cobro mesmo.

Ricardo, 31, representante de vendas, filha de 7 anos

A minha infância, por exemplo, eu fui criado num colégio interno [...]. Saí de lá direto por quartel. Eu já não dei essa sorte de ser com pai e mãe não, já fui mesmo no colégio interno.

Severino, 54, vendedor ambulante, filhos de 7 e 5 anos

Outras foram as fontes de cuidado ao longo de suas vidas:

É, doída pelas coisas que você passa na sua vida de filho. Então, tu passou por aquilo ali, tu não deseja que teu filho passe. Entendeu? É uma coisa difícil. Pô, eu tive um cunhado que foi um pai também pra gente. Ele que bancava os nossos estudos. [...] Ah, eu tinha de sete até eu terminar o meu segundo, o meu primeiro grau. Me ajudou muito, em matéria de comprar livro, incentivou.

Clóvis, 40, Sargento do Corpo de Bombeiros, filhos de 16 e 14, filha de 5 anos

Eles [seus pais] não me privaram de eu viver coisas boas, muito pelo contrário: “A dona Fátima tem condições de dar uma coisa melhor para meu filho, deixa ele ir sim”. Foi aonde eu aprendi, que as vezes nosso pai, a nossa mãe não tem condições. Aí eu deixei o carrinho com um amigo meu do supermercado e fui na casa dela. Desse dia então em que eu comecei a frequentar a casa dela, nunca mais saí. Eu fui criado lá também, porque né, aqui as coisas eram muito difíceis. Na casa dela tinha piscina, ela estava sempre saindo para ir algumas festinhas, me levava junto com ela e a criança quando ela tem uma referencia de alguém que te trate bem, ela está sempre presente, tá sempre perto, porque ela de certa forma, ela está ganhando alguma coisa. E hoje eu vejo o que eu ganhei.

Ricardo, 31, representante de vendas, filha de 7 anos

A comparação com outros modelos de cuidado permitiu seus questionamentos do que receberam na infância e a procura por outros modelos:

Hoje, hoje eu sou um bom pai, um chefe de família, graça das pessoas com quem eu convivi nesse tempo. Não tem dinheiro que pague isso. Eu sou uma pessoa realizada profissionalmente, sabe, estruturada. Você está aqui na minha casa e você pode perceber. Então, uma criança que as vezes na parte da tarde não tem um pão para comer, quando se tem... até meus nove anos. Hoje eu me dou o luxo de chegar na minha casa e poder escolher.

Ricardo, 31, representante de vendas, filha de 7 anos

Esta possibilidade de busca de outros modelos além dos pais se mostrou presente independente da classe social, como testemunhado por pai de classe média, cujos avós eram mais carinhosos que seus pais:

Pesquisadora – Quem você se lembra que era carinhoso fisicamente com você na infância?

Roberto - Meus avós paternos. Primogênito, primeiro neto. ‘Troca o Claudinho que ele fez xixi nas minhas costas’ [seu avô]. Morrendo de felicidade, sabe? Então, esse carinho, essa lembrança do que é uma criança dentro de uma família, só me trazia felicidade, só me trazia emoção boa, eu não podia deixar. E aí eu co-relaciono com os três primeiros meses de vida dele [filho], de que tinha alguma coisa dentro de mim de que a vida dele dependia, não era só basicamente, eu acho que era quase totalmente de eu abraçar essa causa. Ele está aqui hoje.

Roberto, 37, solteiro, gerente financeiro, filho de 12 anos

[ML1] Comentário:

Trata-se do questionamento dos modelos recebidos na infância, para formulação de sua própria forma de viver (SAGAN, 1989). Assim, as pessoas procuram e constroem modelos internos para se inspirarem, quando precisam cuidar e não têm modelos infantis positivos.

#### 7.5.4 Deus como modelo

Em algumas entrevistas, Deus apareceu como fonte de cuidado para eles mesmos, porque os cuida permanentemente:

Deus me abençoou bastante porque devido à vida que eu tenho, de qualquer de alguma forma, eu sempre tenho uma saída, eu sempre tenho uma solução, eu consigo...

Ricardo, 31, representante de vendas, filha de 7 anos

Depois que a minha esposa faleceu, eu sofri uma mudança radical, radical, da água para o vinho. O que me fez mais é... sentir essa mudança e desejar essa mudança e fazer com que eu mudasse foi quando Deus mostrou que ele estava comigo, do momento que minha esposa...que eu fiquei doente e minha esposa faleceu Deus falou assim: “Eu estou contigo sem ninguém precisar me falar. Porque você por mais que tenha uma vida de tribulações de sofrimento como eu tive e tive a experiência que ele em momento algum me abandonou, eu estava desenganado pelos médicos e hoje estou aqui.

Jonathan, 37, desempregado, filha de 5 anos

A minha fé, ela que me dá sustentação, ela é meu complexo vitamínico. E isso é importantíssimo, porque os valores, nós estamos atravessando uma fase que os valores estão invertidos não é? Você tem observado que o que é errado é certo e o que certo é errado, não é? A sociedade está passando por um processo deteriorativo. A política você já viu como é que está né, a pessoa só quer sabe de si, mas não quer repassar. Então, eu acho que o caminho de todo ser humano, de todos nós é esse. Nós fazemos a ligação, Que a bíblia fala que o está ligado na terra está ligado no céu, O que está desligado na terra está desligado

José, 51, gari comunitário, filhos de 17, 14, 11 e 9 anos

A compreensão de que Deus cuida deles, sugere também que as experiências religiosas podem facilitar a expressão da potencialidade humana inerente a cada um para o cuidado. Outra possibilidade de entendimento é a percepção dos pais de sua conexão com uma fonte cuidadora, interna, entendida por eles como divina.

Concluimos esta seção, percebendo que os pais não caracterizaram uma tipologia quanto ao cuidado recebido na infância, que justificasse seu envolvimento com o cuidado com os filhos. Contudo, é significativo que em sua maioria, tenham vivido com ambos genitores e tenham sido mais cuidados por mães, num modelo tradicional de família. Mesmo sem terem sido cuidadores antes e com histórias de sofrimento com relação ao cuidado recebido na infância, puderam se organizar para o cuidado, motivados pela situação de crise. A motivação e a situação de crise despertaram comportamentos de cuidado entendidos por eles como fruto da espontaneidade pessoal, ou vividos anteriormente na relação com seus genitores, irmãos, amigos, ou tendo como fonte sua relação com Deus.

A busca de outros modelos de cuidado, além das suas próprias famílias, encontrados em diferentes pessoas de sua história e em Deus, sugere que a busca pelo cuidado seja intrínseca ao viver. O cuidado pôde surgir até mesmo em condições de miséria material e falta de convívio familiar na infância. Cuidado apareceu como potencial humano, inerente a cada um de nós para a manutenção da vida (HEIDEGGER, 2004; BOFF, 1999; AYRES, 2001; EPICTETO, apud FOUCAULT, 1985).

Poderíamos dizer que há em cada um de nós, uma capacidade de busca e conexão com alguma fonte de cuidado que nos alimente psiquicamente, para cuidarmos dos filhos. Como disse um dos pais: “É, filosoficamente, a gente existe pra buscar a felicidade” (Leonardo, 46, produtor cultural, filhos de 24 e 14 anos). Seria um impulso de busca de estados de melhor

qualidade de vida, num movimento permanente para o amor e para o bem-estar (AFONSO, 2005; ALBERTINI, 2006; BELLINI, 1993; REICH, 1981; VOLPI, 2004).

## **7.6 O trabalho de cuidado**

### **7.6.1 Desempenho de múltiplas tarefas**

Os pais e começaram a desempenhar tarefas domésticas e cuidadoras com que não se ocupavam antes. A grande maioria relatou que desempenhava todas as funções de cuidar: o trabalho doméstico, a educação dos limites, o acolhimento amoroso e o cuidado com a vida material dos filhos. Isto ocorreu tanto entre aqueles que moravam sozinhos, quanto entre os que têm apoio social de parentes, vizinhos ou empregados:

Eu acordo, acordo minha filha pra ir pra escola, arrumo ela, vejo as coisas dela porque ela, nesse ponto ela é muito dependente. Vejo uniforme, vejo sapato, cobro ela pra ela arrumar o material... [...] Então, eu levanto, dou, ajudo ela a se vestir, se arrumar, preparo o café que ela toma de manhã. Minha mãe costuma levantar um pouco mais tarde. Eu preparo o café, compro pão. A merenda dela normalmente compro no mesmo dia. Aí ela toma café, eu levo ela na escola, eu faço questão de levá-la. Aí depois eu volto, termino de me arrumar e saio [para o trabalho].

Fernando, 42, separado, técnico de informática, filha de 10 anos

Acordava às seis da manhã porque eu pego às oito da manhã no trabalho. Colocava a Dayse para tomar banho, primeiro ela. Enquanto eu ia tomar banho, já colocava o meu cafezinho para poder passar; tomava meu café da manhã. Meu café é café puro, pretinho; mas, quando ela passa pela cozinha para vir trocar de roupa, eu já preparava o cafezinho dela: Nescau, um pão com margarina, ou um queijo se tivesse. [...] E, vinha me cuidar enquanto ela estava tomando café, sem uniforme, é claro, para não se sujar. Quando ela acabava de tomar o café da manhã, eu já tava pronto, porque ela é meio vagarosa. Sete e meia eu descia, porque ela pegava oito horas na escola, ou seja, todo dia eu chegava atrasado no trabalho, mas meu chefe já sabia que eu chegava atrasado no trabalho...

Ricardo, 31, representante de vendas, filha de 7 anos

As tarefas de casa, Arrumar, fazer comida.. É, normal. Faxina, era comigo. Era comigo, eu que fazia a comida. Às vezes deixava pronto pra minha irmã. Era só esquentar.

Clóvis, 40, Sargento do Corpo de Bombeiros, filhos de 16 e 14, filha de 5 anos

Agora eu estou novamente vivendo pra eles. Acordo de manhã, faço o café, chamo eles pra escola, passo roupa, faço comida, boto a comida deles, compro café, faço pão, vou trabalhar. O segundo fica aqui, eu digo: “olha você fica aqui que eu vou trabalhar, quando for meio dia eu tou voltando. Aí você vai pra escola. Aí quando ele vai pra escola que eu chego, os outros estão chegando. Aí de noite eu faço arroz, faço feijão deixo na geladeira e eles esquentam e estou levando minha vida, a vida continua, porque eu não posso para né,

José, 51, gari comunitário, filhos de 17, 14, 11 e 9 anos

Hoje eu cuido dela de uma maneira assim: dou banho, arrumo, dou almoço, sei fazer comida, levo no parque, levo para escola, vou buscá-la.

Jonathan, 37, desempregado, filha de 5 anos

Eu faço comida também. É eu que faço e congelo. Faço no dia de domingo. Faço feijão, congelo o feijão, feijão de baiano arretadão mesmo, aquele feijão show de bola, eu congelo numa vasilha Ziplock para poder... Que o microondas sustenta e não passa resíduo para comida. Ela janta comigo, na minha casa. Eu que faço a comida na hora para ela. Faço um arrozinho fresquinho... Aí no almoço, quando eu estou em casa... Sexta feira já deixo um arrozinho pronto que é pra esquentar... Mas eu também que arrumo a minha casa; eu que ponho os tapetes para sacudir; eu que tiro o pó do móvel... Eu que varro a casa, eu que faço tudo, quase tudo.

Ricardo, 31, representante de vendas, filha de 7 anos

Mas eu tive que ir lá e re-aprender a fazer os exercícios de Matemática e fazer, fazer, fazer. Eu entrava sábado, nove horas da manhã: ‘Acorda, tomar café, vamos sentar e estudar de nove até a uma, a uma eu vou servir o almoço, a gente sai, aí almoça, volta as duas meia, volta a estudar e só para as sete horas da noite ou quando terminar o exercício’. E, era assim até o último exercício, o cara [o filho] passou com nota.

Roberto, 37, solteiro, gerente financeiro, filho de 12 anos

Foram muitos os depoimentos das atividades diárias nas rotinas de trabalho doméstico e de cuidado dos filhos com saúde, higiene, vestir, instrução e educação de valores. O corre-corre destes pais constitui a rotina comum às mulheres no cuidado de filhos e da casa. Trata-se de uma rotina pesada, que se soma ao trabalho fora de casa.

Vários pais mostraram se preocupar em treinar seus filhos, nas rotinas de trabalho doméstico, tanto por preocupação com a sua educação, quanto pela necessidade de cooperação:



Eu falo pra ele: “Ó meu filho você tem que fazer café, você tem que fazer as coisas, porque um dia você vai levar pra vida toda, Eu não vou tá aqui, mas onde você tiver você vai se defender, Ai o outro ali já faz ovo, já faz café, ele já mexe no fogão! então se papai demora muito você esquentar o fogão tira, pega o café e bebe, pega o trocado vai e compra o pão, Às vezes o papai demora por causa do serviço e eu estou sempre passando pra eles a certeza que eles podem se desenvolver, podem acreditar neles mesmos.

José, 51, gari comunitário, filhos de 17, 14, 11 e 9 anos

Às vezes, sim, que eu peço, eles lavam ali mais a área pra mim. Naquele dia que ela não tava, falei: “Vamos fazer uma faxina geral aqui, que vai vir uma doutora aqui fazer uma entrevista comigo”. Ele lavou a cozinha, eu lavei o banheiro, o outro passou pano aqui, lavou o outro quarto. Tinha umas roupas que tirou da corda, tava tudo ali. Ele pegou e dobrou e deixou em cima da taboa de passar roupa.

Clóvis, 40, Sargento do Corpo de Bombeiros, filhos de 16 e 14, filha de 5 anos

Alguns entrevistados tinham apoio para os trabalhos domésticos, tais como o preparo da alimentação, higiene, faxina ou condução dos filhos à escola. Este apoio era proveniente de pessoas remuneradas ou de mães ou irmãs com quem moravam. Estes pais relataram ter uma vida menos sobrecarregada do que aqueles que cuidavam literalmente sozinhos. Não se ocupavam tanto com os afazeres com a casa e seu cuidado era mais voltado para as funções ligadas à relação com os filhos: proteção, orientação educacional, acolhimento amoroso e disciplina. Vejamos o relato de um desses pais:

Eu trabalho o dia inteiro e, normalmente eu chego em casa tarde né, quando eu chego em casa e aí ela já, minha mãe já, quem cuida dela durante o dia mesmo é a minha mãe. Dá almoço, bota pra tomar banho né, bota pra explicadora né, e dá uma punição quando tem que dar. E quando eu chego em casa ela já jantou normalmente né, ‘tá vendo televisão...Chego oito e meia, nove horas, às vezes até mais tarde. [...] Ela sempre me espera pra poder dormir, eu chego lá, a gente fica um pouquinho junto né, converso aqui com ela e ela vai dormir. [...]A gente, é, junto a gente é, a gente vê televisão, a gente fica no computador, às vezes eu ensino alguma coisa quando ela pede, ‘tá com alguma dúvida, a explicadora de repente não conseguiu passar pra ela, ou sei lá, uma vez ela até nem falou com a explicadora. Aí eu, eu tento ajudar no que eu posso né, final de semana algumas vezes a gente sai, vai no shopping, vai no cinema, eu algumas vezes a gente sai, passa um dia junto, passe... passeando né, não é muito comum, há falta de tempo.

Fernando, 42, separado, técnico de informática, filha de 10 anos

As tarefas domésticas estavam presentes em suas vidas de maneira menos sobrecarregada:

Eu cozinho. Eu dou banho. Eu sei fazer, que eu gosto de cozinhar. Eu cozinho qualquer coisa, desde camarão, rabada, feijoada. Eu cozinho pros meus meninos, a gente cozinha juntos. Sábado, domingo a gente vai pra cozinha.

Filipe, 43, advogado, filhos de 7 e 5 anos

A comparação entre aqueles com ou sem apoio social para o cuidado dos filhos, nos remete à discussão da sobrecarga vivida por muitas mulheres pobres que não têm nenhum apoio para o trabalho de cuidado com os filhos e ainda trabalham fora. Este pais enfrentavam desafios materiais comuns à muitas mulheres que cuidam de filhos, sem apoio social (OLIVEIRA, 2003; HOCHSCHILD, 2002, 2002 a ; FONSECA, 2001). A falta de apoio na estrutura social é também um fator que também dificulta que homens assumam o cuidado paterno (HAMMER, MARCHIORO, 2002). Trata-se da desvalorização social do cuidado, tarefa não considerada como prioritária para a qualidade de vida humana e do planeta (BOFF, 1999). José, 51, Clóvis, 40,

Os pais relataram várias situações de plantões noturnos para o cuidado de doenças das crianças. Estes relatos não serão expostos aqui, por não caracterizarem especificidade ou diferença da rotina diária comum de cuidado de filhos, vivida também pelas mães.

Chamou a atenção a habilidade Isaías ao cuidar da filha de 18 anos, com mielomeningocele. A doença parece facilitar que os homens transcendam os estereótipos de masculinidade tradicional e abracem a oportunidade para o cuidado mais íntimo e envolvido com seus filhos. A possibilidade de homens lidarem bem com o cuidado de doentes tanto físicos, quanto mentais, e se desprenderem dos estereótipos da masculinidade, também foi percebida em outros estudos (CHANG, WHITE-MEANS, 1991; ROSA, 2000, 2003; TRONCHIN, TSUNECHIRO, 2006 TOMA, 2003; MCNEILL, 2007; NEIL-URBAN, 2002; CLARKE, 2005; CAMPBELL, MARTIN-MATTHEWS, 2000; RUSSELL, 2007; MURRAY, 1996).

Entre esses estudos, encontramos que os que homens podem lidar com facilidade com cuidado de doentes físicos e mentais, com menos estresse que o apresentado entre as mulheres (CHANG, WHITE-MEANS, 1991; ROSA, 2003).

## 7.6.2 Diferentes estilos de cuidar

Foram percebidos diferentes estilos dos pais cuidarem, mostrando que o jeito de um homem cuidar varia de acordo com sua personalidade, independente de serem todos do mesmo sexo. Roberto por exemplo, se percebe muito mais metódico e controlador do que a sua namorada na educação dos filhos:

Eu fiz um mapa para ele, um mapa de tarefas e de horários para ele fazer de segunda a sexta, da hora que ele acorda, fechando o ciclo, seis horas, você tem higiene até seis e trinta; seis e trinta a sete horas você tem que trocar de roupa; as sete quinze, aí tem todas as matérias: segunda, terça, quarta... Matemática, Português... Hora do intervalo, aí eu tenho cores para diferenciar hora que é lazer, hora que é alimentação, hora que é estudo, hora que é transporte, vai para o Inglês na parte da tarde, chegou, almoçou, tanto tempo para almoçar, tanto tempo para descansar depois do almoço, tudo dirigidinho. A Simone [namorada do pai]ela vê isso, ela fica louca, ela odeia esse tipo de planejamento, mas pra mim é assim.

Roberto, 37, solteiro, gerente financeiro, filho de 12 anos

Traços de personalidade dos pais foram marcantes na sua experiência com diferentes atividades com os filhos. Os depoimentos indicaram que a maneira de cuidar não depende do sexo e está mais afeta aos traços de personalidade das pessoas. AS tarefas foram entendidas de diferentes maneiras pelos pais. Temos o exemplo de Sebastião que não se via com jeito para pentear a filha e Jonathan que tinha descoberto sua grande habilidade de pentear cabelo de menina.

Apesar do interesse da pesquisadora de buscar entender as formas específicas de cuidado exercido pelos pais, não houve nada que chamasse sua atenção como uma diferença de gênero na maneira de cuidar. Este resultado nos remete ao estudo sobre raciocínio de cuidado que mostra que os traços de personalidade podem ter mais influência que o gênero (SÖCHTING et al, 1994). Homens e mulheres podem se constituir de diferentes maneiras,

num encontro entre os desejos, personalidades e ditames sociais (CHODOROW, 1999; CROSS, MADSON, 1997).

Nas conclusões da pesquisa desenvolvida sobre pai no parto (CARVALHO, 2001, 2003), a pesquisadora afirmara com base em Villa (1999), que é necessário pensar formas de paternidade que não sejam cópias da maternidade e sim questões específicas colocadas por eles em relação à vida e ao desenvolvimento de suas crianças. No entanto, o que foi percebido é que os pais têm estilos diferentes de conduzir suas relações com seus filhos, não caracterizando uma forma masculina de cuidar.

O fato do trabalho de campo não ter indicado as especificidades esperadas na maneira de cuidar, chamou a atenção da pesquisadora e sugere duas possibilidades de compreensão. A primeira é que os homens cuidam de maneira semelhante às mulheres porque foram em sua maioria cuidados por elas, ou porque esta é a maneira hegemônica de cuidado. Outra possibilidade de compreensão é o fato de que estes pais desempenham todas as tarefas de cuidado pela falta de outra pessoa para dividir as tarefas com eles. Este resultado se diferencia do estudo com pais e mães dividindo o cuidado nos EUA, já que entre estes, havia diferenciação de tipo de tarefas desempenhadas por pais e mães (EHRENSAFT, 1987), o que não ocorria na experiência dos entrevistados.

A constatação de que grande parte dos entrevistados não divide o cuidado, pode ser questionada com a pergunta: os pais gostariam de dividir essas tarefas com alguém? A resposta se encontra no próprio campo, pois aqueles que tinham dinheiro, atribuíam os trabalhos domésticos a empregados e ficavam com as tarefas mais psicológicas na relação com os filhos.

### 7.6.3 Acolhimento e referência amorosa

Os pais mostraram ser referência para acolhimento amoroso das suas crianças e adolescentes:

A criança quer o afeto, não é o que tem na loja e quer comprar, ela quer o afeto, quer a companhia, quer escutar. É o que o Severino fala “você não está escutando”. “tô igual a você na televisão”. Que ele quer que você pare, você está escrevendo, eu tô escrevendo, tô culpado, aí fala alguma coisa, você tem que para prestar atenção. Ele acha que, é isso que eles querem.

Atenção.

Leonardo, 46, produtor cultural, filhos de 24 e 14 anos

Conversamos sobre tudo, sobre tudo. Sobre sexo, sobre namorada, sobre o colégio, sobre as coisas dele. Ele me conta muita coisa.

Lúcio, 54, massoterapeuta e advogado, filho de 17 anos

Veja bem, eu percebo [necessidade do filho]. Por exemplo ele quase não pára em casa, quando eu falo com ele: “Não pai, que eu vou ali, eu estou ajudando aqui o vizinho”. Quando não é isso, ele que ir para a rua, porque ele não quer ver a mãe dele, por exemplo, ela fica deitada, só quer ficar dormindo, às vezes fica sentada, às vezes, pensando na vida. Então ele fica se preocupando com ela [a mãe], entendeu? E também para ele ir para o colégio à noite, eu tenho quase que carregar ele para o colégio, ele não está querendo estudar, não está deixando, desleixando, entendeu? Eu falei: “Rapaz, mais tarde vai ser... é o teu futuro ...[...]” Por isso que eu estou falando, aos pouquinhos que eu estou vendo que eu não tenho como forçar, de repente, pode até ser pior, eu estou tentando dar umas oportunidades para ele, para chegar a ter mais objetividade, mais vontade.

Clóvis, 40, Sargento do Corpo de Bombeiros, filhos de 16 e 14, filha de 5 anos, que cuida dos 3 filhos e da ex-esposa

Porque agora meu pai e minha mãe já fez a parte deles, eu vou fazer a minha, porque eu tenho uma responsabilidade, porque eu tenho que repassar pra eles segurança, tenho que repassar pra eles a certeza de que a vida continua.

José, 51, gari comunitário, filhos de 17, 14, 11 e 9 anos

Este acolhimento amoroso não se mostrou dificultado pela diferença sexual entre pai e filha.

Normalmente, se tiver alguma coisa que não 'tá legal, ela é muito de se abrir, de falar. Principalmente pra mim. Que como é, a ligação dela mais forte é comigo. Se alguma coisa não 'tiver legal ela diz que quer conversar. E chama pra conversar, fala, entendeu? Ela não é muito de guardar não. Eu acho que com a avó ela é mais resguardada né, ela não tem a mesma abertura, sabe. Porque ela sabe que como pai eu 'tô mais pre..., embora não esteja mais próximo fisicamente, assim em casa, mas 'tô mais perto, mais pronto pra assim, pra ouvir, até por questão de idade também, a minha mãe como ela tem mais idade, ela já tem já assim a cabeça... Então a, a ligação dela maior é comigo mesmo. Eu acho que por ser pai, por 'ta mais próximo, demonstrar assim também compreensão, a gente tem, procura ter uma relação de companheirismo, entendeu?

Fernando, 42, separado, técnico de informática, filha de 10 anos

Quando a Patrícia ficou mocinha foi ano passado. A minha cunhada trabalhava aqui pra mim cuidando deles. Foi num dia de sábado. Cheguei [do trabalho] e aí eu falei: “Vou sentar aqui pra comer”. E ela lá no banheiro: “Papai vem aqui”! “Ah, Patrícia, papai tá cansado, papai não vai aí não, papai não vai não.” Deitei no sofá. “Pai vem aqui”! A Vera tá aí a minha cunhada : “Vai lá ver essa garota. Tá chata, trancou no banheiro”. Pra você vê como é que é as coisas: a minha cunhada aqui, mãe de várias filhas, e ela me chamou. “O que é que é, papai tá cansado” “Pai eu acho que aconteceu aquele negócio comigo” [imitando a voz da filha]. Aí eu joguei pra vê : “Vai dizer que a minha filha ficou mocinha...” “Ah, pai, para tem que comprar o negócio então” [imitando a filha] Aí rimos aqui, a minha cunhada encarnou: “Foi chamar o pai pra falar”. Mas o engraçado foi há 2 meses atrás quando a Rita ficou. Eu tava aqui preparando pra buscar o Lucas, eu tinha vindo do trabalho, e aí elas chegaram mais cedo. A Rita sempre foi uma moleca, a Rita é uma moleca, entendeu? Chegou, eu tava saindo: “Que bom vocês chegaram, eu vou buscar teu irmão e vocês adiantam alguma coisa pro almoço aí”. “Pai senta aí um pouco que eu quero te contar um negócio. Aí me assustou: “Você não sabe o que aconteceu”. Aí eu falei: “O que que houve menina?” Fiquei assustado. “Fiquei mocinha na escola” [imitando a voz da filha baixinho] Eu ri muito. Ela é cômica. Ela é muito engraçada, cômica. Então, elas abrem assim um pouco comigo.

Jerônimo, 50, vendedor de peixe, filhas de 12 e 11, filho de 8 anos

O cuidado das filhas é reconhecido também como um desafio por homens cariocas em outro estudo (BEZERRA DA SILVA, 2005). No entanto, poucas foram as dificuldades relatadas pelos entrevistados para o cuidado com as meninas.

Todos os pais se colocaram como referências principais dos seus filhos, apesar da presença de outras mulheres que os apoiavam no trabalho doméstico e de cuidado. Isto ocorreu até mesmo no caso Leonardo, que morava com uma nova companheira. Apenas Heleno, pai jovem que tinha uma grande dependência financeira dos pais, relatou constrangido, sofrer interferência da sua mãe na educação da filha. Já os outros dois casos de

pais que moravam com familiares, Roberto e Fernando, que eram mais velhos e havia menor dependência financeira, não se queixaram de desrespeito na sua orientação com seus filhos.

A experiência destes pais indica que se deve discutir conceitos psicológicos que privilegiam as mulheres como mais habilitadas para a construção da personalidade das crianças, já que os homens também podem exercer adequadamente as funções cuidadoras (RIDENTI, 1998).

#### **7.6.4 Atenção permanente e simbiose**

Como são os principais responsáveis com o cuidado, os entrevistados relataram viver com uma atenção e preocupação constantes com os filhos, mesmo quando se afastam para o trabalho ou para o lazer:

Quando eu estou no meu trabalho, Maria Luiza, sabe o que acontece? Eu pego, terça feira, quatro horas da tarde, eu faço quinhentas coisas ao mesmo tempo no meu trabalho, eu sou responsável por muita coisa mesmo. E, aí eu pego: ‘O que está acontecendo agora? Aí, eu pego, olho pro lado, porque o mesmo mapa [quadro de atividades do filho] que ele tem, eu tenho colado do meu lado. Ele agora está no Inglês, está se transportando, eu pego o celular: ‘Está saindo daí agora? E não sei o que, como é que foi a aula de Inglês’. Ele sabe exatamente que eu sei aonde ele está, o que ele está fazendo. Isso é uma segurança que ele tem impressionante, entendeu?

Roberto, 37, solteiro, gerente financeiro, filho de 12 anos

Eu não consigo ficar sem aquelas crianças. Eu não consigo. Eu ligo toda a hora pra minha mãe pra saber como é que ta. Toda hora ligando. “E aí, como vai essa galera? Ta assim, ta assado... E aí, já fez o dever de casa, Lívia? Faz que quando eu chegar eu quero ver.” Sabe, é tempo todo assim mesmo. É uma coisa assim que deu certo.

Clóvis, 40, Sargento do Corpo de Bombeiros, filhos de 16 e 14, filha de 5 anos

Pesquisadora: E quando você estava no trabalho e a sua filha estava aqui, como é que você ficava?

Ricardo: Preocupadíssimo. Já houve dia de eu ir trabalhar e chegar aqui, minha filha estar dormindo sozinha e a minha madrasta, dia de sábado, por exemplo, quando ela está aqui em casa, ela fica sozinha...Porque não tem escola. E a minha madrasta [mora ao lado] quando ela acorda, ela é dorminhoca ela, ela acorda por volta de nove e meia, dez horas. Eu chego meio

dia, uma hora. Ela [a filha] está aqui dormindo, minha madrasta vem, põe café pra ela. A minha filha é uma moça, minha filha fica no sofá sentada, vendo televisão... esperando eu chegar.

Ricardo, 31, representante de vendas, filha de 7 anos

Ele [um amigo]: Poxa, como é que fica a tua cabeça nesse período que você tá fora trabalhando com essas crianças? Aí eu falei: “Ué, rapaz, eu telefono toda hora tento monitorar por telefone, tá por dentro do que está acontecendo, já controlo até briga deles por telefone: “Dá o telefone pra fulano, quando papai vai chegar faz isso, faz aquilo, eu fico trabalhando mais no controle, um controle que a gente pode fazer, entendeu? Pra eles não se sentir abandonado no período, as vezes eu pego 5 hora chego em casa 11 hora mais ou menos. Como o serviço tá fraco tenho chegado 10 hora, 9 e meia, mais quando o serviço tá forte chego 11 horas, meia noite. Então eu chego por telefone mando eles fazerem isso, aquilo...”

Jerônimo, 50, vendedor de peixe, filhas de 12 e 11, filho de 8 anos

Esta preocupação constante ocorria até mesmo entre aqueles que moravam com familiares e deixam seus filhos com parentes em quem confiam:

A gente [ele e a filha] se fala várias vezes por dia, porque ela ‘tá sempre me ligando, aí eu ligo pra cá querendo falar com ela, durante o dia a gente ‘tá sempre em contato. Ela liga pro meu celular, e fala: “Ah pai...” Ela liga às vezes por besteira, só pra você sentir que ela ‘tá por ali, entendeu? Então, pelo menos umas três vezes por dia, às vezes até mais, a gente ‘tá se falando. Eu ‘tô sempre ligando pra casa também... Tem preocupação, mas... eu procuro entender como coisa normal e como eu acho que é ela ‘tá bem cuidada em casa né, aí não tem nenhuma preocupação assim a mais não. Sabe, eu sei que aqui ela ‘tá bem cuidada, ela ‘tá segura, eu fico absolutamente tranquilo. Eu ligo porque acho que às vezes ela precisa né, é, é, é assim, que a gente demonstre preocupação, porque ela liga eu respondo também entendeu? Eu ligo pra dizer ó ‘tamos aqui, como é que ‘tá, ‘tá tudo bem, já almoçou?

Fernando, 42, separado, técnico de informática, filha de 10 anos

Eu já saio assim: “Pô será assim, será que ela tá chorando, como é que ela tá? Eu fico lá no coral mais doido pra vir pra casa, mais aí eu chego aqui e ela tá bem que a minha mãe... A minha mãe gosta dela demais e tal. Então eu fico tranquilo nessa parte que eu sei que todo mundo gosta dela né, mais preocupado no sentido de pena. [...] Às vezes, ela está dormindo e ela acorda, já acorda chorando, cadê meu pai? cadê meu pai? Mas eu acho também muito assim, porque quando a minha esposa ficou internada ela foi internada em 31 de dezembro e não voltou mais. Então qualquer saída que eu dou, ela já fica, pô, será que meu pai... Na outra Sexta-feira eu precisei ir no médico, então ela pensou que eu não ia voltar, A minha mãe falou que ela ficou aqui chorando enquanto eu não cheguei. Comecei sair e falar que ia resolver um problema e tal e contornar a situação. E ela começou a aceitar e tal e ela tava vendo que eu comecei a retornar.

Jonathan, 37, desempregado, filha de 5 anos, 37, desempregado, filha de 5 anos



Jonathan contou ainda, que ainda não via condições, após quase um ano de morte da sua esposa, de voltar a trabalhar, pois não sentia segurança para deixar a filha com a avó que era idosa e surda.

Os relatos destes pais se diferenciaram daqueles presentes no estudo de Ehrensaft (1987), que mostrou que os homens que dividiam igualmente o cuidado dos filhos com as mães, não se perturbavam tanto preocupados com os pequenos quando estavam no trabalho, como suas companheiras faziam. A presente pesquisa indica que quando há apenas um cuidador, o homem desempenha todos os papéis e desta forma, é a referência de segurança e amorosidade dos filhos. Mesmo à distância, mantêm-se ligados mentalmente nos filhos, porque não têm outra pessoa com quem dividir essa preocupação. As diferenças percebidas no comportamento de homens e mulheres com relação ao cuidado, são portanto, construídas pelas situações vividas, como mostraram estudos com raciocínio de cuidado (JAFFE, HYDE, 2000; LAVELL, 2002).

A simbiose afetiva que caracteriza tanto relações entre mães e filhos, pode ser encontrada entre pais cuidadores sós. Um fato chamou a atenção da pesquisadora: a frequência com que os pais dormem junto com seus filhos pequenos, até cerca de 7 anos, de ambos os sexos, independente de ter espaço ou não na casa. Trata-se pelo visto, de um hábito de aconchego amoroso que estes homens oferecem aos seus filhos: “A gente dorme juntos, a minha cama é uma cama de casal” (Ricardo, 31, representante de vendas, filha de 7 anos). São vários os relatos, como este, que tratam do fato dos pais dormirem junto com seus filhos: “Tem uma cama, cama de casal. Quer dizer, tinha outra cama, meus filhos quando passa férias lá, ficava lá, nas camas. Mas não tinha necessidade dela dormir na cama sozinha. Ela sempre dormiu comigo” (Clóvis, 40, Sargento do Corpo de Bombeiros, filhos de 16 e 14, filha de 5 anos). “Ali tem uma bicama... Tem 2 camas, da Patrícia e da Rita aqui e ele dorme na cama

de casal comigo ele, ele dorme na cama de casal comigo aqui dentro” (Jerônimo, 50, vendedor de peixe, filhas de 12 e 11, filho de 8 anos).

A experiência de dormir junto foi encontrada em diferentes classes sociais, tanto entre pais morando em casa simples com sala e quarto na favela, como com pai morando em condomínio de luxo, com casa com mais de 20 cômodos:

A gente..., a gente tem toque de pele... A gente dorme junto, a gente toma banho junto, a gente sai junto, a gente viaja junto, a gente come junto, entendeu. Agora é que eu to começando a manter mais uma distancia, por exemplo a noite, eles só dormiam, agora a noite a mocinha sobe com eles, ai eu subo, deço, pra eles não ficarem dormindo só com a minha presença, Mas eu to aqui em baixo, que tem que começar a desvincular isso, que isso é muito bonitinho, muito gostosinho, mas começar a refletir em cima deles. Então isso é uma coisa que me preocupa muito, isso que eu te falo, isso é... Isso é intuitivo gente, isso é qualquer pessoa tem que se preocupar com os filhos.

Filipe, 43, advogado, filhos de 7 e 5 anos

O dormir junto não se tratava portanto, de uma falta de camas, mas uma forma de acolhimento amoroso tanto para o filho quanto para o pai. Com o crescimento dos filhos, alguns destes pais começavam a providenciar para que as crianças durmissem sós: Na hora de dormir eu deço, eu venho jantar, pra eles poderem dormir sem eu estar junto, só dormiam no meu braço” (Filipe, 43, advogado, filhos de 7 e 5 anos). Vejamos outro depoimento:

Agora que eu estou botando eles pra dormir sozinhos mesmos. Só queriam dormir agarrados comigo, porque era um hábito que eles tinham com a mãe. A minha casa tá toda ruim, então só tem um quarto. Quando eles dormem eu levanto e vou para o sofá. Só que eu agora eu tô direto no sofá. “Não, vocês vão dormir aí sim. Os dois vão dormir aí.” Até conseguindo ela chora e tal, mas eles estão dormindo sozinhos hoje. É que eu tenho essa necessidade de fazer esse afastamento também. Estou querendo dar um jeito.

Sebastião, 45, agente comunitário, filha de 7, filho de 5 anos

A preocupação com a separação na hora de dormir é voltada para o amadurecimento dos filhos e para o bem-estar deles mesmos. No entanto, na casa de Lúcio, pai de um adolescente que estuda fora, tornou-se hábito dormir com o pai no fim de semana:

Não sei, eu acho que é uma proximidade, que é uma cumplicidade...A casa tem dois quartos, mas ele prefere dormir lá comigo. Até hoje ele dorme comigo. De manhã, eu vou lá levar Nescau para ele, ele fala: “Que bom! Lá no colégio eu não tenho isso”. “É moleque, vai se acostumando”.

Lúcio, 54, massoterapeuta e advogado, filho de 17 anos

Podemos concluir que a formação de vínculo intenso e referência emocional dos filhos não é privilégio das mães, podendo ocorrer também com pais. A intimidade amorosa muito comum entre mães e filhos, e até mesmo a simbiose afetiva que caracteriza tanto essas relações, pode ser encontrada entre pais cuidadores sós e seus filhos. Não se trata do sexo do cuidador, mas da responsabilidade principal com o cuidado. Este resultado sugere o questionamento da representação da paternidade, nos meios psicológicos, apenas como promotora da disciplina e dos limites.

O mais impressionante depoimento de proteção paterna foi de Severino, que morou na rua e vivia debaixo de uma escada num casarão invadido, atento à segurança dos filhos enquanto dormia:

Eu boto eles perto de mim. E, quando você está como um criança na rua, você dorme, mas o teu cérebro fica atento de uma tal maneira que qualquer barulhinho você se liga. E eu falava pro meus filhos: ‘Qualquer movimento que vocês ver, ficar apanhando vocês no colo, vocês olha, vocês se liga.

Severino, 54, vendedor ambulante, filhos de 7 e 5 anos

Severino comentou ainda sua preocupação constante com a proteção da sexualidade de sua filha pequena, diante de estranhos na vida na rua:

[Um homem que iria ajudar:]”As crianças podem ficar, mas ele não”. Aí eu falei assim: ‘Olha, eu não vou deixar porque tem menina, eu não sei porque você está deixando as crianças e não está deixando o pai, aí porque o pai embarrera. Tem mãe que deixa o cara ficar com brincadeira com a menina dele. O pai não, não aceita nem em sonho. Até depois de grande o pai tem ciúme da filha. Agora, tem mãe que topa, o cara ficar comendo ela e coxeando a garota, tem mãe que topa isso e gosta, chega empurra a garota. Agora, o pai, não vem com essa saliência não que ele mete a mão no sacana. Agora, tem mãe que deixa...

Severino, 54, vendedor ambulante, filhos de 7 e 5 anos

A ausência das mães facilitou para que estes pais tenham se colocado tanto no lugar de acolhimento amoroso quanto de educação de limites. As funções de acolhimento, muito entendidas como femininas, não estão portanto, vinculadas ao sexo do cuidador e sim à tarefa. É interessante notar que mesmo quando os filhos têm o convívio diário com as avós que cuidam das rotinas de alimentação, pegar na escola, enfim várias práticas diárias, os pais relataram serem eles mesmos as referências afetivas para os filhos. Estes pais desempenhavam todas as funções, como pode acontecer com mães que criam seus filhos sozinhas, mesmo que tenham a colaboração de familiares e empregados. Após a amamentação, a divisão de funções no cuidar portanto, não tem base na biologia e é fruto da divisão do trabalho entre os casais.

Devemos considerar ainda, que mesmo quando os entrevistados foram cuidados por seus pais, alguns de seus pais eram mais amorosos que as mães e estas eram mais disciplinadoras. Seus depoimentos sobre suas infâncias, somados à experiência de forte referencial amoroso dos entrevistados, nos permitem questionar o entendimento tradicional dos pais apenas como modelo de autoridade, representantes do poder dentro de casa, referência principal para a aprendizagem da disciplina. Esta compreensão é pautada no modelo autoritário e distante da paternidade. Refere-se ainda à compreensão de que o respeito, aprendido na relação com genitores, se constrói na distância afetiva. Revela numa cisão entre amor e respeito. A discussão de representações tradicionais da paternidade poderá contribuir para a crítica à divisão sexual do trabalho e à representação social de que os homens são distantes de seus filhos. Tais críticas podem contribuir para a compreensão do raciocínio moral de cuidado, sem que se perpetue a dominação sobre as mulheres e os estereótipos de gênero (GERSON, 2002; MCMAHON, 1999).

Para a inserção dos homens no cuidado, há necessidade portanto, de revisão de conceitos tradicionais de gênero presentes nas teorias sobre maternidade e paternidade. Desta

forma, poderá se contribuir cientificamente para reformulação de práticas institucionais que legitimem o cuidado paterno. Os pais podem ser entendidos como capazes do desempenho tanto de funções de acolhimento quanto de organização dos limites, na formação da personalidade da criança. Esta reflexão é necessária para o estímulo à cooperação entre homens e mulheres no cuidado com os filhos, um grande desafio para ambos os sexos.

## **7.7 Desafios no cuidado sozinho**

Além do enfrentamento dos padrões de gênero que prescrevem homens não cuidadores, os pais enfrentaram as dificuldades da responsabilidade pelos filhos, de maneira solitária.

### **7.7.1 Filho como prioridade**

Em todos os casos, os pais necessitaram reorganizar suas vidas, colocando os filhos como prioridade:

Pedro teve uma alteração radical de uma hora pra outra e aí mudou eu junto [...] Nessa época eu tinha uma flexibilidade maior porque eu era dono de loja. Eu fazia o meu horário. [...] Se eu precisasse, assim: ‘olha, funcionária, você fica aqui faz isso’. Delegava as coisas e ia cuidar do meu filho, sentava com ele no chão a fim de estudar, estudar, estudar. Saía mais tarde de casa para ir para a loja e ficava com ele estudando, estudando, estudando.

Roberto, 37, solteiro, gerente financeiro, filho de 12 anos

Lúcio, que não tinha constituído uma casa desde a separação conjugal, rapidamente se reorganizou: “Ele tinha nove [anos]. ‘Tá bom filho, então eu vou ter que estruturar a minha

vida toda'. Porque eu morava meu compadre, né? Aqui no Caju. Eu não tinha... sei lá... nada de casa, né? (Lúcio, 54, massoterapeuta e advogado, filho de 17 anos)

A maneira como cada um estruturou a vida para cuidar dos filhos, variou de acordo com suas condições materiais de vida e de apoio familiar. Filho se tornou prioridade, um desafio enfrentado na tarefa assumida sozinho:

Você morar sozinho envolve você focar a sua vida pra criança. E aí você tem aquela coisa de não apenas ter a responsabilidade de escola, levar, buscar, alimentação. É, alimentação correta. Obrigatoriamente os passeios no fim de semana em espaços abertos. Pela idade, como é pequeno você tem que levar pra passear. Aterro, zoológico, essas coisas todas.

Leonardo, 46, produtor cultural, filhos de 24 e 14 anos

Mesmo com graves dificuldades financeiras e sem emprego, alguns assumiram o cuidado, evidenciando o grande significado da responsabilidade pelos filhos:

Como eu não estava trabalhando, ela [mãe] falou uma vez para mim assim, no dia que ia receber pagamento: “É, hoje eu vou receber o pagamento, você me espera que quando eu chegar nós vamos pagar a casa, vamos fazer as compras, coisa e tal. Você me espera”. Eu falei: “Tá bom”. Aí eu fiquei com as meninas o dia todo. [...] Quinze dias depois ela me apareceu. [...] Aí começamos a discutir. Aí ela falou que eu tinha que morar na rua com as meninas: “Quero mais que você vá morar na rua com as meninas”. Eu falei para ela que eu não ia morar na rua com as meninas, enquanto eu tivesse forças eu ia lutar e tanto que eu estou aí, não morei na rua.

Isaiás, 50, desempregado, filhas de 18 e 20 anos

Eu chorava de raiva, chorava de raiva porque ficava os meus filhos numa pindaíba desgraçada. E o Cuca Fresca, eu vendia um, dois no máximo por dia. Tinha que ver a despesa das crianças, porque se pedir [esmola] não é sempre que ganha não. Às vezes, não ganha ou, às vezes, não ganha no tempo hábil. Assim, está na hora do café, tu não ganha na hora do café, já está dando a hora do almoço e tu ainda não tomou o café.

Severino, 54, vendedor ambulante, filhos de 7 e 5 anos

Como vemos, para alguns, estas mudanças implicaram em situações dramáticas: Severino saiu de casa para morar na rua, Isaiás não voltou a trabalhar para cuidar de filha doente. Outros não viveram situações tão graves, mas relataram mudanças importantes na vida profissional: Jerônimo e Roberto diminuíram muito sua carga horária de trabalho, e

Gustavo abriu mão de oportunidades profissionais. Roberto e outros, largaram projetos pessoais, como estudar, para priorizarem os filhos.

### 7.7.2 Divididos entre o trabalho e a casa

Os pais passaram a se dividir entre os trabalhos fora e dentro de casa, reorganizando horários e rotinas para atender às necessidades dos filhos.

Já peguei criança no colo pra ir trabalhar, cara, recém nascida, entendeu? Aí é, mas isso foram já nos primeiros meses, aquela coisa todinha. Aí a coisa ficou insuportável e ela disse que ia morar com, com... Ela ia sair, morar não sei aonde, não sei o quê, que ia embora, ia deixar a minha filha pra mim criar. Falei “pô cara, também fiz né, agora já era”. A minha vida, entendeu? Só que agora eu tinha duas mochilas, pra onde eu ia eu tinha duas mochilas.

Gustavo, 47, solteiro, programador visual, filhas de 14 e 23 anos

Vou às sete da manhã [para o trabalho], volto meio dia pra almoçar. [...] Aí quando for uma hora volto e quando for três e vinte volto definitivamente. E no sábado trabalho até meio dia. Aí de sábado pra domingo, eu estou em casa. Aí eu assumo [a preparação da comida].

José, 51, gari comunitário, filhos de 17, 14, 11 e 9 anos

Passaram a ir trabalhar divididos, preocupados com os filhos: “Quando eu estou no trabalho estou pensando neles. É, fico preocupado porque eles estão sozinhos aqui (José, 51, gari comunitário, filhos de 17, 14, 11 e 9 anos. Armam esquemas para que os filhos possam procurar a ajuda deles, na ausência no trabalho, como José relatou: “Quando eu saio pro trabalho, eu falo assim: ‘Qualquer coisa pega a bicicleta. Tu pega a bicicleta e vai lá. Papai está lá no setor de trabalho’. Neste caso, o pai trabalhava no mesmo bairro onde residia, o que facilitava sua participação na vida dos filhos:

Uma vez eu estava lá trabalhando e outro pegou a bicicleta. Aí a mulher que trabalha comigo: ‘Seu filho lá. [o filho:] ‘Pai acabou o gás’. Aí eu fui lá no chefe: “O senhor me dá licença? [Seu chefe:] ‘Vai lá’. Aí fui, comprei o gás e botei o gás que era pra eles ‘terminá’ de fazer o feijão”.

José, 51, gari comunitário, filhos de 17, 14, 11 e 9 anos

Mas esta não foi a situação vivida pela maioria dos pais que trabalhavam longe de casa. José, 51, 54, Essa divisão entre casa e trabalho prejudicou os filhos, pois nem sempre os pais podiam estar na escola na hora programada:

Ela já estava com quatro, cinco anos, Coitada. Ela teve muitas dificuldades. Às vezes eu tava em Ipanema. Elas saíam às cinco horas daqui do Brizolão. Tava dando cinco horas, tipo assim: “Ih, caramba, não dá tempo de eu chegar a tempo”.

Gustavo, 47, solteiro, programador visual, filhas de 14 e 23 anos

Outro prejuízo percebido foi a dificuldade de terem horários para terem tempo para a convivência amorosa entre pais e filhos:

Na Bayer era todo dia [de trabalho]. Não tinha sábado, domingo, não tinha nada. Eu saía de casa meio-dia, voltava meia-noite e pouca. O mesmo tempo que eu tinha em casa, o pouco tempo que eu tinha, eu tava cansado, ou tinha que fazer alguma coisa. Alguma coisa pro meu pai, eu tinha que fazer. Ai então não tinha muito tempo pra ficar com ela não.

Heleno, 30, técnico de informática, filha de 7 anos

Tenho que olhar caderno. Tenho que saber de tudo, pesquisa e esses negócios .. Quer dizer que você começa a estudar junto com as crianças. Começa a fazer uma viagem lá atrás, tá entendendo? E às vezes sem tempo. Uma viagem gostosa, é uma viagem que eu gostaria de estar viajando com eles, mas o tempo não permite que eu faça essa viagem totalmente.

Jerônimo, 50, vendedor de peixe, filhas de 12 e 11, filho de 8 anos

A limitação de horário criada pelo trabalho gerou dificuldades para a própria educação de limites dos filhos:

De você talvez não saber lidar muito bem com a situação, não saber brigar na hora certo ou como brigar ou o que fazer ou, ah uma vez ou outra você perde a cabeça. Esse dia, por exemplo, eu dei um tapinha nela e depois pra, não sei se era pra consertar a situação, eu levei ela lá e peguei o DVD, né. Sério e pra manter a postura, mas também: “Ó, a gente vai lá, mas amanhã você, você já sabe o que aconteceu hoje. Amanhã você não repete isso”. E também porque eu ia pro trabalho e, como dizem, o pai não tempo pro filho e quer dar uma outra coisa pra preencher esse tempo.

Heleno, 30, técnico de informática, filha de 7 anos

Nessa corrida entre o trabalho e a casa, a falta de tempo apareceu como a maior dificuldade para o cuidado:



Pesquisadora – Você vê diferença entre forma de homem cuidar, entre cuidado de pai e cuidado de mãe?

Jerônimo – Não há diferença. Eu digo da minha parte, por exemplo, a questão até mais de tempo. Porque se eu tivesse mais tempo, eu cuidaria até melhor, eu cuidaria até melhor

Jerônimo, 50, vendedor de peixe, filhas de 12 e 11, filho de 8 anos

A falta de tempo é mais significativa como fator dificultador, do que o gênero do cuidador. Estes pais viveram os mesmos dilemas das mulheres “multiplicadas e divididas”, tensas entre a casa e o trabalho (ROCHA-COUTINHO, 1998, 2003; HOCHSCHILD, 2002 a; GERSON, 2002). Esta tensão é fruto das desigualdades sociais e da falta de valorização da vida dos trabalhadores, que são obrigados a se alienarem dos seus sentimentos e preocupações com os filhos. Precisam contar com a compreensão dos seus chefes, sem proteção legal, para se ausentarem em função das necessidades dos filhos. Entre todos os entrevistados, apenas Ricardo relatou receber apoio no local de trabalho para cuidar de sua filha:

Todo dia eu chegava atrasado no trabalho, mas meu chefe já sabia que eu chegava atrasado no trabalho... [...] E, nessa época, eu tinha um bom relacionamento com o meu supervisor [...]. E as pessoas me respeitam muito por isso no meu trabalho; por que era um pai presente, um pai dedicado ao filho. [...] Eu sempre falava: “Olha, eu tenho a minha filha, não posso chegar tarde em casa”. E eles tinham reunião na empresa e eu tinha que coincidir da Dayse sair da escola seis e meia ou sete horas.

Ricardo, 31, representante de vendas, filha de 7 anos

Este foi também o único pai que relatou receber apoio de creche para o cuidado diário de sua filha:

A empresa que eu trabalho é uma mãe. A empresa para o funcionário que tem filho de três a sete anos, paga uma escola no valor de um salário mínimo, E essa escola era o dia todo, era uma creche-escola: uma creche-escola com educação na parte da manhã, creche na parte da tarde, mas na parte da tarde tinha recreação, ou seja, com dias alternados: piscina, um dia era jazz, o outro era balé. Então, ela teve uma boa escola para estudar num período em que eu precisei muito.

Ricardo, 31, representante de vendas, filha de 7 anos

Mas mesmo neste caso que se diferencia da experiência dos outros pais, houve sacrifícios para não perder o emprego:

Eu levei a minha filha doente para trabalhar comigo na Páscoa. Meu chefe me sufocando, eu a ponto de perder o emprego, eu não tinha com quem deixar, a minha madrasta não estava em casa, eu não tinha ninguém. Fui numa clínica, levei, mediquei ela e levei ela para trabalhar comigo. [...] Eu podia até não ir, era domingo, eu não sou obrigado a trabalhar domingo, mas era uma época de maiores vendas: Páscoa. Mas são os benefícios que a empresa me dá que faz com que eu, às vezes, engula muito sapo, por ter ela, minha filha...eu sinto essa necessidade porque eu preciso trabalhar e na obrigação de que eu tenho uma filha para sustentar.

Ricardo, 31, representante de vendas, filha de 7 anos

O mundo do trabalho não considera o cuidado e a necessidade das pessoas trabalhadoras. O dilema entre cuidado dos filhos e o trabalho implica numa necessidade de apoio estruturado da sociedade ((BOFF, 1999; OLIVEIRA, 2003; HOSCHILD, 2002,2004). Salários baixos e a falta de programas públicos costumam dificultar o exercício da paternidade (HAMER, MARCHIORO, 2002).

### 7.7.3 Apoio familiar e de empregados

Na falta de estrutura social, a vida dos entrevistados é cheia de compromissos, que se dividem basicamente entre o cuidado com os filhos e o trabalho. Esta foi uma das dificuldades encontradas para a realização das entrevistas, pois não tinham horário livre do trabalho remunerado e do cuidado com os filhos. Como em sua grande maioria não recebiam pensão das mães para ajuda nas despesas dos filhos, eram os únicos provedores, fator que pesa no dilema em ter que conciliar trabalho com a tarefa de cuidar.<sup>35</sup>

alguns pais contaram com apoio de familiares para que pudessem se ausentar para trabalhar: Quando eu ia trabalhar, minha irmã é que tomava conta dela. (Clóvis, 40, Sargento do Corpo de Bombeiros, filhos de 16 e 14, filha de 5 anos). Para alguns, morar com seus

---

<sup>35</sup> Apenas Isaías, cuja filha era deficiente física, recebia pensão da mãe e do Estado, porque ele dedicava todos o tempo para cuidar dela.

pais foi a solução, embora reconhecida como insatisfatória, diante das dificuldades financeiras:

Ah, [morava com os pais] porque não tinha condições financeiras. E o que guia a gente é sempre o dinheiro mesmo. Se eu tivesse uma casa... Eu não tenho uma casa. Eu não tenho condições de pagar um aluguel, eu não tenho condições de pagar alguém pra cuidar dela, ou uma creche.

Heleno, 30, técnico de informática, filha de 7 anos

Entre as soluções encontradas, houve a situação de alguns pais que foram morar com parentes para acomodar a vida dividida entre trabalho e casa:

Fui morar com a minha mãe, aí ela me entregou as crianças. Um tinha seis, outro tinha quatro anos. Nessa época, minha mãe era viva, né? Aí cuidei deles até dez anos, um dez e outro doze.

Clóvis, 40, Sargento do Corpo de Bombeiros, filhos de 16 e 14, filha de 5 anos

E aí [fui morar] com a tia, porque teve uma época que eu fui trabalhar num horário até as duas da manhã, uma ou duas da manhã. Era na compensação de cheques, porque tinha o adicional noturno. E aquilo me liberava a parte do dia, pra poder cuidar do garoto. Então essa opção de morar com a tia, foi em função desse período noturno. E aí ia trabalhar, jantava e ia trabalhar. Ficava com ele pouco. Botava ele na cama mas, ele tava dormindo. Mas de qualquer maneira sabia que tinha pessoas de plena confiança tomando conta.

Leonardo, 46, produtor cultural, filhos de 24 e 14 anos

Entre alguns, os familiares ou vizinhos que ajudavam, recebiam pequenas remunerações pelo trabalho de cuidado:

Sempre tive ajuda dos meus vizinhos, da minha madrasta: “Por favor, pega a Dayse pra mim que eu vou me atrasar”. Minha madrasta fica com ela até eu chegar, almoça na casa da minha madrasta, fica lá brincando com os meus irmãos. [...] Quem arruma a minha casa é minha madrasta que me ajuda. Dou uma graninha pra ela, não pago como deveria pagar. Então, eu estou sempre molhando a mão dela. Porque eu acho que se eu fosse pagar, não tem preço, porque é mais com amor do que pela obrigação.

Ricardo, 31, representante de vendas, filha de 7 anos

A presença de cuidadores substitutos e conhecidos, garantia para uns, uma tranquilidade necessária à dedicação ao trabalho, enquanto outros se mantinham preocupados com os filhos:

Ela estando aqui, eu fico tranqüilo. Minha mãe é nervosa mas ela tem as coisas de, muito preocupada, de querer cuidar bem. Então eu fico tranqüilo. Eu saio tranqüilo, eu vou pro trabalho tranqüilo. À noite eu saio e também fico tranqüilo porque ela está bem.

Heleno, 30, técnico de informática, filha de 7 anos

Ficar preocupado de ter que deixar o meu filho com outra pessoa, embora eu confiasse muito na minha cunhada. Mas você fica sempre preocupado dele se machucar, que eu tinha um cuidado muito grande com ele.

Lúcio, 54, massoterapeuta e advogado, filho de 17 anos

A dificuldade dos pais para se organizarem entre atenção à família e ao trabalho, é similar à das mulheres na dupla-jornada, que muitas vezes, precisam deixar seus filhos com parentes para poderem sustentá-los (FONSECA, 2001; HOCHSCHILD, 2005). Entre os pais, o peso maior de ser o provedor associado à sua identidade masculina, cria um conflito intenso entre essa identidade e o cuidado:

A gente que é homem, entendeu, a gente tem que trabalhar. Eu acho assim, a gente tem que trabalhar, dar o sustento né, correr atrás, né. O homem fica muito preso. Então, mas aí eu vou ter que, eu vou ter que modificar minha vida toda. Por exemplo, eu quando me separei, eu tava sozinho. Eu trabalhava nas minhas folgas, entendeu? Eu não posso fazer outro serviço fora do meu porque eu tou com essa responsabilidade.

Clóvis, 40, Sargento do Corpo de Bombeiros, filhos de 16 e 14, filha de 5 anos

Nesta situação de Clóvis, que não pode pegar serviços extras e em outras, com outros pais, o cuidado sozinho trouxe a inviabilidade para estar presente ao trabalho: “Ah! Eu ficava com ele. Muitas das vezes, a minha cunhada não podia ir, eu faltava o trabalho, ficava com ele” (Lúcio, 54, massoterapeuta e advogado, filho de 17 anos). Vejamos outros relatos:

Duas vezes um cliente esteve aqui no Rio de Janeiro, ligou pra mim e falou: “Olha, eu estou no Rio de Janeiro, vem me apresentar aquela história que eu estou querendo há um tempão que você me apresente, pra mim mandar pra lá. Eu falei “Tá legal”. Aí eu tinha a grana da passagem. Mas, se eu fosse, aí tinha a história delas, no sentido de quem ia ficar [com as filhas].

Gustavo, 47, solteiro, programador visual, filhas de 14 e 23 anos

No momento que ela está precisando de mim, não é que eu não queira [trabalhar]. Eu com uma filha dessa, não vou querer trabalhar para sustentá-la, para dar o de melhor? Mas é momento que

ela está precisando de mim. E eu tenho que cultivar este momento, até as coisas começarem a se desprender. Ela vai fazer 6 anos, 7 anos e as coisas, vão, fluir naturalmente. De repente eu vou, arranjo um emprego qualquer, deixo a minha filha jogada. A minha mãe é deficiente auditiva, 80 anos de idade, ela não tem condições de levar a minha filha na escola, de trazer, fazer comida, arrumar, dar banho tudo ao mesmo tempo. Por exemplo, eu arranjo um emprego de 8 às 5, a minha mãe não tem condições de acordar, fazer comida, dar banho nela, botar ela para escola, botar para fazer dever. Eu não vou estar no trabalho tranquilo, eu vou saber que ela está chorando.

Jonathan, 37, desempregado, filha de 5 anos, 37, desempregado, filha de 5 anos

Os pais passaram a enfrentar maiores dificuldades financeiras por não poderem assumir a quantidade de trabalho que tinham antes de assumirem o cuidado dos filhos:

Por exemplo, eu quando me separei, eu tava sozinho. Eu trabalhava nas minhas folgas, entendeu? Eu não posso fazer outro serviço fora do meu porque eu tou com essa responsabilidade.

Clóvis, 40, Sargento do Corpo de Bombeiros, filhos de 16 e 14, filha de 5 anos

A observação das condições das residências e os relatos dos pais evidenciaram as maiores dificuldades financeiras enfrentadas na dedicação ao cuidado dos filhos:

Eu estou passando por uns maus momentos ainda. A minha geladeira escangalhei tem que mandar consertar e a máquina de lavar quebrou essa semana. E a máquina de lavar quebrou essa semana, na sexta-feira eu levei na casa dessa suposta namorada duas bolsonas de roupa pra ela lavar e ela lavou tudo, inclusive eu tinha que ir lá buscar. [...] Mais a luta é essa: você vê a casa precisa de reparo. Você não tem... Ou você alimenta bem... Uma coisa que você pode dar de qualidade pros seus filhos é o de comer no momento é uma boa qualidade de alimentação.

Jerônimo, 50, vendedor de peixe, filhas de 12 e 11, filho de 8 anos

Pra mim o lance é o seguinte. Vai ter uma hora que eu vou ter que largá-los com alguém. Porque eu tenho que viver, eu tenho que viver. Porque eu preciso arrumar uma forma de quitar essas dívidas pra poder ajeitar o quarto que eu fiz pra eles. Com minha mãe, ou eu pagar uma pessoa pra ficar com eles, pra eu trabalhar, que eu tenho que continuar porque isso que eu estou ganhando não está dando. Eu não consigo mover uma palha... Aquela casa está com um problema. Quebrou um cano dentro. Às vezes eu chego em casa e casa está cheia de água. Sobe e dá vazamento. É muita coisa ainda que eu tenho que fazer então eu vou ter que arrumar um terceiro bico aí, uma coisa pra eu fazer pra ganhar dinheiro de verdade. O do Observatório [ong] é por amor mesmo, sacou? Isso aí não dá pra nada. Da prefeitura é porque eu sou funcionário, porque se não eu já teria chutado o pau da barraca. E eu preciso, eu tento fazer o melhor pra eles.

Sebastião, 45, agente comunitário, filha de 7, filho de 5 anos

Os entrevistados também mostraram o dilema entre os estudos para melhoria da carreira profissional e o cuidado. Apenas para quem teve apoio de seus próprios pais, teve a possibilidade de as duas atividades:

Então, ela veio, mas não veio morar comigo, porque eu não tinha o tempo. Mas eu também não podia deixar ela continuando naquela situação de sofrimento. Eu achava que deixar com a mãe era muito pior pra ela, do que ficar com os meus pais. Ela tinha um quarto montado [na casa dele], onde ela não ia. De vez em quando, ia passar um final de semana, passava uns dias comigo, mas passava a maior parte do tempo com os avós. Essa situação perdurou-se por algum tempo. Terminei o curso, fiz uma outra atividade, um outro curso que esse daí era obrigatório por causa da carreira que eu tinha que fazer.

Alfredo, 39, oficial PM, divorciado, filha de 14 anos

O processo de correr do trabalho doméstico para o remunerado, criou para a maioria deles, com maiores dificuldades financeiras, o esgotamento físico e descuido de si mesmos:

Há um tempo atrás assim, até que cuidava [de si] mais. Hoje em dia ando meio de..., entendeu? Até pra ir pro hospital pra ver minha perna, entendeu? Eu digo “ah não vou não, tenho que fazer isso, isso e isso”. [...] Tem que cuidar dos filhos. Mas aí você não tá cuidando de você. Não tá tendo lazer e também não ‘tá cuidando de você. E podia ‘tá, por exemplo, eu tenho que ir no dentista, meu dente quebrou, entendeu? Eu ‘tou com o dente quebrado aqui, né. Já não fui no dentista também.

Clóvis, 40, Sargento do Corpo de Bombeiros, filhos de 16 e 14, filha de 5 anos

Trata-se da falta de cuidado de si, própria das mulheres sobrecarregadas e doentes em consequência da dupla e muitas vezes, da tripla jornadas (AQUINO, MENEZES, ). Este é muito discutido como típico do gênero feminino, mas que precisa ser compreendido dentro da discussão da desvalorização do cuidado com a vida humana, seja dos filhos, seja dos trabalhadores.

### 7.7.4 Dificuldades para relacionamento social e amoroso

O trabalho de cuidar sozinho, criava também para estes homens, dificuldades para o lazer e relacionamento social, já que os pais só podiam sair se tivessem com quem deixar os filhos:

Eu quase não participei de ensaio por que sair, que tem que fazer. Aí eles não param né. Hoje começa o ensaio [da escola de samba mirim], mas eu vou deixar pra ir lá, mais para o finalzinho. Quando começa o ensaio eu vou ter que dar um jeito. Aí tem que deixar com alguém, mas... Por isso que eu queria até me desligar por causa disso, mas aí eu falei: me desligar aí do samba aí já é demais. É cobrar muito de mim. E eu gosto. [...] Eu sinto falta. Eu não saio mais. Eu não costumo deixar final de semana. Só se for uma coisa urgente. Se tiver mesmo que sair, como eu fui ao teatro. Me convidaram pra ver essa peça “Opera do Malandro” Pagaram ingresso, aí eu fui e deixei, mas eu não gosto muito não.

Sebastião, 45, agente comunitário, filha de 7, filho de 5 anos

A minha vida inteira, tanto que eu sou solteiro até hoje, a minha vida inteira foi aniversário de criança, parque de diversão, foi viver em intuito da minha filha.

Ricardo, 31, representante de vendas, filha de 7 anos

É percebida uma resistência a deixar com outras pessoas, quando o motivo é seu próprio lazer e a própria vida amorosa:

Não gosto porque é um problema meu mesmo. Acho que não tem que deixar com os outros, a não ser como um caso desses. Uma necessidade... Acho que não é por aí. Acho que se você assume um lance, você tem que levar aquela coisa. Eu sou o pai e mãe deles. Eu que tenho que ficar vinte e quatro horas mesmo fazendo a paredinha. Olha só, quando eu vou namorar, eu deixo com a minha mãe. Deixo sábado assim, mas domingo de manhã eu estou pegando. Já chego de onde eu tiver que... Se tiver namorando eu [para a namorada:] “Tchau, vai com Deus, beijinho...” E desço. Pego eles e levo pra casa. Eu evito ao máximo de ocupar as pessoas.

Sebastião, 45, agente comunitário, filha de 7, filho de 5 anos

A maioria dos entrevistados relatou o desafio de construção de novas relações amorosas, embora alguns estivessem com novas relações. Apenas Leonardo não descreveu dificuldades,

considerando até que os filhos facilitavam relações com namoradas, já que passou a frequentar lugares onde iam muitas mulheres com crianças. Neste caso, mais uma vez, vemos que a experiência de cuidador só foi facilitada pela condição social do pai. Leonardo ia com o filho para um clube, onde podia unir seu lazer ao do filho:

Porque lá tinha atividade de natação e futebol que ele gostava. Tinha atividade de parquinho, quer dizer, tinham festas, essas coisas. Sempre tinha coisas com crianças, entendeu. E, claro, você sabe que quando você tá no coletivo, você tá, você tá ali pra caçar e ser caçado. [...] Aí, quando ele descansava, geralmente, esse ficar sozinho, eu juntava o útil ao agradável. Indo pra clube você tem isso. Você está sentado numa mesinha você tá vendo a criança. E tá tomando a sua cerveja e tá batendo o seu papo. Entendeu? Dá pra conciliar, o clube dá isso, tá num ambiente seguro.

Leonardo, 46, produtor cultural, filhos de 24 e 14 anos

Constatamos contudo, que a maioria dos pais teve poucas namoradas após a separação ou viuvez. Os viúvos, Jonathan e José, estavam sozinhos fazia um ano e quatro anos, respectivamente. Entre os separados, havia quem estivesse sem companhia em períodos de 3 a 18 anos. Dois já tiveram namorada, 2 relataram estar namorando na época da entrevista e 1 conta ter uma relação com uma mulher, em casas separadas, que na época da entrevista, ele chamou de “ficante”<sup>36</sup>:

Só que eu já tava aposentado dessas coisas, dessa bagunça. Já tava, não achava. Meus colegas, meus amigos passavam: “Pô cara, qual é, rapaz?” E coisa e tal. ”Bota mulher lá, rapaz. Sai disso”. E coisa e tal, mas eu tava mais preocupado com as crianças, com os meus filhos. Esse vai e vêm, essas brigas e tal. Então quando chegou em 2001, eu arrumei uma namorada. Passei um tempão sem namorar ninguém, sem dar sequer um beijinho na boca. Aí em 2001, arrumei uma namorada de uma idade também, cascuda. Ficamos vivendo uma vida. Ela lá na casa dela eu aqui, quando ela vinha aqui dormia aqui e quando eu lá dormia na casa dela.

Jerônimo, 50, vendedor de peixe, filhas de 12 e 11, filho de 8 anos

O fato dos entrevistados terem sido selecionados para a pesquisa por morarem sem novas companheiras, pode ter influenciado a presença destes depoimentos de maiores dificuldades para relações amorosas. Eles atribuíam essas dificuldades a diferentes

---

<sup>36</sup> Ficante na gíria significa pessoa com quem se tem relação amorosa sem compromisso de namoro ou casamento.



fenômenos. Um deles foi a falta de tempo para o lazer gerada pela responsabilidade com os filhos.. Outra dificuldade era o medo de se decepcionarem de novo com as mulheres, que poderiam não valorizar sua experiência de pai cuidador:

É, tipo assim, é quase que um babaca [visto pelas mulheres], né? Então, isso eu vi muito no olhar das mulheres com relação a isso. É, mas aí era um tipo de mulher também, né, quando eu digo um tipo de mulher no sentido do pensar, entendeu? Por outro lado também, poxa, surgiram uma legião de coisas assim surpreendentes assim, né. “Ah, é você que é o Gustavo Guto?” “Sim, sou eu” “Ah, cadê suas filhas?”

Gustavo, 47, solteiro, programador visual, filhas de 14 e 23 anos

No entanto, este pai pôde viver tanto a desvalorização, quanto a valorização pelas mulheres, da sua experiência de paternidade. Muitos deles relacionaram o fato de estarem sós, à dificuldade de escolha de namorada que cuidasse bem dos filhos:

Eu estou cansado sim [de ficar sem companheira], mas também não quero ninguém na minha casa. Pintou uma pessoa aí, não quero, não quero mesmo. A pessoa tem três filhos também, não vai dar certo. É da idade dos meus... Sabe, eu sou chato, e pelo que eu percebo da pessoa ela também é. Ela nunca vai ser... Ela vai ser sempre a favor dos filhos dela e eu dos meus...

Sebastião, 45, agente comunitário, filha de 7, filho de 5 anos

Depois que a minha esposa morreu não [teve relação amorosa]. Tô solteirão mesmo, por que ...Por opção, por opção minha mesmo, porque eu estou esperando, assim uma espera. Não aquela espera de ficar sentada de perna pra cima. Mas eu tenho certeza que Deus vai colocar uma pessoa na minha vida que vai ser uma mãe pra ela, que vai respeitá-la, que ela vai respeitar essa pessoa. Porque eu não quero fazer a minha filha sofrer, não que eu não esteja não arranjando namorada por causa da minha filha não, porque eu não vejo momento de namorar pra estar saindo pra hotel, pra estar me deleitando. Porque eu quero... quando vier acontecer eu quero uma outra esposa pra fazer parte da minha vida, pra ser uma mulher de casa, pra ser uma dona de casa, pra compartilhar comigo ..de ser uma mãe pra Ingrid.

Jonathan, 37, desempregado, filha de 5 anos

Aí fica até difícil de você procurar outra companheira. Até a juíza falou assim: “Você não tem uma companheira que ajude?” Eu quase falei pra ela: “Já tive a experiência da segunda [companheira] prá criar filho, caramba. Foi horrível!” Imagine, arrumar a terceira.

Clóvis, 40, Sargento do Corpo de Bombeiros, filhos de 16 e 14, filha de 5 anos

Os pais também indicaram que além das dificuldades operacionais para o lazer e a preocupação com os filhos, experimentavam um período de recolhimento, com seu afeto bastante voltado para elaboração das perdas:

Eles [os filhos] falam que desde a morte da mãe deles que eu não namoro. Eu falo assim é, mas eu estou dando um tempo, é muita coisa. Então, Maria Luiza, eu comecei agora, to começando uma nova vida entendeu. E o pessoal fala mas agora que você está sozinho você tem que arrumar uma mulher. Eu disse: “Não. Eu sei que tenho que arrumar uma mulher, mas não é assim arrumar uma mulher, as coisas não são assim. As coisas leva tempo, a gente tem que se exercitar em vários sentidos até formar tudo de novo”. As coisas demoram né, como diz o pessoal, ficar por ficar.

José, 51, gari comunitário, filhos de 17, 14, 11 e 9 anos

Alguns entrevistados mostravam estar vivendo pouca disponibilidade emocional para novas relações amorosas:

Eu vivo bem, não tenho ninguém, vivo aqui com a Tatiana sozinho e vivo bem. O tempo que eu vou ter uma pessoa na minha vida, vai esquentar a minha cabeça. Vai tirar o meu foco dos meus estudos, e eu tenho muito medo disso, sabe?<sup>37</sup> [...] Por isso eu não procuro. Eu vivo para a Tatiana, vivo para mim, [...] O homem Isaías, sente falta, porque todo homem quer botar um sapatinho, uma bermudinha, uma camisinha legal. Quer dar um rolezinho por aí, todo homem quer ter uma pessoa para, de vez em quando, estar conversando, se sentir vivo, né? Eu, às vezes, não me sinto assim: vivo. Entendeu? Mas, também, por outro lado, pra conhecer, hoje em dia, uma pessoa e, ficar esquentando a minha cabeça, eu fico pensando muito...

Isaiás, 50, desempregado, filhas de 18 e 20 anos

É muito complicado. Eu tenho muito a perder. Eu tenho muito a perder. Então pode ser até que seja culpa minha [não ter namorada]. Não é perder dinheiro não, não é isso. É perder a estabilidade emocional que eu tenho hoje, a tranquilidade, a paz que eu tenho na minha casa, sossego dos meus meninos. Ter que pra entrar uma pessoa na minha vida e querer agora vim dividir, eu não estou a fim de dividir. Eu estou num momento muito meu.

Filipe, 43, advogado, filhos de 7 e 5 anos

Seus depoimentos sobre terem permanecido ou estarem permanecendo muito tempo sem namorada, se pautavam também na preocupação com as emoções dos filhos:

---

<sup>37</sup> Ele havia voltado a estudar recentemente, no horário e na escola da própria filha.

Eu saía e tal. A dificuldade era falar com a minha filha a respeito, que valesse a pena. Que às vezes, eu achava que aquilo ali [relação amorosa] não era uma coisa que fosse ter algum tipo de futuro.

Alfredo, 39, oficial PM, divorciado, filha de 14 anos

Eu só apresentei uma namorada até hoje aos meus meninos, nesses três anos...Hoje não apresento mais ninguém. Tem que ter muito cuidado com a cabecinha deles. Nesse período eles estudaram em quatro escolas. Moraram em cinco casas. A mãe deles morou em cinco casas diferentes.[...] Então, eu sei que o que eu plantar na cabecinha deles agora nesses dois anos eu vou colher isso pro resto da minha vida. Então, toda paciência do mundo com eles agora, falta pouquinho gente, é tão rapidinho, é tão gostosinho, então falta muito pouquinho. Então é isso que eu te digo. É você pertencer um ao outro, você ter uma cumplicidade, dar liga. Você realmente tar preocupado com... com o que ele [filho] vai fazer, com o que ele vai virar.

Filipe, 43, advogado, filhos de 7 e 5 anos

Este foi um aspecto bastante discutido por estes pais, nas entrevistas. Filipe relatou que já teve namorada, mas terminou o namoro pois percebeu que esta não tratava os seus filhos com carinho, e que tinha maior dificuldade com o filho que era portadora de Síndrome de Down. Heleno e Alfredo contaram que só tiveram namorada muito recentemente, pois temia não encontrar uma mulher que lidasse bem com suas filhas. Heleno contou que por sorte, namora a professora da filha, o que facilita a integração da filha com ela.

### **7.7.5 Isolamento da experiência**

Outro desafio na experiência destes homens, foi o fato de que não tinham com outro pai que cuidasse sozinho de seus filhos. Apenas 4 deles (Lúcio, Sebastião, Roberto e Filipe), conheciam pais que viviam a mesma experiência, embora não os procurem para conversar. Vivem uma experiência isolada:

Não, não conheço [pai que cuide de filho sem a mãe]. Minha vida é muito ímpar, eu, realmente, não conheço outros pais que tenham a guarda. Eu não conheço, pelo menos, da minha relação pessoal, não tem ninguém, nenhum homem que faça isso.

Alfredo, 39, oficial PM, divorciado, filha de 14 anos

A importância de conhecer pais com este tipo de experiência, é relatada por Roberto que serviu de apoio para o pai de outro filho da mesma mãe, que hoje também está com a guarda da filha:

Eu liguei para ele em Teresópolis e avisei: “A gente tem que agir agora porque não tem mais condições da mãe cuidar dessas crianças”. E, aí, só que não aconteceu porque ele ficou: ‘Não, eu não vou, ela é mãe, ela precisa cuidar dele’. Eu falei: ‘Eu não vou deixar o meu filho aos cuidados dela, ela não tem condição’. ‘Não, não vou, não vou’. E não foi. E eu tive que topar a parada sozinho em relação ao meu filho. Depois que ele viu que eu entrei de cara, ele usou o meu caso como jurisprudência para apanhar a guarda da Mônica. Hoje em dia, ele tem a guarda da Mônica e já me ligou pra me agradecer. Falou que me tinha como exemplo e tal, ainda bem. E se colocou à disposição de que sempre que eu achar, ligar para ele para compartilhar situações, porque afinal de contas, nós temos filhos com a mesma mãe.

Roberto, 37, solteiro, gerente financeiro, filho de 12 anos

A falta de troca de experiência provavelmente dificulta a experiência de homens assumirem o cuidado. Na quase totalidade das entrevistas, os pais agradeceram emocionados, a oportunidade de nas entrevistas, poderem experimentar uma rara situação de falarem dos filhos:

Olha uma coisa que eu gostaria de falar: eu fico agradecido pela entrevista porque falar dos meus filhos me faz feliz. Gosto de contar dos meus filhos. Queria contar mais, contar mais hábitos de cada um deles. Sou um cara de comunicação mais sempre fechado em relação ao meu mundo. Eu acho que essas coisas a gente não pode tá falando pra todo mundo a gente tem que ter... Num desabafo a gente tem que ter um amigo que você pode desabafar... Muitas coisas eu contei. Principalmente pra os colegas de trabalho, não vão entender. As dificuldades do dia-a-dia, cuidar de menina, porque homem...

Jerônimo, 50, vendedor de peixe, filhas de 12 e 11, filho de 8 anos

A troca de experiência dos homens com relação ao cuidado pode portanto, facilitar a sua segurança. Este processo de reflexão beneficiando os homens se mostrou facilitado em trabalhos com homens em grupos, que puderam trabalhar suas concepções e experiências de

paternidade (GIFFIN, BARBOSA, 2000; MARCONDES, 1999; BEZERRA DA SILVA, 2005). No entanto, além de serem poucos, pais cuidadores sós não têm sua experiência divulgada, o que dificulta se sentirem legitimados em sua vivência.

O prejuízo da solidão não é só para eles, mas também para seus filhos, que segundo os pais, também se sentem marginalizados pela raridade de filhos vivendo apenas com os pais. Percebe-se portanto, a necessidade de promoção de ações que criem redes sociais de apoio para aos pais, nos setores de educação, saúde, justiça, entre outros.

### **7.7.6 Distanciamento das mães**

Outra grande dificuldade enfrentada, foi o distanciamento das mães, mesmo apesar de contar com a colaboração de outras mulheres no cuidado de seus filhos:

Na época, um tinha quatro e o outro tinha seis quando, né, a mãe me entregou, né, os filhos pra que eu criasse. Mas, na época tinha amparo, tinha a minha mãe viva. Então, é difícil né cara. É, cuidar dos filhos longe [ressaltando a palavra] da mãe, longe da parte materna.

Clóvis, 40, Sargento do Corpo de Bombeiros, filhos de 16 e 14, filha de 5 anos

Estas mães, sem a guarda, quase não mantiveram contato com os filhos. Nos 14 casos em que as mães estavam vivas, 9 pais relataram que elas raramente buscavam contato com os filhos. Duas delas passavam meses sem procurá-los, não tendo por hábito nem mesmo vir para comemoração do aniversário dessas crianças e adolescentes.

Estas mães se comportavam de maneira abandonadora, mesmo entre aquelas que cuidavam de filhos gerados em uniões posteriores. Um dos pais levantou a hipótese de que o atual marido da mãe dificultasse seu contato com o filho, por ciúme e machismo, já que

considerava que era mais fácil para as mulheres do que para os homens, a aceitação da visita dos filhos de outra relação.

Apenas Fernando, aquele que teve a guarda em acordo amigável logo após a separação, comentou que mãe e filha têm boa relação:

Pesquisadora: Como é que é a relação das duas?

Fernando: Olha é boa, porque é. Embora a menina viva aqui, mas ela 'tá sempre em contato com a mãe. Às vezes, passa o final de semana com a mãe. Quando a mãe não trabalhava ela uma vez, chegava a passar as férias todas com a mãe. E agora a mãe trabalha, às vezes pode passar só o final de semana, às vezes só um dia no final de semana. Aí ela fica esse dia, mas é um bom relacionamento. Ela e a mãe são muito amigas. Ela entende muito a mãe dela, a mãe dela também entende ela. O relacionamento também é muito bom. Embora as duas não estejam morando juntas, mas é um bom relacionamento.

Na maioria das experiências, contudo, mesmo que as mães visitassem os filhos, os pais percebiam que elas estavam pouco atentas às necessidades deles, sobrecarregando os pais:

Uma vez ou outra porque eu estou ocupado [a mãe] leva no médico e coisa e tal. Mas antigamente era tudo comigo. Eu tinha que levar no médico. Eu tinha que é... além dos problemas de ver escola, olhar caderno e coisa e tal. Ela não cuida da parte de escola. Isso aí ela não cuida, joga tudo pra mim.

Jerônimo, 50, vendedor de peixe, filhas de 12 e 11, filho de 8 anos

Fui atrás várias vezes pra pedir pra ficar [com as crianças]. Aí um dia ela se comprometeu pra ficar com eles a noite. Ela dormia lá em casa, às vezes! Pra você ver que não tinha problema nenhum. A Carla, às vezes “Ah, minha mãe está aí e tal...” Ela dormia com as crianças lá na minha casa quando ela voltava do trabalho, ela dormindo no quarto com as crianças no sofá. De manhã ela levantava, ia embora. Era uma delícia. Eu não sei o que depois ela virou tudo. Ela se transformou assim. [...] Eu com os dois, cara, foi o maior sufoco. No começo até fomos amigos, ela até me ajudava. Ela dormia lá com eles, na casa onde a mãe tinha alugada. Mas aí passou a não pegar mais, aí tal, fui falar... Daí passava por outro caminho para nem falar com as crianças. “Ah, vamos fazer um trato: de quinze em quinze dias você fica com eles”. “Ah não, é um problema seu, você dá seu jeito.” Aí eu falei “Então vou dar o meu jeito mesmo” Não procuro se não procurar também.

Sebastião, 45 anos, 2º. Grau incompleto, agente comunitário

Os entrevistados também se preocupavam com o comportamento das mães no período em que estavam com os filhos. Não confiam nelas, em virtude das crises emocionais das

mães e dos maus-tratos ocorridos com os filhos. Alguns relataram que observaram ou ouviram dos filhos, que nessas visitas ocorriam esses comportamentos descuidados com a saúde ou com a relação mãe-filho. Em alguns casos, foi necessário o controle do pai quanto à visita da mãe, para preservação dos filhos que haviam vivido situação de risco de estupro por familiar da mãe:

E graças a Deus meus filhos saíram ilesos de lá. Eu consegui trazer eles pra cá. Mais questão de guardar... preservar a dignidade essas coisas todinha que a criança tem que ter, entendeu? Mas ela concordava com isso, tanto que ela não fazia muita força de as crianças ficar lá. (...) Tanto pelo lado dela jovem ainda querer namorar, querer ficar a vontade, então ela já foi esmorecendo na força [de levar os filhos para casa dela] porque as crianças até atrapalhavam ela. Porque eu exigia: “Você não pode botar namorado em casa com crianças aí, entendeu”? E eu ficava sempre em cima, sempre vigilante em todos os sentidos, em todas as partes, estava sempre vigilante em relação aos meus filhos.

Jerônimo, 50, vendedor de peixe, filhas de 12 e 11, filho de 8 anos

Alguns pais entendiam o abandono materno como falta de amor, como o caso da filha deficiente abandonada pela mãe, ainda na maternidade:

Pesquisadora: Você não acha que ela [a mãe] ficou chocada com o estado de saúde da filha?  
Isaias: Olha, eu acho que não é chocada não, eu acho que o filho nunca choca, eu acho que foi falta de amor...

Isaias, 50, desempregado, filhas de 18 e 20 anos

Alguns manifestaram um julgamento moral sobre o comportamento das mães, apesar de compreenderem suas histórias de abandonos na infância:

Mas ela queria ganhar o mundo dela. Eu acho que ela tinha esse direito, mas ela não tinha o direito de abandonar as crianças. É o meu ponto de pensar. Ela questionava, “Porque me largou [mãe da mãe]?” E ela acabou fazendo a mesma coisa, porque ela foi abandonada.

Sebastião, 45, agente comunitário, filha de 7, filho de 5 anos

Outros entenderam esse afastamento, como reflexo do alívio dessas mulheres por não terem mais o compromisso de cuidar de filhos:

Mas ela nunca criou caso não [quanto à guarda paterna]. Pelo contrário, ela gostava de sair. Pra ela acho que, inconsciente, digo que, analisando agora, eu creio que não de uma maneira consciente, de forma inconsciente pra ela era até melhor. Ela sempre gostou de festa, sair e tal.

Leonardo, 46, produtor cultural, filhos de 24 e 14 anos

Pesquisadora: Quando ele quis vir morar com você, ela concordou?

Lúcio: Concordou.

Pesquisadora: Ela não se opôs?

Lúcio: Não. Acho que para ela foi bom.

Lúcio, 54, massoterapeuta e advogado, filho de 17 anos

É interessante o pai falar que “de forma inconsciente” foi bom para a mãe não cuidar do filho. Parece que esse desejo não podia se realizar de maneira consciente. Ou seja, uma mulher não pode desejar não cuidar de filho.

Chamou a atenção. o fato de que em muitas entrevistas, os pais se emocionaram bastante e se mostraram bastante comovidos com a decepção com o comportamento das mães que não cuidaram mais. Parece se tratar de uma decepção profunda com a expectativa do modelo construído de mulher. No nosso país, as mulheres ainda são fortemente representadas como santas e mães (D’ÁVILA NETO, 1994). Por outro lado, foi percebido que as mães sofriam este preconceito social por não estarem cuidando de seus filhos. Este sofrimento poderia dificultar sua vivência materna:

Então o mesmo preconceito que a gente está sofrendo de quem quer pegar o filho. A mãe também que não quer ficar com o filho, que é o caso da mãe deles, é bombardeada por tudo que lado. “Filha da puta, galinha, safada, é pilantra, maluca, não sei o que...” Gente ela não quer! Porra. Ponto. É um direito que ela tem. É um poder meu.

Filipe, 43, advogado, filhos de 7 e 5 anos

É meio que o contrário, parece que o pai fica meio que valorizado e a mãe é que fica mal, porque tipo: “A mãe não cuida”. Ninguém pensa muito nada e vai logo nessa de: “Ah, cadê a mãe?” Como as mães dizem assim quando a gente é mais novo: “Vai chegar lá todo amarrotado e vão dizer, cadê a mãe, a mãe é que não passou, a mãe”. É, ninguém culpa o pai. E o pai, ao contrário, fica bem visto, ele é que cuida da filha, ele é que vem trazer.

Heleno, 30, técnico de informática, filha de 7 anos

Parte deste afastamento generalizado das mães parecia uma retaliação ao filho, pois reagiram negativamente ao saberem do desejo do filho de morar com o pai:



Eu falei para ela [mãe]: "Olha só, eu acho que agora eu tenho condições de que a Lis vá morar comigo, vá morar em Nova Iguaçu, a gente... Eu acho que lá ela pode ter uma vida um pouco melhor do que ela está tendo aqui". E ela não... Achou que era brincadeira, aí foi chamar a Lis ... Em vez da gente conversar mais, ela foi chamar alis para perguntar se ela queria morar comigo e aí alis falou: "Quero sim". Ela ficou muito chateada com isso.

Alfredo, 39, oficial PM, divorciado, filha de 14 anos

Os pais em geral estranharam o comportamento abandonador, principalmente entre aquelas que eram dedicadas aos filhos anteriormente:

Mas ela era super mãe. Por isso que até hoje eu não entendo porque do abandono. Ela era assim mãezona mesmo, cuidadosa. Aí, ela sempre foi muito boa mãe. Não sei se era uma máscara, não sei. [...] Ela tratava eles bem, o negócio da escola, o cuidado assim, a coisa era excelente.[...] depois que a mãe dela foi morar lá perto, ela por querer sair já estava demais. Eu chegava em casa e as crianças estavam sem comer. As crianças ficavam sem tomar banho. Eu queria descansar de manhã, sabe aquilo tudo... Poxa, não tinha necessidade de pagar condução escolar. Ela não trabalha, podia levar e buscar todos os dias.

Sebastião, 45, agente comunitário, filha de 7, filho de 5 anos

Ela tinha um super, um hipercuidado. Em tudo, entendeu. De, nessa coisa do gerenciamento da criança. Estar extremamente limpa, essas coisas. Toda neurótica, muito limpa. [...] E aí ela tinha essa postura e muito assim de estar sempre com ele. Não deixava ele sozinho [com o pai].

Leonardo, 46, produtor cultural, filhos de 24 e 14 anos

Apesar da falta das mães, de maneira geral, os pais entenderam que as crianças e os adolescentes tinham boa qualidade de vida com eles. Acreditam que os filhos futuramente sentirão orgulho de terem sido criados por seus pais e retribuirão o amor recebido:

Eu acho que ela vai se sentir orgulhosa, eu vejo assim. Não sei se isso vai acontecer. Mas ela vai falar assim: "Pô, com 3 anos eu perdi a minha mãe e em nome momento algum, meu pai me abandonou. Cuidou de mim. Até a minha calcinha ele trocou. Até banho ele me deu. Até a minha perereca ele limpou, ele lavou. Então vai trazer pra ela na mente dela eu acho. Quase certeza que no futuro quando ela estiver já adolescente ela vai olhar pra mim com outros olhos, com os olhos mais especiais de repente de querer até me retribuir.

Jonathan, 37, desempregado, filha de 5 anos

No entanto, perceberam prejuízos psíquicos para os filhos, causados por esta grande ausência das mães. Todos se preocupam com as seqüelas dos sofrimentos vividos pela falta que sentem e pelos sofrimentos vividos quando estavam com elas:

Ah! Afetou muito. Até hoje ele não tem... Quer dizer, ele gosta, adora a mãe dele, mas ele não tem assim, um relacionamento como ele tem comigo. Ele mais aberto comigo do que com ela. Ela gosta dele, com certeza, mas é uma relação muito mais difícil, muito mais... Ele não tem muita paciência com ela.

Lúcio, 54, massoterapeuta e advogado, filho de 17 anos

A preocupação destes pais pode ser comparada com a preocupação comum de mães separadas, com a falta dos pais quando abandonam os filhos. No entanto, a falta das mães tem uma conotação social mais pesada, geradora de maior preocupação com relação à formação das crianças e crítica às mulheres. O cuidado materno é mais valorizado socialmente, e principalmente nas escolas, com o Dia das Mães e nas várias atividades escolares, voltadas para mulheres:

No Dia das Mães, minha filha chegou com um presente da escola e falou: “Pai, minha mãe não ta aqui, toma pra você!” E ela, ansiosa esperando, crente que a mãe dela ia ligar pra falar alguma coisa. Não ligou ! Tanto que ela pegou a tal da foto e não deu não. “Não pai, não vou dar não!” Ela queria que a mãe dela estivesse. Essa coisa do “não vou dar” é de raiva mesmo. “Eu estou puta com ela. Ela não está merecendo. Gosto dela mas ela vacilou.” Entendeu ? “Ela está vacilando”. É mais ou menos assim.

Sebastião, 45, agente comunitário, filha de 7, filho de 5 anos

Trata-se sem dúvida, de uma experiência estigmatizadora dessas crianças. Os filhos não foram entrevistados, mas foi gravado um breve depoimento do filho de Roberto, em função da sua curiosidade com a entrevista:

Eu tenho vários amigos que têm pais separados, mas a maioria deles passa semana com o pai, semana com a mãe, porque os pais moram super perto. Por exemplo, meu melhor amigo, os pais dele são separados, então uma semana ele passa com a mãe, uma semana ele passa com o pai, então os pais são amigos, não mais, pessoas que se dão umas com as outras, eu nunca vi um amigo meu que morasse com o pai e pouco visse a mãe, como acontece comigo.

Pedro, 12 anos, filho de Roberto

O comportamento dessas mães distantes sugere a possibilidade das mulheres se descolarem do trabalho de cuidado, quando estão livres dessa obrigação diária. Sua conduta se assemelha à da grande quantidade de pais separados que raramente visitam seus filhos. A própria situação de um genitor ter a guarda e o outro ser visitador, afasta o genitor visitador, mesmo que este seja uma mulher (BRITO, 2005, 2007; STEWART, 1999). Mais uma vez, fica evidente o descolamento entre gênero e cuidado.

Outra possibilidade de compreensão do comportamento das mães está na dificuldade que elas já encontravam quando estes filhos viviam com elas. No entanto, a força da noção de que a guarda é de apenas um dos genitores é tão grande, que este tipo de conduta se expressou no afastamento das mães, mesmo nos casos de Lúcio e de Sebastião, quando não houve disputa judicial.

Estas situações de pais cuidadores só constituem questões novas que quebram o padrão de gênero, com relação às separações conjugais, e criam novos desafios de compreensão social. Envolvem até mesmo, os companheiros de mães que não moram com seus filhos. O distanciamento das mães dos filhos que moram com os pais, merecem portanto, atenção dos setores saúde, educação e justiça, para que todos envolvidos possam ser apoiados e que seja facilitada a relação mãe-filho quando elas estão distanciadas. É necessário que os profissionais trabalhem no sentido do direito das crianças, para que elas possam usufruir da aprendizagem gerada pela convivência com ambos genitores (BRITO, 2005, 2007).

As configurações familiares se encontram em profundas mudanças, com cada vez maior número de separações e possibilidades de nascimento de filhos independente da união conjugal. Cria-se assim, cada vez mais, uma grande quantidade de família com apenas um

genitor, que pode ser um homem. As regras jurídicas precisam portanto, considerar essas transformações (BRITO, 2005, 2007).

### **7.8 Cuidado beneficiando pais**

Algumas experiências podem facilitar a libertação dos homens dos papéis estereotipados de gênero. Entre os pais, ocorreram muitas mudanças em sua personalidade e na sua maneira de lidar com a vida, a partir do cuidado diário de seus filhos. As crises vividas pelos filhos deflagraram o despertar da sua potencialidade e das aprendizagens anteriores, familiares, sociais e religiosas, vividas em torno do cuidado. Aprendizagens anteriores que não estavam sendo praticadas com tanta frequência, já que durante as separações e mesmo nos casamentos, estes pais, identificados com a divisão sexual do trabalho que em geral, limita aos homens o papel de provedor.

Vários depoimentos mostraram suas grandes alegrias por se envolverem com o cuidado. Entre eles, encontramos a descoberta de suas habilidades em tarefas e sensibilidades comumente atribuídas às mulheres:

Eu [aprendi] sozinho.[...] Até então, nem macarrão eu sabia fazer, só fritar ovo e fazia miojo. Então a avó debochava e a mãe debochava: “Não hoje é dia de você irem com o papai comer miojo?” Eu fui, eu fui telefonando pra minha irmã: “Quero fazer feijão hoje! Quero fazer macarrão”, apanhei muito pra fazer macarrão que coisa mais fácil, depois que eu vi que coisa mais fácil, né? Como é que a gente homem, né? É porque, trabalhava, mamãe fazia tudo, já chegava com comida pronta já no prato né. [...] Quando eu juntei com ela, a minha mãe que ensinou ela [mãe] cozinhar, ela tá uma senhora cozinheira, então deixei tudo por conta dela, fiquei dependente, fiquei dependente. Que aconteceu: [depois da separação] me acabei emagreci pra caramba fiquei um palito, só comendo sopa feita do supermercado, aquele sopão. Comendo no serviço. E quando as crianças vieram pra cá, era quentinha pronta ou frango assado com miojo. Comprava frango com miojo. Hoje eu já me sinto mais capaz. Você não viu? <sup>38</sup>[...] Hoje eu faço um feijão, um macarrão, faço uma carne.

Jerônimo, 50, 50, vendedor de peixe, filhas de 12 e 11, filho de 8 anos

---

<sup>38</sup> Jerônimo havia oferecido uma refeição à pesquisadora.

Então eu virei pai e mãe. E para você ver que eu tenho tanta facilidade de exercer esse papel de mãe que é uma coisa incrível. Eu falei: "Meu, como Deus é perfeito"! Porque arrumo, eu faço trancinha no cabelo dela igual mulher faz, essas coisas toda, eu nunca imaginava. [...] Então isso é papel de mãe e Deus me concedeu esses dons, que nem eu sabia que eu tinha esse dote de cuidar. Quando a minha filha sai e vai para escola muita gente: "Oh! quem te arrumou"? Porque muita gente sabe que eu sou viúvo. Pensa que outra pessoa que arrumou, mais eu que arrumei. Eu sei colocar as roupas certinho, eu sei combinar as roupas. Então ela fica uma boneca, entendeu?

Jonathan, 37, desempregado, filha de 5 anos

Aí de lá para cá, meu mundo mudou mesmo. Mudou, eu tive que aprender tudo, eu tive que descobrir tudo. E aí eu entrei no mundo feminino, por causa das minhas duas filhas. Esse mundo feminino, esse mundo me fez ver a mulher, o outro lado da mulher. Me fez ver a paciência, o amor que triplicou, me fez ver como a mulher se sente do outro lado e eu sinto como uma mulher se sente, eu homem, eu tive que aprender isto. Então, eu tento suprir à Tatiana, a falta que a mãe faz, entendeu, dona? Quando ela está naqueles dias [menstruação], é eu que faço. Fica dez dias, por não poder... Ela não é uma pessoa normal. É roupa, é comida, é tudo, aí eu tive que entrar nesse mundo, por causa da Tatiana. É difícil, não é mole esta luta. Fora os hospitais, que é HTO, que é Fundão, que é Servidores, que fisioterapia, que eu ando daqui a pé até Anchieta com a Tatiana. É, muita coisa, por que eu te digo que eu tive que entrar no mundo feminino. Os desafios foi conhecer esse mundo feminino, conhecer os... os... como é o nome? Os instintos femininos, quando a mulher, quando está para chegar aqueles dias, a cólica dela, o modo dela pensar, como ela sente... Você conhece seu filho só no olhar e esse olhar eu tive que descobrir, porque eu era só pai dela, não era pai e mãe, pai e mãe é diferente...É esse amor que eu te falei, é esse mundo feminino, o mundo da mulher; e o homem não, o homem se exclui desse mundo...Aí então eu tive que descobrir esse mundo feminino, a sensibilidade, né? Compreender a cabeça essa feminina que é muito complexa.

Isaiás, 50, desempregado, filhas de 18 e 20 anos

A sua experiência lhes permitiu um mergulho no lar e nas tarefas domésticas.

Descobriram as chamadas habilidades e sensibilidades femininas, que em geral, os meninos e homens não têm acesso na casa, na escola e no trabalho. Mostraram muita alegria com o fato de estarem experimentando algo nunca imaginado na vida de um homem:

É uma coisa ímpar, é uma coisa que não tem como descrever assim... Foram vários momentos, eu acho uma coisa, como posso dizer? Muito emocionante, é uma coisa muito legal, eu nunca imaginei, quando eu era adolescente, ou início da minha fase adulta, de eu passar por uma situação dessas, né? Aí, de repente, a coisa acontece e eu vi que não tem nenhum bicho de sete cabeças. É bom, é legal, eu estou gostando.

Alfredo, 39, oficial PM, divorciado, filha de 14 anos

Houve um mergulho radical na prática cuidadora, uma singularidade da experiência de ser homem. Com o envolvimento com os filhos, de maneira cotidiana, recuperaram o processo do amadurecer psicológico de um adulto, que se refere ao cuidar da próxima geração (ERIKSON, 1982; COWAN, 1988).

Os pais, em nenhum momento, mesmo com a dificuldade inicial em assumir a guarda, lamentavam terem que criar seus filhos. Muito pelo contrário, estas crianças e adolescentes eram vistos como fontes de amor e carinho. Este comportamento pode ser atribuído ao fato de quererem ser vistos como bons cuidadores. Como as entrevistas duraram horas, muitas foram as oportunidades de desabafo. Em apenas uma situação, a pesquisadora ouviu de um pai, ao final da entrevista, enquanto descia as ruelas da comunidade onde morava: “Ah, os meus filhos são muito chatos. Ficam grudados em mim, pedem tudo. Choram, são dengosos” (Sebastião, 45, agente comunitário, filha de 7, filho de 5 anos,). Referia-se a seus filhos, comentando que foram mal educados pela mãe. Este comentário no entanto, pode ser a expressão comum do cansaço de qualquer pai ou mãe, com a relação diária com filhos pequenos. Enquanto que para as mulheres, o cuidado é tarefa inquestionável, e pode ser realizada como um peso, ao contrário, para a maioria destes pais, cuidar significou se sentir valorizado e se permitir uma aproximação com experiências novas.

Sentiam-se gratificados e orgulhosos com eles mesmos, por estarem conseguindo cumprir sua tarefa de educadores:

Vi meus filhos atravessarem uma linha do trem com uma criança do tamanho deles que era responsável por eles pra ir buscar tá entendendo? [...] E por isso que eu acho que a minha luta foi gratificante. [...] A Patrícia fazia desenho todo dia: “Pai eu te amo”, um coração assim pai eu te amo, todo dia, todo dia. Agora ela parou um pouco, mais todo dia um desenho: pai eu te amo, pai eu te adoro, pai não sei o que. No Dia dos Pais eles encheram a geladeira de tanto desenho disso e coisa e tal. Então eu me sinto bem com isso, me sinto que a minha missão não está sendo em vão.

Jerônimo, 50, vendedor de peixe, filhas de 12 e 11, filho de 8 anos

Eu quando eu entrei nessa briga judicial com a guarda dos meus filhos, eu tomei uma postura comigo que me orgulha muito, sabia? Eu não menti, Não que eu não minta. Eu não menti, eu não joguei sujo, eu não falei nenhuma inverdade, eu não... Eu sempre falei isso. Eu me olho no espelho e tenho orgulho de mim. Porque aqui é minha família, são os meus filhos.

Filipe, 43, advogado, filhos de 7 e 5 anos

O cara passou com maior notão e eu fui chamado no colégio. Era um colégio religioso. Conversou a Madre, a diretora, a professora, a orientadora educacional: “A gente está aqui para te dar os parabéns. Você mudou a situação. A gente não acreditava, achava que teu filho ia repetir. Você chegou aqui, falou tudo que tinha acontecido, mostrou documento, a gente meio que ficou assim de receber o teu filho, você pediu para que isso acontecesse...” Ainda pedi bolsa, entrou com bolsa e tudo, eu estava num desespero total. Mas elas me chamaram para me dar os parabéns, porque elas viram que tinha o meu dedo ali.

Roberto, 37, solteiro, gerente financeiro, filho de 12 anos

Relataram que estavam aprendendo muito sobre a vida com o que os filhos lhes ensinavam:

Quando você começa a perceber que ela tem muito a te transmitir, né. E realmente tem, né. Porque a ingenuidade dela ela consegue falar coisas que as pessoas não falam. E você começa a perceber certas coisas. Até em termos de relações; você vê... E você percebe também que crianças são perversas. Achar que criança é um anjinho, isso é (risos) Que elas são perversas, tem crianças que você vê... Elas são vingativas, elas planejam, sempre evitando fazer alguma coisa. Elas têm esse raciocínio, interessante, né. Mas foi muito rico, foi muito rico pra mim,

Leonardo, 46, produtor cultural, filhos de 24 e 14 anos

O cuidado permite experiências socializadoras que o cuidado de filhos permite HAWKINS et al, 1982), no desenvolvimento psicossocial de um adulto (ERIKSON, 1982; COWAN, COWAN, 1982. 1992, 1997).

Outros pais relataram transformações benéficas profundas na sua relação com eles mesmos e nos seus comportamentos, a partir de terem assumido o cuidado com seus filhos.

Aumentaram o amor por si mesmos e perceberam profundas mudanças emocionais:

Pra mim é ótimo, que dá mais grandeza, me projeta mais. Me dá mais responsabilidade. Me segura mais. É, buscar outras coisas pra eles, vamos dizer, melhorar. A gente se agarra naquela parte ali. Vou falar o que assim. É uma coisa que...é meu. Você sente que o amor que você tem pelos seus filhos te ajuda a você se projetar. É em tudo, tudo, tudo. Nas dificuldades deles. Por exemplo, assim, é, passar uma necessidade, meu filho quer isso, isso, isso, isso e eu não posso dar. É porque eu quero dar pra eles o que eu não tive.

Clóvis, 40, Sargento do Corpo de Bombeiros, filhos de 16 e 14, filha de 5 anos

Como vimos na revisão teórica, a tradução de cuidado como cura em Heidegger, nos estimula à reflexão sobre o entendimento do processo de cuidado como processo de cura. Poderíamos dizer portanto, que o cuidado facilitou a cura de dores emocionais destes pais, principalmente quanto ao luto da morte das esposas ou separação conjugal. Cura como processo permanente de cuidar do viver, e não a ausência de sofrimento (BOFF, 1999; OLIVEIRA, 1996). O cuidado entendido como potencial e inerente à vida humana, pode ser curador portanto, do cuidador. A alegria dos seus relatos pode se fundamentar na possibilidade de, como alguns disseram, dar aos filhos aquilo que não receberam de seus próprios pais. Eles podem ter atualizado dificuldades emocionais de sua infância, resgatando ou alimentando o amor por si mesmos.

Suas experiências foram percebidas como positivas para as suas vidas: “E lá no futuro, lá na frente você vê que o que aconteceu foi bom. Foi bom: você cresceu. Você viu: “Puxa! Aquilo tinha que acontecer”. Para mim chegar aqui, não é? (Isaías, 50, desempregado, filhas de 18 e 20 anos). Este entrevistado e também Severino, relataram histórias de criminalidade no seu passado, que não foram retomadas no período de dedicação aos filhos. Outro pai, Jonathan, contou como o cuidado do filho beneficiou seu afastamento do uso de bebida:

Cerveja, mais cerveja, e álcool assim. Mas isso me trouxe muita desilusão, muita falsidade de amizade só quando eu tinha dinheiro. E graças a Deus, aí aconteceu o que aconteceu comigo eu fiquei viúvo e tal e agora estou aqui recomeçando a minha vida né, recomeçando assim de uma maneira poderosa mesmo porque Deus tem mostrado ser muito bondoso para comigo, entendeu? Por todas as coisas que eu passei né, e a Ingrid [filha], [...] Deus me colocou me confiou, porque Deus me confiou. [...] Então é um amor incondicional né, e isso está mudando a minha vida [...] Então eu comecei a mudar e eu virei um homem muito assim ... Então isso fez com que a minha personalidade, o respeito voltasse das outras pessoas que me rodeiam, da minha própria família e até por eu ter mudado tanto para melhor causou até algum espanto nas pessoas. As vezes da minha própria família por não acreditarem o quanto eu mudei para melhor, o quanto a minha filha me ama, o quanto ela [a filha] é apegada a mim [...]

Jonathan, 37, desempregado, filha de 5 anos



O discurso sobre “Deus me colocou, me confiou” presente neste e em outros depoimentos, sugere que se sentem valorizados pela oportunidade que estão tendo. Deus aparece como uma autoridade que lhes confia uma tarefa muito valorizada. Por entenderem que são merecedores de tal tarefa, se sentem mais valorizados como pessoas. Quando cuidavam de seus filhos, precisaram desenvolver sensibilidade e atenção aos afetos, pouco valorizadas socialmente e, menos ainda entre os homens. Entraram “no mundo feminino” como diz um dos pais. O desenvolvimento dos afetos é um desejo reprimido em muitos homens (BEZERRA DA SILVA, 2005; LOEWENSTEIN, BARKER, 1998; Barker et al, 2003, a,b a, b; BARKER, ACOSTA, 2003). Os próprios pais perceberam que a experiência de cuidar de filhos os privilegiou no sentido de lhes permitir um aprofundamento de sua afetividade e sensibilidade, antes impedido pela dedicação exclusiva ao trabalho remunerado:

Eu tinha que ganhar dinheiro pra botar essas coisas e eu trabalhava e ganhava comissão. Então eu não podia parar, porque era uma dificuldade muito grande. Hoje eu tenho assim...Eu tenho aprendido com ela muitas coisas o que eu não aprendia, porque não tinha tempo pra ficar com ela e hoje eu aprendo muitas coisas com ela.

Jonathan, 37, desempregado, filha de 5 anos

O trabalho remunerado segundo este pai, é fenômeno alienador das pessoas de si mesmas e de seus semelhantes, como discutem outros autores (HOCHSCHILD, 2005; OLIVEIRA, 2003). Seu relato mostra o encontro com a profundidade de si mesmo e de sua filha, expandindo sua capacidade de amar e ser amado.

Durante as entrevistas, foi observado o brilho em seus olhares, ao falarem emocionados, das lutas que venceram e da alegria do convívio com os filhos. É possível que estes homens possam ter dissolvido alguns aspectos de dureza com suas próprias emoções, típicos de sua identidade masculina. Suas falas eram calorosas no que diz respeito à intensidade afetiva que estavam experimentando com seus filhos. Suas emoções fluíam com facilidade, sugerindo que a evocação das crises e da experiência de cuidar, lhes permitiu entrar em contato com

emoções profundas, das quais pareciam estar conscientes. Seus relatos sobre como cuidavam dos filhos eram acompanhados de um brilho, que podemos supor seja o viço do ser que desperta quando a pessoa se coloca em serviço para o bem estar dos outros (CREMA, 1995).

As crises e o cuidado diário permitiram aos pais o contato com a vida familiar e sua potencialidade de cuidar, permitindo o contato com sua amorosidade e felicidade. Como disse um dos pais, “É. Filosoficamente, a gente existe pra buscar a felicidade” (Leonardo, 46, produtor cultural, filhos de 24 e 14 anos). Suas práticas permitiram o desenvolvimento de suas habilidades e sensibilidades, de acordo com a singularidade de cada um. Os pais parecem ter se contatado com a possibilidade de felicidade, que faz parte das atitudes de pessoas espontâneas, libertas de aprisionamentos sociais.

A experiência de administrar uma casa sozinho, também fortaleceu a percepção de si mesmo na relação com as mulheres:

Eu não quero mais ninguém mandando, finalmente! Eu digo: Olha, até os dezoito anos eu fiz o que o meu pai e a mãe quiseram. De dezoito até... depois eu fiz o que tinha que fazer porque tinha que me posicionar profissionalmente. Depois eu me formei, eu [fui] lá pra São Paulo. Eu disse agora chegou a minha vez, agora eu mando ni mim, agora eu conduzo a minha vida. Porque o homem quando casa, a mulher mais uma vez, acho que vou virar viado, a mulher vem e sarrupia da gente. A mulher passa a ser a dona da casa. A gente sai da casa da mamãe e vai pra casa da mulher. Então finalmente eu estou tendo a minha casa, eu decido. Envernizo aqui, o bar ali, deixo ali assim... Eu mando na minha casa! Eu estou curtindo isso assim ao extremo. Eu não quero ninguém. Eu tive uma namorada, ela veio e eu: “Olha, vou colocar uma coisinha pra você bem clara, número um: meus filhos, número dois: meus filhos, número três: meus filhos. Em quarto lugar venho eu, em quinto vem você”. Gostou ou não, essa é a minha regra. Não vou mentir mais pra ninguém.

Filipe, 43, advogado, filhos de 7 e 5 anos

Cuidar dos filhos e da casa aumentou a auto-estima dos pais de maneira significativa, ao libertá-los dos aprisionamentos da masculinidade. Segundo Boff (1999), o espírito se humaniza e o corpo se vivifica quando moldado pelo cuidado, nessa interação entre razão e sentimento, fundamental à vida humana. Se isto não ocorrer, o espírito se perde nas abstrações e o corpo se confunde com a matéria, num aprisionamento à produtividade

comumente exigida pelo trabalho remunerado (BOFF, 1999). O cuidado pode ter recuperado entre esses homens, o contato com a subjetividade que muitos não têm acesso, presos à racionalidade e ao trabalho com seus corpos.

Vimos ainda com Boff (1999), que quando cuidamos, a centralidade da vida vai para o sentimento. Como vimos, o cuidado implica em buscar intimidade com o objeto de cuidado, acolhendo-o e respeitando-o, permitindo que se entre em sintonia com o outro, ser humano ou natureza (BOFF, 1999). Neste momento é possível se conectar com o criador de si mesmo, com sua essência. Diferente do trabalho remunerado que costuma alienar as pessoas de si mesmo, o cuidado permitiu que se voltassem para a conexão existente com eles mesmos e com as crianças.

O entendimento de que a paternidade faz bem aos homens, está presente também em outros estudos, que mostraram que os homens costumam adotar atitudes mais preservadoras das suas vidas quando nascem os filhos (COWAN, 1988; ARILHA, 1998). Com o propósito de diminuição das vulnerabilidades masculinas, tem-se indicado o trabalho com a paternidade exatamente pelos benefícios que ela pode trazer à relação dos homens com eles mesmos e com os que os rodeiam (KEIJZER, 1997; BARKER, 2003). Em geral, os homens, diante do nascimento dos filhos, se sentem mais responsáveis em ganhar mais dinheiro e voltam-se mais para o mercado de trabalho (COWAN, 1998; ARILHA, 1998).

Podemos supor que a experiência de cuidar sozinho promove mais transformações práticas na vida dos homens e por isso mesmo, pode estimular mudanças emocionais mais profundas do que o exercício da paternidade em convivência com as mães.

Os pais pareceram se envaidecer por terem ultrapassado seus limites pessoais, tanto com relação às inseguranças emocionais, quanto às determinações de gênero. Viveram a experiência de entrarem em contato com sua potencialidade cuidadora profunda, inerente à vida humana, mas que precisa de condições para se manifestar (HEIDEGGER, 2004; BOFF,

1999; AYRES, 2001). Neste sentido, muito contribuíram as crises, que evidenciaram suas boas qualidades.

Não podemos desconsiderar nesta reflexão, que se trata de homens brasileiros, onde a cultura permite que homens e mulheres estejam voltados para o mundo dos afetos, num privilégio do mundo da casa sobre o da rua (MELLO E SOUZA, 1993, 1998; DAMATTA, 1985). Contudo, nem sempre a divisão entre o mundo da casa e o da rua corresponde à realidade das experiências de homens e mulheres, que muitas vezes compartilham os dois mundos (SCOTT, 1990).

Seus depoimentos não permitem prever seus comportamentos futuros com relação ao cuidado. A vida humana é imprevisível e incontrolável, havendo sempre a possibilidade de retomada de comportamentos anteriores no processo permanente de transformação. Como vimos nos estudos sobre raciocínio de cuidado, este se apresenta de acordo com as circunstâncias da vida das pessoas.

É importante destacar ainda, que as transformações de que tratamos aqui, ocorreram nas suas práticas e emoções e não necessariamente nas suas concepções de gênero. Contudo, suas transformações práticas são profundamente significativas. Como diz Leonardo Boff (1999), a ética do cuidado seria a atitude mais reveladora do ser humano, mais do que a inteligência e outros atributos humanos.

## 8. CONCLUSÕES

Os resultados deste estudo mostraram que o cuidado é uma potencialidade humana comum aos dois sexos, e que depende de certas condições para se manifestar e desenvolver. Homens e mulheres podem cuidar, desde que as circunstâncias propiciem condições, para que a potencialidade humana cuidadora inerente a qualquer pessoa, se manifeste e desenvolva. O trabalho de campo desenvolvido no Rio de Janeiro, mostrou que pais podem cuidar de seus filhos diariamente, com diferentes representações de gênero, de diferentes vivências de cuidado na infância, de classes sociais diferentes, de diferentes idades dos pais, dos filhos, de raça/etnia, e mesmo sem treinamento anterior.

O estudo mostrou que pais podem cuidar de seus filhos, independente de suas características quanto à cor, religião, profissão, rendimento, tempo de união com as mães, idade e locais de trabalho. Percebeu-se uma tendência desses pais terem um pouco mais de anos de estudo que as mães, embora tenham sido encontrados pais com poucos anos de estudo. Ficou evidenciada a possibilidade de pai com cegueira poder cuidar de seu filho sem a mãe, e de pais cuidarem de filhos portadores de necessidades especiais, sem o auxílio das mães.

O cuidado paterno diário foi facilitado por amor e responsabilidade por filhos, com quem tinham vínculos anteriores, em situações de crises provocadas por falecimento ou solicitação das mães, pedido dos filhos e reivindicação dos pais. As reivindicações paternas da guarda se deram em virtude de: filhos estarem morando com avós maternos; por descuido, doença mental ou agressividade materna, e maus-tratos provocados por pessoas ligadas às mães. O trabalho de campo mostrou que a crise vivida pelos filhos foi mais determinante para o cuidado do que o gênero.

O cuidado paterno se mostrou mais motivado pelos vínculos pelos filhos vivendo situações de crise, do que pelas representações e práticas de gênero, já que a grande maioria dos pais exercia prioritariamente a função de provedores e não havia planejado anteriormente, assumir o cuidado principal de seus filhos. Os pais mostraram que outras crises com familiares e vizinhos também provocaram o seu envolvimento com cuidado de outras pessoas, evidenciando que as crises podem facilitar o potencial humano cuidador, que se manifesta e se desenvolve de acordo com as circunstâncias.

As crises em geral, deflagraram o despertar da potencialidade e das aprendizagens de cuidado, que não estavam sendo praticadas ou não eram conhecidas entre alguns destes pais. Estes resultados se afinam com o entendimento da existência de uma potencialidade humana para o cuidado, independente do sexo, que precisa de condições para se manifestar (HEIDEGGER, 2004; BOFF, 1999; AYRES, 2001). Aproximam-se também da noção de existência de uma capacidade, inata e animal, de empatia pelo sofrimento do outro, que se manifesta e desenvolve de acordo com os estímulos sociais (PRESTON, DE WALLB, 2002).

O estudo sugere que os vínculos anteriores com os filhos tenham sido importantes facilitadores da decisão de cuidado, já que a grande maioria dos pais viveu com as mães na gestação e nos primeiros meses de vida das crianças. Metade dos pais separados reivindicou a guarda ao perceber os riscos que seus filhos viviam, evidenciando que as crises despertaram seus sentimentos de empatia pelos sofrimentos de pessoas por quem sentiam amor e responsabilidade.

Os resultados deste estudo se afinam com os estudos sobre raciocínio moral que mostram que a natureza e a proximidade da relação com o outro, mais que o gênero, prediz o raciocínio moral, havendo uma abordagem de cuidado mais típica quando se interage com um

amigo ou com alguém pertencente ao seu grupo, do que com um estranho (MELLO E SOUZA, 1993; RYAN et al, 2004). O fato de haver um dos entrevistados ter mostrado que não criou os filhos de outra relação, já que não foi necessário, mas que cuidava sozinho dos filhos de uma segunda união em que a mãe era dependente de álcool e violenta, confirma o entendimento que a própria auto-imagem como conectado ou separado e o raciocínio de cuidado dependem do contexto colocado (RYAN et al, 2004), não sendo permanentes ao longo da vida (PRATT et al, 1988, 2004).

Os pais viveram situações da vida real, que como indicam estudos sobre raciocínio moral, evocam mais emoções que as sugeridas por pesquisadores (SKOE et al, 2002; AGERSTRÖM et al, 2006). As fortes preocupações cuidadoras dos entrevistados podem ser fruto do período da vida em que estão passando, como indicam as pesquisas que mostram que a fase de criação de filhos mobiliza mais raciocínio de cuidado (PRATT et al, 1988; LAVELL, 2002; WALKER et al, 1987; WALKER, 1989 apud JAFFEE, 2000). Confirmam-se assim, os resultados das pesquisas e posicionamentos críticos que entendem que o raciocínio de cuidado não está atrelado ao gênero (LIDDELL, 1998 apud JAFFE, 2000; PRATT et al, 1991 apud JAFFEE, 2000, SKOE et al, 1999; BAUMEISTER, SOMMER, 1997; JAFEE, HYDE, 2000; JUÜRJAVI, 2006; EAGLY E CROWLEY, 1986; WALKER et al, 1987). Contesta-se ainda a noção de homens separados e desconectados psicologicamente e portanto mais insensíveis que as mulheres para o cuidado, encontrada nos estudos iniciais de raciocínio moral de gênero (CHODOROW, 1990; GILLIGAN, 1982).

Estes pais, embora de diferentes classes sociais e níveis de escolaridade, viviam no Rio de Janeiro, onde a amorosidade e a atenção à família é um traço cultural forte, em ambos os sexos, fenômeno que pode ter influenciado suas decisões (MELLO E SOUZA, 1993, 1998). Vivem uma transição de gênero, onde a paternidade afetiva e o envolvimento dos homens

com a família vêm se transformando, pressionados pelas mudanças produzidas pelo mercado de trabalho (UNBEHAUM, 2000; QUADROS, 1996; GIFFIN, 1994, 1998; GIFFIN, CAVALCANTI, 1999; BEZERRA DA SILVA, 2005; MARTINS, 2007; CARVALHO, 2001, 2003; PORTELLA et al, 2002, 2003, 2004). Tais contextos podem ter facilitado sua vinculação amorosa com seus filhos e envolvimento com o cuidado diário, apesar dos preconceitos e resistências de gênero.

Na ausência das tradicionais cuidadoras, os homens se revelaram capazes de manifestar e desenvolver as habilidades necessárias à atenção de crianças e adolescentes sob sua guarda. Esses resultados confirmam o entendimento de que homens se envolvem no cuidado em situações onde as mulheres não estavam disponíveis (MCMAHON, 1999). O fato de terem sido encontrados cinco desses pais com experiência no cuidado de doentes, filhos ou parentes, indica que os homens podem ser competentes nesse tipo de cuidado, como evidenciam outros estudos (CHANG, WHITE-MEANS, 1991; ROSA, 2000, 2003; TRONCHIN, TSUNECHIRO, 2006 TOMA, 2003; MCNEIL, 2007; NEIL-URBAN, 2002; CLARKE, 2005(CAMPBELL, MARTIN-MATTHEWS, 2000; RUSSELL, 2007; MURRAY, 1996).

As crises enfrentadas facilitaram a prática cuidadora onde ela não estava sendo plenamente exercida, e contribuíram para o amadurecimento psicossocial destes homens permitindo-lhes retomar o processo de cuidar de seus filhos (ERIKSON, 1982). Suas experiências se afinam com a perspectiva de que as dificuldades podem facilitar o emergir da prática cuidadora (BOFF, 1999), AYRES, 2001). Confirmam o entendimento das crises que geradoras de estágios de equilíbrio mais avançado na vida (BOFF, 2002; FERREIRA, s.d.)e as conclusões dos estudos sobre raciocínio moral de que tempos de crise promovem orientação moral para o cuidado (JAFEE, 2000; JUÜRJAVI, 2006 ; SOCHTING et al,1994; GILLIGAN, 1982). A crise portanto, permitiu à maioria dos pais, uma quebra na sua



experiência masculina de não envolvimento com o cuidado. Estes mostraram romper com o padrão de pais separados que vivem distantes de seus filhos, pautados no modelo de guarda monoparental materna, alimentada pela herança patriarcal.

A pesquisa revelou que homens podem cuidar de seus filhos apesar das suas práticas tradicionais de e de diferentes concepções de gênero. A maioria deles cumpria principalmente o papel de provedores, e as mães desenvolviam as tarefas cuidadoras tanto nos casamentos, quanto nas separações conjugais. É importante considerar que talvez, se não tivesse acontecido a crise na vida dos filhos, esses homens nunca teriam tido oportunidade de cuidado diário de alguém em suas vidas. Teriam reproduzido a experiência da maioria dos homens, já que em geral, as mulheres são responsáveis pela assistência aos filhos, familiares doentes, filhos de vizinhos e amigos.

Os pais se consideraram bons cuidadores, enfrentaram os preconceitos de gênero à sua experiência, não perceberam diferenças entre cuidado paterno e materno e reconheceram que as mulheres não devem ficar presas à maternidade. No entanto, evidenciaram a força da divisão sexual tradicional do trabalho, entendendo que as mulheres são melhores cuidadoras. Seu comportamento se assemelha ao de outros homens que vivem o processo de acomodação e resistência presente na transição de gênero, numa convivência entre valores novos e antigos (BEZERRA DA SILVA, 2005; GIFFIN, 1994, 1998; ANYON, 1990).

A afirmação de alguns pais de que se as mães dos seus filhos fossem boas cuidadoras, os filhos estariam com elas, revela a primazia do cuidado materno. Seus depoimentos também indicam que esta afirmação parece se originar nas dificuldades vividas no dilema entre mercado de trabalho e vida familiar. Este dilema se assemelha ao vivido pelas mulheres “divididas e multiplicadas” entre o trabalho e a casa (ROCHA-COUTINHO, 1998, 2003; GERSON, 2002). Cabe lembrar que seu posicionamento como cuidadores principais,

aconteceu por uma pressão das condições de vida e não por um posicionamento ideológico de gênero.

O cuidado diário dos filhos sem as mães, para ser exercido por homens não necessita de uma identificação com a perspectiva de equidade de gênero e de divisão igualitária do trabalho doméstico. Os pais reconheceram terem revalorizado o trabalho doméstico a partir da experiência de cuidarem sozinhos, o que sugere que sua vivência pode beneficiar relações de respeito e equidade com as mulheres. No entanto, suas práticas não mostraram se vincularem diretamente com identificação ideológica com a equidade de gênero e de divisão igualitária do trabalho doméstico. As mudanças vividas ocorreram nas suas práticas, e suas concepções de gênero se encontram em processo de acomodação e resistência entre padrões novos e hegemônicos. Além disso, a valorização do trabalho doméstico pelos pais, depende de transformações sociais mais profundas, tais como: desapego dos homens de seus privilégios na dominação das mulheres e estabelecimento de políticas econômicas e trabalhistas, que valorizem o trabalho de cuidado com as crianças e com a vida em geral.

Os pais cuidadores enfrentaram preconceitos de gênero quanto a homem cuidar, presentes neles mesmos e nos diversos setores de suas vidas. A começar pelas resistências de algumas mães, entre amigos e familiares, alguns pais não receberam apoio para assumirem a guarda dos filhos. Nas escolas e nos serviços de saúde pediátricos, enfrentaram as dificuldades de participação em ambiente voltado para mães e crianças. No trabalho, lidavam com as desconfianças de colegas. Entre mulheres e amigos, enfrentaram até mesmo o questionamento de sua heterossexualidade. E ainda, nos ambiente comerciais, enfrentavam a dificuldade de falta de banheiros para homens conduzirem seus filhos pequenos. Estes pais, como outros homens que não correspondem ao padrão hegemônico de masculinidade (ALMEIDA, 1995; CONNELL, 1995 a , b; GERSON, 2002), sofreram esses preconceitos sociais.

Os pais precisaram enfrentar o modelo de distância paterna, reproduzida nas separações, já que os pais separados ficam basicamente com a responsabilidade das pensões. A disputa a guarda os fez enfrentar o preconceito de advogados, psicólogos e juízes, conselho tutelar, sofrendo difamação das mães, familiares e advogados. Suas experiências indicam que algumas denúncias de violência masculina contra mulheres, além de poderem ser falsas, podem não ter consistência para avaliação da capacidade cuidadora dos homens. Evidenciam os preconceitos de gênero quanto aos homens, entendidos como agressivos e incapazes de cuidar de crianças.

Os resultados reforçam a crítica ao modelo jurídico que privilegia a guarda monoparental materna, fragiliza o cuidado paterno e estimula a briga e denúncia de um genitor contra o outro (BRITO, 2005, 2007; STEWART, 2003). As desigualdades sociais têm papel nesta questão, já que pais com melhores recursos financeiros puderam contratar advogado e psicólogo na disputa judicial da guarda. Os relatos sugerem que muitos homens preocupados com seus filhos, podem não reivindicar o cuidado com os filhos, apesar de riscos na guarda materna, em função da falta de apoio para o enfrentamento desses preconceitos de gênero.

A experiência da maioria dos pais mostrou que não é necessário ter experiência anterior ou treinamento de cuidado, seja na vida pessoal ou profissional, para que homens criem seus filhos sem as mães. A ausência das mães facilitou que eles manifestassem suas potencialidades e aprendizagens de cuidado anteriores, e buscassem se capacitar para as tarefas. Outras crises e sofrimento das pessoas também provocaram sua empatia e cuidado, sem treinamento anterior.

A pesquisa mostrou que alguns homens podem ser bastante voltados para o cuidado, mas enfrentam dificuldades para escolha e desempenho de profissões cuidadoras, já que por

falta de instrução, e pelas condições de vida, são obrigados a trabalhar em atividades que não correspondem às suas satisfações pessoais..

Os resultados indicam que a capacidade de cuidar de uma pessoa pode ser estimulada de forma independente do sexo do cuidador principal e da qualidade do cuidado recebido na infância. Os pais experimentaram diferentes tipos de relações afetivas paternas e maternas, com incidência maior de cuidado materno principal. O fato da maioria ter sido criada por ambos genitores, num modelo tradicional de cuidado materno, característico de sua geração, pautou provavelmente, seu modelo de cuidado a seus filhos. Os seus pais também apareceram como modelo de cuidado e de responsabilidade, embora a maioria deles não se envolvia nas atividades diárias com os filhos. Sua aprendizagem de cuidado disciplinar e amoroso ocorreu tanto com seus pais quanto com suas mães, sendo mais presentes, os castigos físicos disciplinares de suas mães.

O fato de muitos pais procurarem reproduzir seus referenciais amorosos aprendidos nas atitudes de seus pais e mães, mostra a importância da identificação amorosa da criança com seu cuidador (SAGAN, 1988). O cuidado amoroso paterno recebido por alguns deles, mostrou poder facilitar sua experiência de cuidado, como propõe Chodorow (1982).

Entre alguns, sua prática cuidadora também foi entendida como fruto da espontaneidade pessoal. Noutros casos, foi aprendida na relação com irmãs, amigos, possibilitando o questionamento dos modelos parentais (Sagan, 1988), Outros ainda, tinham na sua relação com Deus, seu modelo de cuidado.

A motivação e a ausência das mães possibilitou que os pais reorganizassem seus horários e rotinas e colocassem o cuidado dos filhos como prioridade. A maioria passou a se dividir entre o trabalho fora e dentro de casa. Foi encontrado aqueles (2) que passaram a se dedicar apenas à casa e aos filhos, vivendo de pensão e de ajuda da comunidade ou da família. Em todos os casos, o trabalho de cuidado levou os pais a abrirem mão de projetos pessoais.

Em sua maioria, os pais relataram acumular todas as funções de cuidado, desenvolvendo tarefas com a casa e com as crianças, no que se refere a higiene, vestuário, alimentação, saúde, além de educação de valores, instrução, proteção, acolhimento amoroso e organização dos limites e disciplina. Aqueles que moram com suas mães ou irmã, ou pagam vizinhos, parentes ou empregados que preparam a alimentação, a faxina ou condução à escola, têm uma vida menos sobrecarregada e desempenham as funções mais ligadas à relação com os filhos. Todos os pais se colocaram como referências emocionais principais dos seus filhos, mesmo entre aqueles que moravam com familiares e empregados. As diferenças principais encontradas se referiram quanto à existência de apoio remunerado ou familiar para as tarefas domésticas.

O estudo indica que a libertação dos padrões de gênero, pode permitir que homens construam suas formas particulares de cuidar, já que eles criaram diferentes estilos pessoais no relacionamento com seus filhos e com as tarefas da casa. Não foi possível portanto, perceber um jeito específico de cuidado paterno sem as mães. Este resultado sugere que o jeito masculino de cuidar percebido em estudo com casais que dividem o cuidado com os filhos (EHRENSAFT, 1987), pode ser produto da divisão do trabalho de cuidado, existente consciente ou inconscientemente, entre os dois genitores. Da mesma maneira pode-se entender o envolvimento maior de pais com atividades lúdicas com os filhos, sem dedicação às tarefas mais trabalhosas (QUADROS, 1996; UNBEHAUM, 2000; MARTINS, 2007). A possibilidade de descolamento entre gênero e cuidado, fica de novo, apontada pelos resultados.

O estudo mostrou a formação de intenso vínculo entre pais e filhos, com até mesmo, comportamentos similares à chamada simbiose materna, nas dificuldades de separação dos filhos na hora de dormir e no horário de trabalho. Os resultados sugerem que quando existe apenas um cuidador, não há a quem delegar tarefas, e é necessário estar atento a todas as

necessidades dos filhos, mesmo no local de trabalho. Este resultado também se diferencia dos resultados de Ehrensaft (1987) sobre pais dividindo o cuidado com as mães, que não se preocupavam com os filhos no local de trabalho, com um comportamento mais “separado” deles. O presente estudo permitiu, mais uma vez, dissolverem-se diferenças de gênero no cuidado, com as evidências de quando ele é exercido por um homem sozinho.

Os depoimentos evidenciaram que estes pais cumpriam as diferentes funções psicológicas na educação de seus filhos, tais como acolhimento amoroso, organização de limites, disciplina e educação de valores. Em sua grande maioria, estabeleciam contato afetivo corporal amoroso com eles e os disciplinavam com proibições e conversa, com poucos casos relatados de castigo físico. Rejeitavam repetir o modelo distante e autoritário de paternidade e os castigos físicos que receberam de suas mães e de seus pais, mesmo entre aqueles que contaram eventualmente “dar umas palmadas”. Outros estudos com pais também mostram que os pais procuram não repetir com seus filhos maus-tratos físicos vividos (LOEWENSTEIN, BARKER, 1998; MARTINS, 2007; OLIVEIRA et al, 1999).

Este estudo refuta a proposta presente em estudo anterior desta autora (CARVALHO, 2001, 2003), e no próprio desenho desta pesquisa, de encontrar uma forma própria de homem cuidar. Confirma-se contudo, a necessidade de entender as dificuldades específicas de gênero vividas por pais, no cuidado de seus filhos.

As dificuldades financeiras e de moradia não constituíram impedimentos para eles criarem seus filhos, já que foram encontrados pais inclusive sem casa para morar. No entanto, as desigualdades sociais, provocando diferentes condições materiais de vida, mostraram suas conseqüências na experiência de cuidado. O fato da metade deles morar em casa própria ou da família, sugere que a garantia de residência pode ter facilitado que assumissem o cuidado paterno diário.

Aqueles sem apoio familiar ou de empregados, desempenhavam todas as atividades domésticas e estavam esgotados com a correria diária e a falta de tempo para si mesmos. Relataram empobrecimento financeiro por não conseguirem se dedicar ao mercado de trabalho com a mesma intensidade anterior. Já entre os que tinham melhores condições financeiras, ou apoio familiar, houve menos manifestação de desgaste pessoal. A maioria dos pais reproduziu portanto, as dificuldades das mulheres na dupla-jornada, evidenciando como o sistema social pautado na exploração do trabalhador, não considera as necessidades para a qualidade da vida pessoal (OLIVEIRA, 2003; HOCHSCHILD, 2002, 2002 a, 2005).

A maioria dos entrevistados relatou sentir dificuldade de tempo para o lazer e para novas relações amorosas. Atribuía essas dificuldades às responsabilidades com os filhos, à falta de tempo, ao medo de se decepcionarem de novo com as mulheres e à dificuldade de escolha de namorada que aceitasse e cuidasse bem dos seus filhos. Além disso, a solidão da experiência de ser pai cuidador também constitui um desafio à sua experiência.

A pesquisa mostrou o distanciamento das mães que não têm a guarda de seus filhos, chegando a ficar meses sem visitá-los. Isto ocorreu mesmo entre aquelas com bom desempenho anterior como cuidadora principal e aquelas que criavam filhos de novas relações conjugais. Mesmo entre as mães que fazem visitas quinzenais, havia falta de acompanhamento dos estudos das crianças e jovens. Alguns pais julgavam que elas se sentiram aliviadas por não terem mais compromisso com os filhos, ou entenderam que o comportamento delas seria fruto de desleixo ou dificuldades emocionais. Embora alguns filhos mantenham boas relações com as mães, várias dessas crianças e adolescentes se comportavam de maneira insegura e arredios, na relação com suas genitoras.

A pesquisa evidenciou a possibilidade de desapego da mulher de seu papel de cuidadora principal. Segundo relato dos pais, algumas mulheres mostraram confiança no cuidado paterno quando pediram que os pais cuidassem temporariamente ou entre as poucas

mães que aceitaram amigavelmente o pedido dos filhos ou dos pais, de guarda paterna. Os resultados indicam que o cuidado materno como construção social imposta às mulheres, muitas vezes não corresponde ao desejo íntimo de cada uma.

A conduta das mães distantes se assemelhou à de pais separados, sem a guarda dos filhos, deixando claro o descolamento entre gênero e cuidado. Embora seu comportamento possa estar relacionado às suas dificuldades emocionais, este não é um fenômeno encontrado apenas nesta pesquisa, já que outros estudos revelaram o afastamento tanto de pais quanto de mães, quando estão sem a guarda, no nosso país e nos EUA (BRITO, 2005, 2007). A guarda monoparental afasta o genitor visitante, num comportamento que não se circunscreve ao gênero. O estudo indica ainda que possa haver resistência, dos novos parceiros das mães ao convívio com filhos de outras relações. Estes resultados se assemelham ao que foi percebido em estudo que mostrou que pais recasados encontravam nas suas parceiras, obstáculos ao convívio com os filhos que não moravam com eles (MARTINS, 2007).

Os pais perceberam benefícios desta prática cuidadora para o aumento do amor por si mesmos. Relataram bem-estar e alegria por desenvolverem atividades entendidas socialmente como femininas, antes não exploradas. Relataram prazer no trabalho de cuidado, orgulho por desenvolverem tarefas com independência das mulheres, além da intensificação do amor recíproco entre eles e seus filhos. O cuidado paterno portanto, beneficiou a sua auto-estima, fruto da maturidade provocada pela experiência. A aprendizagem de tarefas e o desenvolvimento de sensibilidades ditas “femininas”, parecem ter contribuído para dissolver parte do endurecimento emocional, produzido pelos ditames da masculinidade e da divisão sexual do trabalho.

O aumento do amor por si mesmos, a partir do cuidado diário pelos filhos, pode ter sido gerado pelos sentimentos despertados pelo encontro com a espontaneidade, amorosidade e profundidade de si mesmos, em geral ocultas pelas pressões da vida social. Puderam



intensificar suas sensibilidades amorosas, antes adormecidas pela identificação com o trabalho remunerado, fenômeno alienador das pessoas de si mesmas e de seus semelhantes (HOCHSCHILD, 2005; OLIVEIRA, 2003). Entre os benefícios percebidos, cabe destacar que dois pais se mantiveram afastados da criminalidade a partir da dedicação exclusiva ao filho.

A alegria com a experiência pode ter sido gerada no profundo encontro consigo mesmo no exercício de suas potencialidades amorosas. Evidenciou-se que cuidado pode trazer benefícios para o cuidador (CREMA, 1995; BOFF, 1999). Os pais puderam se libertar do endurecimento, forjado pela divisão sexual do trabalho que os afasta do cuidado. Puderam se conectar com a espontaneidade humana que ocorre quando há uma libertação de aprisionamentos sociais.

O cuidado parece também ter trazido bem-estar com relação aos sofrimentos emocionais relativos à viuvez, à separação conjugal, e até mesmo as dores de seus sofrimentos infantis, permitindo conexão com a capacidade amorosa destes homens, atualizada na relação com os filhos. É sabido que a passagem para a paternidade traz benefícios para os homens (ARILHA, 1998, 1999a; KEIJZER, 1997; COWAN, COWAN, 1992) e o estímulo ao exercício do cuidado paterno pode beneficiar a saúde dos homens e dos que os cercam (KEIJZER, 1997). Este estudo revelou estes benefícios de uma maneira amplificada e profunda, já que suas experiências de cuidado envolviam muito mais as atividades com os filhos, que costumam ter pais casados.

Os pais entenderam que as crianças e os adolescentes têm boa qualidade de vida e que sentirão orgulho por terem sido criados por eles. O estudo evidenciou sua preocupação com as seqüelas psíquicas dos sofrimentos dos filhos quando estavam sob cuidado materno, e da falta do convívio com suas mães, falecidas ou abandonadoras. Essa preocupação é similar à das mães com relação à falta dos pais abandonadores. No entanto, a falta das mães tem uma

conotação social mais pesada, geradora de maior crítica às mulheres e de preocupação com relação à formação das crianças.

A dificuldade de encontrar pais que criam os filhos sozinhos, nesta pesquisa, além de caracterizar a raridade do fenômeno, também pode indicar a pouca visibilidade social e o isolamento daqueles que vivem esta experiência. No entanto, o interesse dos entrevistados em participar e de conhecer os resultados da pesquisa, , indica a sua motivação para conversarem sobre cuidado com filhos apesar da lacuna social de encontro entre homens cuidadores. Este isolamento pode explicar as longas durações das entrevistas, com intensidade emocional e gratidão pela entrevista, já que tinham muito a contar. Estes resultados desmistificam a idéia de falta de interesse masculino por temas do cuidado e de sentimentos de conexão afetiva. É possível que a fragilidade vivida nas crises e o próprio exercício de cuidado tenha facilitado seu contato com este tipo de emoções. O desenrolar da pesquisa evidenciou ainda, a necessidade de estabelecimento de cuidado com as emoções de entrevistados quando se trata de experiências associadas a profundas dores emocionais.

A pesquisa se caracterizou por ser um estudo exploratório que apesar de trabalhar com pequeno número de entrevistados, evidenciou a situação rara de pais terem a guarda de seus filhos após a separação. Apresenta os limites de um estudo exploratório que se propõe a levantar questões para estudos mais amplos. Os depoimentos não permitem prever comportamentos futuros dos pais com relação ao cuidado, mas compreender os benefícios e as dificuldades vividas para contribuir para a experiência de outros homens e mulheres. Deve ser considerado que o estudo foi conduzido em todas as suas etapas, por uma mulher, psicoterapeuta, mãe e separada, aspectos da personalidade da pesquisadora, que estiveram implicados na sua condução e a análise.

Foi tratada uma situação específica, não permitindo afirmações generalizantes sobre o cuidado paterno. Embora os pais relatassem o bem-estar dos filhos no convívio com eles, o

estudo não se voltou para uma avaliação da qualidade do cuidado paterno e nem foram entrevistadas todas as pessoas envolvidas nessas situações. O estudo não permite considerações a respeito de pais que não cuidam dos seus filhos em situações semelhantes.

O estudo indica que as atuais dificuldades para inserção dos homens no cuidado não se referem a limitações masculinas para o desenvolvimento das tarefas de cuidado. Estão relacionadas à perpetuação da acomodação dos homens à dominação sobre as mulheres no trabalho doméstico. São reforçadas pelos preconceitos sociais e resistências institucionais que dificultam as ações cuidadoras dos pais. A falta de equidade de gênero no trabalho doméstico, não é ainda, apenas fruto dos privilégios da masculinidade, mas também é consequência das condições de trabalho e conjunturas econômicas e políticas, que desqualificam o cuidado com a vida humana em geral.

A ausência dos homens no cuidado em nossa sociedade, mostra-se afinada ao aprisionamento das pessoas alienadas de suas possibilidades cuidadoras, em virtude da educação, das relações de trabalho, do individualismo, do consumismo exacerbado e da desvalorização do trabalho de cuidado, no sistema capitalista. Precisamos descobrir como facilitar que todos, independente de gênero, classe ou situação familiar, possam equilibrar trabalho, com cuidado para os outros, e com cuidado de si. Conseguir isso depende de criar uma sociedade saudável, em que todos os cidadãos sejam capazes de combinar amor e trabalho, do jeito que eles julguem melhor, independente do gênero. A atenção a si mesmo e à família não será resolvida apenas numa discussão entre homens e mulheres, mas a partir da valorização do tempo dedicado à vida privada (GERSON, 2002 ; OLIVEIRA, 2003; BOFF, 1999; HOCHSCHILD, 2005).

Recomenda-se portanto, que a discussão social do cuidado paterno, assim como a do cuidado materno, considere as condições materiais de vida de homens e mulheres trabalhadores. Pais e mães sobrecarregados, vivendo com poucos recursos financeiros, se

descuidam de si mesmos, de suas famílias, da comunidade e da natureza. A reflexão social sobre paternidade e maternidade deve evitar a culpabilização dos pais, já que muitos problemas podem ser fruto das condições materiais de vida. Como o trabalho de cuidado dos próprios filhos não garante recursos financeiros, é necessária a valorização social do cuidado com os filhos, para a efetiva realização das tarefas de pais e mães.

Para a facilitação do envolvimento de homens com o cuidado, é necessária a promoção da discussão sobre a sobrecarga da dupla-jornada de trabalho enfrentada por homens e mulheres que cuidam de seus filhos. Além disso, é fundamental o cumprimento de leis trabalhistas que preservem o bem-estar de trabalhadores, suas famílias e o cuidado com a vida humana em geral. Sugere-se a discussão social dos trabalhos de cuidado com os filhos e do trabalho doméstico, considerando que estes constituem a base da qualidade de vida de toda a sociedade.

Há necessidade de discussão de carga horária de trabalho fora de casa, para a promoção de garantias para o cuidado com a própria vida dos trabalhadores e de seus filhos. Políticas sociais como creches e escolas, podem facilitar que homens e mulheres possam se dividir entre seus interesses no mercado de trabalho e cuidado com a prole. É necessário o aumento da licença-paternidade. Além disso, é preciso discutir e implementar que a licença possa ser tirada por pais e/ou mães, para que cada casal possa decidir quem cuidará de seus bebês (HOCHSCHILD, 2002; SEWARD, 2006). É importante considerar que a eficácia de licenças-paternidade e opção de divisão do cuidado entre pais e mães, só são possíveis onde haja equiparação salarial do trabalho das mulheres e dos homens, e onde a remuneração dos trabalhadores permita a sobrevivência das famílias com apenas um emprego.

Sugere-se a valorização de processos educacionais que unam razão com emoção, numa perspectiva do cuidado com a vida. Propõe-se a criação de disciplinas relativas ao cuidado com filhos, nas escolas em seus diversos níveis, e a valorização dos diferentes estilos de

cuidado que cada pessoa possa desenvolver. Indica-se a promoção de debate social sobre o cuidado, como uma capacidade de ambos os sexos, procurando incluir homens nos trabalhos com filhos, doentes, com a natureza e nas profissões cuidadoras.

Se por um lado, as escolas e os serviços de saúde precisam organizar horários para presença dos pais, que respeitem os compromissos de trabalho, por outro, as empresas precisam reconhecer a necessidade de pais e mães se ausentarem para atenderem necessidades escolares de seus filhos. Indica-se a promoção de leis trabalhistas que permitam aos pais acompanharem seus filhos nas consultas pediátricas, no pré-natal, no parto e reuniões escolares.

As questões envolvidas no distanciamento das mães dos filhos que moram com pais, merecem atenção dos setores saúde, educação e justiça. É necessário que os profissionais trabalhem no sentido do direito das crianças, para o desenvolvimento de laços afetivos e para a aprendizagem na convivência com ambos genitores, conforme previsto pelas leis de proteção às crianças (BRITO, 2005, 2007; STEWART, 2006). Os resultados sugerem que o tema da guarda e educação dos filhos após a separação seja amplamente discutido pela sociedade. É necessário que sejam debatidos os procedimentos jurídicos, sob a ótica de que os homens também podem ser bons cuidadores, e que nem sempre as mulheres suprem a necessidade de seus filhos.

O fato do vínculo pai-filho ter se mostrado facilitador do cuidado, indica que as instituições de saúde, educação e justiça, repensem suas práticas, facilitando a entrada dos pais na vida de seus filhos, desde a gestação. Desta maneira, estarão facilitando a cooperação entre os genitores, e o cuidado paterno em caso de morte, doença ou qualquer outro impedimento das mães.

É necessária a promoção da reflexão de mães e pais separados, sobre o fortalecimento dos vínculos com ambos genitores, e sobre a participação dos pais separados na vida dos seus

filhos. Tais encontros reflexivos podem fortalecer os pais para o cuidado, e promover a crítica da divisão sexual do trabalho .

O estudo indica a necessidade de apoio emocional e social a pais cuidadores nas instituições de saúde (NEIL-URBAN, 2002) e educação, para o bem-estar deles mesmos, de seus filhos e das mães. Sugere-se que as instituições sociais promovam encontros e trocas de experiência entre pais cuidadores de seus filhos. Como os entrevistados mostraram grande interesse pela temática do cuidado com os filhos, indica-se a divulgação da experiência de pais cuidadores sós e dividindo o cuidado com as mulheres em tv, rádio e imprensa. Propõe-se ainda a discussão social das representações e práticas relativas à masculinidade, considerando os entraves dos homens para valorização do cuidado.

As competências dos homens para o acolhimento amoroso, indicam a discussão de conceitos psicológicos que costumam entender a educação dos limites como a principal contribuição dos pais na construção da personalidade da criança, que reforçam os estereótipos de gênero. Com as atuais configurações familiares, pais e mães podem exercer tanto as funções de provisão financeira, de acolhimento amoroso, de educação de limites, cuidado com a higiene, saúde, e educação, independente de seu sexo biológico.

Para a inserção dos homens no cuidado, a psicologia e as instituições sociais necessitam portanto, revê r conceitos tradicionais de gênero presentes nas teorias sobre maternidade e paternidade, de forma a contribuir para práticas institucionais que legitimem o cuidado paterno. Este cuidado precisa ser reconhecido tanto nas funções de acolhimento, quanto de organização dos limites, na formação da personalidade da criança. Conceitos pautados na divisão sexual do trabalho tradicional, perpetuam a representação de homens distantes dos filhos e ausentes do cuidado em geral. Revelam uma cisão entre amor e respeito, em que o último se construiria a partir da distância e da autoridade. O questionamento destas idéias pode facilitar a legitimação da prática cuidadora de homens, e a cooperação entre os sexos no

dilema de homens e mulheres, entre cuidado com a casa e o trabalho remunerado. Sugere-se portanto, o reconhecimento que cada genitor cria sua forma de cuidar, independente do sexo.

O estudo indica a promoção de pesquisas sobre paternidade e maternidade considerando as condições atuais de vida de homens e mulheres. Sugere-se a promoção de pesquisas sobre guarda com mães, pais e guarda compartilhada. Pode-se indicar que sejam realizados futuros estudos sobre as condições que impedem muitos pais a não cuidarem, apesar dos riscos e ausência no cuidado materno. Foi evidenciada a necessidade de estabelecimento de cuidado na pesquisa, com as emoções difíceis relatadas pelos entrevistados.

Há necessidade de construção de currículos universitários e de capacitação dos profissionais, com valorização do cuidado paterno, para o trabalho com os pais e as famílias.

Indica-se a promoção da reflexão social sobre a profundidade da experiência humana de cuidar, considerando as várias dimensões deste fenômeno: biológicas, psicológicas, sociais, filosóficas e espirituais.

É de fundamental importância a construção de políticas trabalhistas e econômicas, que sejam promotoras do cuidado com a vida das crianças e dos trabalhadores, para o respeito à qualidade de vida humana desta e de futuras gerações.

Como vimos, o cuidado se mostrou como potencialidade humana, que independe do sexo e necessita de condições para se manifestar e desenvolver. A alienação dos trabalhadores do cuidado com a própria vida e dos que os circundam, constitui enorme empecilho para a atenção ao cuidado em todos os setores das relações humanas. A concretização de condições sociais que minimizem a desigualdade social é portanto, o maior desafio para que se propiciem condições para que o cuidado com os filhos seja exercido por pais e mães.

É importante destacar as transformações ocorridas na vida dos pais cuidadores diários ocorreu a partir das crises e suas transformações ocorreram nas suas práticas e emoções. Crises são benéficas para o surgimento do cuidado (BOFF, 2002) e a ética do cuidado seria a atitude mais reveladora do ser humano, mais do que a inteligência e outros atributos (BOFF, 1999). Concluímos este estudo, com a fé de que possamos aproveitar nossas crises, para o despertar e para o desenvolvimento de nossas potencialidades cuidadoras e de todos os seres humanos.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Aldira Samantha G.T.; SOUZA, Ívis Emília de. *O pai à espera do parto: uma visão compreensiva do fenômeno*. Rio de Janeiro: Ed. do Autor, 1999.

AFONSO, Rubens. Escuta, Zé ninguém! e o poder do amor. Curitiba: Centro Reichiano, 2005. Disponível em: <<http://www.centroreichiano.com.br/artigos>>. Acesso em: 19 abril 2007.

AGERSTRÖM, Jens; MÖLLER, Kristiina; ARCHER, Trevor. Moral reasoning: the influence of affective personality, dilemma content and gender. *Social Behavior and Personality: An International Journal*, v. 34, n. 10. 2006. Disponível em: <<http://web.ebscohost.com/ehost/pdf?vid=3&hid=106&sid=9f37216d-5da1-4bf2-b851-3a32f92b31d0%40sessionmgr104>> Acesso em: 31 mar. 2007.

ALBERTINI, Paulo. Reich, prevention, and childhood education. In: Colóquio do LEPSI IP/FE-USP, 5., 2006, São Paulo. Anales electrónicos. Disponível em: <[http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=MSC0000000032006001000006&lng=es&nrm=abn](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000032006001000006&lng=es&nrm=abn)>. Acesso em: 20 julho 2007.

ALMEIDA, Miguel Vale de. *Senhores de si: uma interpretação antropológica da masculinidade*. Lisboa: Fim de Século, 1995. 264 p.

ANYON, J. Intersecções de gênero e classe: acomodação e resistência de mulheres e meninas às ideologias de papéis sociais. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 73, p.13-25, 1990.

APPLEBAUM, Barbara. Is caring inherently good? *Philosophy of Education*, 1998. Disponível em: <<http://www.ed.uiuc.edu/eps/pes-yearbook/1998/applebaum.html#fn1>>. Acesso em: 18 de agosto de 2007.

AQUINO, Estela Maria Motta Leão de; MENEZES, Greice Maria de Souza. Para pensar o exercício da paternidade: contribuições a partir de um estudo sobre trabalho e saúde de mulheres. In: SILVEIRA, Paulo (org.). *Exercício da paternidade*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998. p. 131-141.

ARAÚJO, Rosa Maria Barboza de. *A vocação do prazer: a cidade e a família no Rio de Janeiro republicano*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993. 408 p.

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. 279 p.

ARILHA, Margareth. Homens jovens, gênero e masculinidades. *Perspectivas em Saúde e Direitos Reprodutivos*. Fundação MacArthur, v. 2, n. 3, set. 2000.

\_\_\_\_\_. Homens, saúde reprodutiva e gênero: o desafio da inclusão. In: GIFFIN, K. (org.). *Questões da saúde reprodutiva*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1999a.

\_\_\_\_\_. *Masculinidades e gênero: discursos sobre responsabilidade na reprodução*. Dissertação [Mestrado em Psicologia Social]. PUC. São Paulo, 1999b.

\_\_\_\_\_. Homens: entre a “zoeira” e a “responsabilidade”. In: ARILHA, Margareth; RIDENTI, Sandra G. Unbebaum; MEDRADO, Benedito (orgs.), *Homens e masculinidades: outras palavras*. São Paulo: ECOS/Ed.23, 1998. p. 51-78.

ÁVILA, Maria Betânia, GOUVEIA, Tarciana. Notas sobre direitos reprodutivos e direitos sexuais. In: PARKER, Richard; BARBOSA, Regina M. (orgs.). *Sexualidades brasileiras*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.

AYRES, José Ricardo Carvalho de Mesquita. Cuidado e reconstrução das práticas de saúde. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, v.8, n.14, p. 73-92, 2003.

\_\_\_\_\_. Sujeito, intersubjetividade e práticas de saúde. *Ciência e Saúde Coletiva*, v. 6, n. 1, p. 63-72, 2001.

BADINTER, Elizabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.

BARBOSA, Regina Helena. *Mulheres, reprodução e AIDS: as tramas da ideologia na assistência à saúde de gestantes HIV+*. Tese (Doutorado em Saúde Pública) Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública; 2001. 310 p.

\_\_\_\_\_. AIDS e saúde reprodutiva: novos desafios. In: GIFFIN, Karen, COSTA, Sarah Hawker (orgs.). *Questões de saúde reprodutiva*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1999.

BARBOSA, Sérgio Flávio. Machos, homens e masculinidade: percurso, trajetos e caminhos com grupos de homens. *Perspectivas em Saúde e Direitos Reprodutivos*. Fundação Mac Arthur, v.2, n. 3, set. 2000.

\_\_\_\_\_. Experiência de intervenções com homens: para além de abrir vidros de azeitonas. ARILHA, Margareth; RIDENTI, Sandra G. U; MEDRADO, Benedito. (orgs.) *Homens e masculinidades: outras palavras*. São Paulo: ECOS/Ed. 23, 1998.

BARKER Gary et al. *Supporting fathers. Contributions from the International Fatherhood Summit 2003. Early childhood development: practice and reflections*, v. 20. Bernard von Leer Foundation, 2003 a.

\_\_\_\_\_. *Men's participation as fathers in the latin american and caribbean region: a critical literature review with policy considerations. Document Prepared for the World Bank. Final Draft – May 2003 b*. Rio de Janeiro: Instituto PROMUNDO, maio 2003.

BARKER, G.; ACOSTA, F. *Homens, violência de gênero e saúde sexual reprodutiva*. Rio de Janeiro: Instituto Promundo, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

BAUMEISTER, Roy F.; SOMMER, Kristin L. What do men want? Gender differences and two spheres of belongingness: comment on cross and madson. *Psychological Bulletin*, v. 122, n. 1, p. 38–44, 1997. Disponível em: <<http://gateway.ut.ovid.com/gw1/ovidweb.cgi>>. Acesso em: 01 abril 2007.

BESSE, S. K. *Modernizando a desigualdade: reestruturação da ideologia de gênero no Brasil, 1914-1940*. São Paulo: EDUSP, 1999.

BEZERRA DA SILVA, Baldinir. *Homens: razão e sensibilidade: ideologias de gênero masculino e o cuidado com a saúde*. Dissertação. Rio de Janeiro: UFRJ /CCS / NESC, 2005. 165 p.

BJÖRKLUND, Fredrik. Differences in the justification of choices in moral dilemmas: effects of gender, time pressure and dilemma seriousness. *Scandinavian Journal of Psychology*, v. 44, n. 5, p. 459-466, 2003. Disponível em: <<http://ejournals.ebsco.com/direct.asp?ArticleID=QFQKJFNMHGW7BANVBQU4>> Acesso em: 31 março 2007.

BOFF, Leonardo. *São José: a personificação do pai*. Campinas: Verus Editora, 2005. 215 p.

\_\_\_\_\_. *A voz do arco-íris*. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

\_\_\_\_\_. *Ética e moral: a busca dos fundamentos*. Petrópolis: Editora Vozes, 2003a.

\_\_\_\_\_. *Ética e eco-espiritualidade*. Campinas: Verus Editora. 2003b.

\_\_\_\_\_. *Crise: oportunidade de crescimento*. Campinas: Verus, 2002. 212 p.

\_\_\_\_\_. *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela Terra*. Petrópolis: Editora Vozes, 6ª. edição, 1999. 199 p.

BONELLI, Maria da Gloria. Arlie Russell Hochschild e a sociologia das emoções. *Cad. Pagu*, Campinas, n. 22, 2004. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-83332004000100015&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332004000100015&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 22 julho 2007. Pré-publicação.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999. 159 p.

BRASIL. Novo Código Civil. Lei nº. 10.406, de 10 de janeiro de 2002. *Diário Oficial da União*, 11/01/2002. Disponível em: <[http://www.senado.gov.br/web/senador/alvarodi/b\\_menu\\_esquerdo/4\\_biblioteca\\_virtual/Novo\\_codigo\\_civil.pdf](http://www.senado.gov.br/web/senador/alvarodi/b_menu_esquerdo/4_biblioteca_virtual/Novo_codigo_civil.pdf)>. Acesso em: 14 julho 2007.

\_\_\_\_\_. Estatuto da criança e do adolescente. Lei n. 8069, de 13 de julho de 1990.

BRITO, Leila Maria Torraca de. Família pós-divórcio: a visão dos filhos. *Psicologia, ciência e profissão*, v. 27, n. 1, p. 32-45, 2007.

\_\_\_\_\_. Guarda compartilhada: um passaporte para a convivência familiar. In: APASE (org.). *Guarda compartilhada: aspectos psicológicos e jurídicos*. Porto Alegre: Equilíbrio, p. 53-71, 2005.

\_\_\_\_\_. Igualdade e divisão de responsabilidades: pressupostos e conseqüências da guarda conjunta. *Direito de família e psicanálise: rumo a uma nova epistemologia*. GROENINGA, Giselle Câmara, PEREIRA, Rodrigo da Cunha (orgs). Rio de Janeiro: Imago, 2003.

\_\_\_\_\_. Impasses na condição da guarda e da visitação: o palco da discórdia. Pereira, Rodrigo da Cunha (org). Belo Horizonte: IBDFAM/Del Rey, 2002. p. 433-447.

\_\_\_\_\_. Descumprimento de visitação e a questão penal. *Revista Brasileira de Direito de Família*, n. 8, p. 18 – 29, jan, fev, mar 2001.

\_\_\_\_\_. De competências e convivências: caminhos da Psicologia junto ao direito de família. In: BRITO, L. (Org.) Temas de psicologia jurídica. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1999. p.171-186.

\_\_\_\_\_. Pais de fim de semana: questões para uma análise jurídico-psicológica. *Psicologia Clínica – Pós-Graduação e Pesquisa*. Rio de Janeiro: PUC/RJ, v. 8, n. 8, 1997. p. 139-152

\_\_\_\_\_. Parecer sobre a aplicabilidade da guarda compartilhada. APASE - Associação de Pais e Mães Separados. Disponível em: <<http://www.apase.org.br/91005-parecerleila.htm>>. Acesso em: 07 julho 2007.

CALÇADA, Andreia. Falsas acusações de abuso sexual: parâmetros iniciais para uma avaliação. In: *Associação De Pais E Mães Separados* (Org.). Guarda compartilhada: aspectos psicológicos e jurídicos. Porto Alegre: Equilíbrio, 2005. p. 123 – 144.

CAMPBELL, Lori D.; MARTIN-MATTHEWS, Anne. Primary and proximate: the importance of coresidence and being primary provider of care for men's filial care involvement. *Journal of Family Issues*, v. 21, n. 8, p. 1006-1030, 2000. Disponível em: <<http://jfi.sagepub.com/cgi/content/abstract/21/8/1006>>. Acesso em: 15 de novembro de 2006.

CARTER, Betty; MCGOLDRICK, Monica. *As mudanças no Ciclo de Vida Familiar: uma estrutura para a terapia familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

CARVALHO, Marcus Renato; TAMEZ, R. *Amamentação: bases científicas..* Rio de Janeiro: Ed. Guanabara Koogan, 2005. 2ª ed.

CARVALHO, Maria Luiza Mello de. Pais no nascimento em maternidade pública: dificuldades institucionais e motivações dos casais. *Cadernos de Saúde Pública*. Rio de Janeiro, v. 19, sup. 2, p. s389-s398, 2003.

\_\_\_\_\_. *A participação do pai no nascimento da criança: as famílias e os desafios institucionais*. Dissertação [Mestrado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social]-Programa de Estudos Interdisciplinares de Comunidades e Ecologia Social – EICOS, Instituto de Psicologia, UFRJ, 2001.

\_\_\_\_\_. A amamentação como oportunidade de reorganização afetiva. *Anais do V Encontro Nacional de Aleitamento Materno*. Londrina: 1997.

\_\_\_\_\_. Homem tem jeito para cuidar de criança? *Babysite*. Disponível em: <<http://www.babysite.com.br>>. Acesso em: 20 de março de 2001.

CASTRO, Ismênio Pereira de. A relação dos filhos menores com os pais após a ruptura da tradicional convivência familiar: uma ótica sociojurídica. In: SILVEIRA, Paulo (org.). *O exercício da paternidade*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

CASTRO, Mary Garcia. Marxismo, feminismo e feminismo marxista: mais que um gênero em tempos neoliberais. *Crítica marxista*, n. 11, p. 98-108, 2000.

CHANG, Cyril F.; WHITE-MEANS, Shelley I. The men who care: an analysis of male primary caregivers who care for frail elderly at home. *Journal of Applied Gerontology*, v. 10, n. 3, p. 343-358, 1991. Disponível em: <<http://jag.sagepub.com/cgi/content/abstract/10/3/343>>. Acesso em: 30 de janeiro de 2007.

CHODOROW, Nancy. Response and afterword. *Feminism & Psychology*. v. 12, n. 1, p. 49-53, 2002.

\_\_\_\_\_. Gender as a personal and cultural construction. In: \_\_\_\_\_. *The power of feelings: personal meaning in psychoanalysis, gender, and culture*. New Haven/London: Yale University Press, 1999, p. 69-81.

\_\_\_\_\_. *Psicanálise da maternidade: uma crítica a Freud a partir da mulher*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1990, 319 p.

\_\_\_\_\_. Introduction. In: \_\_\_\_\_. *Feminism and Psychoanalytic Theory*. New Haven: Yale University, 1989. p 1-19.

CLARKE, Juane N. Fathers' home health care work when a child has cancer: "I'm her dad; I have to do It". *Men and Masculinities*, v. 7, n. 4, p. 385-404, 2005. Disponível em: <<http://jmm.sagepub.com/cgi/content/abstract/7/4/385>>. Acesso em: 30 de janeiro de 2007.

CLOPTON Nancy A.; SORELL, Gwendolyn T. Gender differences in moral reasoning: stable or situational? *Psychology of Women Quarterly*, v. 17, n. 1, p. 85-101, 1993. Disponível em: <<http://www.blackwell-synergy.com/doi/abs/10.1111/j.1471-6402.1993.tb00678.x>>. Acesso em: 31 março 2007.

CONNELL, Robert W. El imperialismo y el cuerpo de los hombres. In: VALDÉS, Teresa; OLAVARRIA, José (eds.). *Masculinidades y equidad de género en América Latina*. Santiago: FLACSO, 1998.

\_\_\_\_\_. *Masculinities*. Berkeley: University of California Press, 1995a.

\_\_\_\_\_. Políticas da masculinidade. *Educação e Realidade*, v. 20, n. 2, jul./dez, p. 185-208, 1995b

CORNEAU, Guy. Paternidade e masculinidade. In: NOLASCO, S. (org.) *A desconstrução do masculino*. Rio de Janeiro, Rocco, 1995.

CORREA, Sônia. Saúde reprodutiva, gênero e sexualidade. In: GIFFIN, K. (org.), *Questões de saúde reprodutiva*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1999.

COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979. 282 p.

COSTA, Maria Aparecida G. *A Face Masculina do Planejamento Familiar*. Fortaleza: Ceará, 1997.

COSTA, Moacir et al. *Macho, masculino, homem*. Porto Alegre: L&PM, 1986.

COWAN Philip A., COWAN Carolyn Pape. *When partners become parents: the big life change for couples*. New York: Basic Books, 1992.

COWAN, C.; COWAN, P. A. Working with couples during stressful transitions. In: DREMAN, S. (Ed.). *The family on the threshold of the 21st century: trends and implications*. Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates, Inc., Publishers, 1997.

COWAN, Philip A.. Individual and family life transitions: a proposal for a new definition. In: COWAN, P. A.; HETHERINGTON, M. (Eds.). *Family transitions*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum, 1991.

\_\_\_\_\_. Becoming a father: a time of change, an opportunity for development. In: BRONSTEIN P.; COWAN, Carolyn Pape (eds.). *Fatherhood today: men's changing role in the family*. New York: John Wiley & Sons, 1988.

CRAIB, Ian. Masculinity and male dominance. *Sociological Review*, v. 35, n. 4, p721-743, nov. 1987. Disponível em: <<http://web.ebscohost.com>>. Acesso em 02 junho 2007.

CRANDALL, Christian S.; TSANG, Jo-Ann, GOLDMAN, Susan; PENNINGTON, John T. Newsworthy moral dilemmas: justice, caring, and gender. *Sex Roles: A Journal of Research*, v. 40, n. 3-4, p. 187-209, fev. 1999. Disponível em: <http://find.galegroup.com/itx/publication>. Acesso em: 01 abril 2007.

CREMA, Roberto. *Saúde e plenitude; um caminho para o ser*. São Paulo: Summus, 1995. 269 p.

CROSS, S. E.; MADSON, L. M.. Models of the self: self-construals and gender. *Psychological Bulletin*, n. 122, p. 5-37, 1997. Disponível em: <<http://gateway.ut.ovid.com/gw1/ovidweb.cgib>>. Acesso em: 01 abril 2007.

CUPOLILLO, Mercedes Villa; COSTA, Adriana de Oliveira B.; PAULA, Janaína Teixeira Silva de. Os avós como suporte na criação dos netos. In: GOMES, Sônia M.; RIZZINI, Irene (coords.). *Desenhos de família. Criando os filhos: a família goianiense e os elos parentais*. Goiânia: Cãnone Editorial, 2001. 270 p.

D'ÁVILA-NETO, Maria Inácia. *O autoritarismo e a mulher: o jogo da dominação macho-fêmea no Brasil*. Rio de Janeiro: Artes & Contos, 1994.

DAMATTA, Roberto. Reflexões sobre interdisciplinaridade: uma perspectiva antropológica. In: *Interdisciplinaridade*, 2. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993.

\_\_\_\_\_. *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

\_\_\_\_\_. O ofício de etnólogo, ou como ter “anthropological blues”. In: NUNES, Edson de Oliveira (org.). *A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

DEL PRIORE, Mary. *Mulheres no Brasil colonial*. São Paulo: Contexto, 2000. 95 p.

DI MASI, Domenico. Em vez de educar para o trabalho, educar para a vida. *Folha Dirigida*. Edição 2001. Disponível em: <<http://www.folhadirigida.com.br/professor/Cad08/EntDomenicodeMasi.html>>. Acesso em: 20 julho 2007.

DINIZ, Simone; MELLO E SOUZA, Cecília de; PORTELLA, Ana Paula. “‘Not like our mothers’: reproductive choice and the emergence of citizenship amongst brazilian rural workers, domestic workers and housewives”. In: PETCHESKY, Rosalyn; JUDD, Karen (eds.). *Negotiating reproductive rights: women’s perspectives across countries and cultures*. London/New York: Zed Press, 1998.

EAGLY, Alice H.; CROWLEY, Maureen. Gender and helping behavior: a meta-analytic review of the social psychological literature [Review]. *Psychological Bulletin*, v. 100, n. 3, p. 283-308, nov. 1986. Disponível em: <<http://gateway.ut.ovid.com/gw2/ovidweb.cgi>> Acesso em: 07 abril 2007.

EHRENSAFT, Diane. *Parenting together: men and women sharing the care of their children*. New York: The Free Press, 1987. 271p.

EISENBERG, Nancy. Review of The heart of altruism: perceptions of a common humanity by Kristen Renwick Monroe. *ANNALS of the American Academy of Political and Social Science*, v. 550, p. 192-193, mar. 1997. Disponível em: <<http://ann.sagepub.com>>. Acesso em: 28 nov. 2006.

ENGELS, Friedrich. *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. São Paulo: Editora Escala, sem data. 189 p.

ERIKSON, Erik. *The life cycle completed: a review*. New York: Norton, 1996.

ESPÍRITO SANTO, Liliam Cordova do; HENTSCHEL, Flavia Beatriz Lange; OLIVEIRA, Dora Lucia Leidens Correa de. Sentimentos e percepções do pai quanto à sua presença na sala de partos. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 45, n. 2/3, p. 159-164, abril/set. 1992.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio eletrônico – século XXI*, versão 3.0. Nova Fronteira, 1999. CDROM.

FONSECA, Cláudia. Ser mulher, mãe e pobre. In: Del Priore, Mary (org.); Carla Bassanezi (coord. de textos). *História das Mulheres no Brasil*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

GABEIRA, Fernando. Machismo. In: COSTA, Moacir et al. *Macho, masculino, homem*. Porto Alegre: L&PM, 1986.

GADOTTI, Moacir. Amor paterno, amor materno: o quanto é necessário, o quanto é insuficiente. In: SILVEIRA, Paulo (org.). *O exercício da paternidade*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

GERSON, Kathleen. Moral dilemmas, moral strategies, and the transformation of gender: lessons from two generations of work and family change. *Gender Society*, v. 156, n. 8, p. 8-28, fev. 2002. Disponível em: <<http://gas.sagepub.com/cgi/content/abstract/16/1/8>>. Acesso em: 1 abril 2007.

GIFFIN, Karen. Produção do conhecimento em um mundo 'problemático': contribuições de um feminismo dialético e relacional. *Revista Estudos Feministas*, v. 14, n. 3, set./dez. 2006.

\_\_\_\_\_. A inserção dos homens nos estudos de gênero: contribuições de um sujeito histórico. *Ciência e Saúde Coletiva*, v. 10, n. 1, p. 47-57, janeiro/março 2005.

\_\_\_\_\_. Pobreza, desigualdade e equidade em saúde: considerações a partir de uma perspectiva de gênero transversal. *Cadernos de Saúde Pública*, n. 18 (sup.), p. 103-112. 2002.

\_\_\_\_\_. Exercício da paternidade: uma pequena revolução. In: SILVEIRA, Paulo (org.). *Exercício da paternidade*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998. p. 75-80.

\_\_\_\_\_. *Homens, heterossexualidades e reprodução no Brasil*. Rio de Janeiro, 1998. mimeo.

\_\_\_\_\_. Estudos de gênero e saúde coletiva; teoria e prática. *Saúde em Debate*, n. 46, p. 29-33, 1995.

\_\_\_\_\_. Esfera de reprodução em uma visão masculina: considerações sobre a articulação da produção e da reprodução, de classe e de gênero. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, v. 4, n. 1, p. 23-40, 1994.

GIFFIN, K.; CAVALCANTI, C. "Homens e reprodução". *Revista Estudos Feministas*, v. 7, n. 1-2, p. 53-71, 1999.

GIFFIN, Karen; BARBOSA, Regina Helena. Homens, saúde e vida cotidiana: dois momentos de uma pesquisa-ação. *Perspectivas em saúde e direitos reprodutivos*. Fundação MacArthur, n. 3, ano 2, set. 2000.

GILLIGAN, Carol. Afterword: The power to name. *Feminism Psychology*, v. 4, n. 420, 1994. Disponível em: <<http://fap.sagepub.com>>. Acesso em: 29 fev. 2007.



\_\_\_\_\_. Remapping the moral domain: new images of self in relationship. In: GILLIGAN, Carol et al. *Mapping the moral domain*. Cambridge: Harvard University, 1988, 432p.

\_\_\_\_\_. *In a different voice*. Cambridge: Harvard University Press, 1982.

GILLIGAN, Carol; ATTANUCCI, Jane. Two moral orientations. In: GILLIGAN, Carol; WARD, Janie Victoria; TAYLOR, Jill MacLean; BARDIGE, Betty. *Mapping the moral domain*. Cambridge: Harvard University, 1988 a, 432 p.

GILLIGAN, Carol; WIGGINS, Grant. The origins of morality in early childhood relationships. In: GILLIGAN, Carol; WARD, Janie Victoria; TAYLOR, Jill MacLean; BARDIGE, Betty. *Mapping the moral domain*. Cambridge: Harvard University, 1988 b, 432 p.

GOLDSCHIEDER, Frances K. Men, children and the future of the family in the third millennium. *Futures*, 2000, p. 525-528. Disponível em: <<http://www.elsevier.com/locate/futures>> em 10 de novembro de 2000.

GOUVEIA, Valdiney V.; SINGELIS, Theodore M; COELHO, Jorge Artur Peçanha de Miranda. Escala de auto-imagem: comprovação da sua estrutura fatorial. *Avaliação psicológica*, v. 1, n. 1, p. 49-59, junho 2002. Disponível em: <[http://scielo.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-04712002000100006&lng=en&nrm=iso](http://scielo.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712002000100006&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 01 abril 2007.

GUERRIERO, Iara; AYRES, José Ricardo C.M.; HEARST, Norman. Masculinidade e vulnerabilidade ao HIV de homens heterossexuais, São Paulo, SP. *Revista Saúde Pública*, v. 36, n. 4 supl, ago. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsp/v36n4s0/11163.pdf>>. Acesso em: 30 julho 2005.

GUTMANN, Matthew C. Traficando con hombres: la antropología de la masculinidad. *Horizontes Antropológicos*, ano 5, n. 10, p. 245- 286, maio 1999.

HAMER, Jennifer; MARCHIORO, Kathleen. Becoming custodial dads: exploring parenting among low-income and working-class african american fathers. *Journal of Marriage and Family February*, v. 64, n. 1, p. 116-129, 2002. Disponível em: <<http://jfi.sagepub.com/cgi/content/abstract>>. Acesso em: 15 de novembro de 2007.

HAWKINS, Alan J. et al. Rethinking fathers' involvement in child care: a developmental perspective. *Journal of Family Issues*; v. 14, n. 4, p. 531-549, 1993. Disponível: <<http://jfi.sagepub.com/cgi/content/abstract/14/4/531>>. Acesso em: 28 de fevereiro de 2007.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo. Parte I*. Petrópolis: Editora Vozes/Universidade São Francisco, 2004.

HEILBORN, Maria Luiza. Gênero, sexualidade e saúde. In: SILVA, Dayse de Paula Marques da (org.). *Saúde, sexualidade e reprodução: compartilhando responsabilidades*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1997. p. 101-110.

HEWLET, Barry S. Are the men of the African Aka tribe the best fathers in the world? *The Guardian*, 15 junho 2005. <http://www.guardian.co.uk/parents/story/0,1506843,00.html>. Acesso em: 01 maio 2007.

\_\_\_\_\_. Aka Pygmies know why men have nipples. *Fatherworld Magazine*, v. 3, n. 2, p. 7, s/d. Disponível em: <<http://www.fathersdirect.com>>. Acesso em: 01 maio 2007.

\_\_\_\_\_. *Intimate fathers: the nature and context of Aka pigmy paternal infant care*. Ann Arbor: University Michigan Press, 1991.

HOCHSCHILD, Arlie Russell. Love and gold. In: RICCIUTELLI, Luciana. *Women, power and justice: a global perspective*. London, Toronto: Zed/Innana Books, 2005. Disponível em: <[http://sociology.berkeley.edu/faculty/hochschild/hochschild\\_pdf/love%20and%20gold%20zed%20\\_1\\_.pdf](http://sociology.berkeley.edu/faculty/hochschild/hochschild_pdf/love%20and%20gold%20zed%20_1_.pdf)>. Acesso em: 20 de julho de 2007.

\_\_\_\_\_. The commodity frontier. In: ALEXANDER, Jeffery; ARX, Gary; WILLIAMS, Christine (orgs). *Self, social structure and beliefs: essays in sociology*. Berkeley, UC Press, 2004.

\_\_\_\_\_. A dream test of the time bind. *Social Science Quarterly*, v. 83, n. 4, p. 921-924. dec. 2002.

\_\_\_\_\_. Taking care. *American Prospect*, v. 13, n. 7, 2002 a. Disponível em: <[http://www.prospect.org/cs/articles?article=taking\\_care](http://www.prospect.org/cs/articles?article=taking_care)>. Acesso em: 20 de julho de 2007.

\_\_\_\_\_. *The time bind: when work becomes home and home becomes work*. New York, Metropolitan Books, 1997.

\_\_\_\_\_. *The second shift*. New York, Avon Books, 1989.

IBGE. Tempo, trabalho e afazeres domésticos: um estudo com base nos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios de 2001 e 2005. *Comunicação Social*, 17 de agosto de 2007. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia\\_impresao.php?id\\_noticia=954](http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_impresao.php?id_noticia=954)>. Acesso em 25 de agosto de 2007.

JAFFEE, Sara; HYDE, Janet Shibley. Gender differences in moral orientation: a meta-analysis. *Psychological Bulletin*, v. 126, n. 5, p. 703-726, set. 2000. Disponível em: <<http://gateway.ut.ovid.com/gw1/ovidweb.cgi>>. Acesso em: 1 abril 2007.

JAGGAR, Alison M. Amor e conhecimento: a emoção na epistemologia feminista. In: JAGGAR, Alison M.; BORDO, Susan R. *Gênero, corpo, conhecimento*. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997.

JUUJÄRVI, S. *The ethic of care and its development: a longitudinal Study Among Practical Nursing Bachelor-Degree Social Work and Law Enforcement Students*. Dissertação. Social Psychological Studies University of Helsinki, November 7, 2003. Disponível em: <<http://ethesis.helsinki.fi/julkaisut/val/sosps/vk/juujarvi/>>. Acesso em 19 dezembro 2006 a.

JUUJÄRVI, Soile. The ethic of care development: a longitudinal study of moral reasoning among practical-nursing, social-work and law-enforcement students. *Scandinavian Journal of Psychology*, v. 47, n. 3, p. 193-202, jun. 2006 b.

KARAN, Maria Lúcia. A superação da ideologia patriarcal e as relações familiares. In: SILVEIRA, Paulo (org.). *O exercício da paternidade*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

KEIJZER, Benno de. El varón como factor de riesgo: masculinidad, salud mental y salud reproductiva. In: TUÑÓN, Esperanza (coord.). *Género y salud en el sureste de México*. ECOSUR y UJAD, Villahermosa, 1997.

KERGOAT, Daniele. Da divisão do trabalho entre os sexos. In: Hirata, H. (org.) *Divisão capitalista do trabalho*. Tempo Social, USP, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 73-103, 2o. sem. 1989.

KIMBALL, Meredith M. Feminist Visions of Gender Similarities and Differences (Resenha) Sandra W. Pyke: *Feminist Visions of Gender Similarities and differences* published by Binghampton, NY: Haworth Press, 1995, 227 pp.). *Canadian Psychology*, Aug 1999. Disponível em: <[http://findarticles.com/p/articles/mi\\_qa3711/is\\_199908/ai\\_n8869147](http://findarticles.com/p/articles/mi_qa3711/is_199908/ai_n8869147)>. Acesso em:

KITZINGER, Celia; GILLIGAN, Carol. X. Listening to a different voice. *Feminism & Psychology*, v. 4, n. 3, p. 408-419, 1994. Disponível em: <<http://fap.sagepub.com>>. Acesso em: 28 fev. 2007.

KNAUTH, Donna. Predictors of Parental Sense of Competence for the Coupel during the Transition to Parenthood. *Research in Nursing & Health*, 2000, 23, p. 496-509.

KOHLBERG, Lawrence *The psychology of moral development: the nature and validity of moral stages*. San Francisco: Harper & Row, 1984.

KOHLBERG, Lawrence. *The philosophy of moral development: moral stages and the idea of justice*. San Francisco: Harper and Row, 1981.

LAGE, Amarilis; MANTOVANI, Flávia. + confiantes, rápidas, alertas, espertas. *Folha de São Paulo*, 06/07/2006

LAURENTI, Ruy; MELLO JORGE, Maria Helena Prado de; GOTLIEB, Sabina Lea Davidson. Perfil epidemiológico da morbi-mortalidade masculina. . In: *Ciência e Saúde Coletiva*, vol. 10, n.1, janeiro-março, 2005.Pp 35-46.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. In: \_\_\_\_ *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 206-242.

LAVELL, Judy-Lea. *The relationship of gender and age with moral reasoning orientation, care and justice, in adulthood*. Tese. Universidade de Wyoming, EUA, 2002. Dissertation-Abstracts-International-Section-A:-Humanities-and-Social-Sciences. v. 63, n. 1-A, jul. 2002. Disponível em: <<http://web5S.silverplatter.com/webspirs/doLS.ws-ss=dissertation-Abstracts-Intenda-Section-A-Humanities-and-Social-Sciences+in+SO>>. Acesso em: 01 abril 2007.

LOEWENSTEIN, Irene, BARKER, Gary. De onde vem o bom pai? Reflexões a partir de uma pesquisa qualitativa com adolescentes. In: SILVEIRA, P. (org.). *O exercício da paternidade*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

LYONS, Nona Plessner. Two perspectives: on self, relationships, and morality. In: GILLIGAN, Carol; WARD, Janie Victoria; TAYLOR, Jill MacLean; BARDIGE, Betty. *Mapping the moral domain*. Cambridge: Harvard University, 1988.

MACIEL, Tânia Barros. Da sustentabilidade à sustentabilidade do ser: por um desenvolvimento humano durável. In: D'ÁVILA NETO, Maria Inácia; RIBEIRO, Pedro, Rosa Maria Leite (orgs.). *Tecendo o desenvolvimento: saberes, gênero, ecologia social*. Rio de Janeiro: Mauad: Bapera Editora, 2003.

MANNING, Wendy D.; STEWART, Susan; D.; SMOCK, Pamela J. The complexity of fathers' parenting responsibilities and involvement with nonresident children. *Journal of Family Issues*, v. 24, n. 5, p. 645-667, 2003. Disponível em: <<http://jfi.sagepub.com/cgi/content/abstract>>. Acesso em: 28 de fevereiro de 2007.

MARCONDES, WILLER. Perspectivas relacionais para a inserção dos homens. In: SILVA, D. M. (org.). *Novos contornos no espaço social: gênero, geração e etnia*. Rio de Janeiro: UERJ/NAPE, 1999.

MARKUS, Hazel Rose; KITAYAMA, Shinobu. Culture and the self: implications for cognition, emotion, and motivation. *Psychological Review*, v. 98, n. 2, p. 224-253, abril 1991. Disponível em: <<http://gateway.ut.ovid.com/gw1/ovidweb.cgi?Link+Set+Ref>>. Acesso em: 01 abril 2007.

MARTINS, Aline de Carvalho. *Significados e dilemas do exercício da paternidade entre pais em um hospital pediátrico no Rio de Janeiro*. Monografia (Especialização em Atenção Integral à Saúde Materno-Infantil)-Maternidade Escola UFRJ, 2007. 79 p.

MARX, Karl. Trabalho alienado e superação positiva da auto-alienação humana. In: FERNANDES, F. (org.). *Karl Marx e Friedrich Engels: história*. São Paulo: Ática, 1983. p. 146-181.

MCMAHON, Anthony . *Taking care of men: sexual politics in the public mind*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

MCNEILL, Ted. Fathers of children with a chronic health condition: beyond gender stereotypes. *Men and Masculinities*, v. 9, n. 4, p. 409-424, 2007. Disponível em: <<http://jmm.sagepub.com/cgi/content/abstract/9/4/409>>. Acesso em: 28 de fevereiro de 2007.

MEAD, Margareth. *Sexo e temperamento*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1969. 306 p.

MEDRADO, Benedito. Homens na arena do cuidado infantil: imagens veiculadas pela mídia. In: ARILHA, Margareth; RIDENTI, Sandra G. Unbehaum; MEDRADO, Benedito (orgs.), . *Homens e masculinidades: outras palavras*. São Paulo: ECOS/Ed. 23, 1998, p. 145-161.

MEDRADRO, Benedito et al. *Paternidade e cuidado. Série – Trabalhando com homens jovens*. Projeto H. Instituto Promundo/PAPAI/ECOS/Salud y Género Ac., 2001.

MELLO E SOUZA, Cecília de et al. *Estudo etnográfico em núcleos comunitários de prevenção das DST/AIDS no Rio de Janeiro: limites, possibilidades e perspectivas de uma estratégia de prevenção e promoção da saúde em comunidades empobrecidas. Relatório final apresentado ao Ministério da Saúde*. Programa EICOS/IP/UFRJ, CEDAPS, 2003, mimeo.

MELLO E SOUZA, Cecília de. A ética das relações sociais no Rio de Janeiro: uma abordagem psicossocial. *Documenta*, n. 9, Rio de Janeiro, EICOS-UFRJ, 1998, p. 59-71.

\_\_\_\_\_. *Constructing moral boundaries: the ethics of everyday life in Rio de Janeiro, Brazil*. Tese (Doutorado em antropologia)-University of California/Berkeley, 1993.

MONTGOMERY, Malcolm. *O novo pai*. São Paulo, Saraiva, 1992.

MORIN, Edgar. *Terra pátria*. Porto Alegre: Sulina, 1995.

MOTT, Maria Lucia de Barros *Parto, parteira e parturientes no século XIX: Mme. Durocher e sua época*. Tese (Doutorado em de História). São Paulo, FFCLUSP, 1998.

MOTTA, Cibele Cunha Lima da. Quem acolhe esta mulher? Caracterização do apoio emocional à paciente. Dissertação (Mestrado em Psicologia)-Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, 2003.

MURARO, Rose Marie; BOFF, Leonardo. *Feminino e masculino: uma nova consciência para o encontro das diferenças*. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

MURRAY, Susan B. "We all love Charles": men in child care and the social construction of gender. *Gender Society*, n. 10, p. 368-386, 1996. <<http://gas.sagepub.com/cgi/content/abstract/10/4/368>>. Acesso em: 15 de novembro de 2006.

NASCIMENTO, Pedro. Desemprego masculino: atualizações de gênero. III PRODIR Disponível em: <<http://www.papai.org.br/admin/biblioteca/arquivos/20070301123202.pdf>>. Acesso em: 20 agosto 2006.

NASCIMENTO, Rubens Ferreira do. *Pobre pai: a construção da identidade em homens pais pobres urbanos*. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, UFMG. Belo Horizonte, 2000.

NEIL-URBAN; Sherry; JONES, Jill B. Father-to-father support: fathers of children with cancer share their experience. *Journal of Pediatric Oncology Nursing*, v. 19, n.3, p. 97-103. 2002. Disponível em: <<http://jpo.sagepub.com/cgi/content/abstract/19/3/97>>. Acesso em: 15 de novembro de 2006.

NOLASCO, Sócrates Masculinidade em fim de século. In: SILVA, Dayse P.M. (org.). *Saúde, sexualidade e reprodução: compartilhando responsabilidades*. Rio de Janeiro: UERJ, 1997.

\_\_\_\_\_. *A desconstrução do masculino*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

\_\_\_\_\_. *O mito da masculinidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

OLIVEIRA, Maria Coleta; BILAC, Elizabete Dória; LEAL, Giuliana Franco. *Os homens, esses desconhecidos (Masculinidade e reprodução). Relatório Final*. Campinas: UNICAMP, 1999. CD-ROM.

OLIVEIRA, Pedro Paulo. Discursos sobre a masculinidade. *Estudos Feministas*. Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ, n. 1, p. 91-112, 1998.

OLIVEIRA, Rosiska Darcy de. Reengenharia do Tempo. In: *Trigésima octava reunión de la Mesa Directiva de la Conferencia Regional sobre la Mujer de América Latina y el Caribe*. Mar del Plata, 7 y 8 de septiembre del 2005. disponível em: <[http://www.cepal.org/mujer/reuniones/mesa38/R\\_Darcy.pdf](http://www.cepal.org/mujer/reuniones/mesa38/R_Darcy.pdf)>. Acesso em 20 julho 2007.

\_\_\_\_\_. Repensando o cotidiano. *Nova Escola*, n. 170, março 2004. Disponível em: [http://novaescola.abril.uol.com.br/index.htm?ed/170\\_mar04/html/com\\_palavra](http://novaescola.abril.uol.com.br/index.htm?ed/170_mar04/html/com_palavra). Acesso em: 20 julho 2007.

\_\_\_\_\_. *Reengenharia do Tempo*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003. 148 p.

\_\_\_\_\_. Entrevista. *Mulheres em Revista*. 15/10 /2003. [http://www.wmulher.com.br/template.asp?canal=mulheres&id\\_mater=1837](http://www.wmulher.com.br/template.asp?canal=mulheres&id_mater=1837)

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). *Convenção internacional sobre os direitos da criança*. 1989.

PARENTE, José Ignácio. *Pai*. Disponível em: <<http://www.pai.com.br>>. Acesso em: em 20 de julho de 2001.

PARK, Peter. O amor na pedagogia de Paulo Freire. In: Freire, A. M. A. (org). *A pedagogia da libertação em Paulo Freire*. São Paulo: UNESP, 2001.

PAULO, Daniela de Oliveira. Pai: seu lugar na espera do nascimento do(a) filho(a). *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 52, n.1, p. 144-152, jan./mar. 1999.

PIERI, Paolo Francesco (org.). *Dicionário junguiano*. Petrópolis/São Paulo: Vozes/Paulus, 2002. 326 p.

PORTELLA, Ana Paula et al. *Homens: sexualidade, direitos e construção da pessoa*. Recife: SOS Corpo/Instituto Papai, 2004.

\_\_\_\_\_. Investigating men's involvement in women's sexual and reproductive health. In: AGNEW, Vijay (Ed.) *Women's health, women's rights: perspectives on global health issues*. Toronto: CFR/York University, 2003.

\_\_\_\_\_. *Men: sexuality, rights and personhood. Brazil - Final Report*. International Reproductive Rights Research Action Group. Phase II. 2002.

PRATT, M. W. et al. Sex differences in adult moral orientations. *Journal of Personality*, v. 56, p. 373-391, 1988. Disponível em: <<http://web.ebscohost.com/ehost/pdf?vid=3&hid=15&sid=f6e5c2df-36f4-4910-b988-15b96a7382dd%40sessionmgr106>>. Acesso em: 01 abril 2007.

PRATT, Michael W.; SKOE, Eva E.; ARNOLD, Mary Louise. Care reasoning development and family socialization patterns in latter adolescence: a longitudinal analysis. *International Journal of Behavioral Development*, v. 28, n. 139, 2004. Disponível em: PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO. *A macrofunção vida e a valorização da paternidade*. Disponível em: <<http://www.saude.rio.rj.gov.br/adolescente>>. Acesso em: 20 agosto 2007.

PRESTON, Stephanie D.; DE WAALB, Frans B. M. Empathy: each is in the right – hopefully, not all in the wrong. *Behavioral and Brain Sciences*, n. 25, p. 1-72, 2002. Disponível em: <<http://journals.cambridge.org/production/action/cjoGetFulltext?fulltextid=139148>>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2007.

PREUSS, Miram Rajagabaglia G. Casa e família, entre o ideal e a realidade. *Documenta*, n. 9, Rio de Janeiro, EICOS-UFRJ, 1998.

QUADROS, Marion Teodósio de. *Construindo uma nova paternidade? As representações masculinas de pais pertencentes às camadas médias em uma escola alternativa do Recife*. Dissertação [Mestrado em Antropologia] Universidade Federal de Pernambuco, 1996.

\_\_\_\_\_. *Paternidade e Maternidade: no cotidiano da família de origem: representações de pais pertencentes a uma escola alternativa do Recife*, PE. Mimeo.

RAMINELLI, Ronald. Eva Tupinambá In: Del Priore, Mary (org.); Carla Bassanezi (coord. de textos). *História das Mulheres no Brasil*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2001, pp 11-44.

RANGEL, O.; SORRENTINO, S. Gênero: conceito histórico. *Princípios*, maio-junho 1994.

REDEFEM. Boletim Informativo da Rede Feminista de Saúde, agosto de 2001. Disponível em <http://www.redefem.org.br>. Acesso em: 20 de agosto de 2001.

RIDENTI, Sandra G. Unbehau. A desigualdade de gênero nas relações parentais: o exemplo da custódia dos filhos. In: ARILHA, M.; RIDENTI, S. G. U.; MEDRADO, B. (orgs.). *Homens e masculinidades: outras palavras*. São Paulo: ECOS/Editora 34, 1998. p. 163-184.

ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. Divididas e multiplicadas: a maternidade para mulheres executivas cariocas. In: D'ÁVILA NETO, Maria Inácia; PEDRO, Rosa Maria Leite Ribeiro (orgs.). *Tecendo o desenvolvimento: saberes, gênero, ecologia social*. Rio de Janeiro: Mauad: Bapera Editora, 2003.

\_\_\_\_\_. Dos contos de fadas aos super-heróis: mulheres e homens brasileiros reconfiguram identidades. *Psicologia Clínica*, v. 12, n. 2, p. 65-82, 2000.

\_\_\_\_\_. De Cinderela a Mulher Maravilha: maternidade em tempos de mudança. *Documenta*, n. 9, Rio de Janeiro, EICOS-UFRJ, 1998.

\_\_\_\_\_. *Tecendo por trás dos panos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

ROSA, Lucia Cristina dos Santos \_\_\_\_\_. O provimento de cuidado ao portador de transtorno mental e a questão de gênero: o homem como cuidador. *Anais do Encontro de Pesquisadores em Serviço Social*. Juiz de Fora: UFJF, 2003.

\_\_\_\_\_. *O impacto do transtorno mental e o provimento de cuidado na família*. Tese (Doutorado em Serviço Social)-Escola de Serviço Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000. 395 p.

RUSSELL, Richard. The work of elderly men caregivers: from public careers to an unseen world. *Men and Masculinities*, v. 9, n. 3, p. 298-314, 2007. Disponível em: <<http://jmm.sagepub.com/cgi/content/abstract/9/3/298>>. Acesso em: 28 de fevereiro de 2007.

RYAN, Michelle K.; DAVID, Barbara; REYNOLDS, Katherine J. Who cares? The effect of gender and context on the self and moral reasoning. *Psychology of Women Quarterly*, v. 28, n. 3, p. 246-255, 2004. Disponível em: <<http://www.blackwell-synergy.com/doi/full/10.1111/j.1471-6402.2004.00142.x>>. Acesso em: 25 fev. 2007

SAFFIOTI, Heleieth B. Rearticulando gênero e classe social. In: COSTA, Albertina; BRUSCHINNI, Cristina (orgs.). *Uma questão de gênero*. São Paulo, Editora Rosa dos Tempos/ Fundação Carlos Chagas, 1992, p. 183-215.

SAGAN, Eli. *Freud, women, and morality*. New York: Basic Books, 1988.

SALEM, Tania. *Sobre o "casal grávido": incursão em um universo ético*. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Museu Nacional. UFRJ, 1987.

SANTOS, Luiz A. de Castro. Trabalho rural e família no Brasil: uma revisão crítica. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, v. 1, n. 3, p. 54-62, jul. 1982.

SANTOS, Rosa Lourdes de Azevedo dos. *Homens como agentes comunitários de saúde: trabalhando cuidados e vivenciando gênero*. Tese (Doutorado)-Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. 174 p.

SCHRAIBER, Lília Blima; GOMES, Romeu; COUTO, Márcia Thereza. Homens e saúde na pauta da Saúde Coletiva. *Ciência e Saúde Coletiva*, v. 10, n. 1, janeiro-março, 2005, p. 07-17.

SCHWICKERT, Eva-Maria. Gender, Morality, and ethics of responsibility: complementing teleological and deontological ethic. *Hipatia*, v. 20, n. 2, p. 164-187, 2005. Disponível em: <[http://vnweb.hwwilsonweb.com/hww/shared/shared\\_main.jhtml?\\_requestid=102826](http://vnweb.hwwilsonweb.com/hww/shared/shared_main.jhtml?_requestid=102826)>. Acesso em: 01 abril 2007.

SCOTT, Russel Parry. O Homem na matrifocalidade: gênero, percepção e experiências do domínio doméstico. *Caderno de Pesquisa*, São Paulo, Fundação Carlos Chagas, n. 73, p. 38-47, maio 1990.

SENNET, Richard. *Les tyrannies de l'intimité*. Paris: Seuil, 1979.

SHIVA, Vandana. O Desenvolvimento: um novo projeto do patriarcado ocidental. *Ecologia, feminismo, desenvolvimento. Documenta*, n. 1, Rio de Janeiro, EICOS-UFRJ, 1993.

SILVA, Simone Souza da Costa et al. Maternal sensibility during the bath. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, v. 18, n. 3, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 27 julho 2006.

SILVEIRA, Paulo (Org.). *O exercício da paternidade*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

SKOE, Eva E. A. et al. M. Moral Reasoning in norwegian and canadian early adolescents: a cross-national comparison. *The Journal of Early Adolescence*, v. 19, n. 2, p. 280-291, 1999. Disponível em: <<http://jea.sagepub.com/cgi/content/abstract/19/2/280>>. Acesso em: 28 novembro 2006.



SKOE, Eva E. A. et al. The influences of sex and gender-role identity on moral cognition and prosocial personality traits. *Sex Roles*, v. 46, n. 9-10, maio 2002. Disponível em: <<http://www.metapress.com/content/v75831jk53r22633/fulltext.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2006.

SKOE, Eva E. A.; EISENBERG, Nancy; CUMBERLAND, Amanda. The role of reported emotion in real-life and hypothetical moral dilemmas. *Personality and Social Psychology Bulletin*, v. 28, n. 7, p. 962-973, 2002. Disponível em: <<http://psp.sagepub.com/cgi/content/abstract/28/7/962>>. Acesso em: 28 fevereiro 2007.

SÖCHTING, Ingrid; SKOE, Eva E.; MARCIA, James E. Care-oriented moral reasoning and prosocial behavior: a question of gender or sex role orientation. *Sex Roles*, v. 31, n. 3/4, p. 131-147, august 1994. Disponível em: <<http://find.galegroup.com/itx/paginate.do>>. Acesso em: 18 novembro 2006.

SOUZA, Edinilsa Ramos de. Masculinidade e violência no Brasil: contribuições para a reflexão no campo da saúde. In: *Ciência e Saúde Coletiva*, v. 10, n. 1, janeiro-março, 2005, p. 59-69.

STEINBERG, Susanne, KRUCKMAN, Laurence, STEINBERG, Stephanie. Reinventing fatherhood in Japan and Canada. *Social Science & Medicine*, v. 50, p. 1257-1272, 2000. Disponível em: <<http://www.elsevier.com/locate/socscimed>>. Acesso em: 12 de novembro de 2000.

STEWART, Susan D. Disneyland dads, Disneyland moms? How nonresident parents spend time with absent children. *Journal of Family Issues*, v. 20, n. 4, p. 539-556, 1999. Disponível em: <<http://sagepub.com>>. Acesso em: 15 de novembro de 2006.

\_\_\_\_\_. Nonresident parenting and adolescent adjustment: the quality of nonresident father-child interaction. *Journal of Family Issues*, v. 24, n. 2, p. 217-244, 2003. Disponível em: <<http://jfi.sagepub.com/cgi/reprint/24/2/217>>. Acesso em: 15 de novembro de 2006.

SYDSJO, G.; WADSBY, M.; SVEDIN, C. G. Psychosocial risk mothers: early mother-child interaction and behavioral disturbances in children at 8 years of age. *Journal of Reproductive and Infant Psychology*, v. 19, n. 2, p. 135-145, 2001. Disponível em: <<http://portal.isiknowledge.com/portal.cgi>>. Acesso em 28 fevereiro 2007.

TOMA, Tereza Setsuko. Método Mãe Canguru: o papel dos serviços de saúde e das redes familiares no sucesso do programa. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 19, supl. 2. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X2003000800005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2003000800005&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 30 março 2004.

TONELI-SIQUEIRA, M. J. F. et al. Paternidade na adolescência: sua exclusão/inclusão em quatro programas públicos de saúde reprodutiva na Grande Florianópolis. *Psico*, Porto Alegre, v. 34, n. 1, p. 57-70, 2003.

\_\_\_\_\_. Saúde e Direitos Reprodutivos: o que os homens têm a ver com isso? *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 159-168, 2000.

TRONCHIN, Daisy Maria Rizatto; TSUNECHIRO, Maria Alice. Cuidar e o conviver com o filho prematuro: a experiência do pai. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 14, n. 1, 2006. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-11692006000100013&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692006000100013&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 25 novembro 2006.

TRONTO, Joan C. Mulheres e cuidados: o que as feministas podem aprender sobre moralidade a partir disso? In: JAGGAR, Alison M.; BORDO, Susan R. *Gênero, corpo, conhecimento*. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997.

UNBEHAUM, Sandra. *Experiência masculina da paternidade nos anos 90: estudo de relações de gênero com homens de camadas médias*. Dissertação (Mestrado em Sociologia)-Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, São Paulo, 2000.

VAITSMAN, J. Pluralidade de mundos entre mulheres urbanas de baixa renda. *Estudos Feministas*, n. 2. Rio de Janeiro: IFCS, UFRJ, 1997.

VERAS, Renato Peixoto; ALVES, Maria Isabel Coelho Alves. A população idosa no Brasil: considerações acerca do uso de indicadores de saúde. In: MINAYO, Maria Cecília S. (org.). *Os muitos Brasis: saúde e população na década de 80*. São Paulo: Hucitec, 1994. p. 320-337.

VIEIRA, Annunciata Bonini Pinto. A Construção Social da Masculinidade: Lazer e Qualidade de Vida na Trajetória de Homens Infartados. Tese (Doutorado Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social). Pós-graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, EICOS, UFJR, Rio de Janeiro, 2004.

VILLA, Alejandro Marcello; INDA, Norberto. *Subjetividades masculinas y construcción de paternidad: una perspectiva desde el proceso de embarazo*. Buenos Aires: mimeo. 2001.

VILLA, Alejandro. *Presencias masculinas en las opciones reproductivas: significados en mujeres y varones jovens de sectores urbanos medios y pobres*. Buenos Aires: mimeo, 2001.

\_\_\_\_\_. Sexualidad, reproducción y paternidad: una introducción al análisis de la demanda social en las relaciones de género. In: SILVA, Dayse de Paula M. da (org.). *Novos contornos no espaço social: gênero, geração e etnia*. Rio de Janeiro: UERJ, NAP, 1999.

\_\_\_\_\_. Haciendo visible a los varones en las relaciones de género. *Sexualidade, Gênero e Sociedade*, n. 7/8, p. 6-11, abril 1998.

VILLELA, W. C.; BARBOSA, R. M. Repensando as relações entre gênero e sexualidade. In: PARKER, R.; BARBOSA, R. M. (orgs.). *Sexualidades brasileiras*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996. p. 189-199.

VOLPI, José Henrique. Psicoecologia reichiana: das origens biológicas da solidariedade à desertificação humana e ambiental. In: *Convenção Brasil Latino América, Congresso Brasileiro e Encontro Paranaense de Psicoterapias Corporais*. Foz do Iguaçu. Anais... Centro Reichiano, 2004. CD-ROM. Disponível em: [www.centroreichiano.com.br](http://www.centroreichiano.com.br). Acesso em: 27 maio 2007.

WADSBY, Marie; SVEDIN, Carl Göran; SYDSJÖ, Gunilla. Children of mothers at psychosocial risk growing up: a follow up at the age of 16. *Journal of Adolescence*, v. 30, n.

1, p. 147–164, fev. 2007. Disponível em: <[www.sciencedirect.com](http://www.sciencedirect.com)>. Acesso em 02 junho 2007.

WALKER, Lawrence J.; VRIES, Brian de; TREVETHAN, Shelley. Moral stages and moral orientation in real-life and hypothetical dilemmas. *Child Development*, v. 58, n. 3, p. 842–858, jun. 1987. Disponível em: <<http://web.ebscohost.com/ehost/pdf?vid=5&hid=12&sid=78a0dae2-231e-4740-9384-c78534cb7234%40sessionmgr104>>. Acesso em: 01 abril 2007.

## **ANEXOS**

### **Anexo 1. Roteiro de entrevista**

Estou interessada em entender a forma como os pais cuidam de seus filhos, de outras pessoas e como aprenderam a cuidar. Você pode me falar da sua experiência de vida de ser cuidado por alguém no passado e no presente? Como foi esse cuidado? Como é cuidado atualmente? Você pode me falar como costuma cuidar e cuidou dos seus filhos ? E de outras pessoas?

*Perguntas facilitadoras para o que não for abordado espontaneamente pelo entrevistado:*

#### **INFÂNCIA**

##### **Cuidadores**

Quais as pessoas que garantiam a sua qualidade de vida na sua infância? Como?

##### **Para cada pessoa citada**

Por que ela era importante?

Que essa pessoa fazia com você ou para você?

Que lembra dessa pessoa?

Descreva uma cena típica da sua relação com esta pessoa.

Que era difícil para você na relação com essa pessoa?

Que você viveu com esta pessoa e reproduz com seu filho?

O que não repete?

Você se lembra de ter desejado ser cuidado naquela época, por outra pessoa?

Quando você estava com problemas, tinha alguém que te dava atenção ou te protegia?

Descreva alguns momentos difíceis em que você precisou de alguém na infância e que pessoa te ajudou. Como?

Quem dava as regras do seu comportamento?

Quando você estava desobediente, que acontecia?

Você lembra do contato corporal com alguém mais velho na sua infância?

Que você acha que as pessoas importantes para você na infância (cada uma), achavam que você precisava, as suas necessidades? Como você acha que elas se viam contribuindo para sua vida?

Na sua casa, além das crianças, havia outras pessoas que precisavam de atenção de alguém?

Quem dava atenção a elas? E na vizinhança? Quem dava atenção a estas pessoas?

**Rotina diária**

Que você lembra do seu dia-a-dia na infância?

Depois que acordava, fazia o quê? Pedir que descreva cada etapa do dia.

Como era o dia-a-dia nas férias?

Quais as tarefas que havia dentro de casa e quem fazia o quê?

Quem acompanhava e como acontecia na sua infância:

- alimentação
- acordar
- colocar para dormir
- levar à escola
- tomar conta dos estudos
- levar ao médico
- dar remédios
- orientação religiosa
- brincadeiras

Origem dos pais e cuidadores?

Idade dos pais e cuidadores?

Ocupação/profissão dos pais e cuidadores?

Cor dos pais e cuidadores?

Grau de instrução dos pais e cuidadores?

**PAI CUIDADOR HOJE**

Como você se tornou a pessoa responsável pelo dia-a-dia seu filho?

**Organização da vida**

Conte-me como é um dia de sua semana.

E um fim-de-semana? E nas férias?

Quem são as pessoas importantes no seu dia a dia. Por que?

Que problemas do dia-a-dia você enfrenta comumente na tarefa de cuidar de seu filho?

Já teve conflitos entre cuidar do filho e fazer outra coisa? Quais?

Como resolveu? Em quais dessas situações você decidiu cuidar do filho? Em que situações você decidiu fazer outra coisa?

Já ocorreu conflito entre cuidar do filho e ter lazer, fazer algo que você gosta muito?

Como combina cuidar de filho com arrumar tempo para namorar?

Você enfrenta dificuldades para trabalhar e cuidar dos filhos? Já ocorreu conflito entre cuidar do filho e ir trabalhar? Quais? Como você resolve estes problemas?

Quais as tarefas dentro de casa e quem faz cada coisa?

Seu filho tem alguma participação no cuidado com a casa? Como é?

**Relação com a criança**

Me descreva como é seu filho.

O que vocês fazem mais fazem juntos, no dia-a-dia?

Que ele mais pede para você fazer?

Como você percebe que seu filho, ou cada filho, está precisando de você? Quais as necessidades próprias de cada um?

Quais as diferenças na relação com cada filho?

Quais as diferenças na sua relação com a menina e com o menino?

Pode me dar exemplos de:

- quando ele chora ou está com algum problema? Que você fez? Como se sentiu? Como ele reagiu ao que você fez ou faz nessa hora? Como acha ele se sente ou se sentiu nessas situações?
- quando vocês brincam?
- quando você está zangado com ele?
- quando ele está indisciplinado? Que você fez nessa situação e como se sentiu? Como ele reagiu? Como você acha que ele se sentiu?
- quando você toca no corpo no seu filho?
- quando você faz carinho?
- quando você dá palmadas?
- coisas que você gosta de fazer em casa ou em outro lugar que tem a ver com a vida dele?
- coisas que você não gosta de fazer em casa ou em outro lugar que tem a ver com a vida dele?
- de sentimentos que você tem em situações em que fica longe de seu filho?
- situações marcantes da sua vida com seu filho?
- coisas que você gostou ou gosta de fazer com ele?
- coisas que você não gostou ou não gosta de fazer com ele?

Que diferenças você percebe entre os sentimentos que você tem por seu filho e por outras pessoas importantes na sua vida?

### **Relação com as pessoas e instituições envolvidas com a criança**

Que apoios você recebe para cuidar de seu filho?

Quais apoios gostaria de receber?

Como as pessoas envolvidas lidam com você com relação a ser pai?

(explorar: mãe, parentes, avós, vizinhos, professores, empregada, juiz, patrão, e outros)

Como é:

- uma reunião de escola?
- consulta médica?
- ida ao clube, à pracinha, ao shopping?
- o contato com pais de outras crianças,

Qual a opinião das pessoas sobre você como pai que cuida do filho? Que elas esperam de você?

Que você espera das pessoas que cuidam de seu filho?

Especificar: o que espera de professores, médicos, etc.

Que coisas você combina que são tarefas da empregada ou de outra pessoa que cuida de seu filho? Com que você se preocupa quando ele está com esta pessoa?

Como é o relacionamento de seu filho/a com estas pessoas (mãe, parentes, vizinhos, professores e outros)?

Muda alguma coisa na relação das pessoas com seu filho, por ele/ela ser cuidado/a pelo pai?

### **Modelo de cuidado**

Que você faz de melhor sendo pai ?  
 Quem para você é um bom cuidador que você admira? Por que?  
 Você tem alguma facilidade para fazer igual? Por que?  
 Tem dificuldade para fazer igual a esta pessoa? Por que?  
 Você tem outras experiências de cuidar de alguém, ao longo de sua vida?  
 Já cuidou de alguma atividade comunitária, social?  
 Como você descobre que uma pessoa está precisando de você?  
 Que você acha que faz bem quando cuida?  
 Como você aprendeu a fazer estas coisas que você faz bem?  
 Que você acha que não sabe fazer?  
 Como acha que poderia ser ajudado a aprender?

### **Cuidado consigo mesmo**

Que você faz quando está cansado das tarefas com o filho?  
 A quem você recorre quando você está mal e não pode cuidar do seu filho?  
 Como você cuida de você?  
 Se tivesse mais tempo, o que faria?

### **Paternidade**

Como foi para você se tornar um pai?  
 Que idéia você tinha de como deveria ser um pai antes de ser pai?  
 Como a paternidade afeta sua vida?  
 Quais seus sonhos com relação aos filhos e a si mesmo?  
 Tem filhos que não cuida rotineiramente? Por que?  
 Como você gostaria que fosse sua vida de pai?  
 Que outras condições de vida você gostaria de ter para cuidar de seu filho?

### **Relações de gênero**

Quem são as pessoas importantes na sua vida hoje?  
 Como são suas relações com essas pessoas?  
 Quais diferenças você percebe nas suas relações com as mulheres e com os homens, que você citou?  
 Quais uniões estáveis você já teve?  
 Que você acha das relações entre os homens e as mulheres hoje em dia?  
 Como percebe o trabalho de homens e mulheres?  
 E a divisão das tarefas domésticas entre homens e mulheres?  
 Quais as conseqüências para seu/sua filho/a, de ser ou ter sido cuidado pelo pai?  
 Você conhece situações de pais que cuidam de seus filhos como você? Quais?  
 E outros pais com seus filhos? Como são eles?  
 Como são essas experiências?  
 Você vê diferenças entre pais e mãe cuidando de filhos?  
 Conhece algum pai que tenha guarda compartilhada com a mãe? Como é?

Conhece algum pai que visita o filho de quinze em quinze dias? Como é?

Conhece alguma situação em que o pai não vê a criança? Como é?

Você vê alguma diferença entre os pais de hoje em dia e os do passado?

Um homem enfrenta desafios para cuidar? Quais?

Você acha que os homens devem ser estimulados ou ensinados a cuidar?

Como? Que sugestões você tem para dar, para a sociedade ajudar aos pais a cuidarem dos filhos?



## **Anexo 2. Consentimento informado**

Doutorado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social - EICOS  
Instituto de Psicologia - Centro de Filosofia e Ciências Humanas  
Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Pesquisadora: Psicóloga Maria Luiza Mello de Carvalho  
Orientadora: Maria Cecília de Mello e Souza

### **Objetivo da pesquisa:**

Este é um estudo sobre cuidado paterno, realizado por Maria Luiza Mello de Carvalho, CPF – 542764897-68, sob a orientação da professora Maria Cecília de Mello e Souza, no curso de doutorado do programa EICOS/IP/UFRJ.

O objetivo geral desta pesquisa é conhecer a experiência dos pais no cuidado com seus filhos, com propósito de contribuir para a atenção às famílias, em diferentes instituições sociais, tais como as de saúde, educação, justiça, entre outras.

Nesta etapa da pesquisa são realizadas entrevistas com pais que cuidam de seus filhos, sem a participação das mães na vida diária.

### **Sobre a participação na entrevista**

Se você concordar em fazer parte desta pesquisa como entrevistado, sua contribuição será contar sobre: sua experiência ser pai, como foi cuidado na sua infância e suas outras experiências de cuidar. Esta entrevista não tem por objetivo avaliar sua forma de ser pai, mas conhecer como os homens lidam com a experiência de cuidar dos filhos.

Sua participação nesta pesquisa é voluntária. Você só participará da pesquisa se assim quiser. Poderá a qualquer momento interromper a entrevista e/ou não responder a alguma questão, se assim desejar.

A entrevista deverá durar cerca de noventa minutos. Será gravada para melhor registro das palavras e posteriormente transcrita. Serão tomadas notas durante a entrevista, pela pesquisadora.

**Contato com a pesquisadora**

Você poderá fazer contato posterior com a pesquisadora a qualquer momento, pelos telefones: 2285 7936 (Maternidade-Escola), 2234 3695 (consultório) e 87910485 (celular), ou pelo e-mail: luiza.carvalho@globo.com.

**Utilização das entrevistas**

As entrevistas serão analisadas e utilizadas apenas para fins científicos. As informações serão mantidas sob sigilo, analisadas pela pesquisadora e professora orientadora. O nome e qualquer dado dos entrevistados nunca será apresentado em qualquer divulgação.

**Riscos e benefícios**

A participação nessa pesquisa não oferece nenhum risco. O benefício possível para você é poder compartilhar experiências de vida, emoções e idéias, o que geralmente é avaliado pelas pessoas como algo positivo. No caso de você desejar falar sobre algum assunto da entrevista após sua realização, a pesquisadora estará disponível para um contato posterior.

A participação na pesquisa trará benefícios para o conhecimento sobre o cuidado paterno e para preparação de atenção mais eficaz às famílias, nas instituições sociais.

Afirmo que este termo de consentimento foi lido em conjunto com o entrevistador e decidi participar da pesquisa de forma livre e esclarecida.

Entrevistado: \_\_\_\_\_

Documento de identidade \_\_\_\_\_

Local e data \_\_\_\_\_

Assinatura do entrevistado \_\_\_\_\_

### **Anexo 3. Ficha de identificação dos entrevistados**

Nome do entrevistado:  
 Nome pelo qual é conhecido:  
 Endereço:  
 Telefones: E-mail:  
 Outro meio de contato:  
 Data do nascimento: Idade:  
 Local de nascimento:  
 Até que série estudou:  
 Cor autodeclarada:  
 Cor percebida pelo pesquisador:  
 Estado civil atual:  
 Casamentos ou uniões anteriores:  
 Religião atual: Religiões anteriores:  
 Profissão / Ocupação / trabalho:  
 Local de trabalho:  
 Relação trabalhista (contratado/autônomo/cooperativado?):  
 Rendimento:  
 Cômodos da residência:  
 Aluguel, próprio, de parentes?

#### **INFORMAÇÕES SOBRE CADA FILHO**

Nome:  
 Data do nascimento:  
 Idade:  
 Nome da escola:  
 Série na escola:  
 Assistência pediátrica (pública/privada/convênio?):

#### **INFORMAÇÕES SOBRE AS MÃES DOS FILHOS**

Nome:  
 Idade:  
 Instrução:  
 Local de nascimento:  
 Profissão / ocupação / trabalho:  
 Rendimento:  
 Onde mora:

O entrevistado concorda com a possibilidade de contato futuro com ela, em desdobramentos da pesquisa, com a condição de ser consultado?

**Anexo 4. Ficha de diário de campo**

Data da entrevista:

Horário: início:                      fim:                      duração:

Local

Indicado por:

Como foi feito o contato:

Impressão geral sobre o entrevistado:

- características físicas, de personalidade e emoções do entrevistado

Cenário físico:

Ambiente emocional ao redor:

Relação entrevistadora / entrevistado:

**Anexo 5. Termo de compromisso ético para digitadores****PESQUISA SOBRE CUIDADO PATERNO**

Curso: Doutorado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social

EICOS - Instituto de Psicologia – Universidade Federal do Rio de Janeiro

Pesquisadora: Maria Luiza de Carvalho

CPF – 542764897-68

Eu, \_\_\_\_\_, portador(a) do documento \_\_\_\_\_, órgão \_\_\_\_\_, data \_\_\_\_\_, assumo o compromisso de ao longo e posteriormente ao trabalho de digitação das entrevistas, da pesquisa enunciada acima:

- preservar o acesso de terceiros às gravações das entrevistas,
- guardar sigilo sobre o conteúdo das entrevistas,
- destruir o arquivo das entrevistas digitadas, após a conferência de cada digitação pela pesquisadora.

Este compromisso visa preservar a privacidade dos entrevistados, respeitando o sigilo ético necessário à pesquisa com seres humanos.

Meu endereço:

Meu telefone:

Meu e-mail:

Local e data:

Assinatura:

## **Anexo 6. E-mail convidando pais para pesquisa**

**De:** Maria Luiza de Carvalho  
**Data:** 06/07/06 21:27:29  
**Para:** "Undisclosed-Recipient,"@globo.com  
**Assunto:** PESQUISA COM PAIS - por favor repasse este e-mail

Amig@s

Vocês conhecem pais que cuidam sozinhos de seus filhos?

Estou buscando pais para serem entrevistados na pesquisa qualitativa sobre cuidado paterno que estou desenvolvendo para meu doutoramento em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social no EICOS (Estudos Interdisciplinares de Comunidades e Ecologia Social), do Instituto de Psicologia, da UFRJ.

Procuo pais que se responsabilizam pela vida diária de seus filhos, sem a participação das mães. Podem ser pais separados, viúvos ou solteiros.

Peço que me indiquem a melhor forma para que eu entre em contato com eles. Agradeço se me derem o telefone, e-mail ou outro meio de contato com eles.

Para uma segunda etapa da pesquisa, agradeço a indicação de pais que dividam o cuidado diário com as crianças, igualmente com as mães ou suas companheiras. Estes pais podem ser de qualquer estado civil: casados, solteiros ou separados.

Peço que repassem este pedido para suas listas de contato via e-mail.

Meus telefones de contato:  
2234 3695, 2570 3269 e 8791 0485  
Meu e-mail: luiza.carvalho@globo.com

Muito obrigada!

Um abraço,

Maria Luiza de Carvalho  
CRP 4335-05  
Mestre e doutoranda em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social (EICOS, Instituto de Psicologia, UFRJ), psicóloga da Maternidade-Escola da UFRJ, psicoterapeuta corporal.

### ***Anexo 7. Folheto convidando pais para pesquisa***

Entregue em reunião de lideranças comunitárias no CEDAPS – Centro de Promoção da Saúde, realizada em junho de 2006.

Olá,

Estou fazendo uma pesquisa para entender a experiência de pais que cuidam de seus filhos, visando contribuir para que os serviços de saúde e educação possam oferecer um apoio de melhor qualidade aos pais, às crianças e às famílias.

Procuro pais que se responsabilizam pelos seus filhos, sem a participação das mães. Podem ser pais separados, viúvos ou solteiros.

Para uma segunda etapa da pesquisa, procuro pais que dividam igualmente o cuidado diário com as crianças, com as mães ou suas companheiras. Estes pais também podem ser casados, solteiros ou separados.

Peço que me indiquem a melhor forma para que eu entre em contato com eles.

Podem me ligar a cobrar para o telefone: 8791 0485 (disque 90 90 8791 0485) ou mandar um e-mail para [luiza.carvalho@globo.com](mailto:luiza.carvalho@globo.com).

Muito obrigada!

Maria Luiza de Carvalho  
Psicóloga da UFRJ, aluna do doutorado em Psicossociologia da UFRJ,  
psicoterapeuta.

***Anexo 8. Quadros sobre pais, mães e filhos***



<b>QUADRO 1</b>					
<b>IDADE, NATURALIDADE, INSTRUÇÃO, COR E RELIGIÃO DOS PAIS</b>					
<b>PAI (pseudônimo)</b>	<b>IDADE</b>	<b>NATURAL DE</b>	<b>INSTRUÇÃO</b>	<b>COR</b>	<b>RELIGIÃO</b>
<b>JOSÉ</b>	51	Belém, PA	Ginásio	Branco	Evangélico
<b>JONATHAN</b>	37	RJ	2º. Grau	Negro	Batista
<b>ISAÍAS</b>	50	RJ	1ª. Série, 2º. grau	Moreno	Católico, já foi evangélico
<b>SEBASTIÃO</b>	45	RJ	2º. Grau incompleto	Negro	Candomblé
<b>FERNANDO</b>	42	RJ	2º. Grau Técnico	Moreno	Não tem
<b>LÚCIO</b>	84	Niterói	3º. Grau Direito	Negro	Espírita
<b>JERÔNIMO</b>	50	RJ	2º. Grau	Negro	Evangélico/batizado no catolicismo
<b>CLÓVIS</b>	40	RJ	1º. Grau	Parda	Católico
<b>HELENO</b>	30	RJ	2º. Grau Técnico	Moreno	Não tem
<b>FILIPE</b>	43	N. Iguazu	3º. Grau Direito	Branco	Deus, já foi em todas, gosta católica e espírita
<b>RICARDO</b>	61	RJ	2º. Grau	Negro	Católico
<b>ROBERTO</b>	37	RJ	Pós-graduação programação de computadores Administração	Branco	Não tem, já foi católico
<b>GUSTAVO</b>	47	RJ	2º. Grau técnico	Negro	Ateu, freqüenta candomblé festivamente, já foi à umbanda e catolicismo
<b>ALFREDO</b>	39	RJ	Pós-graduação Segurança Informática	Pardo	Católico
<b>SEVERINO</b>	54	RJ	2º. Série ginásio	Moreno	Não tem
<b>LEONARDO</b>	46	RJ	3º. Grau Biologia	Branco	Católico não praticante

<b>QUADRO 2 – TRABALHO DOS PAIS: PROFISSÃO/OCUPAÇÃO, VÍNCULO, LOCAL E RENDA</b>				
<b>PAIS (pseudônimo)</b>	<b>PROFISSÃO/OCUPAÇÃO</b>	<b>VÍNCULO</b>	<b>LOCAL</b>	<b>RENDA MENSAL (em reais)</b>
<b>JOSÉ</b>	Gari comunitário	Terceirizado p/Prefeitura	Escola pública	500
<b>JONATHAN</b>	Desempregado. Licenciado pelo INSS por 8 meses, 2004 a 2005, por tuberculose. Foi entregador de gás.	-----	-----	Ajudas familiares Pensão de sua mãe = 300
<b>ISAÍAS</b>	Desempregado	desempregado	-----	
<b>SEBASTIÃO</b>	Agente comunitário	Agente comunitário	Funcionário prefeitura, e faz trabalho voluntário	1000 250
<b>FERNANDO</b>	Técnico de informática	Autônomo	Em casa e na casa de clientes	2000 a 2500
<b>LÚCIO</b>	Massoterapeuta  Auxiliar de RX  Advogado	Autônomo e cooperativado Func. Público  Já exerceu anteriormente	Clube particular Hospital Estadual -----	2500
<b>JERÔNIMO</b>	Vendedor de peixe	Autônomo	Comércio	Últimos 3 meses – 600 Já ganhou 2000
<b>CLÓVIS</b>	Sargento cozinheiro	Militar	Corpo de Bombeiros	1800
<b>HELENO</b>	Funcionário de indústria farmacêutica	contratado	Laboratório	750
<b>FILIPE</b>	Advogado	autônomo	Em casa	30 000
<b>RICARDO</b>	Representante de vendas	Contratado	Comércio	1000
<b>ROBERTO</b>	Gerente financeiro	Gerente financeiro	Contratado	Ele - 3000 Família - 10000
<b>GUSTAVO</b>	Programador visual, produção gráfica	Programador visual, produção gráfica	autônomo	600 a 800
<b>ALFREDO</b>	Major, relações com a comunidade	Militar	Polícia Militar	4000
<b>SEVERINO</b>	Vendedor ambulante	autônomo	Na rua	600 por mês
<b>LEONARDO</b>	Produtor cultural técnico de informática <i>ghost writer</i>	Autônomo Voluntário	Em casa Ong	Ele – 2500 Casal – 5500

<b>QUADRO 3</b>				
<b>CONDIÇÕES DE MORADIA DOS PAIS</b>				
<b>PAI (pseudônimo)</b>	<b>Bairro / Cidade</b>	<b>Própria / Alugada</b>	<b>Cômodos</b>	<b>Com quem mora</b>
<b>JOSÉ</b>	Nova Sepetiba	Doada pelo governo	Sala/coz, 2 q, banh. varanda	4 filhos
<b>JONATHAN</b>	Praça da Bandeira	Aluguel	Apartamento Sala, 2 q, coz, 2 ban	Filha, sua mãe surda, irmão, 2 irmãos doentes mentais
<b>ISAÍAS</b>	Nilópolis	Alugada,	Casa, sala, quarto, banheiro, coz	Filha
<b>SEBASTIÃO</b>	Rocinha	Própria	?	2 filhos
<b>FERNANDO</b>	Nilópolis	Própria da família	Casa: sala, 3 q varanda	Filha, mãe dele, irmã dele e sobrinho
<b>LÚCIO</b>	Caju	Alugado	Apartamento: 2 q, sala, coz, ban	Filho vem nos fins-de-semana, estuda em Angra, desde 2006
<b>JERÔNIMO</b>	Nilópolis	Financiamento Caixa Econômica Federal	Sala, 2 q, cozinha, banheiro, área, varanda	3 filhos
<b>CLÓVIS</b>	Vila da Penha Tanque	? Próprio da família	Sala, 2 q, coz, ban, varanda Sala, 1q, 1 ban., 1 coz., “meia-água”	Mora com os 3 filhos, casa da ex-mulher doente mental. Antes: c/ filha, numa casa no terreno da família, vizinhos: irmã e sobrinho.
<b>HELENO</b>	Taquara - bairro	Própria dos pais	Sala, 3 q, b, coz Um q fora da casa	Filha, seu pai, sua mãe, irmão
<b>FILIFE</b>	Barra da Tijuca	Própria	Casa com “mais de 20” cômodos	2 filhos Empregados: babá, caseiro, empregada, motorista
<b>RICARDO</b>	Pavuna	Própria da família	Sala, 2 q, coz, banh, quintal, varanda	1 filha que perdeu a guarda havia 1 mês
<b>ROBERTO</b>	Laranjeiras	Própria dos pais	Ap Sala, 3 q, coz, banh, dep emp, varanda	Filho, seu pai, sua mãe
<b>GUSTAVO</b>	Jacarezinho	Própria, terreno da família	Casa Sala, ozinha, banheiro, varanda	2 filhas
<b>SEVERINO</b>	Centro	Invasão	Debaixo da escada, casarão invadido	1 filho 1 filha
<b>ALFREDO</b>	Nova Iguaçu	próprio	Ap sala, 2 q, ba, coz	1 filha
<b>LEONARDO</b>	Copacabana	alugado	Ap sala, 2 q, ba, coz, dep. emp.	1 filho e companheira Filho mais velho mora só

<b>QUADRO 4</b>				
<b>ESTADO CIVIL, UNIÕES E FILHOS DOS PAIS</b>				
<b>PAI</b> <b>(pseudônimo)</b>	<b>ESTADO CIVIL/</b> <b>RELAÇÃO ATUAL</b>	<b>UNIÕES ANTERIORES</b>	<b>FILHOS</b>	
			<b>SEXO</b>	<b>IDADE</b>
<b>JOSÉ</b>	viúvo	Casamento - 12 anos. Viúvo há 5 anos.	M	17
			M	14
			M	11
			M	9
<b>JONATHAN</b>	Viúvo	Casamento - 4 anos. Viúvo há 1 ano.	F	5
<b>ISAÍAS</b>	Solteiro	União - 18 anos, há 15 anos	F	20*
			F	18
<b>SEBASTIÃO</b>	solteiro	União - 4 a 5 anos, há 2 anos.	F	7
			M	4
<b>FERNANDO</b>	Separado, já teve namorada	Casamento - 5 anos Separados há 4 anos.	F	10
<b>LÚCIO</b>	Divorciado Namorada	1º. casamento - 4 anos 2ª. união - 15 anos	-	-
			F falecida	4
			M	17
<b>JERÔNIMO</b>	Solteiro, Tem “ficante”	1ª. união - 1 ano e meio 2ª. união – mãe dos 3 filhos, durante 8 anos	-	-
			F	12
			F	11
<b>CLÓVIS</b>	Separa- do	1ª união- 3 ½ anos  2ª união – 8 anos	M	16
			M	14
			F	5
<b>HELENO</b>	Solteiro	União - 10 meses	F	7
<b>FILIPE</b>	Divorciado Teve namorada	União, casas separadas, idas e vindas - 4 anos.	M	7
			M	5
<b>RICARDO</b>	Solteiro	-	F	7
<b>ROBERTO</b>	Solteiro Namorada	1ª. união - 6 meses. 2ª. união – 4 anos, há 3 1/2 anos	M	12
			-	-
<b>GUSTAVO</b>	Solteiro	1ª. união – 2 anos 2ª. união – 7 anos 3ª. união – 1ª e meio, há 13 anos	-	-
			-	-
			F	14
			F	13
<b>SEVERINO</b>	Solteiro	1ª. união  2ª. união	F	20*
			F	18*
			M falecido	1 a 7 m
			M	7
<b>ALFREDO</b>	Divorciado Namorada	Casamento – 7 anos	F	5
			F	14
<b>LEONARDO</b>	Casado, há 6 anos	1ª. união – 5 anos 2ª. união – 5 anos 3ª. união – 1 ½ ano	-	-
			M	24***
			M	14

\* Filha já casada, que ele criou sozinho.

\*\* Filhas que ele não criou após a separação da 1ª. Companheira.

\*\*\* Filho que ele criou sozinho, e que agora já vive é independente e vive em outra casa, solteiro.

<b>QUADRO 5 – MORADIA COM O PAI</b>					
<b>TEMPO, IDADE INICIAL E ATUAL, SEXO DOS FILHOS, MOTIVOS E PROCESSOS</b>					
<b>PAI (nome fictício)</b>	<b>Tempo (anos)</b>	<b>Idade Início</b>	<b>Idade atual</b>	<b>Sexo filhos</b>	<b>Motivos e processos</b>
<b>JOSÉ</b>	5	12	17	M	Viuvez. Doença da mãe por alguns anos.
		9	14	M	
		6	11	M	
		4	9	M	
<b>JONATHAN</b>	1	4	5	F	Viuvez. Doença repentina da mãe.
<b>ISAÍAS</b>	16	2	20	F	Mãe deixou filhas com pai. Uma recém-nata deficiente na maternidade. Após a separação conjugal, o pai ficou morando com a mais nova deficiente e a mais velha, que hoje vive com marido.
	18	0	18	F	
<b>SEBASTIÃO</b>	2	5	7	F	Na separação, mãe saiu de casa e deixou os 2 filhos com o pai.
		2	4	M	
<b>FERNANDO</b>	4	6	10	F	Seis meses após a separação, pai pediu justificando dificuldades da mãe para acomodar trabalho e cuidado. Resolução amigável.
<b>LÚCIO</b>	-	-	-	F	Falecida com 4 anos. Filho pediu, resolução amigável
	8	9	17	M	
<b>JERÔNIMO</b>	4	8	12	F	Pai reivindicou judicialmente. Risco de abuso sexual das filhas por irmão da mãe, ambiente violento onde mãe morava. Mãe acabou aceitando.
		7	11	F	
		4	8	M	
<b>CLÓVIS</b>	Várias vezes	4	16	M	Solicitação da mãe por se encontrar com doença mental. Pai cuida dos 2 filhos, da mãe e da filha da segunda união, porque reivindicou a guarda porque a mãe era descuidada.
		6	14	M	
	3	2	5	F	
<b>HELENO</b>	4	3	7	F	Pai reivindicou, mãe agressiva, briga judicial
<b>FILIPE</b>	1	6	7	M	Mãe deixou filhos com pai e pegou de volta. Filhos pediram, pai brigou judicialmente.
		4	5	M	
<b>RICARDO</b>	4	3	7	F	Mãe deixou filho com pai e retirou depois
<b>ROBERTO</b>	4	8	12	M	Pai reivindicou, mãe descuidada briga judicial
<b>GUSTAVO</b>	12,5 anos	1,5 6 m	14 13	F F	Depois de ter deixado e tirado os filhos do convívio com pai, várias vezes, mãe deixou 2 filhas. Ele ainda não conhecia a de 6 meses.
<b>SEVERINO</b>	-	-	20, 18	F	Não cuidou, moram com as mães. Falecido com 1 ano
	-	-		F	
	-	-	7 5	M F	
<b>ALFREDO</b>	7	7	14	F	Filho pediu, resolução amigável
<b>LEONARDO</b>	10	7	24	M	Pai reivindicou, viagem da mãe a trabalho. Filho pediu para continuar com pai quando ela voltou depois de 2 anos, acordo judicial. Hoje mora só.
	7				

<b>QUADRO 6 - MÃES DOS FILHOS: Idade, instrução, naturalidade, profissão, renda e moradia</b>						
<b>PAI (pseudônimo)</b>	<b>Ida de</b>	<b>Instru ção</b>	<b>Natura de</b>	<b>PROFISSÃO</b>	<b>RENDA</b>	<b>MORA DIA</b>
<b>JOSE</b>	42	primário	RJ	Serviços gerais	Era 3 a 4 salários mínimos	Falecida
<b>JONATHAN</b>	25	2º grau	RJ	Do lar	-----	Falecida
<b>ISAÍAS</b>	49	ginásio	RJ	Cobradora de ônibus	Não sabe	Nova Iguaçu
<b>SEBASTIÃO</b>	28	?	Pará	Não trabalha Antes: decoração	-----	Niterói
<b>FERNANDO</b>	43	2º grau inc	RJ	Telemarketing	R\$ 500,00	Campo Grande
<b>LÚCIO</b>	51	2º. grau	Recife RJ	Massoterapeuta cooperativa	Não sabe	Alcântara
<b>JERÔNIMO</b>	30	2ª série 1º grau	RJ	Cabeleireira, manicure	R\$ 400,00	Belford Roxo
<b>CLÓVIS</b>	38	1º. grau	RJ	-	Ele paga pensão	Vila da Penha
	28	2º série 1º grau	Brejão Interi	Não, doméstica, às vezes	Não, doméstica Às vezes	Jacarepaguá
<b>HELENO</b>	24	1º. grau	RJ	não	Mãe e Namorado a sustentam	Praça Seca
<b>FILIPE</b>	45	3º grau Letras	SP	Servidora Pública	R\$ 3000,00 + Aluguéis = R\$ 5000,00	Caçapava/ SP
<b>RICARDO</b>	?	-	-	Não	-	Favela RJ
<b>ROBERTO</b>	34	2º. grau	Petró- polis	Não	ignorado	Petrópolis RJ
<b>GUSTAVO</b>	39	1ª.Série S. Social	RJ	ignorado	ignorado	ignorado
<b>SEVERINO</b>	36	“bem escolarizada	-	-	-	Cascadura RJ
<b>ALFREDO</b>	33	3º. Grau incom	RJ	Não trabalha	Marido a sustenta	Campo Grande RJ
<b>LEONARDO</b>	46	2º. grau	RJ	Laboratório de anal. clinica	ignorado	Copacabana RJ
	43	3º. Grau	MG	ignorado	ignorado	Flamengo RJ

<b>QUADRO 7 - IMPRESSÃO GERAL SOBRE CADA PAI (extraída do diário de campo)</b>	
<b>JOSÉ</b>	<p>Branco, baixo, um pouco gordinho. Triste, muito humilde, barba sem fazer, grisalha. Uma pessoa boa, mas meio tosco, rude. Parece muito carente de tudo, dinheiro, afeto, vida social. Uma pessoa doce, cujos olhos brilhavam quando me falava de sua mãe, de seus discos velhos e arranhados de música da nossa adolescência, que colocou para eu ouvir..</p> <p>Discurso religioso forte, Deus como fonte de força diante das dificuldades. Filhos muito tristes, fechados, olhar desamparado. Fala para os filhos que pode faltar um dia. Não se ocupava com a casa antes da mulher morrer. Sua mãe o ajudou. Amoroso com os filhos, mas com dificuldades afetivas.</p>
<b>JONATHAN</b>	<p>Mulato, tonificado, homem maduro, gentil, humilde. Me emocionei quando ele falou que está aprendendo com sua filha o amor próprio. Pensei na hora que gostaria de passar para os homens, que amar alguém faz a gente se amar. Amar filha faz o homem se amar.</p> <p>Quando ele falou que a sua filha vai ter orgulho dele ter criado ela no futuro, lembrei da filha que me mandou e-mail contando que seu pai de 82 anos a criou, e ela contava isso com muito orgulho.</p> <p>Inicialmente estava formal, foi ficando à vontade. À medida que se empoitava com a entrevista, seu rosto ficou corado, cheio de vida, um homem mais belo. Enquanto felicíssimo, contava que descobriu que leva o maior jeito para “essas coisas femininas, de mais delicadeza”.</p> <p>Discurso religioso forte – Deus como fonte de amor.</p>
<b>ISAIÁS</b>	<p>Magro, tonificado, rígido, simpático, olhar alegre, vivo. Tem um discurso religioso. Fala da força que teve para enfrentar o problema. Me parece rígido e regenerado através da filha. É falante, conversador, animado, otimista. Tem um discurso humanista e poético. Fala com muita beleza de sua entrada no mundo feminino. Tem uma admiração pelo mundo feminino, diz que aprendeu muito.</p> <p>Me mostrou seus estudos, orgulhoso. Os cadernos com letra maravilhosa, com anotações em cores diferentes: um primor! Pareceu meio obsessivo, com relação aos estudos. Segurou o tempo todo o caderno de estudos ou livro. Usava o livro como um apoio, escudo. Está obcecado por estudo. Voltou a estudar há 2 anos e lamenta não ter feito isso antes. Sonha em entrar para a faculdade de direito, me emocionou ao descrever como será esse dia.. Fez militância pelos direitos de deficientes físicos, pela pensão da filha. Lava, passa, cozinha, cuida da casa e da filha com muita dedicação. Troca absorvente da filha, faz tudo por ela, de 18 anos. Fala de si em dois tempos da vida: antes – malandro, 171, não cuidava dos filhos, só aparecia no fim de semana. Depois do nascimento da filha com mielomeningocele. A oportunidade, a crise faz emergir o cuidador interno.</p> <p>Como Jonathan, mostra-se como um novo crente do cuidado com filhos: uma nova revelação, uma descoberta, a entrada no mundo feminino. Deslumbrado. Isaiás parece mais radical. Diz que não pode trabalhar porque não tem quem cuide da filha. Me pergunto se fosse uma mulher, ou outra pessoa, se não trabalharia e daria um jeito.</p>

<b>SEBASTIÃO</b>	<p>Ismael é negro, alto, simpático, jeito bonachão. Seu corpo é denso (assim como o de Marcos), olhos vivos, seu rosto expressivo, um jeito de falar cativante.</p> <p>Muito querido na comunidade onde nasceu, trabalhou em creche, dirige a escola de samba mirim e no banco de direitos. Mostra ser atencioso e amoroso com as pessoas. É um cuidador de todos na comunidade.</p> <p>Fala de sua história com expressão emocional fácil.</p> <p>Disse que é filho de Ogum. Parece um Ogum-menino, batalhador e com jeito amoroso de menino, que tem certeza de que se fizer charme, sua mãe aparecerá para o acarinhar.</p> <p>Cuida com muita luta de seus próprios filhos e se preocupa com a mais velha, filha dela, que ele cuidava como se fosse pai e agora está descuidada pela mãe. Ela pede para morar com ele, que está angustiado com isso.</p>
<b>FERNANDO</b>	<p>Maduro, gentil, muito tranqüilo e seguro. Não mostrou conflitos nem apreensões sobre estar com a filha, já que tem o apoio da sua mãe e a mãe dela concorda. Provedor, chefe da casa, colocou o sobrinho de castigo. Emocionou-se quando disse que tinha um vínculo especial com a filha, mesmo antes quando era casado. Filha linda, charmosa, abraçada com o pai.</p>
<b>LÚCIO</b>	<p>Cego, com um corpo vitalizado, forte. Mulato, animado, conversador. É uma pessoa intelectualizada e espiritualizada, de pensamento e visão cuidadora e positiva sobre a vida. Jorge é um cuidador por excelência. Massoterapeuta, paizão, homem amoroso. Parece até que a cegueira o fortalece pessoalmente. Foi a entrevista mais leve que fiz, da qual saí com uma emoção gostosa, felicidade, de bem com a vida. De todos os pais, o único com deficiência física e o de mais alto astral. Como é massoterapeuta, precisa manter as unhas cuidadas e também porque é vaidoso. Foi cuidadoso em não falar do ciúme entre a namorada e o filho, provavelmente porque temia que ela ouvisse.</p>
<b>JERÔNIMO</b>	<p>Homem maduro, um negro bonito, forte, todo “sarado”. Sério, mas bem-humorado. Fala da sua vida como uma correria: fazer comida, colocar filho na escola, trabalhar, olhá-los. Uma vida de rotina, igual à mãe que trabalha e cuida dos filhos. Mostra-se cansado. Ao mesmo tempo, orgulhoso pois aprendeu a cozinhar. No início, ligava para a irmã porque a família da mãe “sacaneava” ele porque não sabia cozinhar.</p> <p>Já viveu violência doméstica, tendo agredido a mãe dos filhos e é um bom cuidador. Seus filhos estavam naquele fim-de-semana com a mãe.</p> <p>Em determinado momento em que ele falava da ex-mulher ser muito avoada, ela sincronicamente ligou. Eu ouvia a sua voz no celular, brigona, reclamando. Ele meio rindo, dizia para ela:</p> <p>“Você devia se preocupar com coisas mais importantes, menos fúteis, como a escola deles”. O sofrimento e a aflição com o risco que os filhos passaram no ambiente de uso de drogas, abuso sexual, violência o faziam estar ligado, atento e o fizeram pedir a guarda.</p> <p>Como os outros pais, não era um pai que dividia com a mulher as tarefas da casa, no casamento. Virou “do lar” de repente e apesar de cansado, parece curtir. Fotos dos filhos lindos, alegres, bem cuidados. Uma das filhas não é biológica, mas ele a registrou. A mãe da filha moveu várias ações contra ele para pegar pensão e guarda..</p>



<b>CLÓVIS</b>	<p>Mulato claro, com jeito amistoso e humilde. Mostrou-se colaborador desde o início. Tem um corpo denso, estatura mediana. Tem uma fala doce, quando conversa com os filhos, com a vizinha, comigo. Mostra-se um homem amoroso.</p> <p>Estava levemente alcoolizado na primeira entrevista, pois ficara me esperando num bar perto de casa. Comentou que na segunda entrevista, não bebera. Pareceu um sujeito passivo, receptivo com as pessoas. Talvez tenha dificuldade para dar limites às mulheres. Está na casa da ex para cuidar dos filhos. Explicou que eles estavam preocupados com a mãe e desta forma, cuida deles e da mãe. Não queria afastá-los da mãe deles que está doente mentalmente.</p> <p>No início da primeira entrevista, estava sentado tenso, sem encostar no sofá. Com meu apoio, foi relaxando. Ao longo da entrevista, emocionou-se diversas vezes, com lágrimas aos olhos, em momentos tais como: falando de como foi maltratado por uma psicóloga e do maltrato que sua filha sofreu.</p> <p>Na segunda entrevista, mais tranqüilo. Apesar de ter agredido a mulher, é um cuidador dos filhos, muito amoroso. Quebra o preconceito de homens autores de violência, que não seriam bons pais.</p> <p>Mostrou-se o tempo todo colaborador e interessado em discutir o tema em palestras, etc.</p>
<b>HELENO</b>	<p>Menino-pai. Aparenta ter menos idade do que tem. Parece no máximo 23 anos. É magro, cara de bebê, curvado, olhar triste, parece humilhado, constrangido, fala baixinho. Parece ser uma pessoa resignada, mas que lhe falta garra, tônus.. A emoção básica da entrevista é tristeza.</p> <p>Fala da filha com muita, muita emoção. Olhos lacrimejam. Disse que era resfriado. Várias vezes, fica emocionado, e cansado com a entrevista. Falar da história da mãe da filha e da filha o machuca. Acho que ele precisaria de uma ajuda terapêutica, mas não indiquei. Ele diz que ainda gostou da mãe da filha por vários anos. Sofreu muito. Emocionou-se ao falar do parto, sua filha nasceu na Leila Diniz e ele pode participar. Parou até de falar disso pela emoção que o invadiu, com muitas lágrimas. Sempre se refere ao cuidado com a filha no plural: a gente. Nunca usa eu. A coisa é feita em parceria entre ele e a mãe dele. Mas ele é autoridade. Se emociona ao falar das dificuldades de morar na casa dos pais: respeitar os pais, os seus limites. Quando fala da mãe irritada, parece papo de filho reclamando da mãe chata. Ele agora passou a lavar a roupa dele para evitar que ela fale.</p> <p>Mostrou que era ignorante e inocente antes, sobre a possibilidade da guarda paterna.</p> <p>Vinculação forte com a filha</p>
<b>FILIPE</b>	<p>Branco, cabelos castanhos, estatura mediana, corpo denso, harmonioso, bonito, aparenta a idade que tem. Mostrou-se bastante à vontade durante a entrevista, evidenciando sua facilidade de comunicação. Sua fala é cativante, me senti interessada e seduzida pelo seu jeito comunicativo de falar. Tem um jeito muito franco de falar, sem meias palavras, às vezes até grosseiro, mas marcadamente um jeito bem másculo. Bastante atento às necessidades dos filhos, e sua educação, saúde, carinho, bem-estar e projetos com eles.</p> <p>Fala muito de dinheiro, muitas vezes, fazendo o movimento de bater no</p>

	<p>bolso para dizer que está com dinheiro e por isso tem muita mulher a fim dele. Desconfia disso: “tenho barriguinha, dois filhos e não sou nenhum galã, mas chove mulher” . Em vários momentos parece que vive um conflito entre o amor e o dinheiro, falando claramente que o dinheiro atrapalha para que ele saiba se as pessoas gostam mesmo dele.</p> <p>Emocionou-se intensamente em diferentes momentos da entrevista. Fala dos sentimentos, expressando com as mãos, com movimentos que partiam do seu peito. Destaca-se o momento em que pediu e desligou o gravador para contar um desabafo.</p> <p>Seu filho Pedro tem 7 anos, é robusto, tem síndrome de down, muito simpático, comunicativo, sem falar bem. Chama-o muito afetivamente. Mostra muito orgulho do filho. Seu outro filho é mais tímido, tem 5 anos, magrinho.</p> <p>Me recebeu muito cordialmente, me mostrou toda a casa, me apresentou aos empregados: caseiro, cozinheira e babá, de uma maneira muito à vontade.</p> <p>Antes de ter a guarda, tinha espaço para eles no seu apartamento, sempre foi amoroso e participante com eles, mas não cuidava da casa no casamento.</p>
<b>RICARDO</b>	<p>Magro, alto. Falante, simpático, prestativo, animado, ótima relação com as pessoas. Cheio de sonhos. Seus colegas e vizinhos falam dele com muito carinho. Sua casa, embora pobre, é enfeitada, muito bem cuidada, em obras. Discurso religioso. É vibrante, emocionou-se muitas vezes ao relatar sua história com a filha, sua relação com ela e a traição que sofreu da ex-mulher que lhe tirou a guarda há um mês. Está muito traumatizado com a perda da filha. Pede ajuda para o processo judicial para recuperar a guarda. Arrepende-se de ter terminado a relação de 2 meses de namoro com a mãe por ciúme e não ter apoiado a gestação. Estabeleceu uma relação de confiança com a entrevistadora, propondo que seja ajudado em caso de necessitar de parecer psicológico no processo de pedido da guarda da filha. Resolvi aproveitar seu depoimento pois cuidou da filha por 4 anos, e atualmente perdeu a guarda por um golpe da mãe da menina na audiência do processo em que ele pediu reconhecimento de paternidade.</p>
<b>ROBERTO</b>	<p>homem bonito, levemente gordinho, tipo denso, gentil, com barba desenhada, cabelo liso. Fala muito mansamente, aparentando ter muito cuidado com a forma como se expressa. Extremamente organizado, queria falar sobre os temas, em ordem. Discurso intelectualizado e emocionado, de maneira harmônica. Parece ser uma pessoa muito cuidadosa na sua vida em geral. Ótima relação com a pesquisadora, se dispôs a colaborar em meio a um feriadão, e sabe como essa colaboração é importante na pesquisa. A conversa fluiu muito bem, havia uma sintonia boa. Soltou-se na entrevista. Emocionou-se dizendo que não havia se dado conta de que iria mexer em coisas fortes e antigas. Fala muito de todo o processo gradativo de conquista da guarda, é detalhista. Descreve a audiência como um lugar traumático, onde tem público – os estudantes, que você não escolheu e você está exposto.</p> <p>Segundo sua namorada: “Roberto é um homem com alma feminina, lê caderno Ela do jornal, vê GNT, Saia justa”. Em certo momento da entrevista, agradeceu o trabalho de uma funcionária que fizera banho da</p>

	<p>cadela da namorada: “Obrigado pelo cuidado, ta”?</p> <p>Parecia que ia falar de fazer yoga como um cuidado da saúde, mas falou do interesse pelo cuidado com a beleza. Sua relação com a namorada se mostra muito harmônica, carinhosa, cuidadosa. O mesmo com seu filho e o filho da namorada. Eles estavam na área de lazer e piscina do prédio, por perto de onde foi a entrevista. Cláudio mandou o filho estudar e ele reclamou, mas mesmo assim, foi, perto da piscina.</p> <p>Seu filho é meio gordinho, meio adolescente, meio menino, bastante educado comigo. A entrevista pequena que ele me deu foi muito interessante, me animou para entrevistar os filhos que são criados por pais numa próxima pesquisa.</p>
<b>GUSTAVO</b>	<p>Pelo telefone, inicialmente mostrou pouca disponibilidade para dar entrevista. Segundo ele, não gosta de fazer marketing de ser pai cuidador. É um homem negro, de 47 anos, aparenta menos idade do que tem. Estatura mediana, magro, se apresentou bem vestido: calça jeans, sapato e camisa branca. Inicialmente preocupado em falar pouco, acabou conversando muito, como todos os entrevistados. Chorou quando contou sobre a doença da filha bebê, quando morava com a mãe, e que nenhum médico fazia diagnóstico. Uma médica disse que ela devia estar sofrendo algum problema emocional. Ela supôs que era saudade dele que foi chamado ao consultório pediátrico, já que a mãe a tinha afastado dele. Mostrou-se um pai bastante presente, um dono de casa dedicadíssimo, até demais, pois não colocava as filhas para trabalhar em casa até pouco tempo. Sofreu muito na relação com a mãe das filhas que sumiu com elas e depois as devolveu. Mostra-se uma relação próxima e cuidadora com as filhas adolescentes. Profissional autônomo, sacrificou sua vida profissional para cuidar das meninas, vivendo hoje dificuldades financeiras.</p>
<b>SEVERINO</b>	<p>Comunicativo, falante. Tem uma fala bem estruturada, embora cheia de palavrões, linguagem da rua. Às vezes, é poético, bem humorado: “De ora em ora, Deus melhora”. Mostra na sua fala, que estudou. Cita um escritor: “Ai de mim se não fosse o pecado...” Veste-se com bermuda e blusão, amassados, desalinhados. Cabelo e barba grandes. Unhas cortadas, mas as unhas dos polegares, grandes e sujas. Estava fedorento no dia da entrevista.</p> <p>Tem uma personalidade marcante. Responde com tranquilidade que nunca trabalhou. Já roubou, usou drogas, foi preso por brigar. Quando morava com a mãe dos meninos, ele ficava em casa com as crianças e ela saía para trabalhar como vendedora ambulante. Ele não precisava fazer nada, “só mamadeira e dormir”. Impressionante a sua dedicação para manter a guarda dos filhos, apesar de ter morado na rua. Saiu de casa para se separar da mulher “cachaceira” e brigona. Nunca fez comida e está preocupado em fazer comida para os meninos para o dinheiro da venda dos porquinhos render, para parar de comer na rua. Fala dos porquinhos como uma mina de ouro, que sempre vende, mostrando bom-humor.</p> <p>Sua forma de lidar com os filhos é algumas vezes grosseira. Bate nos filhos para educar, provoca para o menino chorar. Apesar disso, é muito dedicado, presente, vigilante e protetor dos filhos.</p>
<b>ALFREDO</b>	<p>Muito educado e gentil. Um homem bonito, estatura mediana, moreno, elegante nas roupas e na maneira de se portar.</p> <p>Controlado emocionalmente, sua fala é organizada. Emocionou-se em poucos momentos. Parece que sempre esteve entre os melhores alunos. É uma pessoa aplicada aos seus compromissos.</p> <p>Quando lhe ofereço apoio psicológico depois da entrevista, em função das emoções suscitadas, ele agradece dizendo que não vai precisar. Se diz muito fechado e parece mesmo, embora se comunique bem. Trabalha na polícia como um facilitador de comunicação entre a polícia e a sociedade e tem preocupações</p>

	<p>sociais interessantes. É um cuidador social. Na primeira etapa de cuidar da filha, ela morava com os pais dele. Há 2 anos mora só com ela.</p>
<b>LEONARDO</b>	<p>Mostra ser uma pessoa extremamente tranqüila, amoroso, gentil, com fala mansa. Gordinho, barbudo. É uma pessoa voltada para a sensibilidade, um artista. Embora tenha falado de assuntos muito difíceis, atravessou a entrevista com muita tranqüilidade. Parece ser um cuidador atencioso por excelência. Amorosíssimo. Fala que foi criado por uma mãe sensível e um pai solidário, embora seu pai fosse machista e mãe subalterna. .</p> <p>É casado, mas havia se identificado no contato por e-mail e por telefone, como pai que cuida sozinho. Resolvi aproveitar a entrevista pois teve a guarda do primeiro filho hoje adulto e atualmente tem a guarda do segundo filho há vários anos. Cuidou do primeiro filho sozinho em alguns períodos e do segundo também.</p>